FUNDADOR — JOAQUIM MANSO

SÁBADO, 6 DE FEVEREIRO DE 1960

ANO 39.º — NÚMERO 13 34[illegible]

Diario de Lisbôa

DIRECTOR — NORBERTO LOPES

DIRECTOR-ADJUNTO — MARIO NEVES

TELEF.: 20271, 20272, 20273, 21154 e 21155
ENDEREÇO TELEGRAFICO: D I B O A

REDACÇÃO, COMPOSIÇÃO E IMPRESSÃO
RUA LUZ SORIANO, 44 a 48 — LISBOA

PROPRIEDADE DA RENASCENÇA GRAFICA
ADMINISTRAÇÃO — RUA DA ROSA, 57, 2.º

EDITOR — J. CHRISOSTOMO DE S[illegible]
NÚMERO AVULSO: UM ESCUDO

Alcance e paradoxos
da vitória de de Gaulle
sobre os insurrectos de Argel

por ATTICUS

PARIS, *Fevereiro* — Na véspera de o general de Gaulle proferir o discurso (29 de Janeiro) em que condenou a insurreição de Argel e deu ordem para a liquidar, um grande jornal americano, o «New York Times», perguntava se não era superior ás suas forças a tarefa que assumira. E' ainda o que, um pouco por toda a parte, toda a gente pergunta, pois tudo indica que seja assim. Essa tarefa tornou-se, efectivamente, das mais pesadas e difíceis. Não porque os homens de 13 de Maio, por si, representem uma força considerável, mas porque, por detrás deles se encontra o exército. O 13 de Maio foi obra deste ultimo. Sem o exército nunca teria havido o 13 de Maio.

Não é preciso procurar outra razão para as suas hesitações e indecisão durante os largos meses em que não ousou atacar os homens do 13 de Maio para liquidar essa agitação. Atacar os homens do 13 de Maio era atacar o exército. E' á luz destes factos que devem estudar-se os acontecimentos de Argel para compreender os obstáculos que de Gaulle teve de remover, antes de se resolver a fazer o su discurso de 29 de Janeiro, e aqueles que tem na sua frente e será obrigado, igualmente, a remover se quiser definitivamente impor a sua política argelina para o que terá de vencer a oposição do exército.

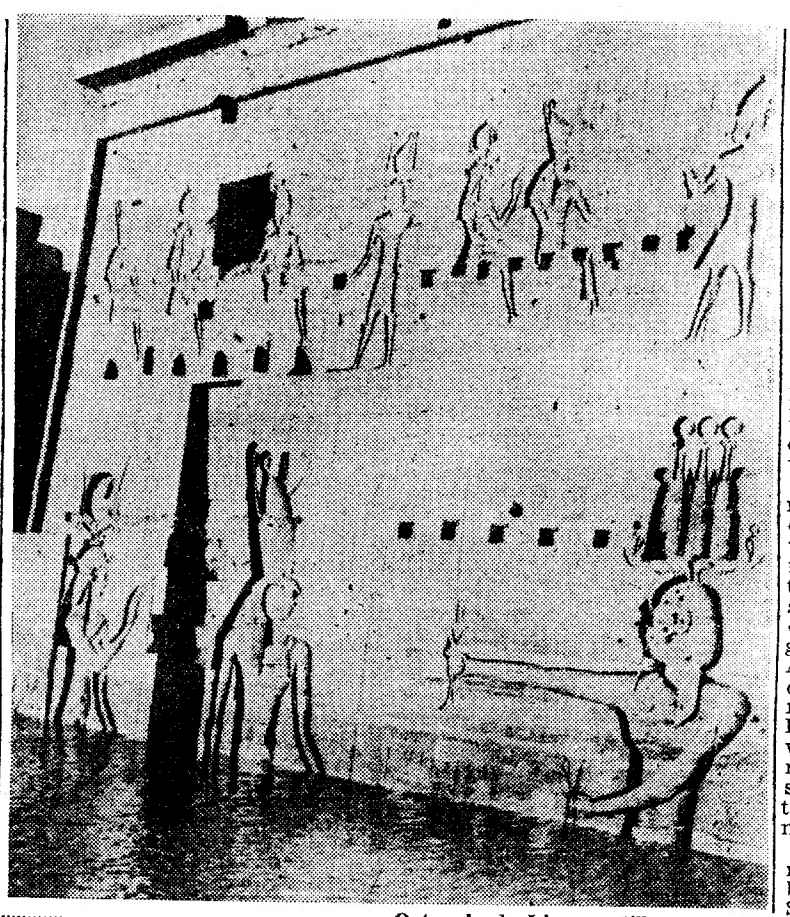
Uma oposição tenaz

Nunca o exército da Argélia — incluindo o alto comando — concordou com a autodeterminação que é a base da política argelina do general de Gaulle. O exército tem a sua própria política, a qual se iden-

(Continua na página seguinte)

Em 2.ª tiragem

publicaremos os relatos dos desafios de futebol disputados esta tarde, para a prova «Felix Bermudes»



O templo de Isis, maravilha da ilha de Filae, já se encontra coberto, em parte, pelas águas do Nilo, devido á construção da barragem de Assuan. (Ler notícia na página central)

MacMillan
manifestou
à Africa Negra
o apoio da Inglaterra

CIDADE DO CABO, 6. — As despedidas da Cidade do Cabo ao primeiro-ministro Harold MacMillan afiguraram-se um tanto nostálgicas. Havia mesmo como que um ar de inquietação no povo do mais antigo burgo europeu ao sul do Equador, povo que na maior parte é de velha ascendência britanica.

De facto, a atitude da Grã-Bretanha em relação ao continente africano, esboçada pelo primeiro-ministro na Nigéria, afirmada com mais nitidez na Rodésia, tornou-se perfeitamente clara na Africa do Sul: se se impuser a escolha, entre a Africa Branca e a Africa Negra, a Inglaterra preferirá a amizade da Africa Negra. Entre os 75 milhões de subditos negros da Coroa, operários e clientes da Comunidade Britanica, entre a população nativa de um continente no qual a Europa funda o futuro e uns escassos 4 milhões de Brancos, a Inglaterra para salvar a herança da rainha Vitória, não poderia hesitar.

Esta verdade surgiu mais ou menos confusamente ás populações brancas da Rodésia e da Africa do Sul, quando o primeiro-ministro procurou explicar-lhes a nova táctica para servir a política tradicional da Inglaterra, e, como disse o chefe do

(Continua na ultima página)

Nota do dia

LIGEIROS E PESADOS

Em certos bairros de Lisboa, cujas ruas não foram delineadas para a circulação de automóveis — e nós temos o exemplo vivo aqui no Bairro Alto — as dificuldades do trânsito são consideràvelmente agravadas pela passagem de pesados camiões que provocam engarrafamentos constantes. Trata-se de veículos que se empregam na distribuição de géneros e mercadorias diversas provenientes de armazéns situados, por via de regra, em pontos excêntricos da cidade. Não se compreende, em boa verdade, que esta prática continue a permitir-se e não se tenham adoptado já providências no sentido de lhe anular os inconvenientes. O problema podia ter uma de duas soluções: ou se proibia pura e simplesmente a circulação de pesados em certas zonas da cidade, e os fornecedores passariam a adoptar um processo de distribuição em furgonetas ou camionetas de carga que não causassem prejuízo ao trânsito; ou se limitava a circulação desses veículos a certas horas da noite em que o tráfego é menos intenso na cidade. Em todos os grandes aglomerados de população onde se procura disciplinar o trânsito, de modo a torná-lo mais racional e menos embaraçoso, a circulação de veículos pesados está sujeita a restrições que não se conhecem em Lisboa. Por que havemos de constituir nós, neste capítulo, uma excepção que tende a beneficiar uma escassa minoria em prejuízo do interesse geral?

Os ministros
da Presidência
e das Obras Públicas
apreciaram o ritmo dos trabalhos do padrão dos Descobrimentos

Os ministros da Presidência e das Obras Publicas, acompanhados do embaixador de Portugal no Rio de Janeiro, visitaram esta manhã, demoradamente, os trabalhos de construção do padrão dos Desdobramentos, bem como os trabalhos de urbanização de toda a vasta zona de Belém e Praça do Império, relacionada com as próximas comemorações do V centenário da morte do infante D. Henrique, inteirando-se do pressuroso andamento dos arranjos, que têm de estar prontos nesta Primavera.

Os srs. dr. Teotónio Pereira, eng.º Arantes e Oliveira e dr. Manuel Rocheta, acompanhados dos respectivos secretários, estiveram também no «atelier» do escultor sr. prof. Leopoldo de Almeida, no pavilhão da Independência, ainda em Belém, onde apreciaram a maqueta do padrão dos Descobrimentos, a fim de obterem a noção perfeita da sua grandiosidade artística, depois de concluída.

Isabel II
subiu ao trono faz hoje oito anos

LONDRES, 6. — A rainha Isabel II, que aguarda, no palácio de Buckingham, o nascimento do seu terceiro filho, comemora hoje o oitavo aniversário da sua subida ao trono.

A assinalar o acontecimento, uma bateria da Royal Horse Artillery, postada no Hyde Park, deu uma salva de 41 tiros, ao meio-dia. — (A. N. I.).

Perante o ministro das Corporações, foi hoje assinado o contrato colectivo de trabalho das costureiras de Lisboa (Ler notícia na página central)

A missão na Argélia
dos três enviados
do general de Gaulle

PARIS, 6. — Munidos de instruções precisas, assentes no Conselho dos Ministros de ontem, três membros do Governo partem hoje para a Argélia: Edmond Michelet, ministro da Justiça; Pierre Messmer, ministro das Forças Armadas, e Pierre Chatenet, ministro do Interior.

A sua missão consiste essencialmente num estudo circunstanciado dos recentes acontecimentos de Argel e, feita a síntese, na proposta ao Governo de todas as decisões para restabelecer a boa ordem nos sectores judiciário, militar e administrativo.

Tendo sido verificado certo desnível entre Paris e Argel, entre as ordens dadas pelo Governo e a maneira como foram acatadas, trata-se agora de assegurar, de modo perfeitamente regular e legal, a unidade do Poder. Este é idêntico de ambos os lados do Mediterraneo, não devendo existir qualquer distinção.

O ministro das Forças Armadas procederá a uma inspecção geral do Comando e visitará, provàvelmente, as zonas operacionais e os comandantes de corpo. Pierre Chatenet efectuará um trabalho idêntico nas Prefeituras, enquanto que Michelet se conservará provàvelmente em Argel, onde lhe serão proporcionadas todas as informações relativas á maneira como os

(Continua na ultima página)

Diario de Lisbôa
PUBLICA HOJE
32
PAGINAS
QUE INCLUEM
MAGAZINE
*
JUVENIL
*
DE UMA SEMANA PARA A OUTRA

ESTA SEMANA, DIZ O MÉDICO...

A lição das últimas pandemias gripais

pelo DR. AUGUSTO D'ESAGUY

A epidemia gripal de 1957, tendo-se apresentado com características diferentes (morbilidade e mortalidade) da de 1918, invadiu países que dispunham já de serviços epidemiológicos e sanitários bem organizados, uns ligados ao Centro Mundial de Gripe, com sede em Londres, e outros ao Centro Internacional de Gripe para as Américas, instalado em Montgomery,

(Continua na 11.ª página)

TRANSPORTADO PARA O PORTO NOS AVIÕES DA T. A. P.

De ontem para hoje

PARA UMA VIDA MELHOR

«ANTES da revolução industrial do século XVIII. os grandes deste Mundo conheciam menos conforto e higiene que o operário dos nossos dias. Isto porque aprendemos a produzir com menos esforços, mais bem e bens mais variados». Nestas palavras, com que abre a Declaração Comum aprovada pelas mais representativas organizações de patrões e operários belgas em Maio de 1954, está toda a justificação da atenção que desperta hoje em quase todos os países, esta nova ciência que, há pouco mais de uma duzia de anos, ainda era quase desconhecida, embora os problemas que estuda sejam de todos os tempos da existência do homem: a produtividade, que implica o esforço constante para melhorar as condições de vida, pela satisfação de necessidades correntes, produzindo melhor, mais barato e com menos esforço. O problema merece, com efeito, que nos debrucemos todos sobre ele, sobretudo num país como o nosso, em que as condições económicas e sociais preocupam aqueles que têm a plena consciência do que se impõe fazer para aumento do nível de resistência das populações. Os objectivos do Plano de Fomento em execução correspondem a essas legítimas preocupações. Mas não é apenas no domínio estadual que o problema se põe. Interessando á pessoa humana, deve interessar a todos os sectores que constituem o agregado nacional — atinge uma compreensão geral, que permita destruir a rotina e implantar novos métodos de trabalho, de que venham todos a beneficiar. Entre nós não há, infelizmente, ainda a plena consciência desta importante realidade, mas urge criá-la e desenvolvê-la. E' preciso divulgar a ideia da produtividade e das vantagens que resultam da sua aplicação. E' essa obra meritória que se impôs o Instituto Nacional das Investigações Industriais, que sob a direcção do eng. Magalhães Ramalho, entrou há pouco em funcionamento. Promovendo uma série de conferências por conhecidas autoridades na matéria, presta, realmente, um alto serviço, como ainda ontem ficou, mais uma vez demonstrado, ao apresentar o sr. Gaston Deurink, que expôs a obra realizada na Bélgica, dentro do plano de aumento da produtividade e para conseguir, como se está ali a verificar, o caminho seguro para uma vida melhor.

FEIXE DE NOTÍCIAS

MULTIPLICAM-SE os pretextos para apontar a valiosa acção que a Fundação Gulbenkian está a desenvolver, nos mais diversos campos da cultura. Com um verdadeiro sentido das necessidades do País em matéria de arte, aquela benemérita instituição, sob a orientação de um homem que tem bem o conhecimento do panorama da vida portuguesa e quer aproveitar o instrumento valioso de que dispõe para valorizar a nossa terra e a nossa gente, vai, com efeito, fazendo sentir benéficamente a sua acção, defendendo e aumentando o nosso património artístico, e estimulando a gente nova, tão carecida, realmente, de apoio e de estímulo. A Sociedade Cooperativa de Gravadores Portugueses — iniciativa louvável de um grupo de artistas animados de espírito empreendedor — recebeu agora mais uma prova do interesse da Fundação, que lhe facultou meios para prosseguir na sua valiosa acção, em novas instalações e com material mais moderno e eficiente.

*** Não teria sido uma temeridade, mas foi imprudência. O comerciante Vitor Tavares, quando seguia de automóvel para a Malveira, avançou para uma ponte sobre o rio Sisandro, sem cuidar do denso nevoeiro que fazia. Mas as águas cobriam por completo o tábuleiro da ponte e a furgoneta em que seguia voltou-se, ficando o seu ocupante em difícil situação, de que foi retirado pela decidida intervenção de duas pessoas que presenciaram a cena: os srs. Francisco Pereira e José Bernardo.**

JORNAL PEQUENO

O sr. Presidente da Republica recebeu em audiência, no Palácio de Belém, o sr. dr. Guerra Maio. Estiveram também ali a inscrever-se no livro de cumprimentos, os srs. prof. José Gonçalo Santa Rita, do Instituto Superior de Estudos Ultramarinos, e eng. João Maria de Oliveira Martins, secretário do sr. ministro das Comunicações. * O chefe do Governo trabalhou ontem com os ministros da Presidência e dos Negócios Estrangeiros e secretário de Estado da Agricultura e recebeu o escritor inglês Arnold Townbee. * No hospital de Lamego, após ter sido submetido a uma operação cirurgica, faleceu o sennor Francisco Cardoso, que ficara soterrado por um desabamento de terras que caira sobre a sua choupana, no sitio das Vergonhas, freguesia de Ramires (Cinfães). Sua mulher, Silvina de Jesus, e a filhinha do casal, Maria José, de 9 anos, haviam sido retiradas já mortas. * Na freguesia de Nespereira, um automóvel, pertencente ao sr. Albino Fernandes, proprietário de uma fotografia em Guimarães, e conduzido por seu filho, sr. Fortunato Gonçalves Fernandes, de 20 anos, solteiro, atropelou a sr.ª Carolina Pereira, de 54, casada, daquela freguesia que morreu. * No Hospital da Misericórdia de Faro faleceu o mestre de obras e construtor civil sr. António Pinheiro Brandão, que no dia 3 ali dera entrada, por ter caído de grande altura, ao visitar as obras dum prédio em construção na Avenida Duarte Pacheco. * Em Aldeia da Mata o jornaleiro Joaquim Duarte Semêdo, de 29 anos, casado, caiu de uma oliveira a cuja limpeza procedia, numa propriedade desta localidade e faleecu. * Foi encontrado morto numa casa de arrumação que lhe pertencia, o sr. António Evaristo, residente no lugar de Carvalhais (Moita de Anadia).

O alcance da vitória de de Gaulle

(Continuação da página anterior)

tifica com a dos homens do 13 de Maio e se baseia na ideia da integração a qual nunca foi reconhecida por de Gaulle. Quando a agitação em Argel entrou numa fase crítica, os insurrectos estavam seguros — como em 13 de Maio — de que o exército os apoiaria. «Contamos com o exército», diziam eles. E Ortiz, um dos chefes, afirmava que o general Massu antes de partir para Paris, lhe garantira que estava de alma e coração com o seu movimento. Insurrectos e militares falavam a mesma linguagem que não era a do general de Gaulle. Três dias antes do discurso de 29 de Janeiro, o comandante da região militar de Oran, general Gambiez, ao encontrar-se com um grupo de manifestantes perguntou-lhe: — Que querem vocês, afinal?—Se de Gaulle disser que a Argélia será francesa tudo acabará! — responderam-lhe. — Eu já o disse — foi a resposta do general.

Embora os militares desta vez não fizessem abertamente causa comum com os insurrectos, como aconteceu em 13 de Maio, nem por isso deixaram de estar, como disse o general Massu, de alma e coração com eles. Ao enviado especial do «Monde» disse no momento da insurreição um oficial superior do exército da Argélia: — Não há uma só unidade que seja capaz de atacar o reduto dos rebeldes. Em 26 de Janeiro o general Lennuyeux, comandante da região de Constantina, clamava para a multidão: — Garanto-vos que a Argélia será o que vós quereis, isto é, será sempre francesa. Num apelo do general Challe, comandante-chefe do exército da Argélia, dirigido em 27 de Janeiro ás tropas, este depois de dizer que o exército é o da França, acrescentou: — O exército bate-se para que a Argélia seja, de uma vez para sempre, francesa.

Numa palavra: antes do discurso de de Gaulle, em 29 de Janeiro, era tal a situação em Argel que se tornava impossível distinguir entre rebeldes e militares, embora estes estivessem encarregados de cercar aqueles. Tudo se passava num ambiente de festa. «As barricadas não nos separam, unem-nos, dizia-se de um e de outro lado. São o laço que liga os civis, os reservistas (que com eles fizeram causa comum) e os soldados». Estas palavras, publicadas no «Boletim de Informação do Exército», do dia 27, caracterizava, nessa data, a situação na Argélia.

Um «slogan» inalterável

Houve quem supusesse depois do discurso do 29 de Janeiro que tudo mudaria, desde que o exército fora colocado perante as suas responsabilidades e os militares receberam do seu chefe supremo ordem de obediência. Contava-se que este alinharia pela sua política. Nada disso aconteceu. O exército, por fim, parecia disposto a dominar a rebelião mas os seus chefes continuavam a falar a linguagem dos rebeldes contra os quais, depois de muitas hesitações, se preparavam para tomar posição. Em 30 de Janeiro o general Gambiez, de quem já falámos, garantia aos manifestantes de Oran, plenamente de acordo com os insurrectos de Argel, que «o exército cotinuava a ser a garantia inflexível das suas aspirações e se batería para que a Argélia fosse francesa».

No mesmo dia um representante do general Challe terminou uma declaração feita á Imprensa em nome daquele, com ás palavras: «Viva de Gaulle! Viva a Argélia francesa!». Era a maneira de associar o nome do presidente da Republica ao «slogan» dos insurrectos que aquele nunca pronunciara. E enquanto de Gaulle condenava, violentamente, a insurreição, outro chefe militar, o general Gardoet, dizia, dirigindo-se aos reservistas, que como se sabe fizeram causa comum com os insurrectos: «Deixem-me dizer-lhes que é sólida e grande a confiança que depositamos em vós, que combateis a nosso lado para que a Argélia continue francesa. O exército bate-se para conseguir esse objectivo. Garanto-vos que estamos a fazer uma Argélia francesa».

Por ultimo, o general Crépin, que depois do discurso de 29 de Janeiro foi encarregado de restabelecer a ordem em Argel, mesmo que para isso tivesse de empregar a força, repetiu, no seu primeiro apelo ao exército, o «slogan» dos insurrectos, declarando que o exército se bate para que a Argélia seja francesa, acrescentando que «se desempenharia dessa tarefa sem vacilações, pois o exército recobrará o seu equilibrio o qual é o caminho recto da obediência e da disciplina».

Uma situação paradoxal

E' difícil conceber situação mais paradoxal. A insurreição acabou por ter contra ela o exército que, assim, garantiu a vitória do general de Gaulle. Mas os princípios e os «slogans» da política que os insurrectos simbolizavam continuaram a ser defendidos e propagados pelos militares, de tal maneira que havia todas as probabilidades de sobreviverem á sua derrota apesar de o fim da insurreição parecer que garantia o fim das suas ideias. Quer isto dizer que, no fundo, o exército, embora obedeça ao general de Gaulle e o siga, continua no seu foro íntimo muito mais ligado aos insurrectos do que a ele, ao menos pelo que se refere aos objectivos de cada um.

De tal maneira isto é assim, que os insurrectos ao entregarem-se gritavam para o exército que os prendia: «Viva o exército! Viva a Argélia francesa!». A política definida por este ultimo «slogan» continua a ser a dos militares, embora tenha sido sufocada a rebelião de Argel. Daqui se conclui que as dificuldades do general de Gaulle não terminaram com a liquidação da insurreição e que o problema da Argélia e a sua solução estão, como sempre, dependentes do que fizer o exército.

ATTICUS

O Albergue de Mendicidade da Guarda onde já estão internados 81 velhinhos necessita de grandes obras de ampliação

GUARDA, 6. — A convite do comandante da P. S. P. desta cidade, sr. capitão Joaquim Soares da Fonseca Rebelo, os representantes da Imprensa local e dos jornais diário de Lisboa e Porto visitaram o Albergue da Mendicidade, que funciona na freguesia de Vela. Visitadas as instalações do albergue, foi percorrida a pequena quinta anexa, onde é produzida grande parte dos géneros consumidos pelos internados.

O cuidado com que são tratados os albergados transparece, desde logo, na ordem, no asseio e no arranjo que se notam em todas as dependências. Presentemente, o numero de internados é de 81, sendo 6 as velhinhas que ali encontram protecção. São elas que cuidam do arranjo e limpeza do albergue. Dos internados, uns cuidam das cabras, outros tratam o pomar, outros trabalham na horta. Tudo ali se produz, sem faltar o mel; mas tudo se consome ali. Não entrando em linha de conta com o que produz a quinta, as despesas do albergue elevam-se a cerca de 900 contos. As instalações são já exíguas para os internados actuais e não permitem recolher outros desprotegidos do distrito. Para a ampliação das instalações seriam necessários 500 contos. Não pode a P. S. P. despender esta importancia. Que fazer? Para já, como nos disse o sr. capitão Soares da Fonseca Rebelo, há que encaminhar para o albergue, assim como para o Asilo da Infancia Desvalida e outras instituições, as esmolas que as pessoas caritativas dão ás suas portas. A esmola da rua é muitas vezes prejudicial, indo ajudar vadios e não necessitados. Dirigida para as instituições de assistência é, ao contrário, sempre util e sempre moralizadora.

Dizem os leitores...

Paragem de eléctricos no Restelo

Escreve-nos o sr. Julio A. Vilar, residente na Rua Tristão da Cunha e velho leitor do «Diário de Lisboa», defendendo a aproximação das paragens de eléctricos na Rua de Pedrouços da Rua Duarte Pacheco Pereira, por ser esta artéria a que dá acesso ao Bairro do Restelo. Actualmente, a paragem da linha ascendente fica a 100 metros dessa rua.

A situação dos funcionários portuários

Na carta do sr. Fernando da Silva Mota, anteontem publicada nesta rubrica, sobre a situação dos funcionários portuários com larga experiência, cabe-nos rectificar que ela se refere áqueles que não possuem o 5.º ano liceal.

ATE' 13 DE FEVEREIRO

DESCONTOS DE 30 % a 50 %

ATE' 13 DE FEVEREIRO

SALDAMOS COM ESTES DESCONTOS, APÓS O BALANÇO, RESTOS DE CORES E PADRÕES DOS NOSSOS EXCLUSIVOS DE

MALHAS A METRO

OCASIÃO ÚNICA PARA COMPRAR BEM LINDAS E MODERNAS MALHAS

CASA ROLI

R. NOVA DA TRINDADE, 6-A — LISBOA

AMANHÃ 13.º ANIVERSÁRIO

GALEÃO

DE

MARTINS & ROCHA LDA.

R. AUGUSTA PELES — MALAS

ESTUDOS DE ADMINISTRAÇÃO E FINANCIAMENTO DE EMPRESAS

Ao serviço do COMÉRCIO e da INDÚSTRIA para tratar de:
financiamentos, planeamento e reorganização de contabilidades, avaliações, peritagens e verificações de escritas.

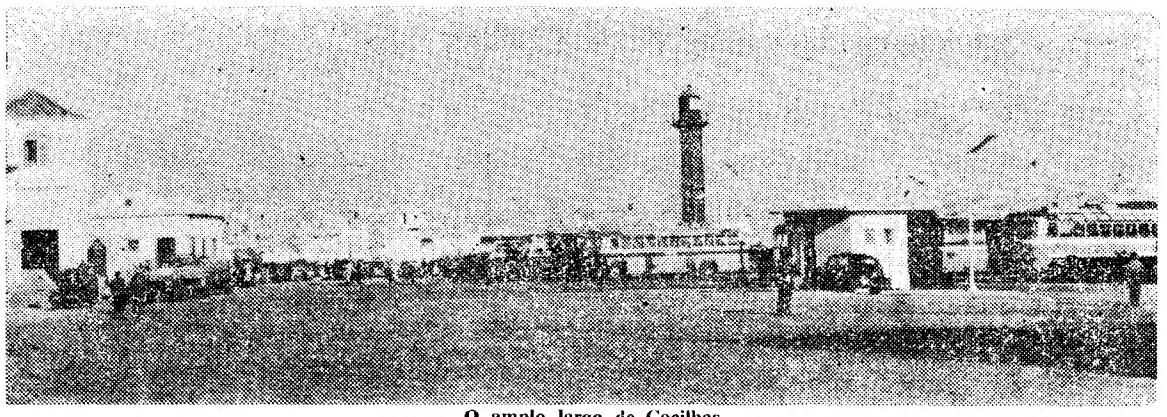
Apartado n.º 2338 Lisboa

O posto de turismo

a instalar em Cacilhas

será de grande utilidade

para toda a região da Outra Banda



O amplo largo de Cacilhas

De Norte a Sul do País desenvolvem-se actividades resultantes dos planos para o desenvolvimento do turismo. Embora com certo atraso, as províncias procuram acompanhar o ritmo dessas actividades e, melhor ou pior, também fazem sentir as suas reivindicações, todos pretendendo recuperar o tempo ingloriamente perdido.

A dois passos de Lísboa, situa-se o concelho de Almada, com todas as condições e alíciantes para se tornar num grande cartaz de turismo. Não só a Costa da Caparica, a Trafaria e a Fonte da Telha reunem condições excepcionais, pois, também, a vila-sede pode ser apontada como exemplo, com os seus miradouros sobre o Tejo, os restaurantes típicos do Ginjal, a soberba panoramica e tudo aquilo que, numa região de características próprias, atrai o turista.

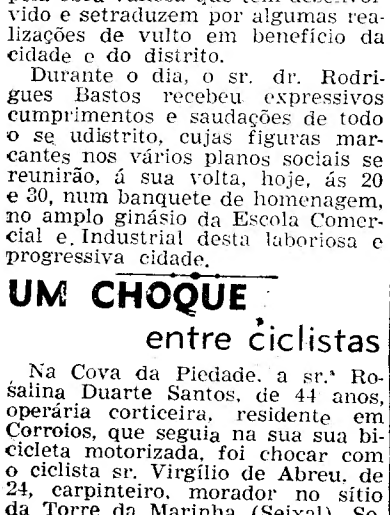
Sendo, embora, o movimento turístico mais acentuado na estação estival, com muitos milhares de visitantes que procuram as principais praias do concelho, não será para menosprezar o afluxo registado nos outros meses, mormente aos domingos, como é natural, sendo Almada, nesses dias, positivamente invadida por multidões procedentes da capital e que vão ali pelos mais diferentes motivos. Contudo, em qualquer época do ano é frequente a presença de turistas no concelho, designadamente na Costa, em visita ao seu formosíssimo convento de Santo António dos Capuchos, como, também, ao monumento a Cristo-Rei. Verifica-se, portanto, que o turismo em Almada é uma realidade; e que, com melhores e mais fáceis meios de transporte (pensamos na futura ponte sobre o Tejo) tornarão numa expressiva e rendosa industria.

*

O Município de Almada, dentro da sua esfera de actividade, não se tem furtado a empreendimentos com objectivos de propaganda e expansão. E, assim, temos patente o progresso de Caparica, através de proveitosos melhoramentos (entre outros, o abastecimento de água potável e a rede de esgotos); a reconstrução do convento dos Capuchos, a urbanização da Trafaria, o desenvolvimento de Almada, etc. Contudo, para que se complete a estrutura turística que se impõe, necessário se torna a criação de um posto municipal de turismo em Cacilhas, onde possam recorrer nacionais e estrangeiros, os quais, não poucas vezes, andam positivamente á deriva, no Largo Costa Pinto, e á mercê da ignorancia de certos indivíduos. Também temos observado a desilusão de quantos, desconhecendo Almada e as suas atracções, muitas vezes desistem de prosseguir e retiram-se para Lisboa, pois alguns sujeitos não conseguem informar convenientemente os turistas, especialmente os estrangeiros que deles se acercam, solicitando-lhes esclarecimentos oportunos e sensatos.

*

Perante estas desconsoladoras realidades de todos os dias, surge a necessidade imperiosa da montagem, em Cacilhas, de um posto de turismo (que, aliás, supomos já planeado), o qual seria entregue a funcionários diligentes, onde toda a gente possa colher as informações de que carece. Não há, com certeza, opiniões divergentes a este respeito. E certamente que, para além do termo da zona do monumento a Cristo-Rei, interessa a toda a península da Arrábida a manutenção de tal posto. Por isso, talvez não fosse impossível um acordo entre a edilidade almadense e a Junta de Turismo da Serra da Arrábida, á qual incumbe a defesa e propaganda da bela região dos «Três Castelos» (Setubal, Sesimbra e Palmela). É um problema que requer aturado estudo, para a melhor solução, pois Cacilhas ainda será, por alguns anos, o pórtico de toda a península de entre Tejo e Sado.



DR. MIGUEL RODRIGUES BASTOS

A homenagem

ao chefe do distrito

de Setúbal

SETUBAL, 6 — (Pelo telefone). —A passagem do 5.º aniversário da investidura do sr. dr. Miguel Rodrigues Bastos nas funções de governador civil foi hoje assinalada com várias manifestações em sua homenagem, traduzindo o apreço pela obra valiosa que tem desenvolvido e setraduzem por algumas realizações de vulto em benefício da cidade e do distrito.

Durante o dia, o sr. dr. Rodrigues Bastos recebeu expressivos cumprimentos e saudações de todo o se udistrito, cujas figuras marcantes nos vários planos sociais se reunirão, á sua volta, hoje, ás 20 e 30, num banquete de homenagem, no amplo ginásio da Escola Comercial e Industrial desta laboriosa e progressiva cidade.

O MINISTRO DA JUSTIÇA

visitou Pombal

POMBAL, 6 — (Pelo telefone) — Chegou hoje a esta vila o sr. ministro da Justiça, prof. Antunes Varela, que era acompanhado pelos srs. chefe de gabinete, governador civil e outras entidades do distrito, a fim de observar o estado do Tribunal e da cadeia da comarca.

Aquele membro do Governo foi recebido no limite do concelho pelo juiz de direito da comarca, presidente e vice-presidente da camara, deputados, presidente do Grémio de Lavoura, advogados e solicitadores. Formou-se depois um cortejo de automóveis que o seguiu até aos Paços do Concelho, onde o aguardavam uma formatura dos Bombeiros Voluntários, o Filarmónica Pombalense, presidentes e vogais das juntas de freguesia, párocos do concelho, regedores e muitas pessoas de todas as classes sociais que lhe tributaram uma grande manifestação.

Em seguida, efectuou-se, nos Paços do Concelho, uma sessão solene em que usaram da palavra os srs. presidente da Camara, juiz de direito e delegado, agradecendo o ministro.

Finda a sessão, o sr. prof. Antunes Varela visitou a cadeia.

O CHEFE DA MAAG EM PORTUGAL

visitou o Alfeite

O almirante Walis F. Petersen, chefe da M. A. A. G. (Missão de Auxílio Militar Americano) em Portugal esteve ontem no Alfeite, acompanhado do capitão-de-mar-e-guerra Francis E. Wilson, e ali almoçou com o sr. almirante Noronha de Andrade, comandante da Base Naval de Lisboa. Aquele oficial norte-americano visitou depois algumas instalações, nomeadamente as do Arsenal que percorreu com muito interesse.

UM CHOQUE entre ciclistas

Na Cova da Piedade, a sr.ª Rosalina Duarte Santos, de 44 anos, operária corticeira, residente em Corroios, que seguia na sua sua bicicleta motorizada, foi chocar com o ciclista sr. Virgílio de Abreu, de 24, carpinteiro, morador no sítio da Torre da Marinha (Seixal). Sofreram ambos vários ferimentos, em resultado do embate e da queda, seguiram numa ambulancia para Lisboa, recolhendo á sala de observações do Hosptial de São José.

A. R. T. P. transmite

amanhã à tarde a telegravação do jogo Nice-Real Madrid

A Radiotelevisão Portuguesa vai transmitir, amanhã, ás 17 e 30 horas, uma telegravação do desafio de futebol disputado, no passado dia 4, entre o Nice e o Real Madrid, a contar para a «Taça dos Campeões Europeus». Esta telegravação, fornecida pelos serviços especiais da Eurovisão, dá aos desportistas portugueses a possibilidade de apreciarem, do primeiro ao ultimo minuto, o importante desafio.

No hospital de Almada

Acidente no campo

Quando trabalhava no campo, em virtude de uma queda, sofreu fractura da perna direita a doméstica Maria da Conceição Fernandes, de 69 anos, residente na Quinta de S. Nicolau, que ficou internada no Hospital de S. José.

Queda numa escada

Ficou internado no Hospital de Almada o contínuo da Academia Almadenses Albano Mendes Coelho, de 5 5anos, casado, residente na Rua Infanta D. Beatriz, 18, r-c., D., que caiu numa escada, quando transportava uma grade de garrafas, sofrendo fractura de algumas costelas.

Morreu electrocotado

quando tocava num cabo eléctrico

LEIRIA, 6 — (Pelo telefone). — O encarregado de umas obras na firma Leiria Garagem, Lda., quando pegava inadvertidamente num cabo eléctrico, sofreu um violento choque que lre provocou a morte. Trata-se de Carlos do Rosário Marques, de 26 anos, casado, natural do Moção, residente em Leiria, que era encarregado do empreiteiro sr. Eduardo António. O cadáver do pobre operário foi removido para a casa mortuária do Hospital de Leiria.

As festas do São João

no concelho de Almada

As tradicionais festas do São João, no concelho de Almada, prometem revestir-se, este ano, de de susado brilhantismo, para o que se conjugam esforços e actividades diversas, em ambiente de grande entusiasmo.

Em reunião efectuada no Município, sob a presidência do sr. dr. Aquiles Monteverde, que era acompanhado pelo sr. António Franco de Carvalho, foram nomeadas as seguintes comissões:

Comissão de honra — Srs. governador civil de Setubal, presidente da Camara Municipal de Almada, provedor da Misericórdia, reitor do Seminário de Almada; juiz da comarca e engenheiro Sá Pereira, pela U. E. P.. *Central* — Srs. presidente e vice-presidente da Camara, todos os presidentes das instituições do Concelho; comandantes das três corporações de Bombeiros e os presidentes das Juntas de Freguesia. *Festas religiosas* — Srs. rev. António Gonçalves Pedro, reitor do Seminário; párocos das freguesias de Almada, Cova da Piedade e Caparica e Joaquim Pedro Figueira Quintela, vereador da Camara Municipal. *Executiva das festas cívicas* — Srs. Mário Pinto, presidente da Comissão Municipal de Turismo; Celestino Augusto Casaca, Américo Carvalho dos Santos, Damásio Esteves e Augusto Santana de Araujo. *Propaganda* — Srs. rev. Manuel Marques, Agostinho da Silva Santos, António Correia, João Lucio, Carlos Machado e José Rodrigues Mirco.

Farmácia de Serviço

Castro Rodrigues—Rua Capitão Leitão, 49 — Telefone 070076.

Cartaz de cinemas

CINE-ACADEMIA — «E tudo o vento levou».
CLUBE PIEDENSE — «Da terra nascem os homens».
SOCIEDADE UNIÃO PIEDENSE— «Um passo para o inferno».

GRIPE

Tome

'ASPRO'

QUE ACTUA RÀPIDAMENTE

Todos os dias se recebem notícias de novos casos de gripe e quando a gripe aparece, não tarda a espalhar-se. Mas a gripe não é necessàriamente séria desde que proceda, com rapidez, aos primeiros indícios, atacando-a. O "Aspro" faz baixar a febre, alivia as dores e o sofrimento, faz desaparecer o mal-estar e evita que a gripe tome posse do organismo.

o que é preciso fazer aos primeiros sinais de gripe

- Tomar 2 ou 3 comprimidos de "Aspro" imediatamente.
- Seguir o tratamento, tomando mais 2 ou 3 comprimidos de "Aspro" com uma bebida quente ao chegar a casa.
- Se a gripe persistir, vá para a cama e mande chamar o médico.

60-200

'ASPRO' - 'ASPRO' - 'ASPRO'

ANGÉLICA

PELES E COSTURA

CASACOS DE VIZON, ASTRAKAN, ETC.

RUA ALEXANDRE HERCULANO, 17 R/C., 17 DT.º — T. 60586

Clínica Dentária Santa Joana

RUA BRAAMCAMP, 88, 1.º, ESQ. TELEFONE 733257

Director clínico: DR. ARMANDO FERREIRA E SILVA

Corpo clínico: DR. JOÃO BAÇÃO LEAL — DR. A. FALCATO SIMÕES — DR. C. LOBATO CORTESÃO — DR. LÉLIO MARQUES — DR. MANUEL VASCONCELOS

DIAS ÚTEIS — das 9 à meia-noite

DOMINGOS — das 9 à 1 da Tarde

TEATROS E CINEMAS

«A voz humana» e «A igreja do mar», em S. Carlos

«A voz humana», mais exactamente «La voix humaine», de Francis Poulenc, sobre texto de Jean Cocteau, dois claros e ricos espíritos do luminoso Paris, subiu ontem, á noite, no palco de S. Carlos, para nos deixar uma memorável exaltação da arte francesa. O drama de Jean Cocteau é uma figuração actual duma das grandes tragédias femininas eternas, a mulher que, apesar de jovem e bonita, é abandonada pelo homem a quem ama apaixonadamente. No homem amado depôs esta mulher todo o interesse, toda a razão da vida, e, como não criou responsabilidades e, na sua dádiva perfeita, não quis representar ela uma responsabilidade, a sua tragédia eleva-se ao talhe dum bloco só e á sublimidade da tragédia da antiga Grécia. Cocteau condoeu-se da grande tormenta passional, ou quis sublimá-la, ou empenhou-se em resolver um problema de bom teatro reduzido a um só personagem? O que é certo é que «La voix humaine» é um harmonioso conjunto de tudo isso; e quando parece que a musica viria estragar, ou, pelo menos, beliscar essa harmonia da palavra, do gesto e da máscara, acontece, pelo contrário, que Francis Poulenc, o «*enfant gâté*», o «*enfant terrible*», sabe ser tão maleável e tão inteligentemente compreensivo que a associação do texto verbal com o texto musical nos parece inseparável; o texto de Cocteau é integralmente valorizado pelos vários tipos de recitativo a que Poulenc recorre para a personagem, e a orquestra comenta a par e passo tudo o que a voz exprime, ou sugere, ou subentende. E é por si só um deleite a orquestração de Poulenc; exprime violências sem se violentar, delírios sem delirar. Quanto á velha guerra contra o impressionismo, nada subsiste; a perfeição com que a inflexão musical se casa com a inflexão da palavra, os processos harmónicos que melhor exprimem uma sensorialidade amorosa exacerbada, num plano de finura que não abdica de elevação e subtilíssima finura, fazer reviver automáticamente Debussy e Ravel.

A este triunfo duma obra que só não terá a nossa maior simpatia porque nada tem (nem pode ter, nem pode querer ter) com a comunidade humana colectiva, está associada a interpretação de Denise Duval que, há menos dum ano ainda, criou o papel, e, também, a colaboração da Orquestra Sinfónica Nacional, sob a direcção do maestro António de Almeida, que voltou a Portugal para encarregar-se deste unico espectáculo, e que soube integrar-se na partitura e no seu ritmo. Num cenário de concepção perfeita, (de Jean Cocteau também), dilacera-se a figura da intérprete de cena, um farrapo que passa por todos os graus da ternura, da aflição, da dor, sem perder nem um momento a graciosidade dos movimentos, a elegancia da silhueta, a fina beleza do rosto frágil, lavado em verdadeiras lágrimas; e a cantora não é menos perfeita na sua arte —, pois tudo o que traduz vocalmente é exactamente notado por Poulenc, abrindo, por momentos, voo em explosões de rasgado lirismo, só acessíveis a uma verdadeira cantora formada na melhor escola. Não sabemos a quem é dedicada a partitura, mas Cocteau e Poulenc bem podem tê-la dedicado a Denise Duval.

* * *

A «igreja do mar», «lenda lírica», de Frederico de Freitas, sobre libreto de Pedro de Lemos, é uma importante contribuição no manejamento de elementos necessários á criação de um repertório de ópera portuguesa, depois de ser o dignificante esforço de um compositor que, depois de uma longa lista de partituras para bailado e de obras sinfónicas, corais-sinfónicas, de camara e solísticas, retoma um sonho de juventude e tenta a cena. «A igreja do mar» destinou-se primeiramente á rádio, mas, pelo que acabamos de avaliar agora em S. Carlos, eram-lhe inerentes intenções declaradamente cénicas — que o Teatro, de resto, se não poupou a provar-nos com bastante aparato.

A «importante contribuição» a que aludimos não se manifesta só por elementos positivos; evidentemente, não podemos limitar-nos a verificar e admirar que Frederico de Freitas, como compositor, tem uma formação bastante ampla e um pulso bastante firme para equilibrar conjuntos corais de planos divididos, com o conjunto orquestral, — a escrita coral cada vez mais segura e senhora de uma boa escrita de compromissos modernos, — e que estes conjuntos se podem enquadrar numa montagem parcialmente desempoeirada; é preciso aceitar também a lição de que não se concilia assim do pé para a mão o realismo com a fantasmagoria. Para si próprio, o autor pode verificar que os seus solistas carecem de maior diferenciação de carácter, e que esta falta de uma mais definida caracterização se pode atribuir á falta de riqueza das sonoridades portuguesas do texto. Mas julgamos que a empresa a que Frederico de

(Continua na 13.ª página)

NOVAS CANÇÕES DO

FESTIVAL DE S. REMO

AMANHÃ, DOMINGO, ÀS 13,30 NO RÁDIO CLUBE PORTUGUES
PROGRAMA ESPECIAL OFERECIDO PELO NOVO AUTOMÓVEL

DKW Junior

Realização radiofónica de **António Miguel** e **Armando Marques Ferreira**

RITZ CLUB

EMPRESA RITZ CLUBE
Adultos (Maiores 17 anos)

Musica de baile por
VILAÇA E SUA ORQUESTRA
NO SALÃO TIPICO: CEIAS FADOS E GUITARRADAS

SEMPRE NA VANGUARDA DOS MAIORES ÊXITOS!
Casas à cunha!... Todos sabem esta verdade!
UM ELENCO INCOMPARÁVEL:

LES VILLALTAS | LOLITA CALVO
BALLET MEDRANO
CONSTANTE e SEU CONJUNTO
NATY MILLET | MERCHE MILLET

TRINDADE HOJE ÀS 21,45 O TEATRO NACIONAL POPULAR
APRESENTA UM NOVO ORIGINAL DE **OLAVO D'EÇA LEAL**
O AMOR, O DINHEIRO E A MORTE
DIRECÇÃO DE **FRANCISCO RIBEIRO** (17 ANOS)

Novidades DURIUM
ACABA DE CHEGAR O ÚLTIMO DISCO DE
MARINO MARINI
em 45 E. P.
KRIMINAL TANGO
MARIA MADALENA
RITROVIAMOCI
I SING AMORE
À VENDA NAS PRINCIPAIS CASAS DE DISCOS

TEATRO CAPITÓLIO
AS 21.45 HORAS (Telefone 27493)
AMANHÃ às 16 h. MATINÉE

Sandro anuncia
MARIA DELLA COSTA
na comédia de
GOLDONI
Mirandolina
Direção RUGGERO JACOBBI
Figurinos LUCIANA
Pode trazer os seus filhos para conhecerem MARIA DELLA COSTA
PREÇOS POPULARES ✲ ESP. P/ 12 ANOS

MARQUE HOJE MESMO O SEU BILHETE PARA AS QUATRO NOITES DE CARNAVAL
BAILE * ESCOLA DE SAMBA
UM «SHOW» EXTRAORDINÁRIO
ATRACÇÕES ✲ AUTÊNTICO CARNAVAL CARIOCA

NO TEATRO
MONUMENTAL

MARGARIDA DA RUA
uma superprodução de Vasco Morgado
MARGARIDA DA RUA
Mais do que uma revista em que triunfa a música viva de Paris...
MARGARIDA DA RUA
uma magistral criação de LAURA ALVES
MARGARIDA DA RUA
com uma autêntica parada de artistas
MARGARIDA DA RUA
a comédia e a música de que toda a Lisboa fala
MARGARIDA DA RUA
todas as noites em 2 sessões ás 20,45 e 22,45 para adultos maiores 17 anos
MARGARIDA DA RUA

UM ÊXITO
NOVEMBRO, DEZEMBRO, JANEIRO
E AGORA EM FEVEREIRO NO

HENRIQUE SANTANA
HENRIQUE SANTOS
HOJE, ás 21.45 h.
Adultos — Maiores 17 anos
Amanhã, á tarde, ás 15.30 h.

No TEATRO AVENIDA
Hoje e amanhã, á tarde, ás 18.30 horas
Para maiores 4 anos
TEATRO PARA CRIANÇAS
com a encantadora peça infantil de Tomaz Ribas
CINDERELA

a Gata Borralheira
com Maria José na protagonista e o elenco do Teatro de Gerifalto
Entrada gratuita a todas as crianças dos 4 aos 7 anos, quando acompanhadas
PREÇOS: Plateia a 20$00; Entradas de camarote a 4$, 6$, 8$ e 10$00

Sessões de cinema

na Voz do Operário

Amanhã e depois, é apresentado no salão de festas de A Voz do Operário, o filme «Amar não é pecado» (Payton Place). Espectáculo para adultos.

PENSÃO MONUMENTAL
COMPLETAMENTE REMODELADA
Casa recomendada serviço de bom hotel
R. da Glória, 21 — Tel. P. B. X. 29807

TEATROS E CINEMAS

«Os Possessos», no São Luiz

As principais figuras da peça, vistas por Fernando Bento

Dando uma estrutura dramática ao complexo, indisciplinado e profético romance de Dostoïevsky, Albert Camus não se limitou a um mero trabalho de selecção e condensação, reduzindo essa obra torrencial (feita de confissões e desesperos, mas também de esperança para além da desesperança) a três actos e 22 quadros fieis á intriga e, de facto, quase sempre, aos próprios diálogos de «Os Possessos».

Albert Camus trazia consigo desde os longes de uma juventude humilhada e austera, ansiosa de autenticidade absoluta, os estigmas luminosos da verdade, sem disfarces. Este seu encontro com Dostoïevsky representa menos um acto artístico premeditado do que uma íntima aderência, uma substituição plenamente assumida nesse tribunal da Humanidade que para ele foi sempre o teatro. Assim Camus chegou ao ponto de aqui enriquecer, por vezes, as próprias figuras, ampliando-lhes a perspectiva, sem as desviar jamais da rota que lhes traçara Dostoïevsky o grande místico sem objecto, presente na inquietação trágica de Stavroguine, de Chatov ou de Kirilov.

Um mundo poderosamente real, oscilando entre o grotesco e o sublime, entre a violência e a expiação, entre o orgulho e a piedade, o mundo de Dostoïevsky, o mundo de todos nós, ontem e hoje, surgiu assim, empolgante, no palco do São Luís, graças a uma inesquecívelmente digna e perfeita representação da companhia francesa que nos trouxe esta obra tão actual. Camus, que foi ainda, além de autor o próprio encenador da peça, socorreu-se da «Confissão de Stavroguine» e dos cadernos em que Dostoïevsky apontara a psicologia das suas personagens, para dar á obra, mais do que a vivacidade apaixonante e o patético da acção, que lhe não falta, toda a ressonancia trágica dos conflitos de cada um consigo próprio. Porque, se a raça dos Verkhovensky, apenas sujeita ás forças do ódio e ao mito da eficiência, não tem latitude geográfica nem meta temporal, outrotanto não sucede com aqueles que, atascados no paúl de um niilismo que foi e ainda é uma das grandes doenças do homem europeu (uma vez descobertas as fraudes e os monstros de uma sociedade tranquilamente injusta de que já pouco resta), buscam ou a divinização do Homem, ou a sua conciliação com Deus, ou apenas, num terrível vazio próximo da fé, a aridez dolorosa da consciência total. E Stavroguine, o debochado, o incréu, o profanador das virgens, o sombrio vizinho do crime e do desprezo é, apesar de tudo e sobretudo — essa vontade de consciência, que o leva á assumpção do mal. O que ele deseja e não consegue é amor, porque o que ele persegue não se encontra no relativo, mas no absoluto; e desse modo nem o prazer o satisfaz, nem o remorso o abate, nem a absolvição o pacifica. O próprio Camus o define como «heroi contemporaneo», centrando afinal toda a peça em torno da sua aventura espiritual, cujo desfecho não esclarece ninguém. Nem poderia esclarecer. Porque Stavroguine, na sua grandeza e na sua miséria, já de antemão está morto. Ele representa um fim de século. Preferível á baixeza de Pierre Verkhovensky, o triunfador? Talvez. Mas quem diz as ultimas palavras decisivas desta peça, onde muitas palavras graves e significativas são pronunciadas, é afinal Stepan Trophimovitch, o velho liberal literário, confessamente inautêntico, histriónico, mas sempre humano e tolerante. E, na sua agonia, esse titere emplumado, que aí atinge enfim, por sua vez, o momento da grandeza, ou de lucidez, de uma vida, tem palavras de esperança, que não deixam de lembrar as ultimas páginas do «Dr. Jivago». O passado que morreu, morto está, e a pura liberdade há-de renascer no caminho do futuro, precisamente dos abrolhos do furor e da vileza...

Assim se juntam as vozes de Dostoïevsky e de Camus, eles também (protestando ambos contra a maldade e contra a inclemência, qualquer que seja o sector de onde elas irrompam), eles também obreiros do futuro.

Seria preciso um ensaio para perquirir e apreciar todos os valores desta peça extraordinária de fôlego e ao mesmo tempo de estilização trágica. A solução teatral que consiste em delegar no narrador certas transições e recorrências ou o anuncio dos eventos capitais, longe de nos parecer «passadista» — como superficialmente ela se pode antolhar a algum espectador mais desprevenido —, acentua o carácter profético da obra e oferece-lhe uma possibilidade de mais ampla comunicação do universo social, agitado pela revolução, em que se processam os casos particulares dos mártires, possessos, ou demónios, que Dostoïevsky arrancou do mais fundo de si e da sua pátria.

Quanto á encenação, só neste momento nos podem ocorrer palavras de comovida saudade, porque nela se sente ainda, tão viva, a inteligência de Camus e o seu amor pelo espectáculo teatral. Da arte de representar, deram-nos ontem Pierre Blanchar, Guy Kerner, André Reibaz, Huguette Force, uma tão bela lição que apenas lamentamos — e quanto! — não poder o publico de Lisboa vê-los em cena (assim seguros e comoventes, verdadeiras encarnações inolvidáveis de personagens e ideias, da angustia e da ternura, do amor e da fraternidade no próprio ódio) mais do que dois dias fugazes. E os outros, essa equipa tão engrenada, tão completa: a célebre e esplêndida Marguerite Cavadaski, Jean Puyberneau, Paul Savatier, Serge Merlin, Georges Sellier, Basil Natov, Lucette Stephaine, Evelyne Grandjean, Philippe Kellerson, Monique Guyot, Charles Denner, Jean Pierre Jorris (de um maquiavelismo tão convincente), J. J. Varoujean, Daniell Joski, Marie Claude Lorey!...

Resta aos que não tenham visto nem possam ver a peça uma compensação possível: a tradução, entre nós já editada, dos «Possessos», a que o nome de Armando Ferreira, seu tradutor, acrescenta uma garantia de rigor e qualidade.

U. T. R.

OS POSSESSOS

A OBRA-PRIMA DE DOSTOIEVSKI

ADAPTADA AO TEATRO POR

ALBERTO CAMUS

traduzida primorosamente por

Armando Ferreira

*

ESTÁ À VENDA NAS LIVRARIAS (40$00) numa edição

«LIVROS DO BRASIL»

E EM CENA NO PALCO DO

S. LUIZ

Coliseu

Chegou a Lisboa a maior Companhia de Circo de todos os tempos! Pinito del Oro assombra o público com arrojadíssimos exercícios! À noite, às 21 e 30

A 2.ª Grande Companhia de Circo de 1960 foi considerada pela crítica como a mais notável de uma temporada unica. Reunindo as maiores figuras do Circo moderno, como Pinito del Oro, a mulher que conquistou o Mundo, Kinito, o génio do riso, Tarzan e Sahib, uma aventura do rei da selva, El Empastre, a orquestra que Toscanini não teria coragem de reger, os 30 cavalos e «ponneys» do grande Circo Busch. A companhia foi apoteóticamente recebida pelo publico português.

Amanhã, ás 16 horas e ás 21. e 30.

GRANDIOSO E SENSACIONAL ACONTECIMENTO

Pasapoga

Telef. 23584

ADULTOS (Maiores 17 anos)

ESTREIA DA MAIOR ATRACÇÃO DO ANO!

A MAIS SURPREENDENTE E ORIGINAL NOVIDADE EM FANTASIA ACROBÁTICA

3 LINDAS VEDETAS E UM ARTISTA NUM

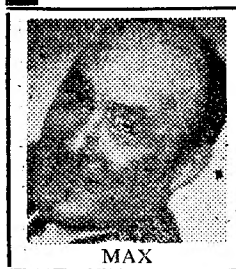
INÉDITO «SHOW-ESPECTÁCULO»

QUE TEM ARREBATADO TODAS AS PLATEIAS DO MUNDO

BRILHANTE E SELECTO **Baile de Máscaras**

Musica de baile por SÉRGIO E SUA ORQUESTRA

O REMÉDIO CONTRA A TRISTEZA



MAX

ESTÁ NO

ABC

Emp. Teatral ABC, Lda.

onde **José Miguel** apresenta ás 20.30 e 22.45

A REVISTA DA GARGALHADA

MARIA ADELINA

• QUEM SABE, SABE... •

UM ESPECTÁCULO MODERNO, COM A GRAÇA DE UMA BOA REVISTA À PORTUGUESA!!!

UM GRANDE ÊXITO DE:

CARMEN ESBRI • ÁLVARO PEREIRA • RAUL SOLNADO • MARIA ADELINA • MAX • HELENA TAVARES • ANTÓNIA MONTES • YOLA e PAULO • com a nova artista MARIA JOÃO e CARLOS COELHO num hilariante «compère», á frente de um grande elenco!

ADULTOS M/ 17 ANOS

AMANHÃ, ESPECTÁCULO ÀS 16 HORAS

UMA PEGA 6$50

DOÇARIA CASEIRA — CAFÉ DE BALÃO — Praça do Areeiro, 11-D, no

BAR RIBATEJO

Cartaz dos Cinemas

SÃO LUIZ — Telefone 27172
22.00 (M/17 anos)
Um filme admirável
AS GRANDES FAMÍLIAS
c/ **Gabin, Brasseur, Annie Ducaux,** etc.

EDEN — Telefone 20768
15.15, 18.15 e 21.30
(Adultos—17 anos)
3.ª SEMANA
PROFISSÃO PERIGOSA
Produção Warner Bros em Tecnicolor com **James Stewart e Vera Miles**
A história emocionante e profundamente realista dos nomens do F. B. I. que lutam contra o crime!

ALVALADE — Telefone 763080
15.15 - (18.15 (p. r.) 21.45 (M/17 anos)
Um filme admirável
AS GRANDES FAMÍLIAS
c/ **Gabin, Brasseur, Annie Ducaux,** etc.

ODEON — Telefone 26283
15.15 - 18.15 e 21.30 (M/12 anos)
Os planos diplomáticos servidos pela graça de uma rapariga simples
2.ª SEMANA
A ESPOSA DO SR. EMBAIXADOR
com **Analia Gadé e Alberto Closas**
Eastmancolor — Panoramico

ROYAL — Telefone 845037
21.00 (M/12 anos)
A POUSADA DA SEXTA FELICIDADE
OS QUE SABEM MORRER

CINEMA IDEAL — Telefone 24194
21.00 (M/17 anos)
ESTA CURVA É PERIGOSA
RUA SEM LEI

TIVOLI — Telefone 50595
3 e 6.15 da tarde e 9.30 da noite (M/17 anos)
2.ª SEMANA da belíssima actriz
Belinda Lee e Daniel Gélin
num filme sensacional
A MULHER DESEJADA
«Le Corps tant désiré»

POLITEAMA — Telefone 26305
15.15 - 18.15 e 21.30
3.ª Semana triunfal!
Um êxito de constantes enchentes!
A história de três raparigas e das suas paixões proibidas
DESEJO DE AMOR
com **Hope Lange, Suzy Parker, Diana Baker, Louis Jourdan e Joan Crawford**
Cinemascope — Adultos (M/17 anos)

CONDES — Telefone 22525
15.15 - 18.15 (p. r.) e 21.30 (M/17 anos)
2.ª SEMANA
Uma emocionante aventura em magnífico technicolor
A MAIOR AVENTURA DE TARZAN
com **Gordon Scott e Sara Shane**

AVIS — Telefone 47163
15.30 - 18.30 (p. r.) e 21.45 (M/12 anos)
2.ª SEMANA
Todo o exotismo do celeste Império num espectáculo de beleza inigualável
O HOMEM DO RICKSHAW
com **Toshiro Mifune**

RESTELO — Telefone 610375
21.15 (M/17 anos)
EUROPA DE NOITE
com Domenico Modugno, Carmen Sevilha, etc.

CASINO ESTORIL
21.00 (M/17 anos)
O RATO QUE RUGE
com Peter Sellers

IMPÉRIO — Telefone 55134/5
15.15 - 18.15 (p. r.) e 21.30 (M/12 anos)
ALEC GUINESS
na cinematização do famoso romance de
Daphine du Maurier
O OUTRO EU
Um filme de classe excepcional

SÃO JORGE — BALCÃO 54154 — PLATEIA 54157
15.15 - 18.15 e 21.30 (M/17 anos)
3.ª SEMANA
Milene Demongeot, Michael Graig, Anne Heywood, James R. Justice em
ESCADA ACIMA, ESCADA ABAIXO
Eastmancolor
Uma comédia das boas... e frescas

ROMA — Telefone 727779
15.30 - 18.30 (p. r.) e 21.45 (M/17 anos)
Uma estranha e alegre história
Em Eastmancolor
AMOR E... VIGARICE
c/ **Martine Carol** e **Vittorio de Sica**

MONUMENTAL — Telefone 55131
15.15 - 18.15 e 21.30 (M/17 anos)
A história apaixonante de uma rapariga que pela primeira vez encontra o amor!
MALDOSAMENTE INGÉNUA
com **Sandra Du** e **Darren James**
numa comédia deliciosa com a garota que apetece casar com ela!

TERRASSE — Telefone 20917
21.00 (M/17 anos)
O MUNDO A CARNE E O DEMÓNIO
A MULHER MODELO

LIDO — Telefone 48560
21.00 (M/17 anos)
ORFEU NEGRO
VIVIA COM ELA
O PECADO

—Nada de excessos de... confiança.

DESPORTOS

O «NACIONAL» DA 2.ª DIVISÃO

O Barreirense vai ao Algarve e o Salgueiros joga no seu campo

Após nova interrupção (a quarta) de há uma semana, o campeonato nacional da 2.ª Divisão continua amanhã, com os desafios correspondentes á 17.ª jornada.

A interrupção terá sido benéfica para aquelas equipas que não foram chamadas a desafios da «Taça de Portugal», pois deve ter dado ensejo a que alguns jogadores lesionados se recompusessem, reaparecendo, portanto, em melhores condições físicas.

Por outro lado, o terço final da prova aproxima-se sem que seja fácil prever quais as equipas que vencerão a luta em cada uma das zonas e, sobretudo, as que virão a classificar-se nos lugares imediatos, com o correspondente direito de numa nova e imediata competição virem a tentar, ainda, um lugar na 1.ª Divisão.

Fácil é, portanto, depreender que a competição retoma o seu curso, no mesmo ambiente de interesse e expectativa que tem sido característica da prova.

E, posto isto, vejamos quais as perspectivas para amanhã.

Zona Norte

O calendário da Zona Norte menciona para amanhã os seguintes desafios:

Salgueiros-Acad. Viseu (1-0)
Chaves-Sanjoanense (2-1)
Torriense-Espinho (1-2)
Caldas-Peniche (1-2)
Vianense-Marinhense (1-2)
Oliveirense-U. de Coimbra (2-3)
Beira Mar-Vila Real (2-3)

Entre parêntesis indicam-se os resultados dos desafios da 1.ª volta.

O Salgueiros — o actual «guia» com um escasso ponto de vantagem sobre o 2.º, que é o Peniche — merece favoritismo, já porque joga no seu campo, já porque está moralizado, já porque defronta um clube da 2.ª metade da tabela.

O Caldas recebe a visita do Peniche que ultimamente tem dado mostras de enfranquecimento. As duas equipas necessitam em absoluto de ganhar o jogo para continuarem a ter as suas aspirações. Pode, pois, pensar-se num jogo ardorosamente disputado e de difícil vaticínio.

Chaves-Sanjoanense é a seguir o desafio de maior interesse, porque o desfecho não se prevê fácilmente. Quanto aos restantes afigura-se não ser descabido conceder favoritismo aos visitados.

Zona Sul

O programa da Zona Sul é o seguinte:

Oriental-Farense (2-0)
Portimonense-Barreirense (0-2)
Juventude-Montijo (1-7)
Olhanense-Arroios (2-0)
Beja-Lusitano (2-2)
Estoril-Almada (1-2)
Olivais-Serpa (3-4)

Estoril-Almada (1-2)
Olivais-Serpa (3-4)

Entre parêntesis indicam-se os resultados dos jogos da primeira volta.

O jogo de Marvila reveste-se de especial interesse, porque o Oriental dará tudo por tudo para não se afastar do «guia» (Barreirense), tal como o Farense não deixará de se empregar a fundo para manter as esperanças de ficar entre os três primeiros. Os lisboetas merecem favoritismo.

O Portimonense é o primeiro dos quatro grupos algarvios a receber o Barreirense. Este sabe quanto será difícil a tarefa que o espreita e fará tudo para não se deixar surpreender. A perspectiva é a de um desafio renhidamente disputado, capaz de dar um empate.

O Juventude tem em mira uma desforra ou, pelo menos, a rectificação do resultado da 1.ª volta. E pode consegui-lo.

O Olhanense tem tarefa fácil e se não vencer... fornecerá uma surpresa.

Os jogos de Beja, Estoril e Olivais prevêem-se mais ou menos nivelados, mas o factor «casa» pode muito bem ajudar a decidir a contenda a favor dos visitados.

Várias provas de amanhã

ATLETISMO — Prosegue a temporada lisboeta de corta-mato, com a realização do campeonato regional de juniores (8.000 metros) nos terrenos anexos ao Estádio do Restelo, ás 10,30 h.

— O C. D. U. L. promove mais um torneio para sócios e simpatizantes, no seu Estádio, ás 10 h.

AUTOMOBILISMO — O Sporting Clube de Portugal promove o «Rallye» Abertura, que principia, ás 9 horas, no Estádio de Alvalade.

BASQUETEBOL — Campeonato Nacional da 2.ª Divisão: Montijo-Algés (11.15), Atlético-Lisboa Ginásio (11.30), Queluz-Tabacos (10.30), 2.º de Coimbra-Leça (11), 3.º de Coimbra-Esgueira (11), Salesianos-Fluvial (11), 1.º de Coimbra-Sanjoanense (11), Galitos-Guifões (11) e Ed. Física-Boavista (11). Jogos nos campos dos clubes indicados em primeiro lugar; Campeonato Nacional da 3.ª Divisão: Ed. Física Torres-Alvalade (10), Combatentes-Cuf (12), Boa Hora-Sp. Torres (11.30), Moscavide-Mundet (11), Pedrouços-Paço de Arcos (10), Rio Seco-Seixal (11), Internacional-C. Quebradense (9.30), Carnide-Luso do Barreiro (11.30, no campo do C. I. F.); Avila-C. D. U. L. (10.30, no campo do Oriental), Arroios-Ateneu (10, no campo do ultimo) e Casa Pia-Almada (11, no campo do Porto de Lisboa). Os primeiros jogos nos campos dos clubes indicados em primeiro lugar; Campeonato Regional de Juniores e Infantis, a partir das 9,30; Campeonato da F. N. A. T., a partir das 10 horas.

CICLISMO — No Porto disputa-se a 2.ª prova do «Grande Prémio» de corta-mato, para amadores, com início ás 9 horas.

DESP CORPORATIVO — Prossegue o campeonato nacional de futebol (distrital de Lisboa), da 2.ª Divisão, com os seguintes encontros: S. C. Cervejas c. C. Telefones, Fábrica Simões c. Amadeu Gaudêncio, S. N. Panificação-Standard Eléctrica e Bairro de Carenque c. Comp. Carris, em Belém, ás 9, 13 e 15 horas; Covina c. Simca, na Picheleira, ás 9 horas.

HANDEBOL DE SETE — Campeonato Regional de Juniores — No Ateneu de Madre de Deus: Avila-Madre de Deus, Liberdade-Benfica e C. D. U. L.-Cova da Piedade, a partir das 9 horas. Em Campo de Ourique: Campo de Ourique-Sporting A e Monte Pedral-Belenenses, a partir das 10 horas.

HOQUEI EM CAMPO — Campeonato Regional (1.as categorias): Atlético-Hóquei, Belenenses-Benfica e F. Benfica-Palmense; Campeonato Regional (Reservas): Belenenses-Benfica. Jogos nos campos dos clubes indicados em primeiro lugar, a horas por fixar.

RAGUEBI — Campeonato Nacional (1.as categorias): Sporting-Agronomia, em Alvalade, ás 15.30; Campeonato Nacional (Reservas); Agronomia-Benfica, no Campo Grande, ás 9.30

TÉNIS DE MESA — Campeonato Regional de Infantis: Católico A-Benfica B, Arroios A-Paço de Arcos, Belenenses A-Mirantense, Ateneu-M. União, Estoril-Sporting, Benfica A-F. C. Lisboa, Estrela-Católico B e Belenenses B-Arroios. Jogos nas mesas dos clubes indicados em primeiro lugar, ás 10 horas; na Marinha Grande — Torneio Aberto Individual, do Marinhense, integrado nas festividades do seu 37.º aniversário.

TIRO A CHUMBO — Torneio do C. P. T. C., no «Stand» do Lumiar, a partir das 14 horas.

O «NACIONAL» DA 1.ª DIVISÃO

Tudo atento a Guimarães
onde o Sporting tem um jogo difícil
Interesse em Coimbra com a visita do Belenense

O Campeonato Nacional da 1.ª Divisão recomeça amanhã, após a interrupção provocada pela disputa dos jogos da 1.ª mão da 2.ª eliminatória da «Taça de Portugal», interrupção que se verifica pela terceira vez e que não será a ultima.

O calendário determina na 17.ª jornada, 4.ª da 2.ª volta, os seguintes encontros:

V. Guimarães-Sporting
Benfica-Boavista
Académica-Belenenses
F. C. Porto-Leixões
C. U. F.-V. Setubal
Atlético-Sporting de Braga
Sporting da Covilhã-Lusitano

Recorde-se a actual classificação:

	V.	E.	D.	B.	P.
1.º Benfica	12	4	—	37-14	28
2.º Sporting	12	3	1	49-12	27
3.º Belenenses ...	9	4	3	27-13	22
4.º F. C. Porto ...	8	2	6	28-24	18
5.º V. Guimarães	7	4	5	32-17	18
6.º Leixões	6	5	5	33-32	17
7.º Académica ...	5	6	5	22-21	16
8.º Sp. Covilhã ...	6	3	7	19-23	15
9.º Atlético	4	4	8	17-29	12
10.º Lusitano	4	4	8	17-40	12
11.º V. Setubal ...	3	5	8	18-30	11
12.º Sp. Braga ...	4	3	9	13-24	11
13.º C. U. F.	3	3	10	14-28	9
14.º Boavista	3	2	11	19-38	8

NA AMOROSA — Deve rotular-se de dificílima a deslocação do Sporting a Guimarães. Com um ponto de atraso do «leader», os «leões» não podem pensar em aumentar a diferença desde que ao Benfica se depara uma tarefa fácil. Portanto, um embate caloroso e que não fará esquecer a igualdade (1-1) da 1.ª volta. O ataque sportinguista terá de jogar em profundidade e ser prático, enquanto a defesa precisa de acautelar-se com os ataques envolventes dos vimaranenses. Prognóstico arriscado de formular, mas onde o empate parece ter melhor guarida, embora a vitória «leonina» por escassa margem se deva referir.

NA LUZ — O 1.º contra o ultimo ou uma diferença de 20 pontos. Tudo indica que o Boavista não se livrará da derrota, mas ao Benfica não será inoportuno recordar alguns «casos» deste campeonato que antes de se realizarem também

Benfica - Boavista
Atlético-Sp. de Braga
Os jogos de Lisboa

eram tidos como fáceis. De qualquer modo, o «leader» é favorito.

EM COIMBRA — A magnífica vitória conseguida pelo Belenenses em Evora constitui um poderoso estímulo para a deslocação á cidade do Mondego. Portanto, a Académica terá de precaver-se com o ímpeto e a acertada manobra dos «azuis» que são capacíssimos de vencer.

NAS ANTAS — Um bom jogo em perspectiva e simultaneamente uma réplica firme da parte dos matosinhenses. Os campeões nacionais devem fazer pender o fiel da balança para o seu lado.

NO BARREIRO — O «derby» regional interessa, dado que ambas as equipas almejam afastar-se da zona perigos. Embate emocionante e de resultado duvidoso, com o empate a avolumar nos prognósticos dispares.

NA TAPADINHA — Os alcantarenses, no seu campo e perante um publico afecto, devem superiorizar-se aos bracarenses.

NA COVILHÃ — Os eborenses precisam de pontos, mas os «leões» da Serra não lhes facilitarão os intentos. Embate animado.

Equipas prováveis

VITÓRIA S. C. — Pinho; Caiçara e Abel; Barros, Silveira e Daniel; Bártolo, Edmur, Celu, Carlos Alberto e Azevedo.

SPORTING — Octávio de Sá; Lino e Hilário; Mendes, Lucio e Julio; Hugo, Faustino, Fernando, Diego e Seminário.

BOAVISTA — Levi; Franco e Artur; Campos, «Manero» e Alcino ou Torres; Garcia, Monzon, Adriano, Guilherme e Germano.

BENFICA — Costa Pereira; Serra e Mário João; Saraiva, Artur e Neto; José Augusto, Santana, Aguas, Coluna e Cavém.

ACADÉMICA — Maló; Araujo e Mesquita; Curado, Abreu e Torres; Jorge Humberto, Chipenda, Samuel, Miranda e Rocha.

BELENENSES — José Pereira; Pires e Rosendo; Marciano, Paz e Vicente; Dimas, «Yauca», Chaves, Matateu e Estêvão.

F. C. PORTO — Acursio; Virgilio e Paula; Roberto ou Teixeira, Arcanjo e Monteiro da Costa; Montaño, Hernani, Daucik, «Ferreirinha» e «Humaitá».

LEIXÕES S. C. — Rosas; Pacheco ou Santana e Raul II; Ventura, Raul I e Carlos Alberto; Medeiros, Osvaldo, «Jaburu», Oliveira e Nunes.

ATLETICO — Ramin; Ferreira e Nunes; Coelho, Germano e Tomé; Puché, Gomes, Albano, Orlando e Tito.

SPORTING DE BRAGA — Faria; José Maria Azevedo e Pinto Vieira; Armando, Calheiros e Trenque; Ceninho, Rafael, Caraballo, F. Mendonça e José Maria.

SPORTING DA COVILHA — Rita; Helder e Couceiro; Lãzinha, Lourenço e Martinho; Ilo Caldas, Pires, Suarez, Valter e Amilcar.

LUSITANO — Vital; Teotónio e Paixão; Pisca, Falé e Vicente; Fialho, Caraça, Ivson, Joab e José Pedro.

C. U. F. — José Maria; Orlando e Durand; Oliveira, Palma e José Luís; Gastão, Faia», Pedro Silva, Salvador e Uria.

VITÓRIA F. C. — Mourinho; Polido e Manuel Joaquim; Casaca, Vaz e Alfredo; Inácio, Bira, Pompeu, Miguel e Virgílio.

O «NACIONAL» DA 3.ª DIVISÃO

Os desafios da 4.ª jornada

O Campeonato Nacional da 3.ª Divisão continua amanhã com os desafios correspondentes á 4.ª jornada, mantendo-se vivo o interesse com que o torneio tem vindo a decorrer desde o seu início, pois tudo indica que o apuramento das equipas que hão-de passar á fase imediata vem longe e, sobretudo, será difícil de se vislumbrar.

Como sempre, estão marcados 32 desafios de Norte a Sul do País, provocando a deslocação de algumas boas centenas de pessoas entre jogadores, dirigentes e, principalmente, espectadores.

Eis o programa:

ZONA A — 1.ª série — Murça S. C. c. F. C. Penafiel, em Murça; S. C. Mirandela c. F. C. Famalicão, em Mirandela; S. C. Régua c. G. D. Bragança, na Régua; Gil Vicente c. C. A. Valdevez, em Barcelos.

2.ª série — Pejão c. Académico do Porto, em Castelo de Paiva; Feirense c. Varzim, em Vila da Feira; F. C. de Avintes c. Arrifanense, em Avintes (Gaia); Leça F. C. c. Ovarense, em Leça da Palmeira.

ZONA B — 3.ª série — Mortágua c. G. D. Viação Sernache, em Mortágua; Santa-combadense c. Lusitano, em Santa Comba Dão; S. B. Castelo Branco c. Spt. Gouveia, em Castelo Branco; F. C. Estrela c. Spt. Lamego, em Unhais da Serra.

4.ª série — Ginásio Figueirense c. Naval 1.º de Maio, na F. da Foz; União Mirense c. Norte e Soure, em Mira de Aire; F. C. Marrazes c. «Os Marialvas», em Leiria; Ginásio de Alcobaça c. «Os Nazarenos», em Alcobaça.

ZONA C — 5.ª série — U. Vilafranquense c. Alhandra, em Vila Franca de Xira; C. D. Torres Novas c. G. D. Benavente, em Torres Novas; Sacavenense c. Coruchense, em Sacavém; G. S. «Os Leões» c. Tramagal, em Santarém.

6.ª série — Seixal c. Desp. dos Olivais, no Seixal; U. Moitense c. G. D. Sesimbra, na Moita; C. da Piedade c. S. U. Sintrense, na Cova da Piedade; Casa Pia A. C. c. Luso, do Barreiro, no campo «Pina Manique».

ZONA D — 7.ª série — Recreio Calipolense c. Campo-maiorense, em Vila Viçosa; União de Montemor c. G. D. Portalegrense, em Montemor-o-Novo; Elves c. Estrela F. C., em Elvas; S. C. Estrela c. S. L. Évora, em Portalegre.

8.ª série — Aljustrelense c. Silves F. C., em Aljustrel; S. Domingos F. C. c. C. D. São Brás, em Minas de S. Domingos; Ferreirense c. Louletano, em Ferreira do Alentejo; F. C. Sambrazense c. Despertar de Beja, em S. Brás de Alportel.

Todos os desafios (em todas as Zonas) principiam ás 15 horas.

O «Nacional» de basquetebol

Num jogo de cambiantes a centelha sportinguista ditou a derrota barreirense (48-42)

Primeira vitória do Benfica (59-46) ao cabo da 4.ª jornada

Prosseguiu, ontem, com um público entusiástico, que acorreu em massa ao Pavilhão dos Desportos, o Campeonato Nacional de Basquetebol da I Divisão, com os jogos entre o Sporting e o Barreirense e o Belenenses e o Benfica.

Os «leões», numa congregação de esforços que teve nos derradeiros minutos da partida uma verdadeira centelha, ganhou com merecimento, não porque fosse de uma superioridade incontestável, mas sim, porque quis ganhar, arrancando o triunfo mercê da vontade indomável de que estava possuido.

O Barreirense, com uma equipa de grande plano, poderosa na luta de tabelas e perigosíssima no contra-ataque, com fundo de manobra, tanto no encestamento debaixo das tabelas, como também na meia-distancia, possuindo para o efeito jogadores bem escalonados e fisicamente preparados, teve por três vezes o triunfo á sua mercê quando uma onda de pessimismo pairava na mente do grupo adversário. Foi excepcional a recuperação do Barreirense. Conseguiu, pleno de pujança alcançar o primeiro empate aos 24-24 para passar a ganhar aos 28-26, 38-37 e 39-38, a três minutos do fim da partida.

Este choque tremendo foi o ponto culminante da partida, uma das mais belas que vimos esta temporada e que serviu admiràvelmente a modalidade.

A equipa «leonina» — afirme-se — recuperou as suas faculdades, libertando-se de complexos que a vinham deformando. Para se atingir tal nível é necessário, não há duvida, saber-se o que faz. Mesmo, nos minutos em que esteve na mó de baixo — os «leões» em dois ou três períodos de jogo não conseguiram ganhar tabelas e libertar-se do labirinto da defesa barreirense, que nos apareceu mais fechada do que em anteriores temporadas — a capacidade geral da equipa não foi afectada.

O Barreirense, sem Manuel Ferreira, que consideramos pedra fundamental na esquematização das jogadas, confiou na perícia de José Macedo, na meia distancia, mas devido a uma boa cobertura e ainda por inadaptação do jogador, o cálculo saíu errado.

O Sporting obteve o seu resultado final da seguinte maneira: 16 cestos e 16 lances livres com onze falhados. O Barreirense marcou 15 cestos e encestou 12 lances livres falhando cinco. Uma novidade: a partida foi já disputada com o emprego da bola Busnell oficializada pela Federação. Um reparo: o local para a Imprensa continua a ser invadido pelo publico o que prejudica o trabalho dos jornalistas.

Alinharam e marcaram:

SPORTING—Barreto, 17; Abílio, 14; Garranha, 7; Sousa, 3; Layne, 3; Mário, 4; e Féu.

BARREIRENSE — Valente, 16; Jorge Silva, 7; Albino, 3; José Macedo, 15; Nunes, 1; Vicente e Quaresma.

Árbitros: Angelo Salgado e Carlos Quintas.

No segundo encontro, o Benfica, depois de três derrotas seguidas e jogando pela segunda vez no seu ambiente, pôde dar melhor conta de si, se bem que ainda não haja alcançado a homogeneidade que revelou no «Regional». Há, na verdade, em alguns jogadores falta de sincronização e soluções de continuidade.

O Belenenses, enquanto pôde e o deixaram jogar com o grupo completo — digamos o cinco base — revelou a sua habitual velocidade nas jogadas de contra-ataque, com o senão da conclusão incerta. Os jogadores «azuis», salvo raras excepções, quebraram no capítulo de encestamentos e daí vermos um «jogador-passador» e condutor do grupo a tirar a primazia nos encestamentos aos verdadeiros lutadores de tabelas. Os casos servem para Brito e Franco. Por outro lado, Fernandes, que fez um campeonato regional em bom plano, quer no capítulo de lançador de meia distancia, quer ainda na defesa e ataque dos cestos, tornou-se uma sombra, a sua boa «estrela» deixou de brilhar.

No lado «encarnado», Luís Santos e Reis Pires, dois novos com grandes possibilidades e, sobretudo, dotados de físico ideal para jogadores de basquetebol, tiveram apontamentos que definiram a sua futura classe. José Alberto, em função, agora diferente, não está ainda adaptado e Julio Campos perdeu um pouco a mão nos encestamentos. Ao fim e ao cabo, o Benfica recuperou ligeiramente o atraso e revelou um princípio de ordenação de jogadas a aproveitar as qualidades das suas «pedras» individuais.

Alinharam e marcaram:

BENFICA—Pires, 8; Furtado, 4; Reis Pires, 8; José Alberto, 6; Julio, 10; Joaquim Carlos; Galhoz, 5 e Luís Santos, 18.

BELENENSES—M. Pereira; Brito, 11; Franco, 14; Gatinho, 6; Carvalho, 8; Fernandes, 2; Tomé, 5; e Ribeiro.

Árbitros: José Filipe e Carlos Costa. A expulsão de Ribeiro, do Belenenses, pareceu-nos precipitada em relação ao que temos visto em tantos e tantos encontros.

Em Lourenço Marques

vai ser inaugurada a instalação eléctrica num recinto de futebol

LOURENÇO MARQUES, 6.—Os desportistas moçambicanos vão ter o primeiro rectangulo de futebol iluminado. Trata-se do Estádio «Santos Gil», do Desportivo, que adjudicou, a instalação eléctrica á firma que realizou trabalho idêntico no Estádio do Restelo, em Lisboa.

Tudo leva a crer que em fins de Março ou princípios de Abril, a iluminação já possa ser inaugurada, com um grande festival nocturno de futebol.—(L.).

A Polícia prendeu dois gatunos que há muito eram procurados

Ontem, de madrugada, dois guardas da P. S. P. detiveram, no Campo Grande, dois indivíduos que retiravam de um táxi de praça uma mala de viagem e duas alcofas, com artigos de vestuário e grande quantidade de tabaco. Os presos disseram chamar-se António Rodrigues e José de Sousa Lameira, e confessaram ter furtado esses artigos num estabelecimento de carvoaria e vinhos, situado na Rua António Pedro.

Entregues á Secção de Justiça da P. S. P., foram identificados como sendo os cadastrados António Rodrigues de Dentro Novo, de 32 anos, sem profissão, e José Lameiras de Sousa, de 61 anos, pintor, ambos naturais de Lisboa, procurados, há tempo, por terem tomado parte, como os jornais noticiaram, no furto de um cofre com cerca de 10 contos, num escritório da Rua Joaquim Costa, que levaram num táxi para os terrenos da Cidade Universitária, onde, depois de arrombado, atiraram para um poço ali existente. Confessaram ainda que assaltaram estabelecimentos de acessórios para automóveis, no Poço do Bispo, furtando cerca de 3.000$00 e vária ferramenta.

Ray "Sugar" Robinson pensa em recuperar o título de campeão mundial dos "médios"

NOVA YORK, 6 — Quem acompanhar de perto as coisas do pugilismo, nota, passado algum tempo, que há nele qualquer coisa que não está certa.

Um caso que se presta para apreciar bem este facto é o da épica batalha travada em Boston, em que Paul Pender alcançou, com uma decisão por maioria, o campeonato mundial dos «médios» reconhecido nos Estados de Nova York e Massachusetts.

Pender era o menos favorecido neste recontro, por 5 contra 1, o que significa que se se quisesse apostar nele e houvesse alguém que aceitasse a aposta, a pessoa que apostasse 1 receberia 5, pelo que poucas pessoas se interessaram. A primeira consequência foi a de que, segundo parece, apenas os seus parentes apostaram em Pender. A segunda e ultima foi a de as outras pessoas hesitarem em dar ou aceitar apostas, por causa das anteriores vitórias e derrotas de Ray Robinson.

Quando Robinson entra no ringue tem provado ser um homem de indiscutível talento na defesa do seu título. Assim tem feito, praticando um sistema de derrotas e vitórias alternadas contra Jake Lamotta, Randy Turpin, Bobo Olson e Carmen Basílio. Criou assim um ambiente que permite considerá-lo favorito por 2 a 1 nos combates-desforra.

Poucas horas antes do encontro, Robinson limitou-se a declarar: «Nunca faço prognósticos».

Mas, na manhã seguinte, afirmou: «Pensei que ia ganhar, mas para a próxima vez irei com a certeza de o pôr K.O.».

A próxima vez deve surgir dentro de 90 dias, pois Robinson tenciona obrigar Pender a cumprir o contrato. — (A. N. I.).

«O homem mais forte do Mundo» abraça o pugilismo

NOVA YORK, 6 — Paul Anderson, campeão olímpico de pesos e alteres, a quem chamam «o homem mais forte do Mundo», disputa no dia 19 o seu primeiro combate como pugilista profissional.

Anderson, que pesa 135 quilos disputará contra Ray Batey um combate de quatro assaltos no Madison Square Garden.—(A. N. I.).

Por 87 mil contos Rocky Marciano voltará à actividade

PITTSBURGH, 6 — Rocky Marciano, antigo campeão do Mundo de boxe, categoria dos «pesados», declarou ontem que recusara uma oferta de 1 milhão de dólares (29 mil contos) para voltar ao ringue. Acrescentou que só o faria por 3 milhões (87 mil contos) repartidos por 10 anos, a fim de reduzir ao máximo os impostos. — (F. P.).

O PRESIDENTE

da Câmara de Oeiras vai ser homenageado

O sr. eng.º Alvaro Roquete, presidente da Camara Municipal de Oeiras, vai ser homenageado com um almoço, no dia 14, por motivo da sua próxima investidura noutro cargo oficial.

A homenagem é promovida por uma comissão de amigos e admiradores.

As inscrições podem fazer-se nos Bombeiros Voluntários de Oeiras, Paço de Arcos, Dafundo, Algés, Carnaxide, Linda-a-Pastora, Amadora e Barcarena; no Café Vera Cruz, em Caxias; no Restaurante Tamar e na Liga dos Melhoramentos, em Algés; e no Café Havaneza, na Amadora.

O «DIARIO DE LISBOA» vende-se em LOURES na agência de NATALINO NEVES CEGO.

PROVAS DA A. F. L.

Os 28 encontros de amanhã

A despeito de se interromper amanhã (na passagem da 1.ª para a 2.ª fase) o campeonato distrital de juniores da 2.ª Divisão da A.F.L., a actividade dos filiados da 1.ª Associação futebolística do país não deixa de ser apreciável, como de resto, se verifica semana a semana.

O programa para amanhã comporta 28 desafios, conforme a seguir se indica:

Campeonato Distrital da II Divisão — Charneca-Odivelas, no campo Chão do Loureiro; Ericeirense-Castelo, no campo Henrique Tomás Frade; União Povoense-Palmense, no campo do Telhal; Vialonga-Fanhões, no campo de Vialonga; Santa Iria-Amadora, no campo Reynolds — todos ás 15 horas.

Campeonato Distrital da III Divisão — Série A — Linda-a-Velha-Cascalheira, no Estádio Nacional (campo de treinos «duro»); Algés-Bom Sucesso, no campo «António Estevão Simões Alves»; Alto da Eira-Oeiras, no campo «José Ramos»; Carcavelos-Bairro de Inglaterra», no campo da Quinta Nova.

Série B — Belas-Queluz, no campo «Eduardo Ferreira Pinto Basto»; Malveira-Lourel, no campo das Seixas; Cacém-Vila Verde, no campo «Marquês de Pombal»; 1.º de Dezembro-Mucifalenses, no campo «Conde de Sucena».

Série C — Povoense A. C.-Camarate, no campo da Amiteira; Tojal-Zambujalense, no campo da Meia-Laranja; Loures-Bucelenses, no campo da Areeira; Castanheira-P. de Loures, no campo de São João; P. de Frielas-Caneças, no campo do Bonjardim.

Todos estes desafios se realizam ás 15,30 horas.

Campeonato Distrital de Juniores da I Divisão — (2.ª fase) — Série A Atlético-Benfica, no campo da Tapadinha; Vilafranquense - Belenenses, no campo de Vila Franca de Xira, ambos ás 10,30 horas.

Série B — Casa Pia-Sporting, no Estádio Pina Manique (treinos), ás 11; Estoril-Oriental, no campo da Amoreira, ás 10.30 horas.

Prova distrital de principiantes — Série A — Olivais-Oriental, no campo Alvaro Gaspar; Palmense-Atlético, no campo José Ramos; Sporting-Algés, no Estádio José Alvalade (treinos) — todos ás 10.30 horas.

Série B — Sacavenense-Alhandra, Torriense-Casa Pia adiado para data a designar.
no campo de Sacavém; Benfica-Vila-franquense, no Campo Grande; Belenenses-Santa Iria, no Estádio do Restelo, todos ás 10,30 horas.

HOJE, À NOITE

BASQUETEBOL — Em Xabregas, ás 21 e 30 horas, defrontam-se as categorias secundárias do Oriental e Lisboa Ginásio, para o campeonato da 1.ª Divisão.

No Pavilhão dos Desportos, do Porto, continua o Campeonato Nacional com os jogos F. C. Porto-Ginásio Figueirense e Vasco da Gama-Académica.

HANDEBOL—No recinto do Ateneu da Madre de Deus, a partir das 20 e 45 horas, prossegue o Campeonato de Lisboa da 1.ª Divisão de handebol de sete com os encontros: Paço de Arcos-Campo de Ourique, Hóquei-Ginásio do Sul e Lisboa Ginásio-Amoreiras.

VICE-PRESIDENTE

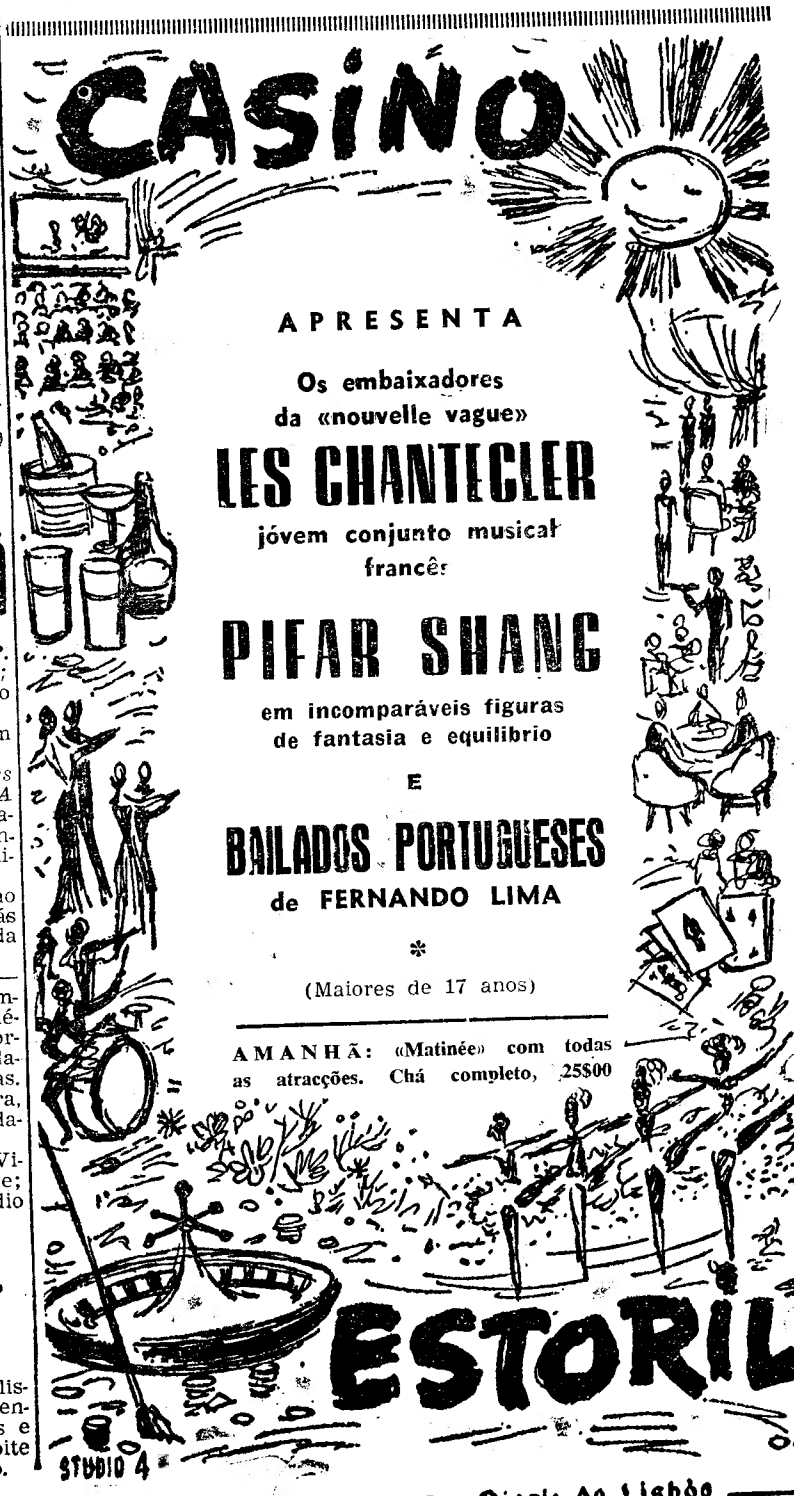
do Município de Estremoz

ESTREMOZ, 6 — Tomou posse, no Governo Civil de Evora, o vice-presidente do Município de Estremoz, sr. dr. Joaquim Gerardo Pinção Crujo, que exerceu durante anos as funções de vereador. No acto de posse, foram postas em evidência as suas altas qualidades.

A "Tertúlia do Ciclismo"

reune-se esta noite

Um grupo de amigos do ciclismo do qual fazem parte dirigentes, técnicos, antigos corredores e jornalistas, reune-se esta noite num jantar de confraternização.



Não há vagas

no «Clube dos Milionários» inglês

LONDRES, 6. — O «Clube dos Milionários», o mais «fechado» de toda a Inglaterra, está cheio, tendo agora 54 sócios, número nunca atingido nestes dez anos.

Para ser sócio deste clube não é preciso senão ter um rendimento anual de 100.000 libras (80.000 contos), embora esta soma não valha tanto como parece, porque os impostos são de tal forma elevados, que a libra fica em pouco mais de um décimo.

Apesar de tudo, ainda sai mais barato estar vivo do que morto, porque só em direitos de transmissão, o ano passado, os Ingleses pagaram 187 milhões de libras: 14.960.000 contos. — (A. N. I.).

A reforma da Escola Náutica

torna os preparatórios equivalentes

aos exigidos para o concurso

à Escola Naval

A Escola Náutica, de tão nobres tradições, é o estabelecimento de ensino dependente do Ministério da Marinha em que têm sido preparados os oficiais da Marinha Mercante que tripulam a nossa frota marítima e têm demonstrado no xercício das suas funções competência perfeita.

O progresso técnico realizado no material e no equipamento dos navios neste espaço de 13 anos em que a organica anterior da Escola Náutica vigorou, e a renovação e modernização operadas na frota durante aquele lapso de tempo, puseram os oficiais da Marinha Mercante em face de novos aparelhos máquinas mais eficientes, mecanismos mais complicados, electrónicos, largamente aplicados na sua composição, e, também, de pessoal executante habilitado com especializações diferentes das clássicas, além de processos novos de trabalho.

Havia necessàriamente que acompanhar esta considerável evolução na preparação básica profissional dos futuros oficiais das nossas frotas mercante e de pesra das diferentes espelialidades: capitães e oficiais náuticos, oficiais maquinistas, oficiais radiotelegrafistas e oficiais comissários.

A nova reforma, agora publicada pelo decreto 42 827, dio dia 3, mantém os cursos: de pilotagem, para capitães e oficiais náuticos; máquinas marítimas, para oficiais e maquinistas; readiotelegrafia para oficiais radiotelegrafistas e comissariado para oficiais cocissários. Divide, todavia, cada um desses cursos, com 3 anos de duração, em curso geral nos dois primeiros anos e curso complementar no terceiro.

A admissão á Escola Náutica acha-se subordinada ás condições gerais de ser português, ter bom comportamento, não contar menos de 16 anos de idade, nem mais de 25 para todos os cursos excepto máquinas marítimas, cujo limite é de 30 anos, etc. Outras exigências especiais elevaram os preparatórios, até agora exigidos, para o 3.º ciclo dos liceus, no que respeita aos candidatos ao curso de pilotagem. Ao de radiotelegrafista, são admitidos os que têm aprovado no 2.º ano dos cursos de máquinas e electrotecnia dos institutos industriais. A matrícula no curso de comissariado podem também ser admitidos indivíduos habilitados com o 2.º ano dos institutos comerciais. No curso de máquinas marítimas podem matricular-se apenas os concorrentes que tenham obtido aprovação em todas as disciplinas do 2.º ano dos cursos de máquinas e electrotecnia dos institutos industrais. Os preparatórios são, pois, do mesmo nível do exigido para o concurso á Escola Naval.

Fixou-se na nova organica uma interrupção entre a aprovação no curso geral e a matrícula no complementar. Assim, para a matrícula no curso complementar de pilotagem é necessário ter a categoria de 2.º piloto; no de máquinas marítimas, ser maquinista de 2.ª classe; no de radiotelegrafista, ser radio telegrafista de 2.ª classe e ter efectuado nesta categoria 5.400 horas de navegação; e no comissariado, ser comissário de 2.ª classe, com 6 anos na categoria, e ter feito nela 540 dias de embarque em navios portugueses de passageiros, fora dos portos de armamento. O limite de idade para a frequência deste curso complementar é de 40 anos, feitos no ano civil da admissão.

O diploma acautela a situação dos actuais alunos da Escola Nautica; faculta aos actuais radiotelegrafistas de 2.ª classe, mediante exame deadmissão, e os comissários de 2.ª classe a matrícula no curso complementar ou fazer os exames como externos no prazo de 3 anos; permite, ainda, aos inscritos marítimos que nesta data tenham as categorias de praticantes ou ajudante de comissário, também com exame prévio, a frequência do curso geral, ou fazer exome como externos no prazo de 3 anos; desde que satisfaçam a certas condições. A distribuição do ensino por disciplinas e instruções nos vários cursos, constarão do Regulamento da Escola Náutica, a promulgar por portaria do ministro da Marinha. Trata-se de um diploma de grande projecção na vida do País, dada a importancia das actividades marítimas.

Movimento

em Coimbra

para reinstalar

na Universidade

a antiga

Faculdade de Farmácia

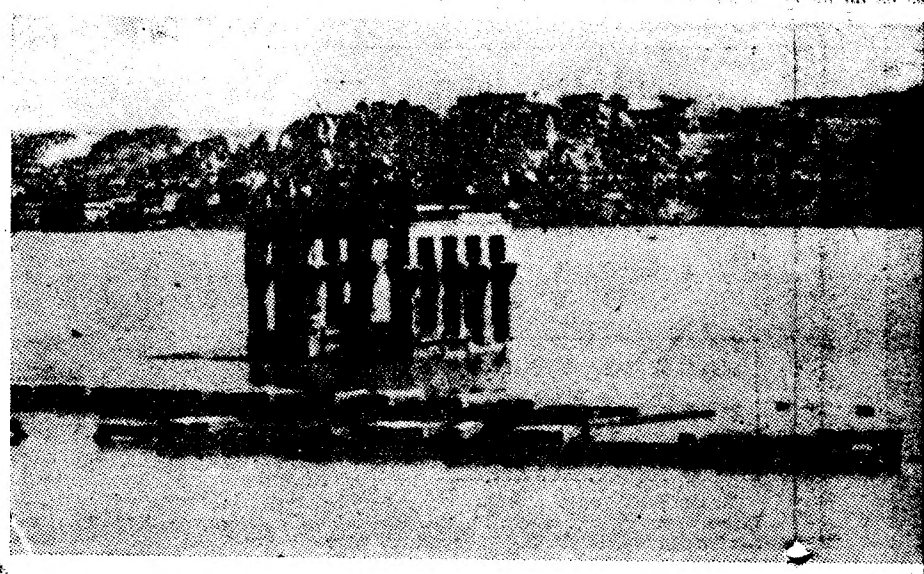
COIMBRA, 6. — Desde há tempo, próprimente desde a remodelação do ensino de Farmácia, que extinguiu as respectivas Faculdades em Coimbra e Lisboa, transformando-as em Escolas Superiores, avoluma-se um movimento destinado a conseguir que seja reinstalada a Faculdade de Farmácia na Universidade de Coimbra. Justifica-se tal movimento por todas as razões; e ainda por ser Coimbra o centro tradicional do ensino clássico universitário, aliás incompleto, no conjunto, pela falta de outros estabelecimentos de ensino (incluindo o artístico, aqui com tradições desde o tempo de D. Dinis), enquanto as duas outras Universidades têm várias faculdades e estabelecimentos de ensino superior técnico; bem como por ser a Universidade de Coimbra a primeira do País e pela sua localização no Centro, o que além de outras razões de peso, justifica que os estudantes de Farmácia possam tirar aqui a sua licenciatura. Aponte-se ainda que o ensino farmaceutico em Coimbra remonta, supõe-se, ao tempo de D. Sebastião.

Agora, o nosso prezado colega «Diáro de Coimbra», tornando-se eco desse movimento, ao qual dão o seu apoio altas instituições científicas e organismos dos estudantes e dos antigos alunos universitários, iniciou uma série de artigos, firmados por Gastão Larische, em nome de reconhecida autoridade, nos quais se justifica com sólida e clarificada argumentação a necessidade urgente de ser reinstalada na Universidade de Coimbra a sua antiga e prestigiosa Faculdade de Farmácia.

Conferências para estudantes sobre cultura musical

A fim de contribuir para a formação cultural e artística dos estudantes universitários portugueses, e no prosseguimento da sua acção em prol da divulgação e expansão do gosto pela musica, a Fundação Gulbenkian organizou uma série de conferências, que proporcionará uma visão de conjunto, com carácter evolutivo, sob vários aspectos da cultura e execução musical. Essas conferências, que constituem

(Continua na 14.ª página)



Impiedosamente, a enxurrada avança sobre o Vale do Nilo, sepultando monumentos de val da Humandiade e símbolo da pré-história...

Dramático apelo ao Mundo

para salvar o fabuloso tesouro

da civilização faraónica

ameaçado pelas águas da barragem de Assuan

Através da sua revista mensal, a U. N. E. S. C. O. divulga um dramático apelo ao Mundo inteiro, o problema cruciante provocado pela construção da grandiosa barragem de Assuan, cujas águas inundarão a vasta zona do Nilo onde se situam tesouros de arte nubia, com risco de perder-se algumas das mais preciosas obras da cultura faraónica.

Desde há milhares de anos que o Nilo tem uma fundamental importancia para os países que atravessa. A construção da gigantesca barragem iniciará uma nova etapa do progresso económico e permitirá dar o pão de cada dia a milhões de seres humanos.

O povo do Nilo criou uma das mais altas civilizações da história. Nas margens do seu rio lendário erigiu edifícios de uma beleza e de uma magnificência nunca superadas. Ora, o imenso lago que vai formar-se ameaça sepultar para sempre alguns desses monumentos que são verdadeiro património da Humanidade. Alguns mesmo encontram-se já parcialmente submersos.

Um angustioso dilema se apresenta ás autoridades encarregadas do aproveitamento do Nilo: como escolher entre o bem-estar da população e a existência desses tesouros artísticos que não são apenas património de países mas do Mundo inteiro e da civilização?...

Eis porque tais autoridades, como depositárias dos monumentos do Vale de Nubia, tudo estão fazendo para assegurar a sua conservação. Por esse motivo, os Governos da Republica Árabe Unida e do Sudão recorreram para a U. N. E. S. C. O., a fim de obter a ajuda internacional indispensável. Na verdade, não se pode deixar que desapareçam templos fabulosos como os de Abu Simbel, Filae, Amada e Kalabcha autênticas jóias de arte antiga, nem abandonar para sempre os tesouros enterrados nas zonas ainda não atingidas por escavações arqueológicas sistemáticas.

50% dos tesouros para quem os conseguir salvar

Na sua angustiada mensagem, o director-geral da U. N. E. S. C. O., Vittorino Veronese, escreve:

«A solidariedade internacional que desejamos ver implantar-se em todas as esferas, encontrará no caso presente uma ocasião unica para se afirmar. Ninguém pode duvidar do carácter urgente dos esforços que devem realizar-se nem da necessidade de repartir a sua carga entre um grande numero de países».

Os Governos da R. A. U. e do Sudão, como compensação pela ajuda internacional que se conceda, oferece, pelo menos, 50 % dos objectos que se descubram em todo o vasto território arqueológico, a autorização de efectuar novas escavações noutros lugares do Egípto e a cedência de objectos e monumentos preciosos, inclusive certos templos de Nubia, para a sua trasladação para o estrangeiro.

Em vários países estão a formar-se grupos de peritos e estudantes de arqueologia que vão fazer expedições ao Vale de Nubia. O rei Gustavo-Adolfo, da Suécia, consagrado arqueólogo, concordou em ser presidente honorário da comissão internacional da U. N. E. S. C. O. para defesa dessas preciosidades. Mas, cada minuto que passa representa um incalculável prejuizo, pois a construção da barragem já principiou e a água inunda já parte dos monumentos. Está-se perante uma espécie de corrida contra-relógio...

Obras que dizem quem somos...

O lago artificial de Assuan cobrirá a areia, a argila e as terras de aluviões, numa extensão de 500 quilómetros, onde estão os segredos dos primeiros colonos do Nilo e as obras colossais que nos dizem quem verdadeiramente somos.

Os monumentos mais preciosos que correm o risco de desaparecer são os templos de Abu Simbel, Filae, Kalabcha, Dakka, Sadd El Ali, Onadi halfa, Semna Kuma, etc., construções de reis faraónicos, como Ramsés II. Mas, no total, estão em perigo 25 templos da época faraónica, 7 cidades egípcias antigas, tumulos e capelas com inscrições, pinturas e baixo-relevos, 20 igrejas cristãs primitivas, 1200 inscrições gregas, etc.

De todo o esforço que se despender beneficiará, incalculavelmente, a história das civilizações, das regiões e da arte, bem como as ciências da pré-história.

PROD

de

TURIM
ção Nacion
tomóveis a
cados 500.
durante 19
aumento d
to sobre a
rior.
Dos a u
221.194 for
trangeiro,
por cento
N. I.).

A Ju

ap

ao pre

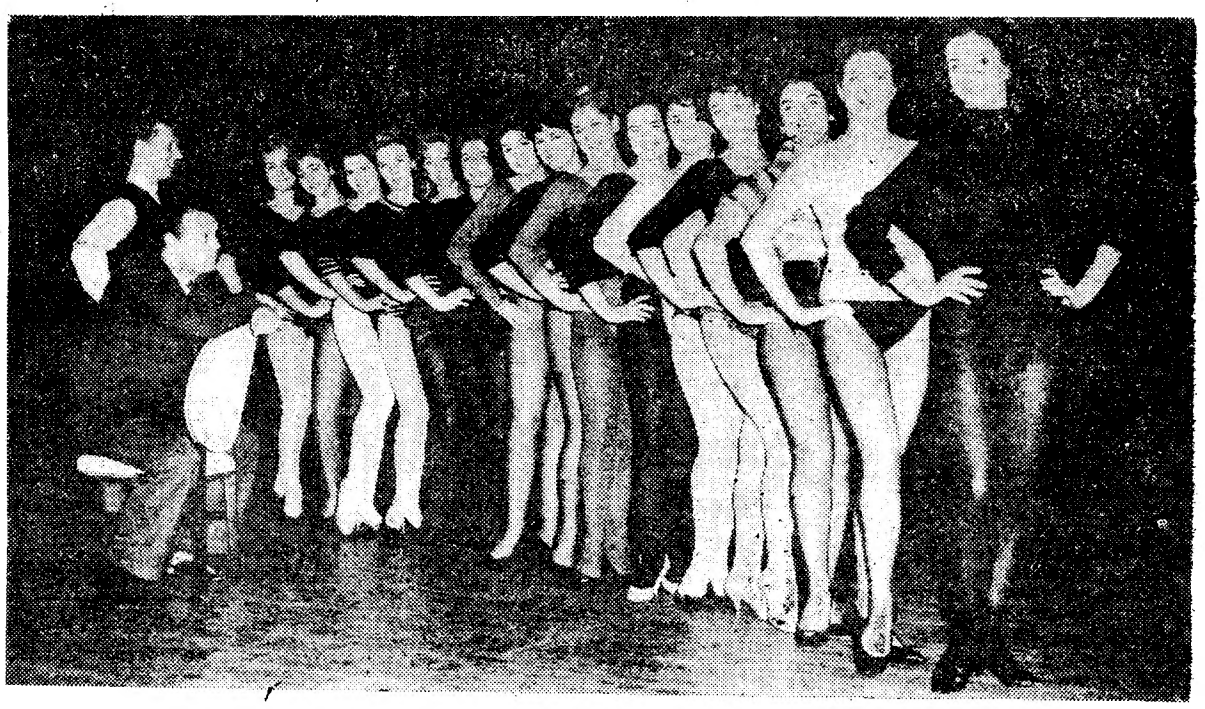
O engenhe
reira, preside
Lisboa, acc
membros da
engenheiro
Carlos Ferre
veira e Adol
teve hoje no
apresentação
sidente do M
O brigadei
ça Borges —

O 18.º

de Pedr

Pedro Bo
presença
«Diário de
pírito, o se
tusiasmo co
do nosso jo
a camarada
do de todos
je, principa
sário da su
movidos a
amigo.

Esta man
tires, foram
sufrágio, p
de Pedro
conselho de
nascença. G
boa»), uma
outra no a
te, pelos re
pos e Arna
Assistiram
presentante
nosso jorna
Bordallo.



Dezasseis sorrisos rasgam-se para os nossos leitores, que se devem contentar com esta imagem fresca e jovem. As dezasseis beldades estão longe, em Glasgow, na Escócia, onde constituem o corpo de coristas da movimentada e colorida revista de Morris Tournier «Highlights of the London Palladium». Estas admiráveis Escocesas cantam e encantam o publico de Glasgow que é entusiasta. Assim, neste friso só muito vagamente helénico, sugerem-nos numa fantástica centopeia. Sempre são trinta e quatro pés, ou melhor, pernas

O ministro das Comunicações

almoça com o Chefe do Estado

No Palácio de Belém, na próxima terça-feira, ás 13 horas, o Chefe do Estado oferece um almoço ao ministro das Comunicações e aos directores-gerais e demais funcionários superiores daquele Ministério.

RELOGIOS

De todas as marcas, máxima garantia, preços de concorrência

GRANDE OURIVESARIA DA MODA

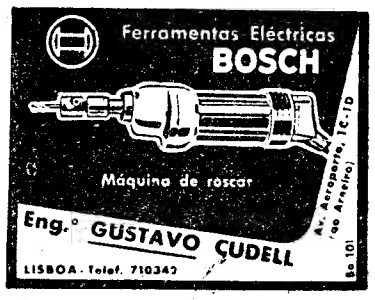
R. da Prata, 257

PASTA MEDICINAL Couto

EVITA estomatites

TRATA doenças da bôca

Ferramentas Eléctricas BOSCH

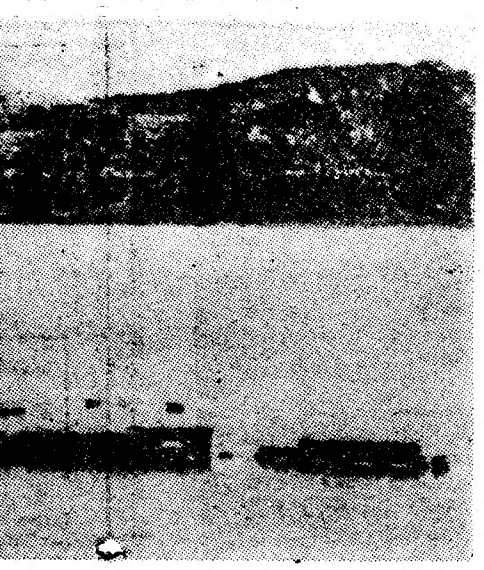


Máquina de roscar

Eng.º GUSTAVO CUDELL

LISBOA - Telef. 710342

«DIÁRIO DE LISBOA» é vendido por D. MARIA GONÇALVES.



...ado monumentos de valor fabuloso, património ...ré-história...

PRODUÇÃO de automóveis na Itália

TURIM (Itália), 6. — A Associação Nacional dos Industriais de Automóveis anuncia que foram fabricados 500.769 automóveis, na Itália, durante 1959, o que representa um aumento de vinte e quatro por cento sobre a produção do ano anterior.

Dos automóveis fabricados, 221.194 foram exportados para o estrangeiro, ou sejam, mais de trinta por cento do que em 1958. — (A. N. I.).

As costureiras de Lisboa
empregadas na alta-costura assinaram esta manhã
uma convenção de trabalho

As costureiras e proprietárias dos «ateliers» de alta-costura Beatriz Chagas, Bobone e Alda Dinis, todas comerciantes da capital, assinaram hoje, no gabinete do ministro das Corporações, um contrato colectivo de trabalho, de que foram autorgantes o Grémio Concelhio dos Comerciantes de Artigos de Vestuário de Senhora e Luvaria e o Sindicato Nacional das Costureiras do Distrito de Lisboa. Embora abranja apenas algumas centenas de costureiras da capital, onde o seu numero total se deve elevar a vários milhares, este contrato reveste-se de especial significado por ser a primeira convenção de trabalho para o ramo do vestuário de senhora. Pelo contrato de trabalho hoje assinado, poderão ser admitidas aprendizas com o minimo de 12 anos de idade, desde que possuam a 4.ª classe de instrução primária. Durante o período de aprendizagem, que não poderá ir além de três anos, as entidades patronais deverão facilitar a frequência das escolas de ensino técnico. As aprendizas não poderão entregar obras ao domicílio depois das 19 horas, sendo também proibida a prestação de serviços domésticos nos «ateliers» onde trabalham. Cabe á entidade patronal a elaboração dos quadros de pessoal, nas categorias de mestra, contramestra, costureira, ajudante e aprendiza. A garantia do lugar é feita através a fixação de indemnizações por despedimento sem justa causa, que vão até 10 semanas ou 7 meses de remuneração conforme se trate de assalariadas ou empregadas. Terão férias de 6 dias as empregadas com mais de um ano de casa; a partir de quatro anos as férias serão de 12 dias. O contrato estabelece salários tendo em atenção a classificação das casas, as categorias e classes profissionais e segundo a natureza da obra para o pessoal que trabalha no seu domicílio.

As preocupações do comércio de vestuário de senhora, apontodas pelo sr. Mário Farelo

Á cerimónia da assinatura do contrato colectivo de trabalho, a que presidiu o ministro das Corporações, assistiram os srs. Mário Barreira Farelo, D. Alda Dinis e João dos Santos Matos, do Grémio; D. Carolina Silva, D. Magnifica Azevedo, D. Maria Amélia Correia e D. Ilda do Carmo Rosa, do Sindicato Nacional das Costureiras; dr. José Subtil, consultor jurídico deste organismo corporativo; e Virgílio da Fonseca e António dos Santos Belfo, da União de Grémios de Lojistas de Lisboa. Também presentes algumas dezenas de empregadas das casas Bobone, Beatriz Chagas e Alda Dinis. O sr. dr. Veiga de Macedo estava acompanhado pelos srs. drs. Quirino Mealha, chefe dos Serviços de Acção Social do Ministério, e Brito Neves e D. Manuela Silva, assistentes sociais que presidiram ás negociações para a celebração do presente contrato colectivo.

Após a assinatura da convenção de trabalho, usou da palavra o sr. Mário Barreira Farelo, presidente da direcção do Grémio Concelhio dos Comerciantes de Artigos de Vestuário de Senhora e Luvaria de Lisboa afirmou que o contrato colectivo agora assinado contém normas e regras a que não foi estranho o sr. dr. Veiga de Macedo, como governante e como homem.

A unidade em volta do Sindicato recomendada pela sua presidente

A sr.ª D. Magnifica Azevedo, secretária da Comissão Administrativa do Sindicato Nacional das Costureiras do Distrito de Lisboa, leu, seguidamente, algumas palavras escritas pela presidente daquele organismo, sr.ª D. Carolina Silva. Após agradecer a todas as entidades que participaram na elaboração desta convenção de trabalho, declarou:

— Terminarei com um apelo ás minhas camaradas, trabalhadoras como eu, aqui presentes ou não, lembrando-lhes que se os nossos direitos foram hoje consideravelmente ampliados, importa, mais do que nunca, que tomemos plena consciência dos nossos deveres, para que unidas em volta do Sindicato, possamos caminhar decididamente no sentido da dignificação e valorização profissionais.

Palavras do ministro das Corporações

Por fim, usou da palavra o sr. dr. Veiga de Macedo. Havendo afirmado a sua sincera satisfação pelo espírito de compreensão manifestado pelo Grémio e pelo Sindicato, o ministro das Corporações salientou a sua constante preocupação de valorizar e dignificar o trabalho feminino, preocupação que, disse, as mulheres portuguesas têm sentido e compreendido. Anunciou, seguidamente, estar a Junta de Acção Social a organizar a primeira missão que vai actuar junto das trabalhadoras, especialmente em Lisboa e na região vizinha. O sr. dr. Veiga de Macedo fez, então, um desenvolvido e rasgado elogio á assistente social sr.ª dr.ª D. Manuela Silva, elogio que foi sublinhado por uma espontanea salva de palmas das empregadas e patrões presentes. Ao terminar, o ministro das Corporações disse não outorgar este contrato sem uma certa inquietação pelas dificuldades que os direitos concedidos ás empregadas poderão causar ás empresas modestas, assim como ás clientes das casas de costura. Para que assim não aconteça é necessário que as empregadas compreendam a necessidade de não serem agravados os custos de produção. Doutro modo, disse, prejudicar-nos-emos a nós próprios.

A Junta Distrital de Lisboa
apresentou cumprimentos ao presidente da Câmara Municipal

No gabinete do presidente do Município

O engenheiro Francisco Ribeiro Ferreira, presidente da Junta Distrital de Lisboa, acompanhado pelos outros membros daquele novo organismo, srs. engenheiro Silva Carvalho, drs. José Carlos Ferreira e João Ferreira de Oliveira e Adolfo de Almeida e Silva, esteve hoje nos paços do concelho, para apresentação de cumprimentos ao presidente do Município.

O brigadeiro António Vitorino França Borges — que se encontrava no seu gabinete, acompanhado pelo vice-presidente, sr. Aníbal David — agradeceu a visita e afirmou que a Junta pode contar com a sua leal colaboração.

O 18.º ANIVERSÁRIO da morte de Pedro Bordallo Pinheiro

Pedro Bordallo Pinheiro é uma presença viva, estimulante, no «Diário de Lisboa». O seu belo espírito, o seu dinamismo, o seu entusiasmo contagiante pelos êxitos do nosso jornal, a sua amizade e a camaradagem tornaram-no querido de todos nós, que sempre e hoje, principalmente, no 18.º aniversário da sua morte, recordamos, comovidos a memória do saudoso amigo.

Esta manhã, na igreja dos Mártires, foram celebradas missas de sufrágio, por iniciativa da família de Pedro Bordallo Pinheiro e do conselho de Administração da Renascença Gráfica («Diário de Lisboa»), uma no altar das Almas e outra no altar-mor, respectivamente, pelos revs. drs. Alves de Campos e Arnaldo Duarte.

Assistiram, além da família, representantes de todas as secções do nosso jornal e amigos de Pedro Bordallo.

Carnaval na Riviera

Viagem de ida e volta no paquete de luxo «Federico C», partida de Lisboa em 26 de Fevereiro, escala em Barcelona, cinco dias na Côte d'Azur e regresso a Lisboa em 6 de Março.

A partir de esc. 4.650$00

Férias e neve no Tirol

Repouso e sport em Igls; parta quando quiser, até 31 de Março, e regresse treze dias depois.

Viagens a bordo dos DC 7 da Swissair.

A partir de esc. 7.500$00

Caraíbas, e Estados Unidos

Algo de novo para os seus sentidos... Vigo, Funchal, Tenerife, Caracas, Curaçao, Havana, Miami, Nova York...

Partida de Lisboa em 19 de Maio e regresso em 11 de Junho.

A partir de esc.: 20.000$00

SERVIÇOS DE TURISMO DA SOCIEDADE COMERCIAL OREY, ANTUNES & C.ª LTD.ª
4, Praça Duque da Terceira
T. 29346 — LISBOA

JOHANNA EHRENSTRASSER

Aguarda
julgamento em Londres a «Miss Europa» que gostava das jóias dos outros...

LONDRES, 6. — A ex-rainha de beleza austríaca, Johanna Ehrenstrasser, «Miss Europa 1958», fez ontem a «volta» dos joalheiros de Londres... mas em companhia de um inspector da polícia. Tratava-se de proceder á reconstituição dos delitos que praticou. «Fraulein» Ehrenstrasser continua presa á espera do julgamento durante o qual terá de responder por numerosos roubos praticados nos joalheiros londrinos. — (F. P.).

VIVEU EM PORTUGAL A EX-RAINHA DE BELEZA

Johanna Ehrenstrasser, que após se ter celebrizado como «Miss Austria», primeiro, e como «Miss Europa», depois, anda agora no noticiário internacional com a triste fama de ladra, viveu em Portugal e aqui deixou recordações que, de nenhum modo, faziam prever a sua conduta de agora, certamente resultante do deslumbramento causado pela celebridade efémera que a sua beleza física lhe proporcionou.

Veio para o nosso País, vítima do fragor da guerra, enviada pela Caritas e aqui viveu em 1949. Recebida em Elvas pela família respeitável do sr. João Pires Viegas, regressou depois á Austria, sua pátria, mas manteve, durante muito tempo, correspondencia com os seus carinhosos hospedeiros e agora, detida numa prisão de Londres, quantas vezes se recordará dos bons tempos que passou, num lar português, quando não estava ainda dominada pelas ambições que a levaram a praticar os roubos de que é acusada?

Prof. Francisco Gentil

10, 12, Calçada do Sacramento (ac Chiado)

2.as, 4.as e 6.as - Às 15 horas

O tempo que faz

Informação do Serviço Meteorológico Nacional:

SITUAÇÃO GERAL ÀS 9 HORAS (T. M. G.) DE HOJE: Em Portugal Continental, o vento era moderado de Oeste, o céu estava muito nublado e havia nevoeiros no litoral Oeste, a Norte do Cabo Mondego, por acção de uma massa de ar transportada na circulação duma depressão centrada a nordeste do Porto.

TEMPERATURAS ÀS 9 HORAS: Funchal, 12°; Porto e Coimbra, 13°; Lisboa e Faro, 14°.

TEMPERATURAS OBSERVADAS HOJE ÀS 9 HORAS NA COSTA DO SOL — Na atmosfera, 14,4; na água do mar, 13°,5.

TEMPERATURAS EXTREMAS REGISTADAS HOJE EM LISBOA, ATÉ ÀS 15 HORAS: máxima, 16°,1; mínima, 12°,5. No mesmo dia do ano passado: máxima, 10°,6; mínima, 6°,5.

PREVISÃO ATÉ ÀS 24 HORAS (T. M. G.) DE AMANHÃ: Céu muito nublado, vento moderado de Oeste. Chuviscos a norte do Tejo. Possibilidade de melhoria do estado geral do tempo, a partir da madrugada de amanhã.

Deixou
as suas funções o tesoureiro do Município de Lisboa

Leopoldo Ludovice

O brigadeiro França Borges, presidente do Município de Lisboa, mandou hoje o seguinte louvor para o «Diário Municipal»:

«Louvo o tesoureiro Leopoldo Humberto Frederico Drummond Ludovice, que hoje atinge o limite de idade, pela dedicação, zelo e assiduidade demonstrados no exercício das suas funções, e, ainda, pelo muito cuidado que teve sempre no cumprimento dos seus deveres e na defesa e segurança dos dinheiros municipais, conseguindo assim inspirar a maior confiança e tranquilidade nos seus superiores».

O sr. Leopoldo Ludovice — que foi tesoureiro da Junta de Província da Estremadura durante quatro anos e que há vinte e quatro exercia as mesmas funções no Município de Lisboa, onde sempre gozou das simpatias gerais — trabalhou hoje na Camara pela ultima vez, tendo apresentado as suas despedidas ao presidente, ao vice-presidente, aos directores dos serviços e aos restantes funcionários. Apesar dos seus setenta anos, goza de excelente saude e continua na posse de todas as suas faculdades.

Mais de 50 mil contos

de arroz e outros produtos agrícolas são obtidos anualmente graças à obra de rega no vale do Sado

A melhoria do rendimento da agricultura é condição primacial dos progressos económicos e sociais do País. Á medida que se registam novos avanços na industrialização, se transforma a estrutura do nosso comércio externo e se confirma a necessidade de firmar em mais amplas e sólidas bases a posição económica de Portugal em face do movimento da integração europeia — a urgência da valorização agrícola nacional impõe-se com redobrado relevo. Realizações como as da hidráulica agrícola, ainda há pouco objecto de importantes disposições legislativas que refundiram o regime jurídico-administrativo da sua construção e exploração, constituem factores valiosos dessa política em que já desponta o empreendimento decisivo da irrigação do Alentejo.

Assim se verifica, á luz de positivos e minuciosos dados informativos, no volume agora apresentado pela Associação de Regantes e Beneficiários da obra de rega do Vale do Sado sobre a exploração respectiva no quadriénio de 1955-58. Nas terras marginais desse rio, a juzante e a montante de Alcacer do Sal, até ás confluências do rio Xarrama e da ribeira de Santa Catarina, já ingressando no coração do Alentejo, construiu-se uma rede de canais, de comportas e de orgãos de distribuição de águas, com apoio nas barragens do Pego do Altar e Vale do Gaio, que transformou profundamente a fisionomia da região. Vastas áreas de pantanos e de terras escalvadas e inuteis converteram-se em lavras fecundas que desempenham actualmente na economia do País — sobretudo pela produção de arroz — papel de larga projecção.

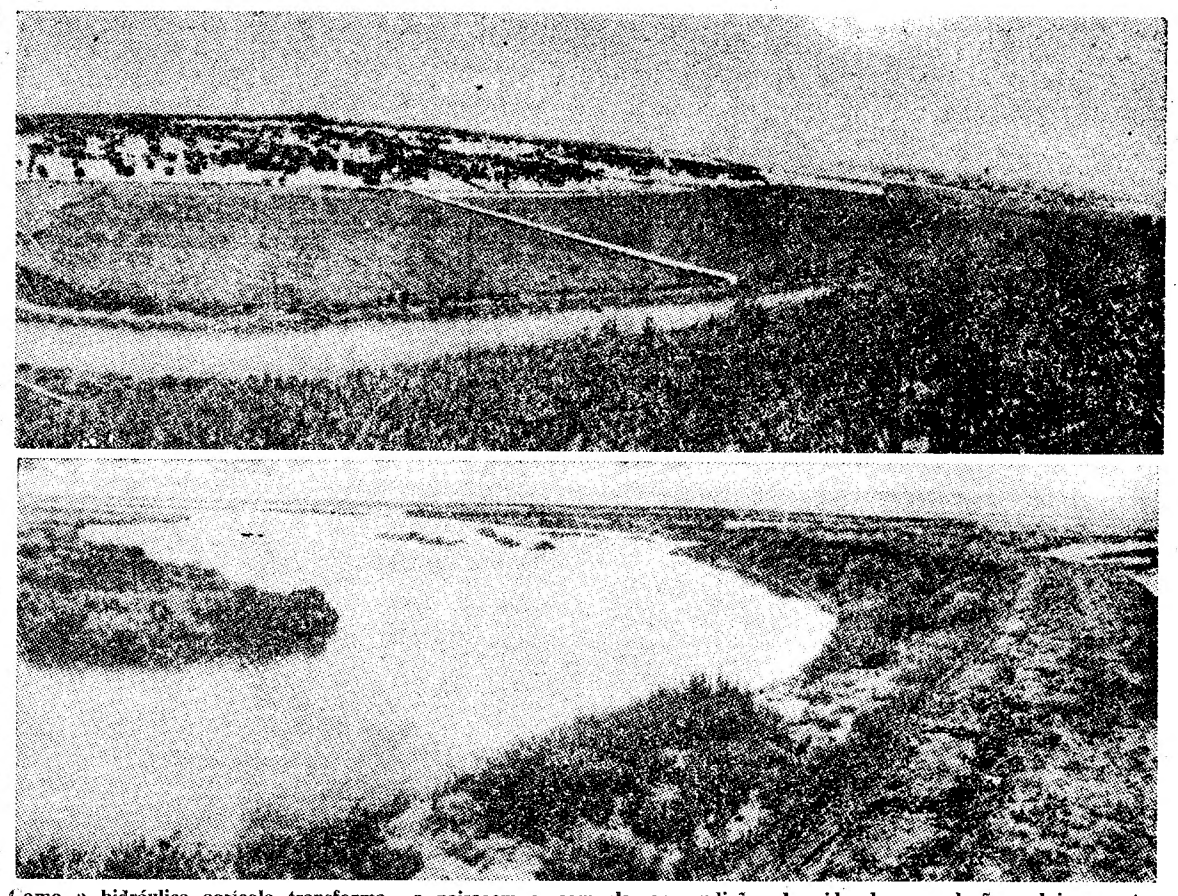
Remontam a 1888 os primeiros estudos para a execução deste empreendimento de valorização agrária; mas só em Agosto de 1936 foi adjudicada a construção da barragem de Pego do Altar e em Maio de 1937 a da barragem de Vale do Gaio. A primeira foi inaugurada em 29 de Maio de 1949, pondo ao serviço da rede de regadios um volume de 150 milhões de metros cubicos de água, que passaram imediatamente a ser aproveitados na lavoura; a segunda entrou em serviço em 5 de Dezembro de 1951, completando e alargando os benefícios do sistema. Entretanto, a Associação de Regantes e Beneficiários foi constituida em 2 de Fevereiro, recebendo em 24 de Janeiro de 1953 a responsabilidade da exploração da obra do Vale do Sado. Reveste especial complexidade técnica essa actividade, que no volume referido se documenta com minucia e sistematização rigorosas. Para o grande publico, porém, o que mais importa é a projecção económica do empreendimento, que tornou possível a instalação de uma cultura de arroz em importante escala nas terras antigamente quase estéreis e a adição de um valor anual estável ao rendimento nacional. Em 1958 elevou-se a produção de arroz nas áreas regadas a um montante calculado em 50.850 contos, a que acrescem mais 1.696 contos obtidos de outras culturas.

Entretanto, a rentalidade da obra não se confina á exploração dos arrozais, que constituem o factor domínante da sua exploração. Encara-se o desenvolvimento da produção de uvas de mesa, a expansão de povoamentos de arvoredo frutícola, o incremento de culturas forrageiras que permitam a criação de gados e outras actividades de manifesto interesse económico. A plantação de citrinos está a ser ensaiada com êxito, ocupando já extensões consideráveis. Os riscos sempre inerentes á monocultura poderão ser, desse modo, reduzidos em grau apreciável. Por outro, a modernização das técnicas culturais está a progredir no Vale do Sado com esperançosas perspectivas de que se dá notícia na obra editada pela Associação dos Regantes. A cultura do arroz foi instalada na dependência de volumosa mobilização de mão-de-obra, á razão de 200 a 300 jornas por hectare, dando motivo a consideráveis afluxos e refluxos anuais de milhares de trabalhadores agrícolas de ambos os sexos; e os resultados económicos da orizicultura nacional foram sensívelmente ultrapassados em países onde a mecanização progressiva, libertando as explorações de encargos avultados de mão-de-obra, está a conduzir a crescentes reduções de preço de custo.

Este problema não tem sido esquecido ou menosprezado pela lavoura do Vale do Sado. Alguns empreendedores estão já a utilizar a mais moderna maquinaria, empenhando-se em assegurar á cultura orizícola condições técnico-económicas que permitam defrontar a concorrência externa e, possívelmente, abrir caminho á exportação do arroz português em escala regular para vários mercados estrangeiros. A modernização das empresas agrícolas do Vale do Sado poderia atingir-se mais rápidamente, como reconhece a Associação dos Regantes e Beneficiários, por meio de soluções cooperativas, sobretudo no que respeita ás pequenas e médias explorações. Não se exclui a intervenção da própria Associação nesse movimento de manifesta oportunidade e interesse, desde que para o efeito lhe seja permitido dispor de parte das receitas provenientes da exploração das centrais hidroeléctricas.

Convém salientar, em relação a este ultimo ponto, que o referido organismo tem despendido grande esforço para resolver satisfatóriamente os multiplos problemas da sua exploração. O regime das albufeiras do Pego do Altar e Vale de Gaio, especialmente o desta ultima, é muito irregular. A subordinação ás conveniências da rega dá origem a que o conjunto, em ambas as instalações, seja mais complexo do que nas instalações produtoras de energia hidroeléctrica do tipo clássico, obrigando a encargos de conservação e utilização proporcionalmente mais avultados. Na central do Pego do Altar, por exemplo, a energia produzida foi de 2,7 milhões de kwh em 1954, de 8 milhões no ano seguinte, de 11,1 milhões em 1956. Logo a seguir, porém, a produção de 1957 limitou-se a pouco mais de 1 milhão de kwh, e a de 1958 fixou-se em 1,9 milhões. Os rendimentos produtivos da central de Vale do Gaio são irregularíssimos, também, e de muito menor volume. As perspectivas para 1959 eram satisfatórias quando se elaborou o estudo em referência.

De qualquer modo, a exploração hidroeléctrica constitui apoio valioso para uma acção cooperativista de mecanização agrícola, que constitui sugestão interessante e oportuna naquele trabalho. As suas páginas constituem, sem duvida, documentário de experiência muito valioso, que servirá de inspiração fecunda para outras realizações em muito mais ampla escala, exigidas pela indispensável valorização da nossa agricultura.



Como a hidráulica agrícola transforma a paisagem e, com ela, as condições de vida das populações: dois aspectos do vale do Sado, antes e depois das obras de valorização

O trabalho moderno e mecanizado está a desenvolver-se nas terras regadas do Vale do Sado

Vida social

J. RIBEIRO ANTUNES

Por via aérea, parte hoje, para os Estados Unidos, o sr. J. Ribeiro Antunes, chefe de estação da «Trans World Airways», no Aeroporto de Lisboa, que se desloca a Kansas City, para participar, por escolha, numa importante reunião de «Stations Managers», daquela companhia, para estudo de problemas técnicos de tráfego, operações e vendas com a administração e a direcção da T. W. A., na América

CASAMENTO

Na residência dos pais do noivo, efectuou-se hoje o casamento da sr.ª D. Lucia Elisabeth Berner, filha da sr.ª D. Lucie Mackowiak Berner e do sr. Wilhelm Berner, antigo adido de Imprensa junto da Embaixada da Alemanha no nosso País e actual director da D. P. A., com o engenheiro Carlos Michaëlis de Vasconcelos filho da sr.ª D. Edith Siemssen Michaëlis de Vasconcelos e do engenheiro Joaquim Ernesto Michaëlis de Vasconcelos, presidente da Camara de Comércio Alemã e bisneto da grande pedagoga Carolina Michaëlis de Vasconcelos. Foram padrinhos, por parte da noiva, o barão Oswald Hoyningen-Huene, antigo embaixador da Alemanha em Portugal, e a sr.ª D. Clãre Meyer; e do noivo, seus pais. Após o enlace matrimonial, foi servido um lanche aos convidados na Casa do Leão, no Castelo de S. Jorge. Os noivos seguiram para o Norte em viagem de nupcias.

PEDIDO DE CASAMENTO

Pela sr.ª D. Amélia Mariana Vasques Fernandes e por seu marido, o eng. Manuel Fernandes e Fernandes, foi pedida em casamento, para seu filho, Adolfo João Vasques Fernandes, gerente comercial, a mão da sr. D. Maria Leonor Maia da Costa de Andrade, filha da sr.ª D. Maria da Conceição Gonçalves Maia da Costa Ferreira de Andrade e do sr. Augusto Jorge Vaz Ferreira de Andrade. O enlace efectua-se brevemente.

ANIVERSÁRIO

Passou ontem o aniversário da sr. D. Branca Rafaela Macedo Santos, funcionária dos Serviços de Contabilidade e Finanças da C. P. Por este motivo, os seus colegas de trabalho prestaram-lhe uma significativa homenagem.

Vai ser construido

um palácio da Justiça em Estremoz

ESTREMOZ, 6 — Como resultado dos esforços empreendidos pelo sr. Agostinho dos Santos Macedo, presidente do Município de Estremoz, e com o apoio, desde a primeira hora, do sr. ministro da Justiça, esta cidade vai ser dotada, em breve de um palácio da Justiça, importante melhoramento que corresponde a uma legítima aspiração dos Estremocenses.

Oficiais condecorados

Foram condecorados com o grau de comendador da Ordem Militar de Avis, os srs. major-aviador Augusto dos Santos, tenente-coronel piloto Ivo Ferreira e major Manuel Martins Ramos; e com o grau de grande oficial da mesma Ordem o coronel-aviador Mário Eugénio Fernandes Jorge de Noronha e o capitão Fernando dos Santos Ferreira.

As aspirações dos professores primários

As alusões repetidas a uma reforma do ensino primário, que parece estar em estudo há largo tempo, têm mantido a numerosa e prestante classe do professorado desse grau de ensino em expectativa muito compreensível. Apesar dos ajustamentos oportunos de vencimentos que entraram há cerca de um ano em vigor, ninguém ignora nem contesta que a situação do professorado primário não é satisfatória, não só nas remunerações que aufere, como nas condições gerais e especiais da sua actividade profissional.

Reflectem essas preocupações fundamentadas os conceitos de uma carta que nos foi enviada por um leitor, em que se presta homenagem, para nós muito grata, á assídua defesa das classes sociais desfavorecidas nas páginas do «Diário de Lisboa». Por isso apela o nosso correspondente para que não seja esquecida, perante a opinião publica, «a situação do professorado primário, a que tanto deve a educação do povo português. E acrescenta:

Julgo que não é justa a continuação do pequeno quadro de professores efectivos para uma população escolar, que, nos ultimos anos, tanto aumentou, recorrendo-se ao trabalho de professores provisórios e agregados, para satisfazer as exigências de tal aumento, pagando-se-lines sómente nos meses de trabalho e deixando-os em grandes dificuldades nas férias, sem auferir, sequer, para comer.

Também não é justo que aos professores nessas condições se recusem as condições indispensáveis para constituir um lar, mantendo constante incerteza na localização das escolas onde terão de prestar serviço em cada ano».

Para estes casos sugere o nosso «assíduo leitor» as seguintes soluções:

«Alargar os quadros, considerando para as respectivas promoções definitivas a classificação dos trabalhos prestados pelos professores agregados, durante os três ultimos anos, dando direito de preferência áqueles que, durante este período de tempo, tenham exercido, com boa competência, o ensino nesses lugares — serviço classificado de bom.

Para o futuro, exigir-se para concorrer a professores efectivos 3 anos de serviço provisório e ficando estabelecido em preferências nas nomeações, a classificação neste serviço, de 3 anos de prática, para demonstração de aptidões e não as classificações dos cursos, que seguiram. As classificações dos exames nem sempre estão de acordo com o valor dos candidatos. Dependem muito do factor sorte. As classificações de 3 anos de serviços práticos dependem dos resultados dos trabalhos dos candidatos, durante esse tempo, nas escolas; e serão, por isso, livres de influências pessoais, mais justas e melhores para o ensino. Sem elas, nenhum diplomado poderia concorrer a professor efectivo. E' também preciso ter em atenção que, durante estes períodos de estágios, os novos professores têm de viver com recursos razoáveis nas férias. E' justo pagar-lhes, ao menos — não tanto como aos efectivos — mas, pelo menos 50 % dos vencimentos dos meses de trabalho.

Os cursos das escolas do Magistério — oficiais e particulares — são quase na sua totalidade frequentadas por raparigas e as aulas de muitas escolas do ensino primário masculino estão entregues a professoras, com inconvenientes notórios».

Traduzem estas opiniões um estado de espírito a que não faltam objectivas razões.

Agentes de viagem das Bermudas chegam hoje a Lisboa

No avião da P. A. A., procedente de Roma, chega hoje a Lisboa um grupo de dez agentes de viagens das Bermudas que, a convite daquela companhia aérea e com a colaboração do S. N. I., vêm visitar o nosso País, com vista ao desenvolvimento do intercambio turístico das Bermudas para Portugal. Prevê-se a utilização dos jactos «Boeing 707», nestas carreiras da P. A. A.

Esta noite, no Casino do Estoril, o sr. Teodoro dos Santos oferece-lhes um jantar.

Uma comunicação à Sociedade de Geografia

Na próxima segunda-feira, ás 18 horas, o padre Kwo Chan Tung, nome pelo qual é conhecido na China o padre Joaquim Angélico de Jesus Guerra, que há mais de 25 anos trabalha no Extremo Oriente, como membro da Missão de Shiu-Hing, apresenta, na sessão mensal da Sociedade de Geografia, a sua comunicação sobre «O chinês alfabético — solução adequada de um magno problema do mundo chinês». A entrada é livre para as pessoas interessadas no assunto.

Vedação de trânsito na Avenida da India

Com o fim de poder ser executada a passagem inferior para peões na Avenida da India sob a linha de caminho de ferro do Estoril, em frente ao monumento aos Descobrimentos, em construção junto ao rio, foi vedado ao transito de veículos o troço daquela Avenida, junto á obra (á Praça do Império) a partir de hoje. O transito passou a efectuar-se pelo arruamento a Norte da placa existente

DIZ O MÉDICO...

(Continuação da 1.ª página)

Ala., Estados Unidos, ambos patrocinados pela Organização Mundial de Caúde (Palácio das Nações, Genebra, Suíça).

A gripe asiática eclodiu, segundo todas as probabilidades, em plena China, na Primavera daquele ano, e progrediu em silêncio, ignorada pelos serviços de informação da O. M. S., em virtude de o regime popular chinês não manter ligações directas com os departamentos internacionais.

Só quando a vaga epidémica «desembarcou» em Singapura, no dia 1 de Maio, os serviços especializados tomaram conta do caso, impondo o regime de alerta e vigilancia em todos os países membros da organização. Foi possível, a partir de então, seguir os surtos epidémicos, assinalar a presença e isolar o vírus, preparar vacinas de diferentes tipos e ensaiá-las em variadíssimos grupos étnicos e populacionais.

Adquiriu-se quase a certeza — mais tarde confirmada por vários investigadores — de que os animais domésticos actuaram como óptimos reservatórios do vírus gripal.

Com o precioso auxílio dos laboratórios de medicina veterinária localizaram-se «depósitos» de agentes em porcos e cavalos.

Levantou-se, nessa ocasião, a hipótese de que muitas das estirpes de vírus actuariam, através dos animais, desde o século XVIII...

A profusão de transportes, a facilidade de deslocações em massa, a espantosa rapidez com que o vírus é transferido de país para país, quase tornaram impossível seguir (quando a gripe é benigna confunde-se com outras afecções) a marcha da doença.

Partindo dos primeiros focos asiáticos, a gripe de 57 atingiu Madrasta, Calecute, Bombaim e toda a Índia, passando depois para a Síria, Irão, Iraque e Turquia. Nos meses de Maio e Junho escala a Russia, ocasiona duas intensas vagas — a da Primavera e a do Outono — no Japão, país particularmente atingido, chegando a atacar sessenta por cento da população.

Na Polónia, os surtos gripais foram mais intensos e causticantes nas zonas industriais do que nas agrícolas e mineiras.

As taxas de morbilidade e de mortalidade variaram muito de região para região, tendo sido mais duramente martirizados os países subdesenvolvidos e os núcleos populacionais subalimentados (menos de 1.800 calorias diárias **per capitae**).

Na província de Assão, por exemplo, registaram-se nove casos mortais em 1957 contra 111.340 em 1918; em Bombaim, 315 casos fatais em 1957 contra 1.059.497 em 1918, segundo os quadros comparativos publicados por Menon. Verifica-se (contra o diz-se...) que a gripe de 57 foi particularmente benigna em relação à da final da primeira guerra mundial.

Curiosos e elucidativos são os trabalhos publicados por Jdanov. Neles se afirma que «o quadro clínico, provocado pelo vírus A2, assemelhava-se ao de uma intoxicação do sistema nervoso, traduzido na observação por grande estado de adinamia e abatimento, temperaturas muito elevadas, vómitos e diarreias. Nas crianças foram observados síndromes encefalíticos, acompanhados de convulsões clónicas e tónicas, delírio e perda de conhecimento».

O acidente fatal, na maioria dos casos, foi devido a uma pneumonia gripal hemorrágica e não, como o demonstraram as melhores estatísticas, a uma infecção secundária estrepto-estafilo pneumocócica, segundo se registou em surtos anteriores a 1957.

A gripe foi devida ao chamado «vírus asiático» A2, cujos caracteres biológicos e antigénicos são diferentes dos do vírus das epidemias anteriores (A e A1).

Mesmo no grupo A2, vários autores, entre eles Jdanov e Ritova, assinalaram comportamentos serológicos díspares e até antagónicos.

Tukumi encontrou nas estirpes japonesas vírus nas fases P e Q, factos com muita importância, quando os serviços especializados são encarregados de preparar grandes reservas de vacinas.

A epidemia de 57 espalhou-se ràpidamente no Globo porque os diferentes grupos populacionais e étnicos não se encontravam protegidos pelos surtos anteriores, provocados pelos vírus A e A1.

A reserva de imunidade útil era pequena, incapaz, portanto, de enfrentar a invasão de um vírus (A2) com outros antigénicos.

Por idênticas razões, as vacinas em depósito nos respectivos serviços de «contrôle» e urgência tiveram de ser abandonadas.

A lição dos ultimos anos demonstrou, com especial clareza, que a vacina só é eficaz quando preparada com estirpes semelhantes às da própria epidemia.

Sucedeu assim que, em muitos países, a vacina útil só apareceu quando o surto gripal se encontrava em manifesto declínio. Noutros, porém, que tiveram de haver-se com o embate de vagas sucessivas, foi possível vacinar importantes e numerosos grupos populacionais, crianças em idade escolar, velhos e depauperados físicos e psíquicos.

Nalguns países, por exemplo, Islândia e Japão, a vacina protegeu mais de sessenta por cento da população.

A vacina polaca (Przesmycki e colaboradores) diferiu da empregada pela maioria dos países pela sua polivalência e via de administração — a via intranasal. Não provocando reacções secundárias apreciáveis, compunha-se dos grupos A, A1 e B.

A vacina sueca, por sua vez, foi preparada com o A2/Singapura/57, fornecida pelo Centro Mundial de Gripe, e lançada no mercado antes de a onda epidémica ter alcançado o país, facto este que mais uma vez comprovou a alta eficácia dos serviços sanitários e de profilaxia suecos.

Desde 1931 — as suspeitas vêm de há muito mais décadas — que se desconfiava que os animais domésticos (ou os que ajudam o homem a viver) não eram alheios à propagação das epidemias de gripe.

Nesse ano isolou-se o vírus A nos porcos (Estados Unidos), responsável de uma epizootia do tipo gripal, protótipo do vírus da pandemia de 1918. No decorrer do ano de 1956 (na Checoslováquia) foi isolado um vírus nos cavalos e no ano seguinte verificou-se que o vírus asiático A2 era próximo parente do vírus equino.

Segundo Kaplan e Paine, o vírus A2 pode infectar cavalos e porcos. Na China foi isolado o A2 nos porcos em plena epidemia de 57.

Não é, pois, impossível que a gripe asiática tivesse a sua origem nalguns animais domésticos.

Confirmada amplamente tal hipótese, muito se poderia esclarecer ainda sobre as pandemias de 1782, 1830, 1918 e outras de menor monta e dano para a Humanidade.

Na Russia, e noutros países da Europa, ensaia-se actualmente uma vacina intranasal com vírus vivos, conhecida desde 1954 e modificada a partir da epidemia de 57, que parece proteger eficazmente os grandes aglomerados operários. As vacinações em massa têm fornecido dados estatísticos muito elucidativos.

Em Portugal, as autoridades sanitárias tomaram, no decorrer de 57, as medidas necessárias e isolaram o vírus responsável.

A. d'E.

O CENTENARIO

DO NASCIMENTO de Manuel Vieira Natividade será comemorado em Alcobaça

A passagem do primeiro centenário do nascimento de Manuel Vieira Natividade, que foi agrónomo de renome internacional, será comemorada no dia 24 do próximo mês de Abril, em Alcobaça, donde era natural, por iniciativa de uma comissão constituída pelos srs. Joaquim Augusto de Carvalho, presidente da Camara Municipal, tenente-coronel Afonso do Paço, dr. João Lameiras de Figueiredo, dr. José do Nascimento e Sousa, José Emílio Raposo de Magalhães, dr. Amilcar Magalhães, eng. José da Silva Carvalho, Carlos Campeão, Joaquim Ferreira Guimarães, Joaquim Luís Nogueira e Manuel Angelo, a que se associaram as autoridades locais, grémios, sindicatos e colectividades.

Oportunamente publicaremos o programa de homenagem ao ilustre alcobacense, pai do sr. eng. José Vieira Natividade, continuador da sua obra de aperfeiçoamento da fruticultura nacional.

A mais comercial

artéria de Viseu vai ser reparada

VISEU, 6 — Os comerciantes da Rua Direita, a artéria mais comercial desta cidade, acompanhados dos presidentes do Grémio e da Junta de Freguesia, estiveram na Camara Municipal e no Governo Civil, onde testemunharam aos respectivos presidentes a sua satisfação pelo subsídio de 214 contos (40 % do computo total da obra a realizar), concedido pelo ministro das Obras Publicas, através do Fundo do Desemprego, para o arranjo daquela rua.

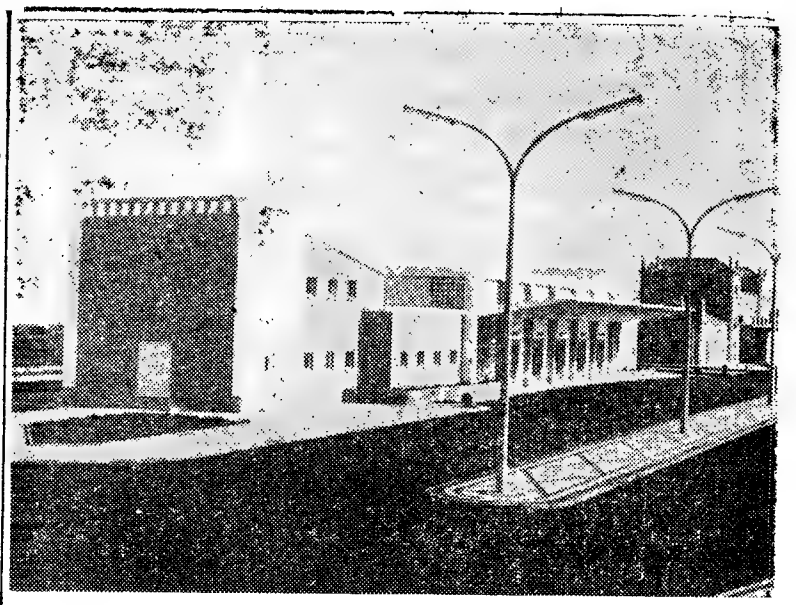
Na verdade, vem de longe a aspiração dos comerciantes da Rua Direita verem acabados os poços de água que no Inverno por ali se formam, bem como a sua justificada reclamação contra o abandono a que tão concorrida artéria fora votada.

O sr. capitão Romão Loureiro, presidente da Camara, agradeceu as palavras do sr. José Lopes ditas em nome dos comerciantes. E no Governo Civil, o sr. dr. Manuel Marques Teixeira, agradeceu as saudações que o presidente do Município lhe apresentou, em nome dos comerciantes e do Grémio do Comércio, afirmando que a atitude verificada era bem um testemunho da dignidade da gente de Viseu.

Os comerciantes da Rua Direita com o governador civil de Viseu

Câmara corporativa

Sob a presidência do sr. dr. Luís Supico Pinto, reuniu-se a Secção de Interesses de ordem administrativa (subsecções de Justiça e Finanças e economia geral) para continuar a apreciação do projecto de parecer respeitante á revisão do regime jurídico da colonização interna.



O edifício principal da nova estação fronteiriça de Vilar Formoso. À direita, o edifício da alfandega espanhola

A nova estação fronteiriça *de Vilar Formoso* que será inaugurada este ano valorizará o turismo nacional

Vilar Formoso é hoje o acesso de fronteira mais importante do País. Embora, talvez, o Caia registe maior movimento rodoviário, Vilar Formoso é, no conjunto dos tráfegos ferroviários e rodoviário, o de maior interesse internacional.

A nova estação fronteiriça de Vilar Formoso, que será inaugurada este ano, destina-se exclusivamente ao tráfego automóvel, ficando ainda as actuais e insuficientes instalações a servir o movimento ferroviário. O novo bloco é constituído por três edifícios situados nos vértices dum triangulo, com um lado paralelo á linha da fronteira luso-espanhola. O edifício «A» destina-se á vistoria de passaportes e á revisão de bagagens. Nele se instalarão os serviços alfandegários, da P. I. D. E. e da Guarda Fiscal. Na sua forma alongada em direcção á fronteira, receberá por um dos lados o tráfego de entrada e pelo outro o de saída. E' construído com materiais da região. Nos topos, o escudo português, lateralmente, duas longas palas protegerão os automóveis estacionados. O exterior tem baixos relevos de Lagoa Henriques e o interior painéis de azulejo pintados por Julio Resende. Os estrangeiros terão assim um agradável primeiro contacto com a nossa terra.

Seguidamente, á direita, o edifício «B», incluindo um parque de estacionamento de automóveis. Nele ficarão instalados os serviços do S. N. I., dos C. T. T., do Automóvel Clube de Portugal, Banco Borges & Irmão e um bar-restaurante. Ali o turista poderá obter informações sobre o nosso País, sobre itinerários, hoteis, locais de interesse turístico, etc. e trocar moeda, receber facilidades automobilisticas, repousar, enviar correspondência e tomar refeições. O edifício «C» destina-se apenas á Polícia Internacional e de Defesa do Estado. Uma construção puramente funcional, destinada a uma estação de T. S. F. e á secretaria dos respectivos serviços.

Todos os edifícios são dotados de aquecimento. A atenuar a aridez da paisagem crescerá uma arborização frondosa. A circundar as construções haverá pavimentos de lajedo; e, ao longo dos passeios e placas, desenhos decorativos, a calcáreo branco e preto. Um dístico assinalará a entrada em Portugal, junto á linha da fronteira, e entre os três corpos ficará o mastro destinado á bandeira nacional.

O projecto é do arquitecto Castro Freire. A obra é da Direcção-Geral dos Edifícios e Monumentos Nacionais, executada pelas Obras dos Edifícios de Cadeias das Guardas Republicana e Fiscal e das Alfandegas.

Assim se valorizará bastante o turismo nacional, pois nas futuras instalações os viajantes submeter-se-ão ás formalidades legais com o menor incómodo, tornando-se, até, agradável e util a sua permanência forçada na fronteira de Vilar Formoso.

O Montepio Ferroviário vai comemorar o seu cinquentenário

No próximo dia 17 completam-se cinquenta anos sobre a fundação do Montepio Ferroviário, a mais antiga colectividade dos ferroviários portugueses. No salão de festas da sua sede, no Edifício do Amparo, na Rua da Mouraria, realiza-se naquele dia, ás 21 e 30, uma sessão solene comemorativa, a que preside o ministro das Corporações.

A' margem da semana

A amizade

A amizade viril era das coisas que os homens mais respeitavam. Havia alguns que não sendo leais para as suas noivas ou para as suas mulheres, eram leais para os seus amigos, e acompanhavam-nos se a desgraça, a ruína, ou até mesmo qualquer falta grave, os rebaixava perante a sociedade.

E era bela e respeitável, a fidelidade do homem de bem ao amigo infeliz ou decaído.

A amizade, assim encarada, era superior ao próprio amor e ao amor próprio.

E' por isso que nos surpreendem certos casos, que se afastam desta regra, ainda mesmo quando se apresentam com a marca estoica do dever e se inculcam como boa acção.

Nesse calmo país que é a Suíça, tem agitado a opinião publica o crime inexplicável, atribuido ao advogado, e antigo bastonário, dr. Pierre Jaccoud. Não vamos discutir se está inocente ou culpado; ainda não se conseguiu apurar claramente esse assunto, embora o tribunal se tenha pronunciado a favor da culpabilidade. Tentamos, apenas, assinalar o facto de ser um seu amigo, o seu principal acusador. Este facto, bastaria, em algumas opiniões para sobrecarregar o réu, e devia bastar, também, para impedir esse magistrado de exercer as funções do seu cargo, neste processo. Defender um inimigo, quando se tenha a convicção da sua inocência, é nobre e elevado procedimento, mas acusar um amigo, mesmo quando se tenha a convicção da sua culpabilidade, não eleva ninguém. E' justo que não se seja cumplice de um amigo, quando ele pratique o mal, mas ser o seu acusador, não abona a favor do coração e da caridade de quem quer que seja...

O mais feroz inimigo do dr. Jaccoud é, actualmente, aquele que lhe chamava amigo e o tratava por tu, coisa pouco vulgar nos países em que o «vous» é tão cómodo, mesmo para pessoas de família.

Um dos pontos do processo que impressionam é este: um amigo, que mesmo antes de esclarecido e provado o crime, não admitiu a hipótese de o seu amigo estar inocente!...

O dr. Jaccoud terá razão se disser: «Livrai-me Senhor dos meus amigos...».

MARIA DE CARVALHO

DE NOVO SIMONIZ

AO SERVIÇO DOS AUTOMOBILISTAS PORTUGUESES

Os raios solares e a chuva atacam a pintura do seu automóvel; dê-lhe uma protecção permanente com produtos SIMONIZ — um nome que por si só é uma garantia de qualidade.

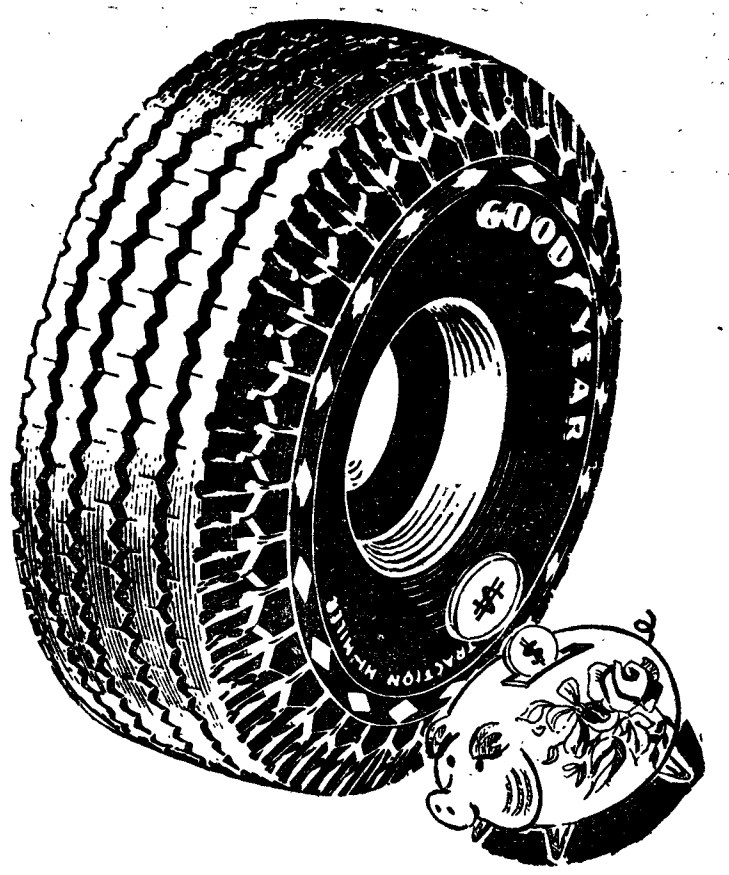
PRODUTOS SIMONIZ — Para limpar e dar brilho

REPRESENTANTES **C. SANTOS LDA.**
29, AV. DA LIBERDADE, 41 — LISBOA
PORTO • COIMBRA • BRAGA • OLHÃO

TINTA ESTILOGRÁFICA

CISNE 1950

TRIC



Economia na estrada com...

TRACTION HI-MILER

ECONOMIA! O Traction Hi-Miler permite maior número de rechapagens e é concebido para servir em todos os tipos de estradas.

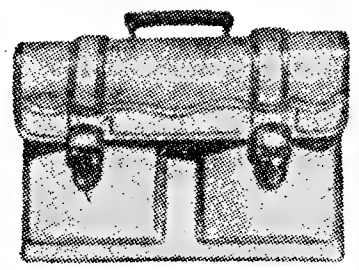
ECONOMIA! O Traction Hi-Miler tem um piso de cinco faixas que fornecem sólidas superfícies de rodagem dando mais quilometragem.

ECONOMIA! O Traction Hi-Miler também roda a uma temperatura menos elevada do que resulta um menor número de estoiros motivados pelo aquecimento.

GOODYEAR

visite o seu agente Goodyear hoje

PASTAS



30 anos de fabrico todos os modelos fornece ao comércio
A. Comprido — R. Madalena, 97

BEBA BARRITOS
VERMUTE COM GIN

HIPOTECAS

Sobre propriedades ou automóveis. Em todo o País. Rapidez e sigilo.

A FINANCIADORA
Companhia Nacional de Crédito S. A. R. L.
Av. da Liberdade, 3 — Telef. 24446
LISBOA

Maria da Conceição Viegas Nero Martins

MISSA DO 30.º DIA E AGRADECIMENTO

Josefino Martins da Conceição, Manuel Henrique Nero Martins da Conceição, e mais família, comunicam que, amanhã, pelas 12 horas, será celebrada, na Igreja da Cova da Piedade, missa por alma de sua estremosa esposa, mãe, irmã e tia. Serve o presente também para agradecer a todos aqueles que, de qualquer modo, manifestaram o seu pesar pelo brutal desastre que vitimou a extinta.

Candido Epifanio da Franca

FALECEU

Confortado com todos os Sacramentos da Santa Madre Igreja

Leonides da Silva Gomes Franca, Maria Candida Franca Ribeiro, e seu marido Capitão Lelio Ribeiro, João Epifanio da Franca e sua mulher Branca Ubaldy da Franca, Branca Maria Franca, João José Franca, e mais família, cumprem o doloroso dever de participar que foi Deus servido chamar á sua Divina Presença, o seu muito querido marido, pai, sogro, avô e parente, e que o funeral se realiza amanhã, ás 11 horas, da Igreja de S. João de Deus, para o cemitério do Alto de S. João.

A. G. MAGNO, LDA.
Av.ª Almirante Reis, 129
Telef. 51586

Rita Simões de Oliveira Martins

FALECEU

Margarida Simões de Oliveira Fernandes e seus sobrinhos participam que foi Deus servido chamar á sua Divina Presença a sua querida irmã e tia e que o seu funeral, terá lugar amanhã, ás 12 horas, da Rua Nova da Trindade, 16, 2.º, para jazigo de família, em Tomar.

AGÊNCIA ALVES

EMPRESA INSULANA DE NAVEGAÇÃO

S. A. R. L.
Antiga Parçaria Marítima fundada em 1871
Sede: Rua Nova do Almada, 11 - 1.º
LISBOA

AUMENTO DE CAPITAL

(Autorizado por despacho de S. Ex.ª o Ministro das Finanças de 23 de Novembro de 1959 de acordo com o Art.º 22.º do Decreto-lei n.º 42.517, de 21 de Setembro de 1959)

Está aberta até ao dia 15 de Fevereiro de 1960, aos Senhores Accionistas e ao Publico, a subscrição para um aumento de 25.000 contos do capital social desta Empresa, em acções do valor nominal de Esc. 500$00, nos seguintes locais:

LISBOA
Rua Nova do Almada, 11-1.º
Rua Augusta, 152
PORTO
Sociedade Geral de Representações, Ld.ª
Rua Infante D. Henrique, 36-1.º-Esq.º
FUNCHAL
Blandy Brothers & C.ª, Ld.ª
PONTA DELGADA
Bensaúde & C.ª, Ld.ª
ANGRA DO HEROISMO
Thomé de Castro, Sucessores, Ld.ª
HORTA
Bensaúde & C.ª, Ld.ª

O pagamento do valor das acções subscritas será efectuado nas seguintes condições:

10 % no acto da subscrição
10 % em 1 de Março de 1960
20 % em 1 de Junho de 1960
20 % em 1 de Setembro de 1960
20 % em 1 de Novembro de 1960
20 % em 1 de Julho de 1961

É reservada a preferência aos actuais Accionistas da Empresa na proporção das acções que se encontram averbadas em s/nome.

EMPRESA INSULANA DE NAVEGAÇÃO
S. A. R. L.
A Administração

TEATROS E CINEMAS

(Continuação da 4.ª página)

Freitas meteu ombro não era, por enquanto, pelo menos, realizável.

Como director da sua partitura, Frederico de Freitas serviu uma efusão em muitas passagens superior á sua habitual exteriorização. E notamos na orquestra, independentemente do carácter da musica, ora não bastante, ora demasiadamente teatral, o interesse, a caprichosa expressão de muitos motivos e a discreta, mas suficiente actualidade da linguagem harmónica, o que é uma das grandes qualidades da partitura. Outra grande qualidade a que já nos referimos, é a bela planificação e a bem entendida liberdade de escrita coral, patenteadas pelo Coro do Teatro, em mais um proficiente trabalho de Pellegrini. De tudo o que é movimentação e efeitos cénicos, damos valor ao esforço de Furiga; e mais uma vez, a respeito de cenários, manifesta-se, em primeiro lugar, o seu bom sentido de colorista; mas não diremos que se trata de uma montagem insuficiente; repetiremos que se trata de uma imposível solução.

Dos cantores solistas, não distinguimos nenhum, porque todos se houveram em pé de igualdade, provando que bem podiam constituir num elenco de fundo. Alvaro Mata, o «Velho», prejudicou-se um pouco nas passagens graves; Armando Guerreiro, «Gil», apresenta-se com a segurança de artista feito; Laura Lima e Hugo Casais ressentem-se da afectação dos seus papéis; e Maria Cristina Castro, «Mafalda», deixa-nos antever o que haveria a esperar dela em papéis de rusticidade de loucã.

Só nos resta dizer que esperamos poder voltar ao espectáculo no domingo.

FRANCINE BENOIT

Atrás do reposteiro

- No Teatro Variedades, Vasco Morgado apresenta brevemente «Revista é sempre revista».
- O maestro João de Vasconcelos é o novo director de cena do Teatro ABC.
- A artista Anita Guerreiro vai deixar a Companhia do Variedades.
- Sadi Cabral, do elenco da Companhia de Maria Della Costa, dará, em breve, um recital de poesia.
- Na próxima semana, entra em ensaios, no Trindade, a peça «Leonor Teles», de António Lopes Ribeiro.

Na Província

* A peça «O Paralítico», é amanhã representada em Evora, pela companhia Rafael de Oliveira.

* No Teatro Virgínia, de Torres Novas, é representada depois de amanhã a revista «Isto é delas».

* Vão muito adiantadas as obras de construção do novo Teatro-Cine de Famalicão, que ficará a ser uma das melhores casas de espectáculos do norte do País.

No Ultramar

* A artista Maria Girão actuará, em Lourenço. Marques, no Teatro Varietá.

* Concluida a digresão que anda a fazer pela província de Angola, o ilusionista português «Conde de Aguilar», seguirá para Lourenço Marques, onde já está anunciado.

* Temporáriamente fixou residência em Lourenço Marques a actriz brasileira Neyde Landi, que se desligou da Companhia de revistas do empresário Giuseppe Bastos.

No D. Maria II

«Diálogos das Carmelitas» em últimas representações

A peça de Georges Bernanos, «Diálogos das Carmelitas», na tradução de Francisco Mata, está a dar as ultimas representações no D. Maria onde em breve se vai estrear a peça de Friedrich Durrenmatt «A visita da velha senhora», cujos ensaios estão a ser dirigidos por D. Cayetano Luca de Tena. Numa encenação memorável de Pedro Lemos, que teve a preciosa colaboração de Lucien Donnat, concebendo a cenografia e a admirável mecanica de cena que permite as rápidas mutações dos dezasseis maravilhosos quadros da peça, «Diálogos das Carmelitas» são interpretados por um conjunto de vinte e sete artistas, de que fazem parte Palmira Bastos, Amélia Rey Colaço, Mariana Rey Monteiro, Catarina Avelar, Teresa Mota, Erico Braga, Paiva Raposo e F. Curado Ribeiro, nas papeis fundamentais.

No Avenida

Amanhã, «matinée» com «A mala da Bernardette»

Amanhã, ás 15 e 30, no Teatro Avenida, haverá «matinée» com a popular peça «A mala da Bernardette», já em quatro meses de representações. Interpreta esta deliciosa comédia de Claude Magnier um homogéneo elenco de que fazem parte Irene Isidro, Henrique Santana e Henrique Santos. Preços populares.

No ABC

«Quem sabe, sabe...», um grande êxito

O ABC, continua a apresentar, em grande êxito, «Quem sabe, sabe...». À frente de um grande elenco, estão os artistas Carmen Esbri, Alvaro Pereira, Raul Solnado, Maria Adelina, Max, Helena Tavares, Antónia Montez, Alda Pinto e Daniel Garcia, com a nova artista Maria João e, num engraçadissimo «compére» Carlos Coelho.

Amanhã, espectáculo á tarde, ás 16 horas; e, á noite, duas sessões, ás 20 e 30 e ás 22 e 45.

MONUMENTAL

«Maldosamente ingénua», com Sandra Dee

Filmada nas maravilhosas praias da Flórida, num ambiente de juventude e alegria «Maldosamente ingénua, o magnífico filme que o Monumental apresenta actualmente no seu cartaz é uma comédia deliciosa cheia de encanto e malícia que proporciona ao espectador hora e meia de constante divertimento. Interpretada por um grupo de jovens actores entre os quais avulta a linda e talentosa Sandra Dee «Gidget», é sem duvida um dos mais divertidos espectáculos apresentados nos cinemas da capital e justifica plenamente o êxito que vem alcançando.

No Trindade

Estreia-se, esta noite, a nova peça de Olavo, «O amor o dinheiro e a morte»

Olavo d'Eça Leal

Olavo d'Eça Leal é um dos mais populares autores portugueses e um escritor de quem o publico espera tudo. O inesperado parece ser mesmo a faceta mais brilhante do seu estilo. Estilo esse que vibra com todo o esplendor na sua nova peça «O amor, o dinheiro e a morte» que, esta noite, o T. N. P. apresentará no Teatro da Trindade.

«O amor, o dinheiro e a morte», é um poema, ora satírico, ora intensamente poético, ora irresistivelmente cómico, ora salpicado de sangue. Exactamente: de sangue!... Tudo acontece na peça de Olavo d'Eça Leal. Ribeirinho foi até obrigado a contratar mais doze actores e figurantes porque toda a sua companhia era insuficiente para conter a verve interminável do autor.

«O amor, o dinheiro e a morte» é uma peça de situações que terminam por situar a própria peça num plano insólito. A peça foca de preferência acontecimentos banalíssimos que o autor procurou tornar raros pela maneira rara de os apresentar. Trata-se de um Teatro de «marionnettes humanos» que se movem num mundo caricatural-poético onde a infamia e as más palavras são o tema principal da poesia. E tudo isto Ribeirinho nos vai dar numa magistral realização, com a colaboração de Abílio de Matos e Silva (cenário) e José Barbosa (figurinos). «O amor, o dinheiro e a morte» é desempenhado por todo o elenco do T. N. P. e assim veremos Assis Pacheco, Carmen Dolores, Ribeirinho, Rogério Paulo, Josefina Silva, Fernando Gusmão, Mário Pereira, Florbela Queirós, Costa Ferreira, Lucia Mariani, Armando Cortês, Luís de Campos, Canto e Castro, Carlos Wallenstein, Teresa Cottinelli, Mário Santos, Armando Caldas, Pisani Burnay e Mário Sargedas.

O violinista Herberto de Aguiar desempenha o papel de um violinista cego e pedinte.

ODEON

«A esposa do sr. Embaixador» em 2.ª semana

Analia Gadé e Alberto Closas, os grandes intérpretes da película «A esposa do sr. embaixador» são de há muito dois ídolos na vizinha Espanha, mas só agora conquistaram definitivamente o publico português. As suas interpretações desta película, são das que marcam um momento alto na vida de um artista. Analia Gadé, interpretando uma rapariga simples de Valladolid, que casa com um embaixador, revela-se depois uma mulher elegantissima e cheia de espírito que, com a sua formosura, consegue resolver delicados problemas diplomáticos.

Alberto Closas .que tudo sacrifica, até a felicidade conjugal, para conseguir para o seu país uma concessão de petróleo, vê-se envolvido numa picante aventura amorosa, o que lhe permite fazer alarde dos seus dotes de grande comediante, mantendo o publico em permanente boa disposição.

Esta película, classificada para maiores de 12 anos, merece ser vista pelos apreciadores de bom cinema, pois a crítica considerou-a uma comédia de categoria excepcional.

Regressa a Madrid

a bailarina Carmen Cordoba

Parte amanhã para Madrid a simpática artista espanhola Carmen Cordoba, que tanto êxito obteve nas suas actuações em Portugal.

A referida vedetá do baile clássico, deslocar-se-á a Paris, para cumprir um contrato, voltando depois ao nosso País, onde apresentará novos bailes da sua autoria.

Maria Clara

é hoje homenageada pelo grupo «Os Combatentes»

Esta noite, no Grupo Dramático e Escolar «Os Combatentes», haverá uma festa de homenagem á popular cançonetista Maria Clara. Seguir-se-á um baile.

Está em Lisboa

o realizador André Brunelin

Vindo de Paris, chegou hoje a Lisboa o cineasta francês André Brunelin. O realizador André Brunelin, antigo director do Serviço Cultural da Federação Francesa dos Cine-Clubes e actual director, da Sociedade dos Filmes do Dauphin, efectuará conferências em Lisboa, Faro, Évora, Coimbra, Porto, Braga, Viseu e Viana do Castelo. A primeira destas conferências realizar-se-á em Lisboa, na sede da Aliança Francesa, depois de amanhã, ás 21 e 30, e versará o tema: «Images du cinema français ou l'expression poétique et le réalisme».

Cineclubismo

Corpos gerentes do A B C

A ultima assembleia-geral do A BC Cineclube de Lisboa elegeu os seus corpos gerentes para o corrente ano tendo os srs. dr. Julio Sacadura, Artur Ramos, e António Furtado Borges sido escolhidos para presidentes, respectivamente, da direcção, da assembleia-geral e do conselho fiscal.

Festa de beneficência

no Cadaval

CADAVAL, 6. (Pelo telefone). — Com o intuito de angariar fundos para a aquisição de um auto-pronto-socorro-tanque, que custará cerca de 200 contos, a Associação Humanitária dos Bombeiros Voluntários do Cadaval promove ás 21 e 30 um espectáculo de variedades em que participam os artistas Maria José Valério, Maria de Lourdes Resende, Paula Ribas, Domingos Marques, Maria Paso, Simone de Oliveira, Gina Maria, Patrícia, Helena Moreira Viana, Maria Marise, Nóbrega e Sousa e outros. Haverá baile com a orquestra «Abril em Portugal».

O 67.º ANIVERSÁRIO

do Asilo D'Espie Miranda

Por motivo da passagem do 67.º aniversário da sua fundação, a direcção do Asilo D'Espie Miranda, promove amanhã, ás 10 e 30, uma romagem ao cemitério dos Prazeres, aos tumulos dos seus instituidores.

Na sua sede, em Campolide, ás 15 horas, haverá uma reunião, com uma conferência pelo sr. Francisco Marques Rodrigues, que abordará o tema «Caridade».

De seguida haverá a bênção da capelinha privativa da instituição, recentemente construída, onde será rezada a primeira missa.

Ordem dos Advogados

CONSELHO DISTRITAL DE LISBOA

ASSEMBLEIA DISTRITAL ORDINÁRIA

Nos termos do artigo 568.º e para os efeitos do artigo 569.º do Estatuto Judiciário, convoco a Assembleia Distrital Ordinária para reunir na sede da Ordem dos Advogados, no Largo de São Domingos, n.º 14, 1.º andar, no dia 26 do corrente, ás 18 horas, a fim de apreciar e votar as contas do ano civil de 1959.

Lisboa, 6 de Fevereiro de 1960.

O Presidente,
CONSTANTINO FERNANDES

A nova Companhia de Circo no Coliseu

Pinito del Oro está em Lisboa! Essa admirável espanhola, de nervos de aço, que sobe á cupula do Coliseu, com uma agilidade flexuosa, é, sem duvida a figura central do circo moderno. Sobre o trapézio, num numero curto, intenso, subjugador, Pinito executa os exercícios que lhe têm dado as palmas das plateias de todo o Mundo e muito especialmente do publico norte-americano. Pinito é uma jovem mas atingiu a maturidade de quem enfrenta a morte serenamente. Os seus gestos são rigorosos apesar de gentis. Sob o fogo dos projectores, o corpo parece chamejar. E o publico de Lisboa, que não é generoso mas justo, por vezes severo, vitoriou-a como a uma rainha.

Kinito é, sem duvida, o maior artista do circo português. O velho Porto, que parecia desenhado por Picasso, na pureza da linha de contorno, na mancha inteira da sua face pintada, teria mais subtileza e mais humanidade. Mas Kinito é um símbolo do nosso tempo. O seu numero é ritmado pelo «rock'n'roll» e o seu estilo tem o nervosismo mecanico de Dany Kaye. Kinito não é apenas epiderme. Se o fosse não poderia resistir aos já longos meses de contacto com o publico, que queimariam qualquer artista menos facetado. Kinito é ainda e sempre jovem, inesgotável, inesperado, insólito.

El Empastre não é um conjunto — é uma instituição. El Empastre é a ofensiva da gargalhada. Tem uma nova concepção musical. Esta massa compacta de homens, trajando pinceladas de cor, de mancha impressionista, empunhando os mais inverosímeis instrumentos, conseguiu converter num espectáculo a execução de vulgares trechos musicais. Imóveis, imperturbáveis, fleumáticos, os magníficos «emplastristas» inundaram o Coliseu de alegria.

Os «Markus» são a revelação da Companhia. O Circo português atravessa uma fase de renovação. Prova-o a excepcional qualidade dos artistas portugueses que temos visto ultimamente. Os «Markus» são dois Hercules, duas peças de alabastro, que formam figuras de beleza impressionante. Sem alvoroço, sem quebras, sem aquele lamentável nervosismo de amador, os artistas portugueses exibem-se num numero equilibrado, êxacto, eficiente.

O Circo é um mundo de revelações. Na pista do Coliseu surgiu o mais gigantesco dos elefantes, um mastodonte pacífico, vasto como a baleia de Jonas mas maciço e palpável. O belo animal, símbolo de um universo em extinção, enorme, lento, de olhar demorado e baço, obedece a um cornaca atlético, um Tarzan de ocasião, que bem podia ter sucedido a Jonnhy Weissmuller.

Trinta magníficos cavalos, coleantes, rápidos, de pelo sedoso, percorreram a pista do Coliseu, em exercícios admiráveis. Um ilusionista, Li-Chang, envolvido num cintilante quimono e numa atmosfera exótica, densa de mistério, revela-se um indecifrável fabricante de ilusões. «The Vinces», acrobatas australianos, constroem figuras surpreendentes.

Este espectáculo, que não tem um numero mediocre, uma falha de ritmo, prova a vitalidade do Circo, a excelente qualidade atingida pelos artistas portugueses, e o inteligente e amplo critério de Américo Coões, um dos maiores empresários europeus. — *P.*

TEATRO NACIONAL DE DONA MARIA II

Todas as noites, ás 21 e 45
(Depois de começado o espectáculo, não é permitida a entrada na plateia) (12 anos)

ÚLTIMAS REPRESENTAÇÕES

Diálogos das Carmelitas

Amanhã, domingo, ás 16 horas
«Teatro por novos para novos»,
com Strindberg e Lorca
Preços especiais para estudantes: 10$00 e 5$00) (M/17 anos)

BEBA BARRITOS
VERMUTE NACIONAL

Reserva 1895

Velhissima Aguardente de Medronho
A mais velha de todas as aguardentes velhas
Produção de
J. M. VALVERDE
em MONCHIQUE
AGENTES
MACHADO & OLIVEIRA, LDA.
Av. Brasil, 176—Telef. 72 69 50
LISBOA

TECIDOS ALVINIZ
Grande liquidação de verdadeiros saldos.
16, Largo do Carmo, 17
LISBOA

Notícias de Coimbra

(Continuação da página central)

autênticas lições, em apoio das actividades circum-escolares dos universitários, serão feitas em Coimbra, Lisboa e Porto. O programa para Coimbra, este ano e que se repete naquelas cidades, foi assim organizado: dia 16, «A evolução da musica vocal, desde o Canto Gregoriano até á actualidade», pelo dr. João de Freitas Branco, com ilustrações pelos cantores Germana de Medeiros e Hugo Casais e por meio de discos; dia 23, «A evolução da musica orquestral», pelo dr. Filipe de Sousa, com ilustrações, por meio de discos; dia 5 de Março, «A evolução da musica de tecla», pelo prof. Macário Santiago Kastener, com ilustrações pelo próprio, ao clavicórdio, e pela pianista D. Maria Cristina Lino Pimentel; dia 15, «A evolução do ballet», por Tomás Ribas, com ilustrações por D. Ana Mascolo e por meio de projecção; dia 29, «A evolução da musica de arco», pelo prof. Mário Simões Dias, com ilustrações pelo violinista Vasco Barbosa e pelo violista de arco Robert Philips; dia 5 de Abril, «A evolução da musica portuguesa», pelo prof. Fernando Lopes Graça, com ilustrações pelo próprio, ao piano, e por meio de discos.

Sociedade Portuguesa de Dermatologia

Reune-se, amanhã, na Faculdade de Medicina, a Sociedade Portuguesa de Dermatologia. Depois da visita, ás 10 horas, á Clínica de Dermatologia dos Hospitais da Universidade haverá, na referida Faculdade uma sessão científica durante a qual será apresentado o relatório e contas da gerência de 1959.

Finalistas de Medicina e Direito

No dia 13, os alunos finalistas das Faculdades de Medicina e Direito têm a sua tradicional festa, cujo programa inclui missa, reunião para fotografias, jogo de futebol, almoço de confraternização e luzido baile.

Cientistas de Coimbra no estrangeiro

Foi nomeado por proposta do prof. Guy Lazorthes, decano da Faculdade de Medicina de Toulouse e neurocirurgião de renome internacional, membro associado da «Société de Neurochirurgie de langue française», da qual é presidente o professor suiço Krayenbul, o dr. Fernando Amaral Gomes, licenciado em Medicina pela Universidade de Coimbra e que tem exercido as funções de assistente, a título estrangeiro, dos serviços de Neuro-Cirurgia do Hospital de Purpan, em Toulouse, ali realizando notáveis trabalhos de investigação colaborando com a equipa de neurocirurgiões do prof. Lazorthes, em especial com os profs. Pouillès, Andouze e Espagnot.

Festa infantil

As senhoras da União Noelista organizam no dia 14, no salão da F. N. A. T., uma festa infantil, com vários atractivos, sorteio de brinquedos, merenda ás crianças, etc.

Chefe do distrito

Vai amanhã ao Porto, o chefe do distrito de Coimbra, sr. eng. Horácio de Moura, que vai tomar parte na reunião dos governadores civis, presidida pelo sr. ministro do Interior.

Reunião municipal

Na ultima reunião municipal, sob a presidência do sr. dr. Moura Relvas, foi decidido adquirir dois prédios para demolição, com vista á abertura da Rua de Aveiro; foi aprovado o projecto de implantação do bloco de moradias a construir pela Federação das Caixas de Previdência nos terrenos junto ao Bairro Marechal Carmona, em urbanização; e, entre outros assuntos, ficou decidida a concessão de subsídios para melhoramentos á Junta de Freguesia das Eiras.

Uma homenagem

Amanhã, no Restaurante Nicola, realiza-se um almoço em homenagem ao sr. Manuel Mesquita, que tem desenvolvido valiosa acção bairrista, impulsionando iniciativas e realizações em prol da cidade.

46 PROCESSOS por especulação na venda de peixe

Em Lisboa e arredores e na província, foram, ultimamente, instaurados 46 processos por manifesta especulação na venda de peixe, praticada em peixarias, lugares de mercados municipais e por vendedores ambulantes. 29 desses processos foram levantados na capital.

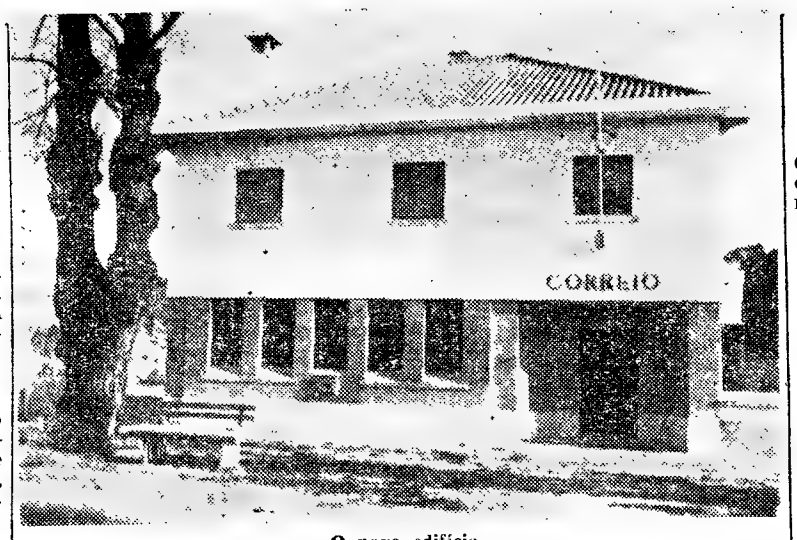
Foi presa em flagrante a vendedeira Adelina Baptista Felgueiras, do mercado de Santa Clara, por ter vendido pargo de 7$00 o quilo (tabela) á razão de 10$90. No mercado de Queluz, foram processadas as vendedeiras Felicidade dos Reis Costa e Isaura da Conceição Durão, que tinham exposto á venda peixe-espada impróprio para consumo e que foi mandado inutilizar. Nos mercados municipais de Alcobaça, Nazaré e Batalha, também foram levantados processos a várias vendedeiras, por estarem a vender diversas espécies de peixe impróprio para consumo.

Apreensão de 4 toneladas de arroz de origem clandestina

Foram apreendidos 55 sacos, com um total de 4125 quilos, de arroz branqueado, proveniente de origem clandestina e descascado ilegalmente, quando eram transportados numa camioneta. São arguidos neste processo um comerciante e um industrial do concelho de Oliveira de Azemeis.

33 comerciantes escondiam bacalhau...

Os serviços de fiscalização da Intendência-Geral dos Abastecimentos autuaram 33 comerciantes de retalho, em diversas localidades, por não terem exposto á venda o bacalhau que possuiam.



O novo edifício

Novo edifício dos C.T.T na freguesia de Angeja

ANGEJA, 6 — (Pelo telefone) — Foi hoje inaugurado o novo edifício dos Correios desta freguesia, com a presença dos srs. dr. Jaime Ferreira da Silva, governador civil de Leiria; do coronel Gaspar Ferreira, presidente da Camara Municipal de Albergaria-a-Velha, António Augusto Valente Ferreira, presidente da Junta de Freguesia, acompanhado pelos outros membros da mesma, dr. Domingos Ferreira Afonso e Cunha, delegado de Saude em Aveiro, engenheiro-chefe de serviço dos C. T. T., Costa Cabral e outros engenheiros e funcionários superiores telégrafo-postais.

A inauguração foi abrilhantada pela banda de musica da Associação Instrução e Recreio Angejense.

O almirante Barthélémy ofereceu um almoço a bordo do «Commandant Rivière» aos altos comandos da Armada

O escoltador da Marinha de Guerra francesa «Commandant Rivière», que se encontra no Tejo em visita de amizade e também técnica á Armada portuguesa, como acentuou o almirante Barthélèmy, continuou hoje a ser visitado por oficiais portugueses, os quais o percorreram com o interesse que naturalmente suscita esta unidade dotada com os melhores apetrechamentos da nova técnica de construção naval. Assim, foram passando por aquele vaso de guerra, desde a manhã, 12 oficiais do Comando Naval do Continente; 11 da Escola de Mecanicos da Armada de Vila Franca de Xira; 2 da Direcção do Serviço de Electricidade e Comunicações; 1 do comando da Força Naval do Continente e 13 da Escola Naval.

O almirante Barthélèmy ofereceu um almoço em honra do titular da pasta da Marinha, no qual participaram ainda o embaixador da França, conde Bernard de Menthon; general Beleza Ferraz, chefe do Estado-Maior General das Forças Armadas, e os almirantes Guerreiro de Brito, chefe do Estado-Maior da Armada; Nuno Brion comandante naval do Continente; Sousa Uva, secretário-adjunto da Defesa Nacional; Celestino da Silva, superintendente dos Serviços da Armada; Noronha Andrade, comandante da Base Naval de Lisboa; comodoros Armando Julio Roboredo e Silva; Fernando Campos de Araujo, inspector de Construção Naval; o chefe de gabinete do ministro da Marinha; o oficial de ligação Camões Godinho e ainda o capitão-de-mar-e-guerra Castro e Silva e o adido militar naval e aeronáutico coronel Revault d'Allnnes.

Festas associativas

Haverá festas, com bailes e vários atractivos, entre outras nas seguintes agremiações, esta noite: Clube Estefania, de homenagem ao locutor Luís Valentim; Casa Pia Atlético Clube, Grupo Dramático e Escolar «Os Combatentes», de homenagem á artista Maria Clara; Liga dos Cegos «João de Deus», organizada pelos alunos das Forças Aéreas Portuguesas, em homenagem aos invisuais; Bombeiros Voluntários do Dafundo, Casas do Alentejo, do Algarve, do Distrito de Coimbra, da Comarca de Arganil e do Concelho de Gouveia, Liga Regional Cojense, Sociedade União Musical e Escolar de Oeiras. Amanhã, á tarde: Casa Pia A. C., Sociedade de Instrução Guilherme Cossoul, Casa dos Tabuenses, Estrela Azul F. C.

A CIDADE

Pelos hospitais

DESASTRE MORTAL — Quando a sr.ª D. Luísa Vieira, de 55 anos, residente no lugar de São Quintino (Sobral de Monte Agraço), seguia de automóvel, ao passar perto daquela localidade, foi atirada para a estrada, por se ter aberto a porta do carro.

Transportada para Lisboa, deu entrada na sala de observações do Hospital de São José, onde faleceu pouco depois.

Quem perdeu?

Relação dos objectos achados ontem em Lisboa e depositados no Governo Civil: vinte e três cupões de consolidado de 3 %, uma serra, garfos, um coador, uma nota do Banco de Portugal, um chapéu, uma pasta, uma capa, um terço de contas, um porta-moedas, um mapa, os bilhetes de identidade de António Lopes Luís e António Armando Rodrigues da Costa; uma carteira, um livrete de auto-ligeiro particular N O-10-75, um relógio, dois tampões de roda de automóvel, um escudete-pára-choques de automóvel, luvas e um porta-chaves.

Também se encontra no Sindicato dos Motoristas de Lisboa o seguinte: o livro «Consultaire» e pequeno dicionário em francês, uma bolsa, um boné, uma pasta, uma sombrinha e um cachecol.

A estrada do Pombalinho está cortada pelas águas

SANTARÉM, 6. (Pelo telefone). — Depois de alguns dias de chuva contínua, e ainda com muitos campos alagados pelas ultimas cheias, o Tejo voltou a tornar-se caudaloso. O Alviela cresceu de volume e as suas águas inundaram os campos vizinhos e cortaram a Estrada do Pombalinho.

O PORTO pelo telefone

Prédio a ameaçar ruína

Foi dado conhecimento pelo telefone á P. S. P. de que o prédio n.º 90 da Rua Nova dos Currais, habitado por Adelina Gomes de Sá e família, ameaça ruína. Caiu já parte do tecto duma dependência interior que causou danos numa mobília e destruiu uma capoeira vizinha, matando algumas aves e danificando ainda uma bicicleta.

Um agentes daquela Polícia verificou a veracidade do telefonema pelo que o caso vai ser comunicado á Camara.

Pedido de captura

A Polícia Judiciária do Porto pede a todas as autoridades do País a captura de José Sousa e Silva, solteiro, de 21 anos, sapateiro, natural da freguesia de S. Pedro da Cova e que residiu na Rua da Carreira, em Rio Tinto, o qual é acusado de ter furtado 8.200$00, uma pulseira e volta, de ouro, da casa do seu tio Manuel Armando Gomes, onde se encontrava a trabalhar. Tem os seguintes sinais: alto, cabelo ondulado, três sinais no rosto, usava fato escuro ás riscas e coxeia de uma das pernas.

Qualquer informação deve ser fornecida para a 4.ª secção daquela Polícia, ao agente Vasconcelos.

Ameaças de morte

Queixaram-se na Polícia as sr.as D. Carmen Venceslau Mendes, residente nas Escadas do Barredo e Romualda Pereira da Silva, moradora na R. Particular Gorges Irmã, contra pessoas suas vizinhas que as ameaçam de morte.

Escritor Ferreira de Castro

Na Galeria de Divulgação, inaugura-se esta tarde, com a presença do escritor Ferreira de Castro, uma exposição bio-bibliográfica do autor de «A Selva» que inclui edições estrangeiras dos seus livros e edições raras das primeiras obras, manuscritos, etc.

A exposição estará patente ao publico durante 10 dias.

CARTAZ DO PORTO

AGUIA DE OURO — As 21 e 30 — A revista «Tudo na Lua».
RIVOLI — As 15 e 30 e 21 e 30 — «O filho que não voltou».
COLISEU — A's 21 e 30 — «Os milionários de Filadélfia».
SÁ DA BANDEIRA — As 15 e 30 e 21 e 30 — «Capitão Paul Jones».
S. JOÃO — A's 21 e 45 — «Passa-bem para Hong-Kong».
BATALHA — As 21 e 30 — «O ultimo comboio de Gun Hill».
TRINDADE — As 15 e 30 e as 21 e 30—«A confissão de Ina Kahr».
VALE FORMOSO — A's 21 e 30— «A legião dos condenados».
OLIMPIA — A's 15 e 30 e 21 e 30— «O sangue do vampiro» e «Park Plaza 605».
JULIO DINIS — A's 21 e 30 — «O homem das pistolas de oiro».

SINTRA ESPERA-O
NO DOMINGO
Para a sua deslocação utilize os COMBOIOS ELÉCTRICOS

EM 3 LINHAS

O sr. dr. Emiliano António da Costa Campos foi reconduzido no cargo de presidente da Camara Municipal do Concelho de Nelas.

///

Foi exonerado do cargo de 2.º comandante da Polícia de Segurança Publica do Porto o major de Infantaria sr. António Dias Machado Correia Dinis.

///

O sr. Manuel Nunes da Silva, ministro plenipotenciário de 2.ª classe, foi colocado na Legação de Portugal em Manila.

///

O eng. civil sr. José Pedro Duarte Ferreira foi colocado em regime de internidade no Gabinete do Plano Director da Região de Lisboa.

///

Foi fixado o perímetro de protecção das muralhas do castelo de Tavira, classificadas como monumento nacional.

///

Está aberto concurso de provas publicas para o preenchimento de uma vaga de preparadora-chefe do laboratório de análises clínicas do Hospital Julio de Matos.

Necrologia

FALECIMENTOS

Cândido Epifânio da França

Faleceu o sr. Candido Epifanio da Franca, 77 anos de idade, natural de Vermelha-Cadaval, farmacêutico, casado com a sr.ª D. Leonides da Silva Gomes Franca, pai da sr.ª D. Maria Candida Franca Ribeiro e do sr. dr. João Epifanio da Franca, farmacêutico, sogro do sr. capitão Lélio Ribeiro, oficial da Aeronáutica, conhecido professor de Educação Física e técnico desportivo e avô do sr. João José Franca.

O funeral, a cargo da Casa A. G. Magno, Lda., da Avenida Almirante Reis, realiza-se amanhã, ás 11 horas, da igreja de S. João de Deus, para o cemitério do Alto de S. João.

FUNERAIS

D. Virginia Pereira Parreira

Com grande acompanhamento, realizou-se hoje, da igreja de Nossa Senhora de Fátima para o cemitério de Campo Maior, o funeral da sr.ª D. Virginia Pereira Parreira, esposa do concelheiro Pereira Parreira. Antes da saída do féretro foi rezada missa de corpo presente, á qual assistiram os srs. ministro das Corporações, conselheiros drs. Albino dos Reis e Trigo de Negreiros, todos juízes do Supremo Tribunal Administrativo, drs. Agostinho Pires, Mário Ferreira Braga, Bento Parreira do Amaral, Adolfo de Andrade, Jacinto Camara Pestana, Mário de Castro, Carmindo Ferreira e João António de Oliveira Reboredo.

AGÊNCIA MAGNO
FUNDADA EM 1874
Não tem qualquer sucursal na Av. Almirante Reis
TELEFONES 43169 — 43180—55301—66 27 72—08 00 22

VILA FRANCA DE XIRA

Marciano Augusto Mendonça

FALECEU

Adriano Augusto Mendonça é sua mulher, Aureolina Rosa Valador Mendonça, Maria América Mendonça, Cecília Mendonça Malta e seu marido, António Augusto dos Santos Malta, Maria José Mendonça Silva e seu marido, Francisco Maria Gonçalves Silva, e mais família, cumprem o doloroso dever de participar que foi Deus servido de chamar á sua Divina Presença o seu muito querido pai, sogro, irmão, cunhado e parente, e que o seu funeral se realiza amanhã, dia 7, pelas 14 horas, da sua residência, Rua Serpa Pinto, n.º 74, 2.º, para o seu jazigo no cemitério local.

AGÊNCIA OLIVEIRA — Tel. 105

BOLETIM DO DIA

HÁ TRINTA ANOS

O «Diário de Lisboa» publicava no dia 6 de Fevereiro de 1930, as seguintes declarações do general Berenguer: «A ditadura modificou profundamente o estado normal da vida espanhola. Ainda que tenhamos de renunciar a certos processos usados por esse regime, não devemos ser injustos com o meu predecessor, que é meu amigo e realizou execelentes coisas que devem conservar-se. Propômo-nos levar até ao fim o programa de trabalhos de carácter nacional empreendido com denodo pelo general Primo de Rivera».

EFEMÉRIDES

No dia 6 de Fevereiro de 1916 morreu em Leon (Nicaragua) o poeta Ruben Dario.

PROGRAMAS DE RADIO

EMISSORA — A's 18: Noticiário e danças; 18 e 40: Rádio rural; 19: Desdobramento; 21: Noticiário; 21 e 20: Desdobramento; 23 e 45: Noticiário, boletim meteorológico e fecho.

Programa «A» — A's 19: Trechos em piano; 19 e 15: Emissão infantil; 19 e 45: A Orquestra de Johnny Gregory; 20: Jornal sonoro; 20 e 15: Musica de «jazz», pela Orquestra de Woody Hermann; 20 e 30: Album musical; 21: Junção dos emissores; 21 e 20: Canções de Itália; 21 e 30: Ritmos sul-americanos; 21 e 45: Serão para trabalhadores. No intervalo: Duas Gerações; 23 e 30: Danças; 23 e 45: Junção dos emissores.

Programa «B» — A's 19: Palestra, por Maria de Carvalho; 19 e 10: «A Cantata Aldeã», de J. S. Bach; 19 e 32: O pianista Sviatoslav Richter em «Cenas de Floresta», de Schumann; 19 e 50: Noticiário regional; 20: Segundo programa da série «Musica Popular de Israel», em gravações cedidas pela radiodifusão de Israel, de Jerusalem; 20 e 15: «Concerto em sol menor, op. 33», para piano e orquestra, de Dvorak; 21: Junção dos emissores; 21 e 20: Concerto, pelo Coro Harmonia; 21 e 45: Tempo de poesia; 22: «Sonata para flauta e piano», de Bohuslav Martinu; 22 e 20: Cartas a um musico desconhecido; 22 e 45: «Concerto em lá menor», para piano e orquestra, de Grieg; 2.º acto da ópera «Werther», de Massenet; 23 e 45: Junção dos emissores.

RADIO CLUBE — A's 18: Lana Bettencourt; 18 e 45: Ritmos de baile; 19: Orquestras e canções; 20 e 15: Apontamento do dia; 20 e 20: Motivos portugueses; 20 e 30: Onda desportiva; 21: Solistas; 21 e 30: Língua portuguesa; 21 e 50: Curso de língua inglesa; 22: Imagens por musica; 22 e 15: Brasil; 22 e 30: Cultura espanhola; 22 e 45: Cançonetas; 23: Concerto, programa de divulgação; 23 e 30: Nelson Eddy; 23 e 45: Noticiário; 2: Fecho.

Estação de Miramar — A's 18: Baile; 18 e 30: Cantos e recantos de Portugal; 19: Palestra de língua portuguesa; 19 e 15: Motivos portugueses; 19 e 30: Trechos de operetas; 20: Boletim informativo; 20 e 10: Variedades; 20 e 30: Curso de língua inglesa; 20 e 40: Vida desportiva; 21: Noticiário; 21 e 15: Um artista; 21 e 45: Brasil; 22 e 15: Intermédio musical; 22 e 30: Artistas portugueses; 23: Trechos recreativos; 23 e 30: Variedades; 0: Baile.

RADIO RENASCENÇA — A's 18 e 15: Musica seleccionada; 18 e 30: Terço e bênção; 19 e 5: Boletim religioso; 19 e 10: Sobre os ramos da azinheira; 19 e 25: Leitura do programa e boletim do S. C. R.; 19 e 30: Chuva de estrelas; 20: Musica para o seu jantar; 20 e 30: Noticiário; 20 e 55: Meditando; 21: Encontro com o «jazz»; 21 e 30: Fados; 21 e 40: Rádio Rural; 22 e 5: Quando o telefone toca; 22 e 45: Noticiário; 23: 23.ª Hora.

POSTOS CENTRALIZADOS — Das 19 e 30 ás 22: Voz de Lisboa; 22 ás 2: Club Radiofónico de Portugal.

TELEVISÃO

As 20 e 30, abertura; 20 e 32, «Telejornal» (1.ª edição); 20 e 50, programa juvenil; 21 e 45, concerto pela Banda da Marinha, transmitido directamente da Sala do Risco; 22 e 20, «Teledesporto», programa semanal de actualidade desportiva; 22 e 40, novos na TV, com Mariete Pessanha e Artur Garcia, acompanhados pela Orquestra de Edison Marinho; 22 e 55, «Telejornal» (2.ª edição); 23 e 10, «Naquele tempo...», pelo cónego dr. António dos Reis Rodrigues.

FARMACIAS DE SERVIÇO

TURNO E — Marques — Estrada de Benfica, 648, Tel. 780096; Sousa — Estrada de Benfica, 423-431, Tel. 780027; Aguiar — Avenida Columbano Bordalo Pinheiro, 98-A, Tel. 764629; Leal de Matos — Rua Neves Costa, 33-35, Carnide, Tel. 780181; Universitária — Rua O, 29-D, Bairro Santos (Próximo ao Hospital de Santa Maria), Tel. 778953; Alameda — Alameda das Linhas de Torres, 201-B, Tel. 790942 Rainha Santa — Rua Afonso Lopes Vieira, 57-B, (Junto á Avenida Brasil), Tel. 765262; Europa — Estrada da Portela, lote 5-A, a Alvalade (Pote de Água), Tel. 710131; Carnaxo — Avenida da Igreja, 21-C, Tel. 776358; Avis — Avenida de Roma, 56-B-C, Tel. 776070; Nova Lisboa — Rua Guilhermina Suggia, 12, Tel. 727721; João XXI — Avenida João XXI, 16-A, Tel. 726462; **FÁTIMA — Aven. de Berna, 24-B (junto á igreja de Fátima) T. 763107;** Sá da Bandeira — Avenida Duque de Ávila, 203-B, Tel. 41961; Cardeira — Avenida Duque de Ávila, 32-C, Tel. 43495; Oliveira Viegas — Rua Viriato, 29-29-A (Próximo da «Maternidade» e do «Avis Hotel»), Tel. 48966; Mundial — Largo D. Estefania, 9, Tel. 45578; Ascenso — Rua 27, 41 (Bairro da Encarnação), Tel. 389216; Olivais (Dos) — Rua Alves Gouveia, 19, Tel. 389237; Ducal — Avenida Duque de Loulé, 21, Tel. 48946; Salter — Rua de Xabregas, 63-65, Tel. 381185; Luzmar — Rua 2, 16-A Bairro de Santa Engrácia (á Picheleira), Tel. P. P. C. 728395-720703; Oriente — Rua Lopes, 120, Tel. 843381; Nunes — Rua Angela Pinto, 32, Tel. 49756; Europa — Avenida General Roçadas, 25-A Tel. 843880; Santo António — Rua Leite Vasconcelos, 72-C, Tel. 862333; Rosa & Veigas — Rua de S. Vicente, 31, Tel. 864351; Nacional — Rua de S. João da Praça, 26, Tel 863632; Matos — Rua Álvaro Coutinho, 10, Tel. 40471; Lab — Rua Rodrigo da Fonseca, 101-101-A, Tel. 682333; Salutar — Rua B, 75-A-B, Bairro da Liberdade, Tel. 683694 Pátria — Calçada dos Mestres, 30-A (Junto á Rua das Amoreiras), Tel. 680627; D. João V — Rua D. João V, 16-C, Tel. 682772; Castro Fonseca — Rua 4 de Infantaria, 28-A, Tel. 688857; Ourique — Rua Freitas Gazul, 32-B, Tel. 671667; Rodrigues & Aires — Rua da Lapa, 52-54, Tel. 662246; Ocidental — Rua D. Jerónimo Osório, JPM, 3, Tel. 610256; Caramão da Ajuda (Do) — Estrada da Cruz, 20-C-D; Remisio — Rua dos Jerónimos, 14-C, Tel. 631699; Sepol — Calçada da Boa Hora, 94-A, Tel. 631958; Teles — Rua João de Barros, 2, Tel. 638249; Nogueira — Rua da Creche, 2, Tel 631635; Carrasco — Rua Presidente Arriaga, 39, Tel. 667460; Modelar — Largo Dr. António de Sousa Macedo, 7-A (Poço Novo), Tel. 27896; Véritas — Rua da Misericórdia, 132, Tel. 24554; Capuchos (Dos) — Rua Luciano Cordeiro, 2-A, Tel. 52076, Nacional — Rua do Salitre, 7, Tel 46858; Costa — Praça da Figueira, 6-B-C, Tel. 28381; Barral — Rua Aurea, 126, Tel. 31535.

HORAS DAS MARÉS

PREIA-MAR

Dia 6 — 23 e 7 (3,18 m.).
Dia 7 — 12 e 1 (3,13 m.).
Dia 8 — 0 e 34 (3,28 m.); 12 e 58 (3,23 m.).

BAIXA-MAR

Dia 7 — 5 e 28 (1,74 m.); 17 e 50 (1,71 m.).
Dia 8 — 6 e 22 (1,62 m.); 18 e 40 (1,57 m.).

CARTAZ DO DIA

TEATROS

NACIONAL — A's 21 e 45 — «Diálogos das Carmelitas».
TRINDADE — A's 21 e 45 — «O amor, o dinheiro e a morte».
AVENIDA — A's 21 e 45 — «A mala da Bernardette».
MONUMENTAL — A's 20 e 45 e 22 e 45 — «Margarida da Rua».
A B C — A's 20.30 e 22.45 — «Quem sabe, sabe...».
CAPITOLIO — «Mirandolina».
COLISEU — A's 21 e 30 — Circo.

CINEMAS

S. LUIZ — «As grandes famílias».
TIVOLI — «A mulher desejada».
S. JORGE — «Escada acima, escada abaixo».
IMPÉRIO — «O outro eu».
EDEN — «Profissão perigosa».
POLITEAMA — «Desejo de amor».
MONUMENTAL — «Maldosamente ingénua».
ODEON — «A esposa do Sr. Embaixador».
ALVALADE — «As grandes famílias».
CONDES — «A maior aventura de Tarzan».
ROMA — «Amor e... vigarice».
AVIS — «O homem do Rickshaw».
RESTELO — «Europa de noite».
OLIMPIA — «Sentenciado».
JARDIM — «Cantinflas aviador».
IDEAL — «Esta curva é perigosa».
CINE-TEATRO CHABY (Algueirão) — «O ultimo apache».

Cortejo de oferendas em Nisa

NISA, 6 — Vai efectuar-se, no próximo dia 21, nesta vila, com a assistência dos ministros das Obras Publicas, da Justiça, da Saúde e Assistência e do prelado da diocese, além de outras individualidades de relevo, o cortejo de oferendas em benefício do novo Hospital Sub-Regional, que nessa data será oficialmente inaugurado e que, pela arquitectura, pelo conforto e pelo funcionamento, se pode considerar um dos melhores do País. O seu custo, até ao presente, foi de 3.100 contos, cabendo á generosidade particular metade desta verba. Para o seu completo apetrechamento são ainda necessários 672 contos, aproximadamente, e para a segunda fase das obras mais 216. Desde 17 de Maio passado, até fim de Dezembro, foram internados 233 doentes, efectuaram-se 47 operações de alta cirurgia e um elevado numero de outras de menor responsabilidade e nele nasceram 31 crianças. Já chegaram a estar internados 35 doentes, quando a sua actual lotação é de 32. O encargo diário é de mil escudos aproximadamente. A Santa Casa da Misericórdia, outrora muito rica, convertidos em papéis de crédito os seus bens, ficou reduzida ao rendimento de três contos anuais, importancia insignificante para as necessidades do hospital.

Por muito que ao Governo interesse o problema da saúde pública, e por valiosa que seja a sua protecção, aos particulares continuará a caber, por dever de fraternidade, um quinhão de auxílio e de sacrifício que, honra é proclamá-lo, sempre tem sido compreendido. Todos confiam noutro testemunho de generosidade da nossa gente, sobretudo dos que mais podem, para que o nosso cortejo de oferendas, pelo luzimento e pela sua receita elevada, tão necessária para a eficiência do novo Hospital, com movimento cada vez maior, seja dos mais rendosos. E tudo mostra que assim será, como o pretende o incansável provedor da Misericórdia, dr. Fraústo Basso, e a comissão organizadora.

VIDA MUSICAL

Concerto pela banda da G. N. R. no Pavilhão dos Desportos

Amanhã, ás 14 horas, no Pavilhão dos Desportos, a banda de musica da G. N. R. dará um concerto em que serão executadas obras de Beethoven, Thomas, Weber, Duarte Ferreira Pestana, R. Korsakow e Glazounow. A entrada é livre.

BEBA BARRITOS
VERMUTE INDIVIDUAL

Foi condenado um motorista *que causou involuntàriamente* a morte duma artista de circo

BRAGANÇA, 6 (Pelo telefone) — No Tribunal Judicial desta comarca, e em julgamento presidido pelo juiz dr. Manuel dos Santos Carvalho, estando a acusação entregue ao magistrado do Ministério Publico e ajudante do procurador da Republica junto deste círculo judicial, dr. Mário Augusto Fernandes Afonso, respondeu o motorista Ludgero José Guerreiro, solteiro, de 32 anos, natural de Paçó, concelho de Vinhais, acusado, como então noticiámos, do seguinte: No dia 1 de Maio do ano findo, pelas 17 e 30, na estrada nacional 218, ao quilómetro 26,400, nas proximidades da freguesia de Rio Frio, deste concelho, quando guiava o veículo automóvel pesado particular, com a matrícula UU 13-66, devido a excesso de velocidade, imperícia, negligência e falta de destreza na condução, fez com que o veículo derrapasse e saísse para fora do leito daquela estrada, e, voltando-se, deitou toda a carga ao chão e, com ela: a artista de circo Celes Roque, de 55 anos, natural da freguesia de Ulme, concelho de Chamusca; António Franco, solteiro, de 42 anos, natural da freguesia de Abaças, concelho de Vila Real, também artista de circo e vivendo maritalmente com a Celeste; seus filhos Cesarino Costa, solteiro, de 24 anos, natural da vila de Condeixa-a-Nova, Dionísia Roque Franco, solteira, de 18 anos, natural de Vila Nova de Ourém, António Miguel Roque Franco, de 15 anos, natural de São Pedro de Alva, concelho de Penacova, e Julião Roque Franco, de 12 anos, natural de Ourentã, concelho de Cantanhede, todos fazendo parte da mesma companhia de circo ambulante.

De tão violento acidente resultaram a morte, depois de decorridas umas 6 horas, e de internada no Hospital da Santa Casa da Misericórdia, desta cidade, da infeliz Celeste Roque, que não pôde resistir a gravíssimas contusões toráxicas e a um profundo e extenso ferimento na parte anterior da cabeça, e ferimentos, mais ou menos graves, no António Francisco e nos filhos, assim como no involuntário causador do desastre de viação. Foram todos, também internados e devidamente socorridos, naquela casa hospitalr, para onde foram transportados no pronto-socorro dos Bombeiros Voluntários desta cidade e em carros particulares. A camioneta, uma «Ford» V-8, já muito velha e usada, para uma carga de cerca de 4.000 quilos, pertencia, assim como toda a modesta carga que transportava, aos humildes dirigentes da companhia de circo, e tudo ficou quase totalmente destruído, para maior miséria e infelicidade dos seus donos! Porém, a população de Bragança, muito generosamente, viria a contribuir, depois, para a reparação da caminheta, por louvável iniciativa do capitão António Furtado Montanha, estimado brigantino e comandante da 5.ª Companhia da Guarda Fiscal.

O julgamento efectuou-se, em parte, para melhor apreciação das causas e consequências de tão funesto acidente de viação, no local onde este se deu, pelo que despertou a maior curiosidade e interesse da parte de muitos dos habitantes da freguesia de Rio Frio, devidamente contidos, a distancia, pela patrulha da G. N. R. destacada nesta cidade.

Depois da discussão da causa, já desenrolada na sala do tribunal, ficou provado que a velocidade a que vinha o veículo era manifestamente excessiva, dadas as características e o péssimo estado da camioneta, pertença da vítima, como já dissemos, e, ainda, a negligência e a imperícia na condução, pois o reu aproximou-se, distraídamente, do talude da estrada do seu lado direito, e, ao manobrar, com a intenção de reconduzir o veículo á posição correcta, na mesma estrada, fê-lo tão precipitada, brusca e desastradamente que a carga e passageiros foram arremessados a distancia.

E, dado que o arguido cumpria já a pena de 10 meses de prisão e 45 dias de multa, pela prática de um crime de furto, previsto e punido pelo art. 4.219, n.º 2.º, do Código Penal, que lhe foi imposta, em Agosto passado, pelo Tribunal Judicial da comarca de Mirandela, procedeu o juiz ao cumulo jurídico destas penas, nos termos do art.º 102.º n.º 2.º e seus parágrafos 1.º e 2.º, pelo que condenou o reu na pena unica de um ano de prisão e 11 meses e 15 dias de multa á razão de 10$00 diários, em 200$00 de multa, mínimo de imposto de Justiça e encargos legais, bem como nas indemnizações de sessenta contos, a favor da família da vítima e de 300$00 a cada um dos ofendidos. E, nos termos do art.º 61.º, n.º 2.º, do Código da Estrada, foi, ainda, inibido de conduzir veículos motorizados durante seis meses.

Foi escrivão do processo o chefe da 2.ª secção sr. Luís de Camões Gomes dos Santos e oficial o sr. Emiliano António da Gama. A defesa do reu esteve confiada ao advogado brigantino dr. José de Abreu Faria, que muito se esforçou, nas suas brilhantes considerações, por destruir, ou atenuar grandemente, as graves responsabilidades que impendiam sobre o seu constituinte.

PRÉMIO

PARA COMEMORAR o centenário do Infante instituido pelo Colégio Manuel Bernardes

A Secção Cultural do Centro n.º 36 da M. P., Colégio Manuel Bernardes, instituiu o prémio «Padre Augusto Gomes Pinheiro», no valor de mil escudos, para comemoração do Centenário do Infante D. Henrique. Podem concorrer obras em qualquer género literário dedicadas á vida e á obra do Infante.

A mesma Secção Cultural vai promover os seus Jogos Florais da Primavera, a que podem concorrer, até ao dia 1 do próximo mês de Abril, todos os estudantes portugueses, com obras originais e inéditas nos géneros conto, monografia, soneto, poema e quadra. As produções deverão ser apresentadas em duplicado, dactilografadas, e assinadas com um pseudónimo. O verdadeiro nome do autor deverá figurar num sobrescrito fechado e lacrado, endereçado, juntamente com as produções, á Redacção de «A Nova Floresta» — II Jogos Florais da Primavera — Colégio Manuel Bernardes — Paço do Lumiar — Lisboa — 5. Haverá três prémios para cada modalidade.

Também o mesmo Colégio Manuel Bernardes promove, com idênticas condições, um Concurso Fotográfico, a que são admitidos trabalhos nas modalidades de fotografia livre e fotografia sobre motivos escolares, obedecendo ás dimensões mínimas de 6×6 cm.

CONCURSO

de produções rádiofónicas de Rádio Universidade

Na Rádio Universidade está aberto um concurso de produções radiofónicas, entre estudantes universitários, pré-universitários ou que tenham frequentado a Universidade há menos de dois anos, nas modalidades de Diálogo, duração não superior a 10 minutos, e Conto ou Teatro Radiofónico, duração entre 15 e 20 minutos.

As produções, inéditas, deverão ser entregues até ao dia 29 do mês corrente, assinadas por pseudónimo ou divisa e acompanhadas de um envelope lacrado contendo o nome, a morada e a indicação da escola que frequenta ou frequentou. As produções, original e duas cópias, dactilografadas a dois espaços, devem ser enviadas para Rádio Universidade — Concurso de Produções Radiofónicas — Rua de D. Estefania, 14 — Lisboa-1.

Aos melhores trabalhos serão atribuídos os seguintes prémios: a) Diálogo: quinhentos e trezentos escudos; b) Conto ou Teatro Radiofónico: mil escudos e seiscentos escudos.

Jantar de homenagem

a um artista madeirense

Uma comissão de madeirenses, constituída pelos sr. embaixador dr. João de Bianchi, deputado coronel José de Freitas Soares, dr. José de Almada, Herbert Gilbert, dr. Dídio Afonseca Aguiar, Julio Navarro Cabral e coronel Jaime Leal, por mrs. Gary Garton e pela dr.ª Cristina Cunha, promove, no dia 17 do corrente, um jantar de homenagem ao distinto artista madeirense dr. João de Lemos Gomes (Melos) e a sua esposa, na Casa do Alentejo, onde está aberta a inscrição.

O Rotary Clube de Lisboa

e a segurança rodoviária

A reunião do Rotary Clube de Lisboa, do próximo dia 9, ás 13 horas, na Casa do Alentejo, na Rua das Portas de Santo Antão, integra-se, na campanha que o «Diário de Lisboa» vem mantendo no sentido de atenuar as consequências da indisciplina do transito.

O importante industrial e comerciante e conhecido desportista Maxime Vaultier fará uma palestra, intitulada «A responsabilidade de cada um», que será comentada pelo dr. Mário Madeira, presidente da direcção do Automóvel Clube de Portugal.

Pedido de madrinha

O nosso leitor João Marques Assunção, que está internado no Sanatório Marítimo de Gelfa, na enfermaria E, gostaria de encontrar uma madrinha espiritual e pediu-nos para comunicarmos o seu desejo ás nossas leitoras, que poderão escrever-lhe para aquele sanatório.

A Inglaterra
não abdicará da amizade da Africa Negra
— lição da viagem de MacMillan

(Continuação da 1.ª página)

Governo inglês, «para servir os interesses de todo o mundo livre».

CONSCIÊNCIA NACIONAL AFRICANA

Desde as margens do Volta, onde N'Krumah lhe mostrou o local do dique que vai permitir, com a ajuda da Comunidade Britanica, a construção da maior fábrica de alumínio da Africa, até ás plantações de amendoim da Nigéria, desde a grande barragem de Kariba, no Zambeze, que deve alimentar a «Copperbelt» da Rodésia, primeira fonte de cobre da Comunidade Britanica, até ás minas de ouro de Joanesburgo, o primeiro-ministro britanico, que veio á Africa «informar-se», pôde avaliar o peso enorme que tem hoje a Africa. A vida da Inglaterra e da Comunidade Britanica, o futuro de uma prosperidade que faz surgir mais uma empresa em cada mês que passa, mais um navio mercante britanico por dia ao largo de Lagos ou de Temá, esse grande porto artificial que a engenharia inglesa está a concluir junto de Accra, dependem em grande parte da boa vontade da Africa.

O que mais impressionou o chefe do Governo inglês, nesta viagem, foi o que ele próprio denominou «o nascer da consciência nacional africana». Falou disso em Accra, Lagos e Salisbury, onde os Europeus parecem não ter compreendido as suas palavras, e voltou a falar nisso na Cidade do Cabo, perante um Parlamento mergulhado em profundo silêncio.

Harold MacMillan quis acentuar a aceitação do nacionalismo africano pela Grã-Bretanha, até ao ponto de conferenciar, «para se informar», com dirigentes negros que ainda há dias estavam na prisão, para onde os enviara, nove meses antes, o governador britanico da Rodésia.

Na Rodésia, o primeiro-ministro causou decepção aos Brancos, partidários de uma federação independente, ao afirmar que Londres manteria a sua protecção á Rodésia do Norte e Niassalandia, olhando a Inglaterra pela evolução dos indígenas.

Na Betchuanalandia, na Batsulandia, na Swazilandia, onde 1.200.000 negros, que oneram o Orçamento da Coroa, receiam ser entregues ao «apartheid», o chefe do Governo afirmou que o Reino-Unido, se se quisesse, manteria o seu protectorado.

Na Africa do Sul, MacMillan garantiu aos Bantus do Norte do Transvaal que «partilha das suas ambições e esperanças».

CONSERVE-SE A COMUNIDADE

«O vento da mudança sopra no continente africano» — uma frase que apareceu em quase todos os discursos de Harold MacMillan — foi sempre seguida por este apelo cheio de emoção: «Conservemos unida a nossa Comunidade».

Na verdade, há fortes movimentos entre os membros africanos da Comunidade Britanica. Em Salisbury, o primeiro-ministro da Rodésia, «sir» Roy Welensky, receando que Londres dê preponderancia aos Negros, evoca a insurreição dos colonos da América. Em Accra e Pretória, N'Krumah e Werwoerd querem ambos proclamar a Republica, para ter os movimentos mais livres, um para guiar a Africa Negra, o outro para salvar a Africa Branca. Mas Harold MacMillan, que na quinta-feira declarou, no banquete que em sua honra ofereceu o chefe do Governo da Rodésia: «Agrada-me que esta viagem em Africa termine no Cabo da Boa Esperança», aguarda poder manter, apesar de tudo, a unidade daquilo que um locutor distraído, na Nigéria, chamou «Império» na presença do primeiro-ministro, e que o chefe do Governo inglês considera um dos pilares do mundo livre.

Decerto as suas esperanças se baseiam nos laços que se mantiveram palpáveis no decorrer da viagem: o respeito pela rainha e o valor da libra esterlina, a velha fraternidade da escola e a língua comum, os laços da História e do coração. Ora, todos estes laços se afiguram realmente sólidos, pois ainda ninguém saiu da Comunidade Britanica. — (F. P.).

John Rennedy
vê aumentar as possibilidades da sua candidatura à Presidência

ALBUQUERQUE (Novo México), 6. — O senador democrático Lyndon Johnson, anunciou não solicitar do seu partido a nomeação como candidato á Presidência dos Estados Unidos.

Contudo, isto não significa que se retira completamente da luta e, se o Partido Democrático, por unanimidade, lhep edir que seja candidato á Presidência contra Richard Nixon, republicano, aceitaria o encargo.

De qualquer maneira, a sua decisão parece favorecer, para já, o jovem e riquíssimo senador católico de Massachusetts, John Kennedy, que foi um dos primeiros a anunciar que solicitaria a nomeação democrática á Presidência dos Estados Unidos.—(F. P.).

O MUTISMO DE NIXON

LOS ANGELES, 6.—O vice-presidente Richard Nixon, que chegou durante a noite de avião a Los Angeles, declarou que não tinha a certeza de ser escolhido para candidato á Presidência.

Nixon recusou-se a responder a várias perguntas acerca da sua campanha para a nomeação, inclusivamente quanto á sua participação em vários comícios.—(A. N. I.).

APARECERAM destroços e boias do cargueiro «Oneda»

ESTOCOLMO, 6 — Destroços e boias do navio de carga norueguês «Oneda», que tinha 16 homens de tripulação, e do qual não há notícias desde quarta-feira á noite, foram encontrados ao fim da tarde de ontem na região dos bancos de Alma, ao largo do arquipélago de Estocolmo, por aviões e barcos que tomam parte nas pesquisas.

O Báltico tem estado enfurecido e o frio é rigoroso. Receia-se que o «Oneda» fosse apanhado pelos gelos e se afundasse com a tripulação. — (F. P.).

LIBERDADE de informação na Inglaterra

LONDRES, 6. — A Camara dos Comuns resolveu ontem que baixasse, para estudo, a uma comissão parlamentar, um projecto de lei apresentado pela deputada conservadora Margaret Thatcher, que, se vier a ser aprovado, proibirá que os conselhos municipais recusem a admissão dos jornalistas ás suas sessões ordinárias.

Justificando a sua proposta, Margaret Thatcher declarou que, durante a greve dos tipógrafos, no Verão passado, vários conselhos municipais, cujas vereações são dominadas pelo Partido Trabalhista, recusaram a entrada na sala das sessões aos repórteres dos jornais que haviam furado a greve. — (A. N. I.).

A acção de Soustelle
é ainda uma incógnita na política francesa

(Continuação da 1.ª página)

auxiliares do Poder e os representantes da ordem reagiram durante a semana insurreccional de Argel.

Uma vez na posse de todas as informações necessárias, os três ministros, de regresso a Paris, proporiam ao Governo um certo numero de reformas que interessam os seus departamentos respectivos. Estas reformas seriam estudadas em Conselho dos Ministros, receberiam a redacção final e seriam postas em execução mediante despachos.

Estudam-se desde já diversas reformas no plano governamental, principalmente a do Código de Processo Penal, que tende a reprimir as actividades subversivas.

No plano político, prevê-se para hoje uma reunião do grupo parlamentar da U. N. R. (gaullista) que deve escolher novo presidente, em substituição de Louis Terrenoire, novo ministro da Informação.

Ainda no plano da U. N. R., é possível que a comissão disciplinar se reuna hoje para examinar o caso de vários parlamentares, nomeadamente, o de Jacques Soustelle, cuja declaração de ontem é tida pelos observadores como uma «despedida do Gaullismo». — (F. P.).

A REUNIÃO DA U. N. R.

PARIS, 6. — Afinal, só na próxima quarta-feira, á noite, se reunirá em Paris o conselho nacional da União para a Nova Republica. A agenda dos trabalhos ainda não foi anunciada. — (F. P.).

A QUESTÃO DE BIZERTA

PARIS, 6. — A resposta do Governo francês á nota do presidente Bourguiba sobre o problema de Bizerta foi entregue ontem ao chefe de Estado tunisiano, segundo indicam de boa fonte. De origem autorizada, não há qualquer informação acerca do texto, msa consta que a França mostrar-se-ia disposta a entabular negociações com o fim de modificar o dispositivo actual de Bizerta. — (F. P.).

ORTIZ ESTÁ NA BÉLGICA?

BRUXELAS, 6. — Sem qualquer possibilidade de confirmação, consta que Joseph Ortiz, um dos chefes da insurreição de Argel, está na Bélgica. Os círculos da Polícia declaram não ter conhecimento da sua entrada eventual no país. — (F. P.).

JORNAIS CONFISCADOS

ARGEL, 6. — As autoridades argelinas confiscaram, hoje, todos os exemplares das seguintes publicações: «L'Express», «France Observateur», «Temoignage Chretien», «Rivarol» e «Carrefour». — (A. N. I.).

O «Comodoro» abriu ontem ao público

O êxito previsto para o novo e elegante restaurante lisbôeta — o «Comodoro», da Praça D. João da Camara, 20 — confirmou-se logo ontem, com a sua abertura ao publico. Foram numerosas as pessoas que tiveram a oportunidade de felicitar os proprietários e apreciar a excelência da decoração, sem duvida uma das melhores realizações de Lucien Donnat. Com a sobriedade indispensável á criação de um ambiente que é, simultaneamente, másculo e calmo, o novo restaurante tem o aliciante, pouco vulgar, das coisas em que nada sobressai, porque tudo é harmónico.

Além de um serviço impecável — graças á orientação dos proprietários, que são competentes técnicos da especialidade — caracteriza-se o «Comodoro» pela sua excelente cozinha, que rápidamente deve criar reputação invejável pois tem a garantia do nome de dois grandes cozinheiros espanhois, Enrique Lopez Rodriguez e Saturnino Recio Duran, contratados especialmente em Madrid, onde trabalhavam no «Imperador», o primeiro como «chefe» e o segundo como seu colaborador mais directo.

AÇORDA DE SAVEL
FAMOSO PRATO
do Ribatejano de Salvaterra

A produção de mísseis
e a segurança na América tratadas na Comissão Especial e na Casa Branca

WASHINGTON, 6 — O tenente-general Bernard A. Schriever, chefe da pesquisa aérea, declarou que a Russia desenvolverá os seus mísseis no próximo ano, e que os Estados Unidos, por enquanto, nada podem fazer.

Negando que haja qualquer desorientação na questão dos mísseis, apoiou em parte as críticas feitas ao orçamento militar de Eisenhower. Ao falar no Congresso, havia já afirmado:

«A minha opinião é que deviamos ter decidido pôr maior numero de mísseis no nosso programa, mas agora não poderemos ter mais mísseis em 1961». Acrescentou que o período necessário entre a elaboração dos planos e a realização «não o permite».

Enquanto Schriever fazia estas declarações na Comissão Espacial, o presidente tinha uma conferência de 75 minutos com o secretário de Estado, Herter, as entidades superiores da Defesa e os consultores científicos. Um informador da Casa Branca declarou que foram discutidos «assuntos de segurança», mas nada ficou estabelecido.

À reunião assistiram também o subsecretário da Defesa, James Douglas; o general Nathan F. Twining, chefe do Estado-Maior Conjunto das Forças Armadas; Herbert F. York, chefe do Departamento de Pesquisa; dr. George B. Kistiakowsky, consultor científico de Eisenhower; e Gordon Gray, assistente especial do presidente para a segurança nacional. — (A. N. I.).

A UTILIZAÇÃO DAS ARMAS ATÓMICAS NOS PAÍSES ALIADOS

WASHINGTON, 6 — A eventual liberalização da Lei MacMahon, acerca da energia atómica, teria o efeito de aumentar a capacidade de represálias dos Estados Unidos, e ao mesmo tempo melhorar o conjunto do dispositivo de defesa americano. Para muitos observadores qualificados, as declarações do presidente Eisenhower, na quarta-feira, a favor do fornecimento de armas e informações atómicas aos aliados dos Estados Unidos, aplicam-se em primeiro lugar á Inglaterra, e em seguida á Itália e á Turquia. Um dos pontos que preocupam o presidente é o lapso de tempo que poderia decorrer entre a decisão de utilizar os foguetões balísticos instalados em territórios aliados, e a sua utilização propriamente dita. O presidente desejaria reduzir esse lapso de tempo ao mínimo indispensável, eliminando as demoras dequalquer discussão política entre Washington e os países onde as armas estejam instaladas, quando for necessário decidir a utilização efectiva destas. A nova legislação poderia, por exemplo, autorizar o presidente dos Estados Unidos a transferir, em caso de urgência, o domínio dos foguetões para os países em que os referidos projécteis estejam intalados. — (F. Presse).

DOIS ACROBATAS da «pirâmide humana» sofreram uma queda quando actuavam

BARI, 6. — A «piramide humana» dos Bob Jerry, acrobatas russos, fazia ontem o seu numero, como todas as noites, a 20 metros do solo, apresentando aos espectadores atónitos a sua habilidade unica no Mundo, quando dois dos atletas, um homem e uma mulher, perderam o equilíbrio e tombaram. Depois de cairem na rede protectora, demasiado esticada, foram despenhar-se no solo. Uma barra de ferro que a atleta segurava, fugiu-lhe da mão e foi bater na cabeça de uma espectadora. Tanto a acrobata, Ruth Gerich, como a espectadora encontram-se em estado gravissimo. O estado do companheiro da atleta inspira menos cuidado.

Atribuiu-se o desastre, ocorrido na vila de Trani, na Apulia, á humidade que tornou muito escorregadia a corda em que a «piramide humana» fazia as suas evoluções. — (F. P.).

A India retirou-se dos Jogos Olímpicos de Inverno

SQUAW VALLEY, 6. — Em consequência do telegrama enviado de Berna pela Federação Internacional de Ski, a India retirou-se oficialmente dos Jogos Olímpicos de Inverno. — (F. P.).

O «DIARIO DE LISBOA» vende-se em ABRANTES e ALFERRAREDE por intermédio de CASACA & MARTINS.

O PRESIDENTE DA ITÁLIA chegou a Moscovo

MOSCOVO, 6. — O presidente da Republica italiana chegou a esta cidade ás 14 horas locais.

Gronchi, que viaja acompanhado de sua esposa e do ministro dos Negócios Estrangeiros Pella, foi cumprimentado, no aeródromo de Vnukovo, por um grupo importante de individualidades, á frente da qual estavam o presidente do Praesidium, marechal oVrochilov; o chefe do Governo da U. R. S. S., Nikita Kruschtchev; e Aristov, membro do Praesidium.

O marechal Vorochilov havia chegado meia hora antes aquele aeródromo, de regresso da viagem oficial á India e ao Nepal. — (F. P.).

INSTITUTO PARTICULAR DE SAÚDE
Av. Guerra Junqueiro, 14, 1.º, Dt.º — LISBOA — Tels. 728182 e 728183
SERVIÇOS MÉDICOS
Consultas de todas as especialidades, Análises Clínicas, Radiografias, Electrocardiografia, Fisioterapia e Transfusões — Preços de Policlínica
Serviço permanente (dia e noite) de Chamadas ao domicílio

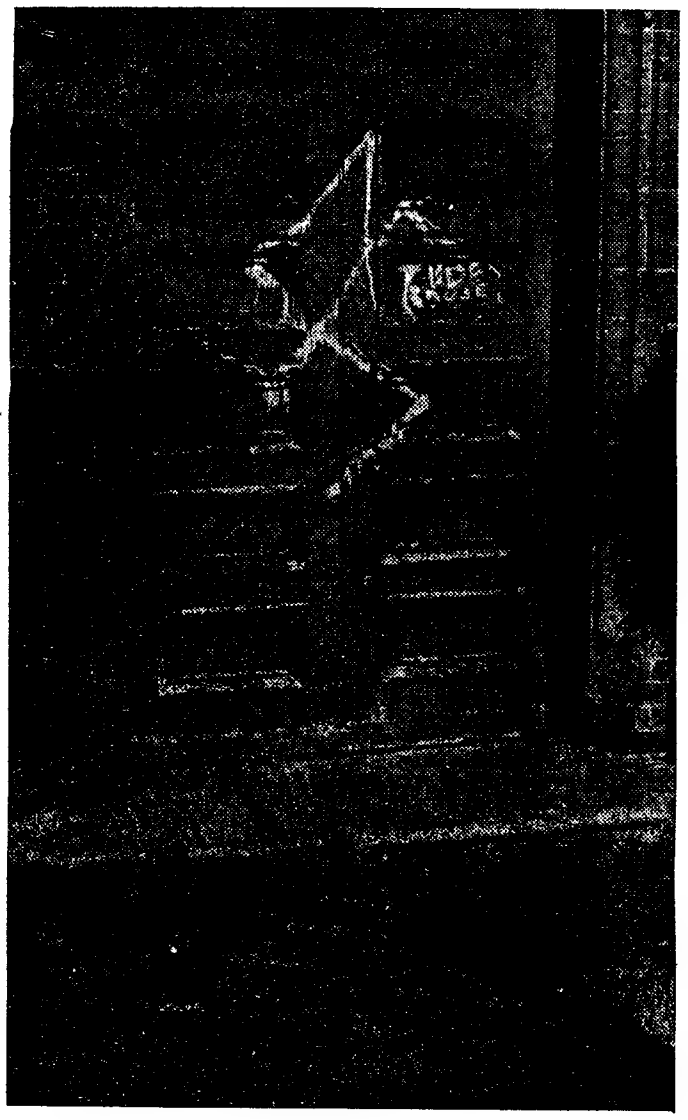
VÁ TODOS OS DIAS AO
Restaurante «Imperial» do Carregado
Prato da casa: «Ensopado de enguias»
Diferente de tudo
Telef. 21

segredo alma do negócio!
NA
EMPRESA PREDIAL NORTENHA
Há Protecção e valorização do s/ capital
COMPRA - VENDA HIPOTECA DE PROPRIEDADES * HIPOTECA S/ AUTOMOVEIS SEGUROS * TRANSACÇÕES RAPIDAS, COLHAM REFERÊNCIAS
PORTO LISBOA
PRAÇA D. JOÃO I, 25-1.º-TELFS. 26706-30181 * PRAÇA DA ALEGRIA, 58-2.º-TELFS. 366812-366731

magazine

Diario de Lisbôa NÚMERO 82 Diario de Lisbôa

A INGLATERRA FOI SACUDIDA HA' DIAS POR UM ASSOMBROSO PESADELO



Suásticas pintadas na capela e no cemitério israelita de Brighton

Crónica de Londres

O RESSURGIMENTO DA SUA'STICA

por LUÍS DE SOUSA REBELO
Professor da Universidade de Londres

Há alguns dias a Inglatera foi sacudida por um assombro de pesadelo, quando, por uma destas frias madrugadas de Inverno, descobriu nos muros das suas cidades e num cemitério israelita, em Brigthon, o símbolo da suástica traçado a cal. Não havia duvida — confirmavam os jornais aos leitores incrédulos — era no próprio solo britanico que ressurgia agora a cruz gamada, que se propagava com «slogans» anti-semitas a uma rapidez incrível por vários e romotos pontos do globo, como uma bravata ou uma brincadeira de mau gosto após uma indigesta chispalhada, aquela megalomania heroica que se apodera de um pacato chefe de família depois de umas fartas canecas de cerveja no «pub» da esquina...

Mas fosse lá por indigestão, dispepsia, ou delírio belicista de uns tantos farçantes a chucharem com a política, o certo é que para muitos o caso se afigurava mais sério e

(Continua na página seguinte)

DE QUEDA EM QUEDA EIS O PARA-QUEDAS

Quarenta metros quadrados de seda, que se desdobram três segundos depois que se toque nos comandos (automáticamente ou á mão) e que permite ao homem descer a uma velocidade média de 6 a 7 metros por segundo — tal é a aeronave chamada pára-quedas, que tem por motor apenas a força de gravidade.

por HENRI BATAILLON

Agrilhoado ao chão como animal rastejante, o homem vive, desde que se conhece, o sonho desmedido de ícaro: Voar; libertar-se do chão: imitar as aves e vencer o medo de cair — considerado o medo primitivo.

De facto, vivendo sobre árvores para se defender dos outros animais, os nossos antepassados deviam sentir-se em permanente risco de cair. Mas hoje o homem não só se desloca para além do seu próprio planeta como de experiência em experiência (e também de queda em queda) criou meios de ele mesmo voar. A noção de pára-quedas é agora familiar a toda a gente e numa breve viagem retrospectiva vamos saber quais foram as etapas que nos levaram até ao seu ultimo aperfeiçoamento — a cadeira injectável.

Os percursores

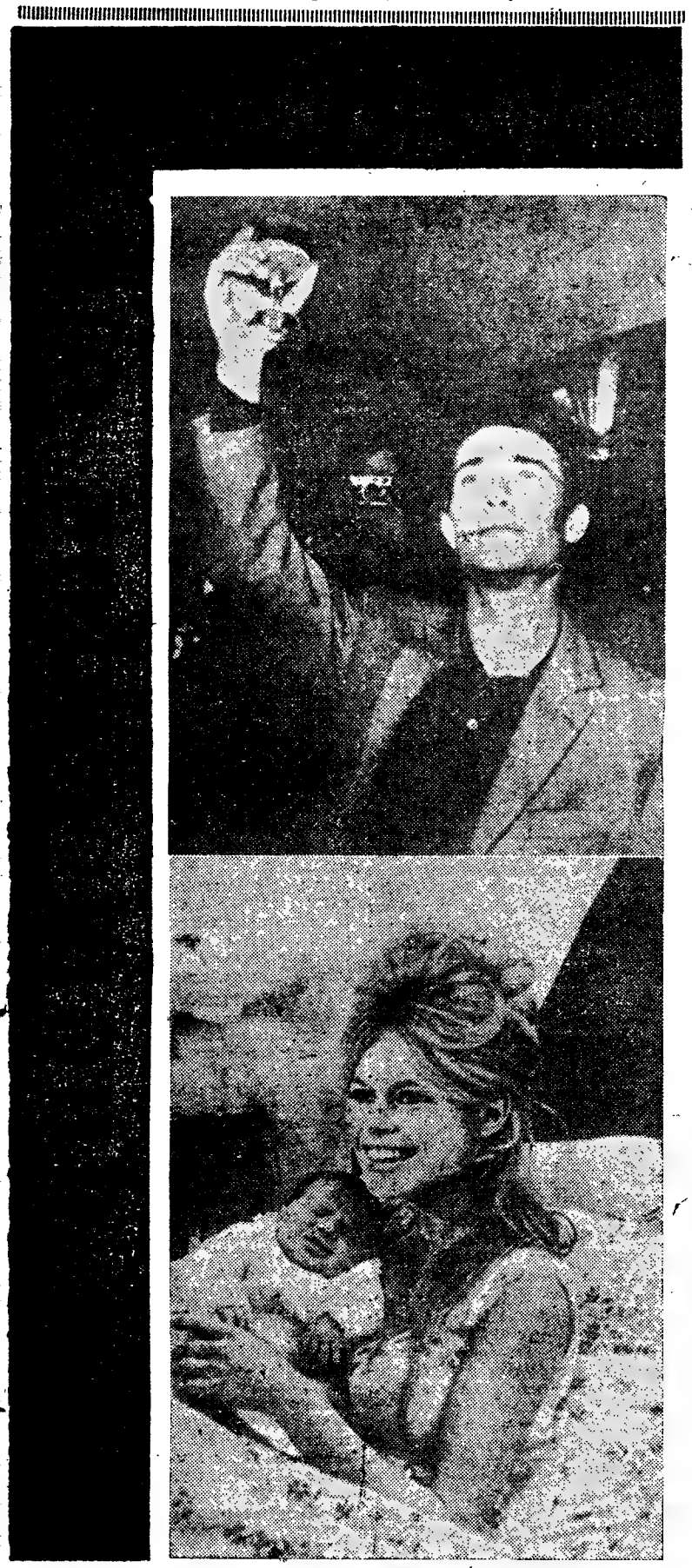
Precisamos de recuar no tempo até ao ano de 2.200 antes de Cristo para encontrarmos indicação sobre o primeiro salto no espaço. Parece que foi um imperador dos Chineses (concerteza que se chamaria Chu qualquer coisa) que, cercado pelas chamas, se lançou de um alto celeiro com a ajuda de dois guarda-sóis de canas. Aliás, os nossos amigos Chineses tiveram sempre muita tendência para as máquinas aéreas: foguetões, aparelhos de voar, com rodas e sem rodas, bichos volantes, etc. Toda a sua história está cheia de descidas amortecidas por guarda-sóis.

Mas foi só no século II que se assinala a descrição de uma queda lenta, na literatura: Foi no «Anjo de Oiro», de Apulee. Lucias transformado em anjo é atirado do alto de um rochedo, mas aterra são e salvo graças a uma tela que se abriu ao vento.

Em 1306, novamente da China, nos vem a indicação de que na coroação do imperador Fo Kieu, «saltadores fizeram uma demonstração muito apreciada na corte».

Mas as coisas tomam aspecto sério apenas com Leonard da Vinci, aí pelo ano de 1.500. Conhece-se o célebre desenho do mestre dos mestres, tantas vezes tem sido reproduzido. É pena que se não conheçam também os seus cálculos e todos os seus planos em porme-

(Continua na página central)



PARA TODOS OS TAMANHOS

Uma casa comercial de West Grove, na Pensilvania (Estados Unidos da América) acaba de fazer uma extraordinária descoberta que vai levar, finalmente, a alegria a um sector dos partidários dedicados do presidente Eisenhower. Em 1953, aquela mesma casa criara, com efeito, um tipo de roseira de pequeno porte a que pusera o nome de «President Eisenhower». Com esta nova planta apenas conseguira contentar aquela massa de admiradores do presidente que dele desejam ter uma imagem portátil, capaz de se satisfazer com um simples vaso, numa varanda ou sacada.

Agora os mais ambiciosos tiveram a sua vez. Estão de parabens. O hortelão apresentou uma nova criação — uma roseira de grande porte, já baptizada «Climbing Eisenhower», que é como quem diz «Eisenhower trepador».

Nada há como o comércio para atar num só ramalhete os paladares mais opostos.

UM DOS GRANDES PROCESSOS ILEGAIS DA HISTÓRIA

A MELHOR HERANÇA E' A SAUDADE

Por AUGUSTO DA COSTA DIAS

1 — OS TESTEMUNHOS DA INFANCIA DE JOANA

HAVENDO verificado, logo no início das suas diligências, as graves falsificações cometidas pelo tribunal especial que tinha condenado Joana d'Arc á pena ultima, na fogueira, dos inquiridores do processo de reabilitação decidiram começar pela terra natal da Donzela a sua longa devassa. Até aos dezassete anos vivera lá; lá continuavam a viver muitos dos que a conheceram na infancia e adolescência — parentes, amigos, conhecidos: que poderiam eles testemunhar do seu porte, das suas ocupações habituais, dos seus folguedos e devoções? Que educação recebera? Alguém, em Domrèmy, se recordava de qualquer pequeno indício revelador da sua futura e extraordinária vocação?

Além disso, os juizes para justificar a sentença, já de antemão feita, tinham-na acusado de práticas de feiticeira. Que género de feitiçaria? Segundo o despacho de pronuncia, Joana afirmava ter ouvido em muitas ocasiões umas vozes quando vinha para debaixo duma árvore da aldeia a que chamavam «árvore das fadas». Eis uma prova da ligação com as potências subversivas do inferno...

Mas não bastava. Os juizes de causas decididas antes do julgamento apontavam-na como rebelde e tal rebeldia — declaravam conscienciosamente os venerandos magistrados — causara graves desgostos aos pais. Má filha, ainda por cima feiticeira e rebelde aos poderes constituídos — eis a herança que uma justiça vendida aos interesses do Estado lançava a débito da memória de Joana. Fora isso que se apurara na devassa ordenada pelo famigerado bispo de Beauvais, Cauchon, devassa que geralmente se julgava não ter sido feita? O promotor de justiça Chapitault, suspeitava que o Cauchon a tinha efectivamente realizado, mas, em face dos resultados pouco favoráveis aos seus intentos, resolvera sepultá-la no esquecimento.

(Continua na 7.ª página)

Crónica de Londres

(Continuação da página anterior.)

ultrapassava os limites de um gracejo vulgar, de um punhado de indivíduos, ou até desses moços desmazelados e hirsutos, de casaquinho justo ás nádegas e calças á faia, que, embora muitas vezes vítimas inocentes dos males nacionais, formam um bom exército de reserva para missões deste género.

Outra vez Notting Hill

A verdade é que, quinze anos depois da guerra, as cidades inglesas ainda não apagaram por completo as cicatrizes da devastação sofrida, e, relativamente ás suas rivais alemãs, onde a destruição foi muito maior, o seu ritmo de reconstrução segue a um passo muito mais lento.

As chagas fecharam, mas são ainda aqui visíveis, com empenas calcinadas no coração da urbe e tapumes que ocultam pudicamente escombros, edifícios desventrados, paredões demolidos, tijolos descarnados e nus, ruínas abandonadas e envoltas no negrume do esquecimento, lares desfeitos com o seu quê de violação, muros onde homens e mulheres amaram e sofreram: cinzas mortas de um passado devoluto...

Aqui as novas estruturas de cimento armado brotam e agigantam-se no meio de uma floresta de velhas fechadas vitorianas escarmentadas pelo tempo, ao passo que, na Alemanha Federal, são cidades novinhas em folha, acolchoadas de conforto e modernismo «up-to-date», de grandes pranchas de vidro e arquitectura funcional, que irrompem do solo como cogumelos, cuja cultura foi pródigamente adubada pelo auxílio financeiro americano. E o contraste fere e magoa o inglês na sua penuria patriótica para quem o desfraldar da suástica veio acordar tristes memórias adormecidas, que o levaram mais longe do que aos retóricos discursos, ao domingo, sob a ramada despida dos olmos de Hyle Park.

Não, não podia aceitar isto como uma grosseria de vandalismo ou uma graçola de elementos irresponsáveis, pois as primeiras suásticas apareceram sintomáticamente em Notting Hill, bairro de Londres, onde se deram, no Verão de 59, graves incidentes raciais, e por cujo círculo eleitoral «sir» Osvaldo Mosley apresenetara, sem êxito, a sua candidatura para deputado. O chefe da «Union Movement» não deixara, porém, de conseguir o apoio entusiástico e ruidoso de um largo grupo de adolescentes, em especial do que aqui se chama os «teenagers», e para o que não devem ter contribuido pouco os seus activos agentes, sempre enquadrados por unidades de partidários fieis. Por outro lado é ainda numa zona convizinha de Notting Hill que está instalado o quartel-general da «Liga de Defesa dos Brancos» («The White Defence League»), onde se pode encontrar uma vasta massa de literatura anti-semita e racista em alemão e inglês, incluindo os dois periódicos editados pela «Liga»: «Black and White News» e «The Nationalist».

Notting Hill é, portanto, desde há algum tempo um centro de tensão, que apresenta condições ideais para a criação de um estado de espírito que só não é inquietante por ser localizável e circunscrito.

Deste modo, apesar de ter havido quem se alarmasse até ao ponto de chegar a falar numa quinta coluna, a opinião publica revelou certa relutancia em atribuir apenas um significado secundário á acção destes inábeis pintores de paredes, e, ainda que solicitasse do Governo uma legislação adequada, para suprimir tais desacatos, reservou o melhor do seu protesto para uma manifestação junto da Embaixada alemã, onde foi acolhida com simpatia por um alto funcionário.

O «Dossier» Negro

Ora esta onda de indgnação sagrada, que levou cerca de 50.000 pessoas a calcorrear as ruas humidas da capital, pela tarde de um domingo, sob bátegas de uma chuva negra e viscosa, á hora a que prefeririam dormir a sua soneca habitual ao canto do borralho, promana das suásticas, que profanaram a sinagoga de Colónia na véspera de Natal e forneceram o rastilho para as girandolas que se lhe seguiram.

A imprensa britanica, logo que teve conhecimento do incidente, mobilizou prontamente alguns dos seus melhores repórteres, arrancando-os ao choco da cama e aos braços de alguma loira ou morena em idílico «week-end» no campo, e deu-lhes ordem de marcha pelo vapor da noite com destino a Ostende e Calais. E assim, durante toda a semana, desencadeou-se, do outro lado da Mancha, um bombardeamento de telegramas, de entrevistas, de revelações sensacionais, que, a despeito das vigorosas palavras proferidas pelo chanceler Adenauer, não trouxeram a paz desejada ao coração dos Londrinos.

A Inglaterra sabe que a Alemanha Federal é hoje uma democracia mantida sob a tutela autoritária do Dr. Adenauer. Sabe que a restauração do País e a sua adesão ao campo democrático foram obra não só da energia e das qualidades do povo germanico, com também da cooperação dos Estados Unidos. Sabe ainda que, integrada no dispositivo militar do Ocidente, a Alemanha de Bonna é hoje sua aliada e que, para cumprir as obrigações que lhe incumbem, será muito em breve autorizada a laborar num domínio industrial que lhe estivera vedado: aviação, tanques e foguetões.

Ela sabe mais. Sabe até que, atentas á importancia sada vez maior que a Alemanha representará para o Ocidente, grandes firmas norte-americanas procuram um vantajoso consórcio de capital com as suas congéneres germanicas. Já lhe falaram de acordos concluídos, ou em vias de negociação, entre a Lockheed e a Heinkel-Messerschmitt (notável na Aeronáutica) entre a General Eletctric, American Motors e a Bayerische Motorenwreke, e ainda entre a Studebaker-Packard e a Daimler-Benzer. E todas estas alianças, que soldam a Alemanha Federal ao bloco ocidental, deveriam tranquilizá-la, dar-lhe o sedativo sossego de uma noite sem sonhos.

Mas, embora ela saiba tudo isto, ou julgasse sabê-lo até há bem poucas horas, os enviados especiais da sua imprensa, os «men on the spot», vieram perturbá-la profundamente. Segundo muitos a juventude alemã não tem uma ideia clara dos males causados pelo Nacional Socialismo e das suas graves responsabilidades na guerra. Jovens há que remetem á conta de pura propaganda dos Aliados a existência dos campos de concentração e das atrocidades que se lhe imputam. Outros ignoram o exterminio de seis milhões de judeus e que presentemente a colónia judaica está reduzida a trinta mil almas na Alemanha Federal, minoria que mal justifica os sinais de anti-semitismo registados.

Ora a que se deve atribuir esta ignorancia dos factos, já por mais de uma vez denunciada por alguns periódicos alemães? A imprensa britanica é concorde em incriminar a escola, acusando os compêndios de História de serem demasiado omissos e expeditivos, quando tratam da Segunda Grande Guerra. Vai depois muito mais longe, e nota que os quadros docentes estão preenchidos em grande parte por adeptos do Regime vencido, e manifesta-se apreensiva quanto á sua influência actual sobre a mocidade. Não deixa de referir, no entanto, a presença de professores democráticos, mas frisa que são em numero inferior ao daqueles.

Fazendo ainda um incursão pelo Judiciário, os jornais citaram dados estatísticos, já depois corrigidos pelo Ministério da Justiça, segundo os quais, dos 1.800 juizes da Alemanha Federal, 297 tinham sido membros do Partido Nazi, 43 dos quais com categoria superior a Oberlandesgerichtsrat, e 12 dos 101 procuradores gerais tinham sido membros das SS. Haveria, assim, cerca de 600 magistrados em exercícios com uma folha de largos serviços prestados ao Hitlerismo. Por outro lado mais de 2.000 oficiais da «Bundeswhn» teriam ganho os seus galões em unidades da S. S.

Perante este «dossier» negro, houve quem observasse que o passado deveria ser olvidado, pois de outro modo seria muito difícil prover os quadros do funcionalismo publico. Demais a mais os processos de desnazificação continuavam e os tribunais da Alemanha Federal não hesitavam em reconsiderar nova informação que lhe fosse comunicada.

Todavia, o maior protesto da opinião publica britanica é dirigido contra os antigos nazis, que ocupam lugares proeminentes no aparelho de Estado, e contra a falta de uma reeducação democrática.

Ele visa inda certos factos isolados, como a entrega de uma grande parte da fortuna de Goering á viuva e a desproporção das pensões pagas pelo Estado aos antigos combatentes (115 milhões de libras) e ás vítimas do Nacional Socialismo (4 milhões e meio). Ao mesmo tempo insurgem-se outros contra a libertação do grande industrial Krupp, que, apesar das declarações em contrário de Ernest Bevin (1946) e «Sir» Anthony Eden (1952), não viu a fortuna confiscada e se encontra á testa da sua companhia majestática.

Aqui, porém, só por lapso ou ignorancia dos acontecimentos se pode censurar a Ademanha de Bonna, que procedeu de acordo com as autoridades ocidentais.

A Inglaterra tende, por vezes, a esquecer que a Alemanha Federal é uma democracia, o que naturalmente comporta os seus riscos e permite liberdade de expressão á «Associação dos Antigos Combatentes», ao «Partido Nacional» — que nem sequer tem um representante no Parlamento — e a associações estudantis de extrema direita, agrupamentos todos eles de formação neo-nazi, Ao abrigo da liberdade de expressão a sua existência parece justificada e os Britanicos não se deveriam surpreender, nem pedir talvez a sua supressão.

Mas a opinião publica inglesa ficou sobressaltada e passou a um estado de vigilancia, receando que, do outro lado do Reno, se gere um clima mental propício a um ressurgimento do antigo militarismo. Passada a tormenta, talvez compreenda que o chanceler Adenauer continua a ser o guardião zeloso das instituições democráticas e que, embora ciente dos privilégios que elas concedem, ele não hesita em agir contra extremismos perigosos, como o provam a dissolução do Partido Comunista e de organizações das vítimas do Nacional Socialismo, em que farejou infiltrações esquerdistas.

LUIS DE SOUSA REBELO

la Embaixada alemã em Londres.

LIVROS DO BRASIL

apresentam

Do inesquecível

ALBERT CAMUS

OS POSSESSOS

peça de teatro inspirada no romance do mesmo nome, de Dostoievski

De Ernesto Grassi

ARTE e MITO

De Dashiell Hammett

O HOMEM SOMBRA

Como era a medicina na Idade Média

POR

ALFREDO BRÁS

A Idade Média, pelo menos no que concerne á medicina, foi uma época de decadência e de estagnação. Os conhecimentos de anatomia e de fisiologia da Antiguidade, a própria arte do diagnóstico tão cara ao grande Hipocrates, tudo foi esquecido.

Durante os sete primeiros séculos — do ano 400 até ao ano 1.100 — o que restava de saber humano abrigou-se por detrás dos espessos muros dos conventos e, á falta de um corpo médico organizado, sómente os monges eram capazes de dar alguma assistência clínica (?) a quem para esse fim os procurava. Mas enquanto os Gregos já ensinavam, a partir de Hipocrates, que a doença é um fenómeno tão natural como qualquer outro, os monges, voltando a concepções mais remotas, consideram-na como um castigo divino ou, pelo menos, como uma prova a suportar com resignação. As preces substituem em grande parte os medicamentos e encontram-se santos patronos para todas as enfermidades e mesmo para todas as funções dos órgãos.

A medicina conventual, embora muitíssimo rudimentar, era ainda o menor dos males, porquanto bastantes vocações devem ter surgido entre os monges e alguma coisa haveria de aproveitável nos tratamentos empíricos desse tempo. O pior seria a completa falta de assistência e certas reacções de dirigentes da Igreja colocavam a humanidade ante esse perigo. S. Bernardo, fundador da Ordem de Cister, interditou aos seus monges o estudo dos livros de medicina e chegou mesmo a proibi-los de se medicarem; em caso de doença, afirmava o Santo, o unico remédio eficaz é a prece. Segundo as suas próprias palavras, «é contrário á religião consultar médicos, ou tomar medicamentos». Felizmente que esta interdição não se estendeu a outras Ordens.

O papa Inocêncio III, receando que a actividade médica levasse o clero a descurar os seus deveres espirituais, fez reunir um concílio, em 1139, para proibir os sacerdotes de receitar medicamentos. Alexandre III, trinta anos mais tarde, viu-se forçado a proibir novamente o clero de assistir a conferências médicas, o que demonstra a pouca eficácia da primeira determinação papal. Um compromisso finalmente aceite pela autoridade pontifical, acabou por permitir ao clero a distribuição de medicamentos, vedando-lhe, no entanto, rigorosamente, toda a prática cirurgica.

Como não podia deixar de ser a terapêutica dessa época reservava aos medicamentos um lugar bem secundário. Maior importancia era dada ás preces, aos exorcismos e ás exposições de relíquias. Também a imposição das mãos reais era um conceituadíssimo tratamento, mas sómente reservado a duas doenças: a epilepsia e as escrófulas.

Mas da alta chama das antigas civilizações algumas chispas ainda restavam. Salerno, pequena cidade italiana situada perto de Nápoles, tornara-se o centro de convívio de alguns raros espíritos cultivados e ali veio a fundar-se, no decurso do século IX, uma importante escola laica de medicina, aberta aos homens de todas as nacionalidades e até mesmo ás mulheres. Célebre em todo o Mundo, bastava que um jovem médico atestasse ter frequentado a famosa Escola para depressa estabelecer uma reputação.

Cabe á Escola de Salerno a honra de ter conseguido que, para garantia da saude publica, todo o médico fosse obrigado a possuir um diploma oficial. Um decreto publicado em 1140 e assinado por Rogério II estabelecia que:

«...toda a pessoa que pretenda exercer a medicina deverá apresentar-se diante dos nossos juízes, a fim de ser examinada sobre as matérias aprendidas. Se o candidato for julgado muito temerário, sofrerá pena de prisão e os seus bens serão confiscados. O presente decreto tem o fim de defender os nossos subditos dos riscos consequentes da ignorancia dos médicos».

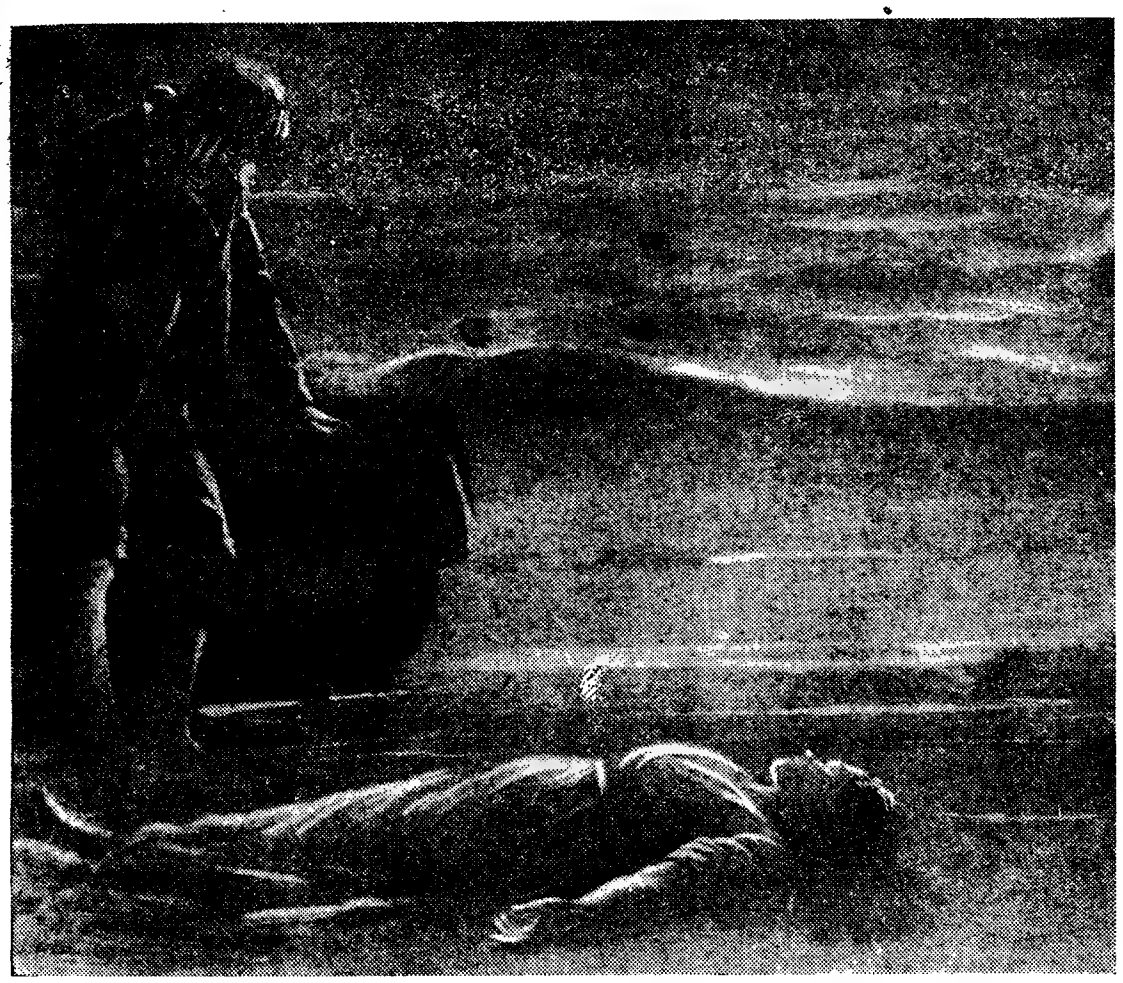
Estava assim dado o primeiro passo no sentido da organização de um corpo clínico instruido e responsável.

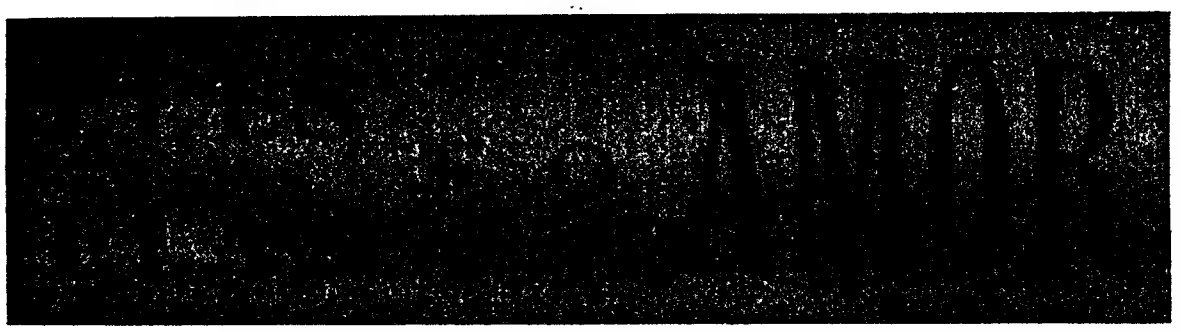
A Escola de Salerno não só ministrava conhecimentos uteis sob o ponto de vista da ciência médica, como ainda preceitos referentes á prática da medicina. O extracto que vai seguir-se é tirado da obra intitulada «Adventu Medici», escrita por Archimathée, professor da Escola de Salerno, no ano de 1140:

«Se tu és chamado para junto de um doente, recomenda-te a Deus e ao anjo que conduziu Tobias. Durante o trajecto, empenha-te em interrogar o mensageiro. Deste modo, se tu não descobres nada no pulso ou na urina do doente, conseguirás, pelo menos, impressioná-lo e ganhar a sua confiança graças ao teu conhecimento do seu estado. Logo que chegues, perguntarás aos amigos do doente se ele se confessou, porque se fizeres a pergunta depois de o teres examinado, assustá-lo-ás. Em seguida, assentar-te-ás, beberás o que te ofereçam, louvarás a beleza da paisagem e também a da casa, se houver motivo para isso. Na falta desse motivo, podes louvar as liberalidades da família.

Depois, tomarás o pulso do doente, tendo em atenção que a tua visita pode ter provocado a sua aceleração; a menos que por causa da sua avareza, o paciente não esteja inquieto com os honorários que terá de pagar-te... Não te apresses a emitir uma opinião; os amigos do doente ficar-te-ão mais reconhe-

(Continua na página seguinte)





PAULO E VIRGINIA

Bem perto das áreas ventosas do Oceano Índico, na paz dum vale solitário, viviam duas mulheres que o acaso e à infelicidade tornaram amigas.

Uma era a senhora La Tour, jovem viuva, deserdada pela família por ter casado com um homem a quem amava embora não pertences-se á sua classe. A outra era uma pequena bretã seduzida por um oficial que a bandonou logo que ficou grávida. Ambas se refugiaram ali para encontrar o esquecimento e a paz, nesta ilha quase deserta mas farta, onde, ajudados por um casal de escravos, cultivavam a terra fértil e dela tiravam o pouco que precisavam para as suas necessidades.

Cada uma delas tinha uma criança. Paulo era o filho da Bretã; Virgínia, a filha da senhora La Tour.

A bondade do clima, a riqueza do solo, onde o algodão, o café, as tamaras, o milho e os mais variados produtos da terra se multiplicavam tornaram a vida daquela pequena colónia feliz.

As mães entendiam-se bem. As duas crianças adoravam-se. Desde a infancia partilhavam o mesmo berço, banhavam-se na mesma fonte clara, e a presença de uma era o bastante para alegrar a outra. Partilhavam entre si tanto as distracções como os seus modestos trabalhos. Flores, frutos, aves, enchiam os seus dias sempre iguais, modestos e felizes. Cada mãe pensava que tinha dois filhos; cada filho julgava que tinha duas mães.

* * *

Cresceram e enquanto Paulo se tornava um belo jovem, hábil nos exercícios do corpo e na sede de cultura. Virgínia tornava-se uma linda rapariga, cheia de encantos caseiros. Bons, um e outro, prontos a socorrer toda a gente que deles precisava, amados por todos, creoulos e negros, não sentiam as necessidades da civilização, e eram assim felizes.

Foi então que Virgínia, até ali doce e amável começou a manifestar a Paulo uma certa friesa. Chorava sem motivo, ria sem razão. Ela própria não compreendia o motivo do seu comportamento. Paulo sentia-se magoado com aquela atitude que não sabia explicar e era em vão que fazia apelos a si próprio para encontrar os motivos de queixa da que continuava a chamar irmã. Como podiam eles compreender, corações inocentes um e outro, que aquilo que sentiam eram as primeiras inquietações do amor que perturbavam e alterava o humor e o coração de Virgínia?...

As mães, mais conscientes, compreendiam-no, mas hesitavam em os casar, ainda tão jovens.

Foi nessa altura que o governador da ilha que até ali se não tinha preocupado com aquela pobre família, veio visitá-los á sua modesta vivenda.

Era portador dum saco de piastras e de uma carta de uma velha tia da senhora La Tour. Pedia para voltar para junto da família em Paris, ou, então, mandar Virgínia que seria ricamente dotada.

Primeiro, a senhora La Tour recusou, mas depois de várias tentativas do governador e apesar do desespero da filha e de Paulo que não queriam separar-se decidiu que Virgínia embarcasse como era desejo da família.

Como foi possível a esta mãe tão atenciosa e compreensiva obrigar Virgínia totalmente inexperiente, a partir para o seio duma família cuja falta de bondade e de coração ela própria tinha a dolorosa experiência? A verdade é que tudo se consumou e quase de forma rude. Paulo, doido de desespero não podia admitir a partida. Virgínia, sufocada em lágrimas submete-se, dolorosamente. Mas no meio da sua grande dor Virgínia pede-lhe qualquer coisa que ele possuisse: uma pequena miniatura com o seu retrato e jura-lhe que regressará um dia para ser dele.

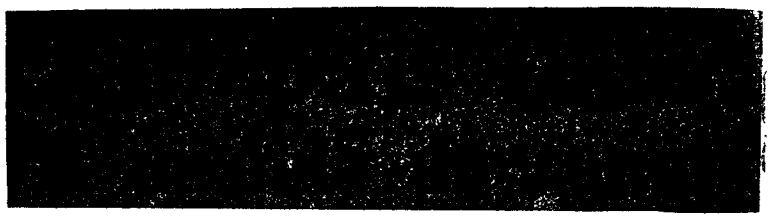
Passaram meses de dor. Em Paris a pobre Virgínia foi quase enclausurada e nem sequer pôde dar notícias suas. Paulo, como doido, passa os dias a imaginar a forma de a recuperar.

Ao fim de dois anos chega finalmente carta. A antipática tia expulsa Virgínia nas mesmas condições que sua mãe: deserdada. Virgínia está louca de contentamento por regressar aos seus e Paulo julga não resistir a tanta alegria.

Corre ao porto para acolher o barco. Mas uma terrível tempestade se levanta. Se bem que o barco se mantenha a pouca distancia não pode, no entanto acostar. As vagas e o vento desmantelam-no, furiosamente.

Num instante Paulo distingue a silhueta de Virgínia. Deita-se á água mas as vagas contrariam-no. Virgínia descobre-o nas ondas. Entusiasma-se de medo e de amor e lança-se ao seu encontro. Um marinheiro negro tenta salvá-la, procurando arrancar-lhe os vestidos, mas ela aperta a roupa nas mãos contra o corpo e prefere morrer a deixar-se despir. Uma vaga envolve-a para sempre enquanto o navio se afunda totalmente.

Quando no dia seguinte o mar arrostou á praia o seu corpo, Virgínia segurava ainda na mão o retrato de Paulo que não pôde sobreviver á sua bem amada, deixando-se morrer também.



Para os Americanos o Panamá é um canal; para os Franceses é um escândalo. O Panamá é, igualmente, uma Republica, a mais curiosa e estranha das Republicas.

O Estado do Panamá data de 1903. Foi criado pelas pessoas que vieram construir o canal e controlá-lo. Panamá é o nome de uma cidade fundada em 1519 por um Espanhol na costa do Pacífico. Antes da existência do canal havia uma estrada pavimentada ligando os dois oceanos, hoje totalmente invadida pela selva. A região fazia parte da antiga colónia espanhola Nova Granada que mais tarde se tornou a Colúmbia. Em 1903 ainda o Panamá era columbiano.

Durante muito tempo se pensou em ligar o Pacífico ao Atlantico, a fim de evitar que os navios tivessem de contornar o Cabo Horn. Os mais audaciosos foram mal sucedidos em resultado do célebre escândalo do Panamá. Por interesses fáceis de ver, os Americanos decidiram que o canal fosse construido e lançaram mãos á obra. Negociaram com o Governo colombiano um tratado que lhe cedesse uma larga zona de terreno, mas o Senado deste país rejeita por considerar a pretensão atentatória dos seus direitos de soberania. Foi então que dois homens chamaram a si a resolução do problema: o presidente Theodoro Roosevelt e um aventureiro francês chamado Burneau-Varilla. O presidente diria mais tarde: «Se tivesse ficado preso aos métodos tradicionais, submeteria o assunto ao Congresso num solene documento de muitas páginas e o debate ainda hoje duraria. Assim, não. Tomei a zona do canal e deixei o Congresso discutir. Enquanto a discussão continua, o canal constroi-se».

Simultaneamente, o Francês adiantava ao general local 100.000 dólares, e um cruzador chegava ás paragens opondo-se á chegada de reforços columbianos, três dias mais tarde os Estados Unidos reconheciam o novo Estado do Panamá e, em nome deste novo Estado, Burneau-Varilla assinava em 18 de Novembro um tratado, cedendo aos Estados Unidos uma «zona do Canal» com a largura de 10 milhas.

Um País quase desconhecido

A Republica do Panamá tem 84.000 quilómetros quadrados, dos quais 50.000 estão ainda por explorar. E' sete vezes mais pequena que a França. Não é possível saber o numero exacto dos seus habitantes. Meio milhão, calculam alguns. O motivo é que nada se

por HENRI BATAILLON

conhece dessas terras equatoriais onde a humidade dá origem a uma vegetação extraordinária. Dizia um viajante que ali se sente nitidamente a natureza esmagadora ainda no estado primitivo, contida pelo homem mas não vencida por ele.

Nesta selva cortada pelo Canal, rodeada por montanhas que se elevam até aos 3.500 metros. vivem homens completamente nus. Ao lado de 80.000 brancos e outros tantos negros, uns ao serviço do Canal e outros por sua causa, há cerca de 400.000 indios ou mestiços, miseráveis, atrasados e quase completamente desconhecidos.

O país é, no entanto, rico. Descobriram-se importantes jazigos de carvão, ferro, manganês, bauxite. Mas tudo está por explorar. A própria agricultura está abandonada aos seus métodos quase pre-históricos. As bananas são o unico produto agrícola de exportação. E' também a unica alimentação da maioria dos habitantes.

Toda a vida económica se baseia no Canal e nas actividades afins. Nas rendas pagas pela Administração americana (350.000 dólares por ano), nos investimentos privados americanos (150 milhões de dólares), nas dádivas e nos empréstimos sempre americanos. A soberania americana exerce-se sobre os 40.000 habitantes da zona do Canal mas, claro, que também se faz sentir fora dela, particularmente nas cidades de Panamá e

(Continua na 6.ª página)

Como era a medicina *na Idade Média*

(Continuação da pág. anterior)

cidos se tiverem de aguardar as tuas conclusões. Afirma ao doente que o curarás com a ajuda de Deus, mas vai dizendo aos parentes que o caso é dos mais graves.

Não dirijas olhares de concupiscência á mulher, á filha ou á criada do doente, porque isso cega os olhos do médico, priva-o da assistência divina e perturba a tranquilidade do doente».

Segue-se uma dissertação sobre o tratamento de diversas doenças bastante banais, e instruções sobre um assunto que o principiante costuma achar muito difícil: a apresentação da conta. Como se vai ver, o assunto é tratado com bastante tacto:

«Quando o paciente estiver quase restabelecido, dirige-te ao chefe da família ou ao mais próximo parente do doente, e diz-lhe: — O Senhor Todo-Poderoso dignou-se curar, por nosso intermédio, aquele que me pedisteis para tratar. Nós rogaremos a Deus para que o conserve de boa saude. Dignai-vos permitir que nos retiremos agora com honra. Se um outro membro da vossa família desejar a nossa ajuda, acorreremos a servi-lo, dada a grata recordação que teremos das. nossas relações convosco».

Alguns escritos de medicina de Salerno, de data mais recente, deixam pensar que deve ter-se dado um certo relaxamento na ética da classe médica. Vejamos o «De Cantelis Medici» (Conselhos aos médicos):

«Quando visites um doente, esforça-te por encontrar sempre algo de novo, para que não se diga que à tua ciência é meramente livresca.

Se por infelicidade o paciente já estiver morto quando tu chegares e te perguntarem porque viestes, dirás que previas o seu fim para essa noite, mas que desejavas saber a hora do seu falecimento».

Mas não ficam por aqui os conselhos «táticos» ministrados na referida escola. Um outro escritor mostra pouca discrição profissional ao dar aos principiantes o seguinte conselho, utilizável no caso do paciente se mostrar pouco inclinado a regular as contas:

«Fá-lo tomar alumen, em lugar de sal, na sua alimentação, e não tardará em cobrir-se de erupções»...

Na altura em que o prestígio da Escola de Salerno começava a declinar, Montpellier tornou-se o centro europeu da ciência médica. Na relação dos mais ilustres professores desta afamada escola encontra-se o nome do médico português Arnaldo de Vilanova, que chegou a ser médico do papa Bonifácio VIII e, acusado de ter feito um pacto com o Diabo, acabou por ver os seus livros queimados na praça publica.

Depois de Montpellier, foram as Universidades de Bolonha, Pádua e Paris os mais célebres centros da incipiente medicina medieval. Mas foi necessário atingir o Renascimento para que a ciência médica atingisse um plano mais satisfatório.

A impotência da medicina medieval tornou-se bem notória durante as graves epidemias e, particularmente, durante a chamada Peste Negra, de 1347, que, segundo afirma H. G. Wells, «andou mais perto de extinguir a humanidade do que qualquer outro cataclismo anterior».

Calcula-se que, sómente na Europa, apesar do baixo índice demográfico dessa época, teriam morrido vinte e cinco milhões de pessoas.

Mas o assunto da peste é tão importante e esclarece-nos de tal modo sobre a ciência e os costumes da Idade Média, que convém tratá-lo mais desenvolvidamente num próximo artigo.

ALFREDO BRÁS

AVICENA

Percursor da medicina e o mais que adiante se verá

Diz-se frequentemente «muçulmanos» quando se quer dizer «árabes». Ora a verdade é que os árabes representam apenas uma minoria no mundo muçulmano que compreende tanto indianos como malaios, turcos, soviéticos e até mesmo negros da África Central e Ocidental, ao todo cerca de quatrocentos milhões de seres humanos de todas as raças.

Nas primeiras cartas da geografia histórica figuram algumas populações «nómadas» ou «árabes» que ocupavam a península que se tornou depois a Arábia. Mas nem os Gregos nem os Romanos nem mesmo os cristãos chegaram a penetrar profundamente nesse país que, ainda no século V da era de Cristo, era povoado por tribos ligadas, nominalmente, ao reino persa dos Sassanidas.

A palavra «árabe» designava, então, mais uma comunidade de língua e de costumes do que propriamente uma raça. Os etnólogos distinguiam hoje o tipo «chamite» o «mediterranico» e o «arménico» (este ultimo de nariz aquilino e de cabelos negros e ondulados, traços que atribuimos geralmente aos árabes). Mas a língua, a religião e a cultura destes povos da Arábia foram-se estendendo ao povos vizinhos e, além da Arábia Saudita os Estados que hoje se chamam árabes são muitos: Iemen, Irak, Síria, Líbano, Jordania, Egipto, Líbia, Sudão, Tunísia, Argélia e Marrocos. Politicamente todos são independentes salvo a Argélia.

O nascimento da religião muçulmana

Por volta do século VI da nossa era, no momento em que o poder dos reis Sassanidas atingia o apogeu, o conquistador Choroés fundou a cidade de Madaïn, mais tarde Bagdad. Foi ali que floriu toda a civilização árabe. A escola de Madaïn reuniu num todo as várias noções científicas recolhidas na Grécia, Palestina, Pérsia e no imenso reino da India onde a astronomia e os métodos de cálculo eram já muito avançados.

De Meca, importante centro comercial, partiam, então, duas vezes por ano, caravanas que iam procurar no Iemen pedras preciosas, sedas e especiarias vindas da India e da China. Entre os condutores de camelos encontrava-se o jovem órfão, antes pastor, depois criado e esposo de uma viuva rica chamado Mohamet. Diz a lenda que aos quarenta anos, num dos seus retiros de meditação perto de Meca, um anjo lhe teria aparecido dizendo-lhe que Allah, o Deus unico, o escolhera para pregador da nova Fé, fé muçulmana que pedia para os árabes e para aqueles que os seguissem a herança espiritual de Abraham — liquidação das castas e das raças, respeito pela pessoa humana e desprezo pelo dinheiro.

Do extremo Indico ao Atlantico

Num século a religião criada por Mohamet propagou-se através da Pérsia, Ásia Menor, Egipto, África do Norte, Espanha e parte da França. O árabe, língua do Islão, foi para os Muçulmanos o mesmo que o latim para os cristãos na Europa. Do século VIII ao século XVII um brilhante período se abriu para os extensos territórios que iam desde o Ouzbekistão até á Espanha, onde á glória de Allah, se ergueram esplêndidas mesquitas como as do Cairo, Tunes, Argel e principalmente a «Koutonbia» de Marraquexe.

O que nos deu o mundo árabe

Foram os Arabes que nos deram os numeros de que nos servimos (vindos da India pela Arábia) e ensinaram-nos o emprego de álgebra e da tábua de logaritmos.

Foram os astrónomos árabes que estabeleceram as tábuas de longitude e de latitude. Foi o geógrafo árabe Al Idrisi, nascido em Ceuta, quem publicou em 1154 a primeira geografia completa da Terra intitulada «Distracção para quem quiser percorrer a Terra».

E' também sabido que não chegaríamos a conhecer a filosofia de Aristóteles se um letrado árabe «Averrois» não tivesse consagrado a sua vida a salvar a obra do grande pensador grego. E foi outro árabe, «Ibn Khaldoun», originário da Tunisia, quem estudou nos seus «Prolegómenos» os diferentes usos dos povos do seu tempo.

E quem não se lembra de «A lampada maravilhosa de Aladino» e do «Ali-Baba e os quarenta ladrões»?. As «Mil e uma noites», são também uma admirável colectanea de contos árabes, como admiráveis são as suas epopeias (gazida) e o seu teatro recitativo (gissa).

Está cada vez mais provado que eram os Árabes quem na Idade Média dispunha da melhor técnica. Navegavam com bussolas, dispunham de meios avançados de irrigação e as suas industrias de seda, algodão, vidro e de papel eram muito prósperas. Eram grandes arquitectos, escultores e engenheiros e é admirável de beleza e de bom gosto o arranjo decorativo das suas casas de mil figuras geométricas, de cores brilhantes, verdadeiras obras-primas de engenhosidade e beleza.

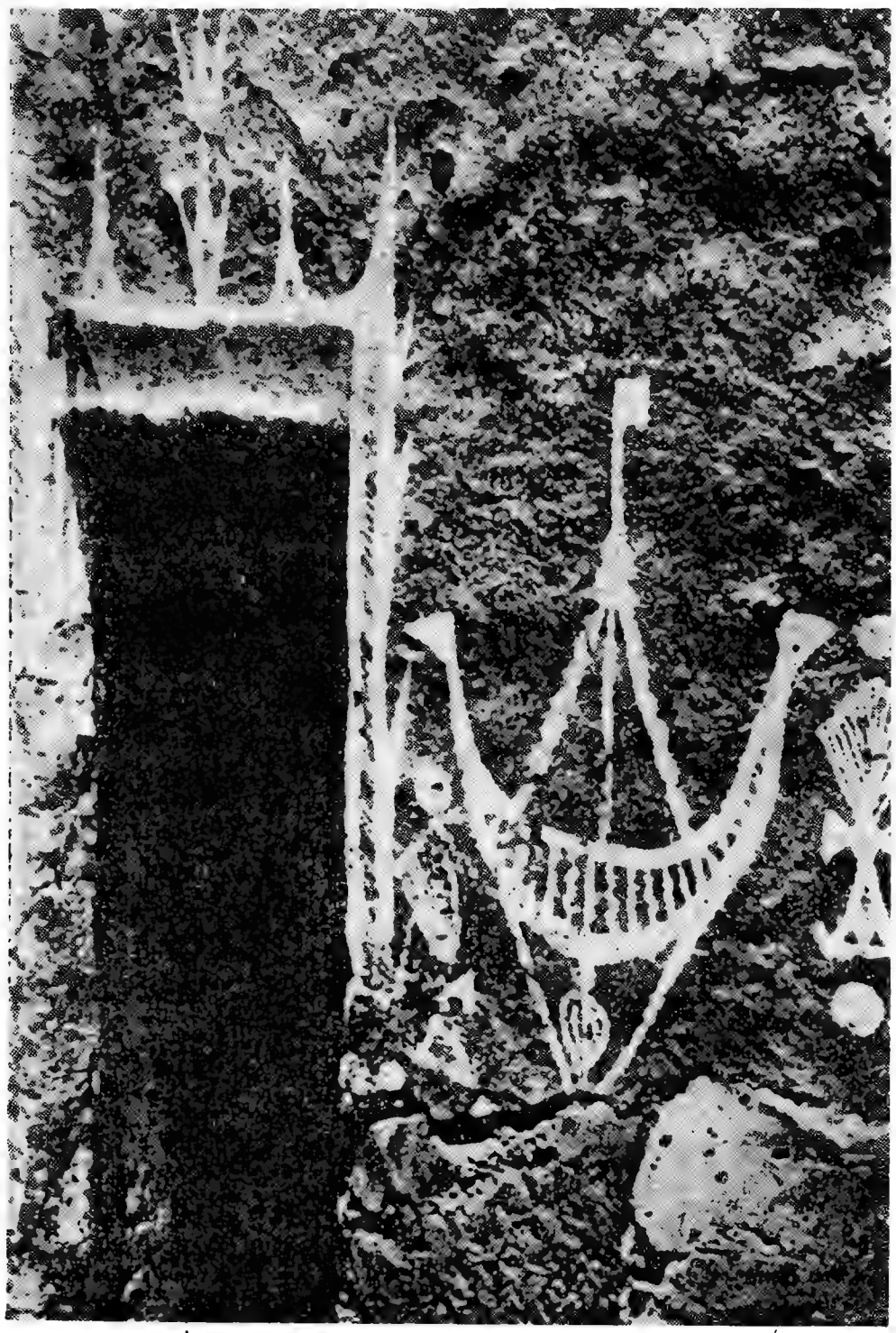
Média

Mas, principalmente, foram os Árabes que deram á Humanidade o seu maior escritor da Idade Média:

Quando os ultimos descendentes de Carlo Magno reinavam ainda em França nasceu uma criança na cidade árabe de Boukara, a quem haviam de dar o nome, depois tornado célebre, de Avicena, o maior médico da Idade Média. O seu «canon da Medicina» traduzido em todas as línguas foi o livro-chave de todos os praticantes do Oriente e da Europa até mesmo ao fim do século XVII. Era nele que se estudava a anatomia a fisiologia e a cirurgia; e nele vinham indicadas as principais doenças e os seus remédios. Deve-se a Avicena, especialmente, a primeira descrição exacta dos musculos dos olhos, a análise das causas e dos sintomas da meningite, das ulceras, da pleuresia, etc.

Génio universal, Avicena escreveu também tratados de musica, obras de filosofia, descrições romanceadas como «Haï, filho de Yakzan» que tiveram uma grande influência na literatura árabe.

Acontece, porém, que as suas opiniões de que o mundo material era eterno não concordavam lá muito bem com os preceitos do Corão e a sua «Enciclopédia Filosófica» parece que foi mandada queimar na praça publica de Bagdad por ordens do Califa... Até nisso foi um precursor.



TAL COMO N

A solidaríssima divisa que ligou até á mort
por um» — foi a razão porque a célebre novela
na Televisão Francesa, Claude Barma, á frente de
8 camaras, pôs de pé, entusiásticamente, durante 2
na noite do Natal. Por razões que lhe foram estra
dia e todo o seu esforço ficou nos bastidores. Be
esperança vã de ver e ouvir os fierois de tantas ger
«tal como ninguém os viu nem ouviu» nessa noite.

Ciência e téc

Sangue humano em conserva

Os laboratórios americanos Linde anunciam a descoberta dum processo que permite conservar durante três anos o sangue humano destinado ás transfusões. Os recipientes são mergulhados em azoto líquido a 200° abaixo de zero.

Onde nascem as estrelas

O astrónomo soviético Parinski mediu a temperatura — 10.000° centígrados — duma nebulose gasosa próxima do centro da nona Galaxia. Essa massa de matéria, composta, sobretudo, de hidrogénio ionizado — contem, segundo ele, várias estrelas em vias de formação.

Conquista do espaço

A aviação americana anuncia a construção do «Dyna Soar» engenho pilotado que será primeiramente colocado em órbita de satelização a 500 quilómetros de altitude e que se transformará, depois, em avião para atingir o solo pelos seus próprios meios.

Uma vacina

No Instituto Doutor Giron tracoma, o qu contra esse te rosos cegos n

Acaba cl

Foi apresent trónica médic mente sensíve numa mãe gr coração de do o exame radio nos casos do tendência é ev curso aos raio gémeos entrav te mundo.

Na p

Diz o médi mtsky que se segundos uma

Usted diz-me se é aqui a corrida de to

Análises instantâneas dos minerais

O geólogo Pionkonski construiu um aparelho que permite determinar instantaneamente o teor dum mineral sem que seja necessário enviar amostras ao laboratório. O seu funcionamento é baseado nas propriedades magnéticas das rochas.

L COMO NINGUÉM OS VIU

que ligou até á morte os fiéis mosqueteiros da Rainha — «Um por todos, todos
orque a célebre novela de Alexandre Dumas não chegou a ser vista nem ouvida
de Barma, á frente de mais de 60 figurantes, utilizando 3 estudios da Televisão e
iásticamente, durante 25 dias de trabalho árduo, uma cuidada versão para televisionar
es que lhe foram estranhas o pessoal da Radiodifusão Francesa esteve em greve nesse
cou nos bastidores. Bem quiseram as crianças francesas ligar os seus aparelhos na
os herois de tantas gerações. Contentemo-nos em vê-los agora nas páginas dos jornais
em ouviu» nessa noite.

De queda em queda eis o pára-quedas

(Continuação da 1.ª página)

nor. É provável mesmo que tivesse feito experiências, mas não há nenhum documento que o prove. No seiscentos e cinco anos depois aparece em Veneza uma obra, «Machinae Novae», de Venanzio, que recomendava o emprego de um aparelho da sua invenção para transformar o homem em «Homo Volans».

Em 1617 Cervantes, em «Persilés» conta que uma jovem se tinha precipitado do alto de uma torre mas que se aguentou no ar, descendo suavemente, porque os vestidos se encheram de vento. É curioso que Cervantes explique o fenómeno, em vez de o considerar um milagre como seria de esperar nesse tempo.

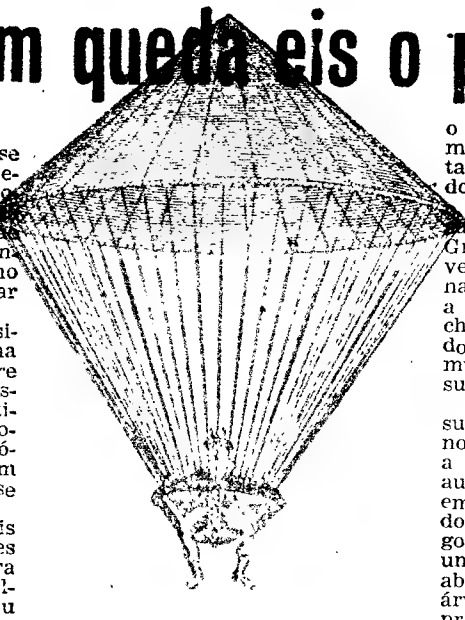
Foi em 1639 que se deu depois um passo muito importante. Des Maretz não era um sábio mas era um autor muito lido, um «best-seller» da época. Foi ele que chamou a atenção para a queda amortecida.

O seu heroi, prisioneiro numa alta fortaleza, teve primeiro a ideia de fugir por meio de uma corda; mas, reparando que os ventos eram muito fortes, abandonou o seu primeiro projecto e decidiu lançar-se no espaço, utilizando as roupas da cama, atadas nas pontas e ligadas á volta do corpo. A experiência foi inteiramente bem sucedida, pelo menos no romance, e desde então outros escritores passaram a utilizar o mesmo providencial recurso para salvar os seus herois em situações parecidas.

Em 1687 um tal La Loubére que foi mandado pelo rei de França até ao Sião conta como os saltimbancos se lançavam de varas muito altas e se sustentavam com guarda-sóis. Mas parece que não viu, apenas lhe contaram.

Uma das belas antecipações sobre este atraente assunto foi a de Robert Paltock, que no seu romance «As Aventuras de Pierre Wilkins», descreve, em 1750, um fato de voo que apresenta uma certa analogia com a combinação de voo que Valentin o «Homem Pássaro», devia criar 200 anos mais tarde.

Mas agora os acontecimentos precipitam-se. Desforges, depois de ter encomendado umas asas para o seu aparelho volante passa, em 1772, ás experiências práticas lançando em Avignon um carneiro num cesto preso a um guarda-sol.



Reparai que até agora não foi empregada ainda a palavra «pára-quedas». É que o homem que inventou o objecto criou também o neologismo: Foi ele, Louis-Sébastien Lenormand, nascido em Montpellier em 1757. Parece que não teve conhecimento dos desenhos de Leonard da Vinci, nem dos textos de Venanzio, mas, concertezo, leu La Loubére, pois há um exemplar do livro «Reino do Sião», anotado pelo seu punho. Talvez tivesse também assistido ao lançamento de animais em Avignon, em 1771, por saltimbancos (um foguete para a partida e um guarda-sol para descer). De qualquer modo o que se sabe é que no dia 26 de Dezembro de 1783 atirou-se de cima de uma árvore do seu jardim agarrado a um pedaço de madeira que tinha em cada extremidade um guarda-sol. A experiência foi concludente, mas não ficou secreta como ele desejava, pois foi observada por um vizinho, que a comunicou a um tal Bertholou membro de uma academia qualquer. Este procurou o inventor para lhe propor uma exibição publica, que ele aceitou e teve lugar alguns dias mais tarde. Do alto do terraço do observatório de Montpellier foram lançados com o aparelho construido por Lenormand, primeiro pesos, a seguir um gato e depois um cão. Repetiram-se as descidas e todas elas — 26 metros — resultaram bem. Montgolfier, que se deslocou propositadamente para assistir á demonstração, declara-se muito interessado e felicita calorosamente... Bertholon.

Lenormand, pensa sobretudo em construir um outro aparelho que aguente um homem e não se apercebe que Bertholon chama a si o benefício da invenção, pensando ser mais proveitoso ligar-se a Montgolfier que ao obscuro inventor. Mais tarde haviam de disputar a primazia do invento. Vítima de uma escroqueria Lenormand acabou por ser reabilitado e mais tarde os seus admiradores chegam a afirmar que no dia 29 de Dezembro de 1783 foi ele quem saltou do observatório de Montpellier. Há mesmo uma gravura onde ele aparece suspenso num pára-quedas... mas não o pára-quedas que ele desenhou

Os aperfeiçoamentos

A ideia, claro, que agradou aos aeronautas. Desde 1785 que Blanchard faz experiências de pára-quedas lançando, de um balão, cães e outras cargas. Mas a primeira descida de um homem por esse meio, a partir de um balão, realiza-a Garnerin que teve a preocupação de abrir uma chaminé no alto do pára-quedas para evitar as oscilações. Nessa altura o salto em pára-quedas era também o numero obrigatório em todas as manifestações de aerostática e eram, particularmente, mulheres que se arriscavam a lançar-se, embora os acidentes mortais fossem muito frequentes.

Em 1837, o inglês Cocking inventa um novo pára-quedas de construção diferente, isto é, com o cone para baixo, a fim de obter maior estabilidade. A ideia era justa mas os cálculos estavam errados e o inventor morreu na experiência. O dirigível-pára-quedas que não resulta lá muito bem. Em 1874 De Groof imagina o pára-quedas-dirigível ainda mais complicado e morre na primeira experiência. Em 1912, a 6 de Fevereiro o austríaco Reichelt estampa-se no chão ao saltar do primeiro andar da Torre Eiffel, munido de um fato pára-quedas da sua invenção.

Mas é nesta data que a aviação substitui a aerostática. É em 1912, no dia 1.º de Maio, que teve lugar a primeira descida com abertura automática a partir de um avião em Saint-Louis, nos Estados Unidos. Depois é altura do francês Pégoud, que a 16 de Agosto salta de um avião a 200 metros. O aparelho abre, mas ele morre contra uma árvore. No mesmo ano aparece a primeira mulher que se dedica a pára-quedista: madame Cayat de Castella.

Depois é a guerra. No princípio não havia pára-quedistas, mas em 1918 podemos assinalar o primeiro salvamento de um avião sem governo: Foi o alemão Steinbreicher quem foi o feliz beneficiário.

Em 1919 assiste-se á primeira abertura retardada: O americano Irvin salta de 600 metros e só abre riência, quando saltava a 1.000 metros de altura.

Em 1852 François Letur construiu a 200. Foi um verdadeiro sucesso.

Em 1929 na Ucrania, deu-se o primeiro salto de todo um regimento equipado com armas. Tinha nascido uma nova táctica de guerra, táctica aliás já preconizada por

(Continua na pág. seguinte)

e técnica da vida

Uma vacina contra o tracoma

No Instituto Pasteur de Tunes, o Doutor Girond identificou o virus da tracoma, o que torna possível a vacina contra esse terrível mal que faz numerosos cegos nos países mediterranicos.

Acabaram os gémeos clandestinos

Foi apresentada á conferência de electrónica médica, um aparelho extremamente sensível que permite distinguir numa mãe grávida os movimentos de coração de dois gémeos evitando assim o exame radiológico até agora utilizado nos casos duvidosos. Como se sabe a tendência é evitar o mais possível o recurso aos raios X e por isso muitos dos gémeos entravam clandestinamente neste mundo.

Na pista do cancro

Diz o médico soviético Doutor Obormtsky que se mergulharmos durante 10 segundos uma proveta com plasma sanguínea em água a ferver e a solução duplicar isso será indicação da existência eventual dum cancro.

Para medir os tremores da Lua

O instituto de tecnologia de Califórnia já encomendou sismógrafos especiais que se destinam a auscultar o solo lunar.

É necessário pensar nisso

Os novos programas franceses dos estudos médicos terão em grande conta as relações humanas. Dão um lugar importante á psicologia, especialmente no que diz respeito ás relações entre doentes e médicos.

Medidas completas

A comissão americana de Energia proibiu a venda de relógios luminosos contendo o estroncia 90 por ser perigoso e radioactivo. Espera-se agora que proiba também as explosões termonucleares...

Dois milhões de anos de vida da Terra

Por meio duma operação a que deram o nome de «Mohole» esperam os técnicos conseguir furar 5000 metros no fundo do mar; isto é, atingirão 10 quilómetros abaixo da superfície do Oceano.

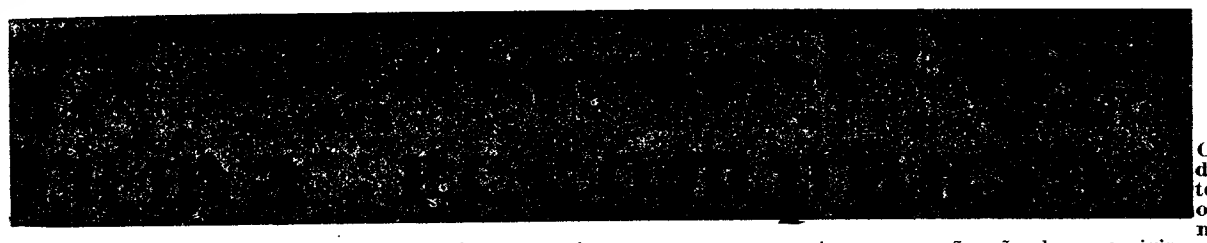
A investigação tem muito interesse. Talvez consigam descobrir, primeiramente, sob a camada de sedimentos submarinos o aspecto do nosso planeta quando das primeiras eras geológicas. Descendo mais abaixo, recolherão amostras de rochas que testemunharão a história da Terra durante dois milhões de anos. Talvez mesmo, caso cheguem á pirosfera, onde a temperatura aumenta bruscamente, descobrirão o mistério do nosso nascimento.

Os «exploradores» esperam igualmente elucidar o problema do aparecimento da vida á superfície da Terra. Até agora, de facto, só apareceram fósseis com dois milhões de anos. Tudo que diz respeito ao primeiro milhão continua desconhecido. O projecto «Mohole» poderá assim alterar as teorias dos geólogos e dos paleotologistas.

i a corrida de toiros ?

O falso e o verdadeiro

DUM LADO: a rainha da França, chamada «A Austriaca» que morreu com 38 anos. Este retrato é de Mme. Vigée-Lebrun — DO OUTRO: Nancy Gruld em «Magia Negra», que interpretou a figura dessa jovem rainha



Porque é que a criança, hoje, vai á escola muito cedo? Talvez porque a vida moderna se complicou tanto que o lar, por si só, é incapaz de transmitir a educação de que necessita; já vai longe o tempo em que a mãe ensinava as primeiras letras; e o menino quando entrava na escola já sabia ler e escrever, mal ou bem. A vida complexa dos nossos dias não permite que o lar seja a primeira oficina onde a criança aprende os primórdios da vida civilizada — as mamãs estão por demais ocupadas e o dia não tem mais de vinte e quatro horas... As leituras tornaram-se impossíveis e a mamã nem sempre está *á la page*.

Ora, precisamente por tanta ocupação que a arrasta para longe do filho pequenino, a mãe tem a solução de metê-lo na escola a partir dos três anos, ou mesmo mais cedo, se o menino está preparado para satisfazer, sózinho, certas necessidades.

Mas esta entrada nem sempre se pode considerar triunfal. E sempre por culpa dos pais que o ameaçaram muita vez: «vou meter-te na escola», «depois vais ver se podes ser teimoso»... ou outras ameaças de semelhante mau gosto. O primeiro dia de escola é, quase sempre, um dia célebre, de lágrimas, de birras. O menino largou as saias da mãe com grande custo, com grande custo entrou na sala; não quis sentar-se, não quis falar, não quis brincar, empurrou ou bateu no companheiro gentil que o quis atrair para a brincadeira. Uma verdadeira tragédia de que os adultos, e só eles, são os culpados. Em casa, a tragédia, muitas vezes, continua: o menino não quis comer os doces do costume, está triste e abatido, chupa no dedo com toda a energia — numa palavra, o menino sente-se intranquilo, infeliz. Sente que a mãe se pretendeu, muito simplesmente, desenvencilhar dele, por razões que desconhece; começa a julgar que é demais em casa, que não voltará, etc.

Tudo isto, contudo, se pode e deve evitar.

Primeiro, a escola deve ser apresentada, ao menino, como uma recompensa e nunca um castigo. Se apesar disso, o menino se sente retraido, teimoso em aceitar tal recompensa porque se sente desconfiado, nada mais fácil do que comprar qualquer brinquedo que entregará na escola, para que lho dêem. Deste modo, as professoras não surgem como carrascas ou pessoas estranhas, mas seres generosos e amigos. Só por excepção, este processo não dará resultado. E acabam-se as lágrimas e os receios, as birras e as teimosias. Depois, cabe ainda aos pais e á mãe em especial, procurar conseguir que o menino desabafe os seus receios, alivie o pequenino coração assustado; não insistir para que coma o pequeno almoço do costume; porque o estômago só contém amargura, apreensão, está cheinho, não comporta mais nada. E se o menino vomita, lá vai ele mais mal disposto que antes.

E não será difícil convidar outros meninos da mesma escola para o lanche; dar-se-lhe-á, assim, a ideia de que os meninos são amigos, podem falar da escola, continuar os jogos que lá aprenderam, ir juntos no dia seguinte. De mão dada com o seu novo amigo, o menino sente-se mais em segurança. E sobretudo, dar-lhe a ideia de que ir á escola é um prémio que ele mereceu, uma quase promoção na sua curta vida.

Não tarda que a «senhora» passe a ser uma personagem importante, a quem obedece naturalmente e cuja autoridade invoca, a cada momento, em casa: a «senhora» não quer assim, a «senhora» não gosta assado... As relações entre ambos tornam-se agradáveis, espontaneas.

Nesta fase, a criança gosta de falar mas também de escutar histórias. E repete-as mais tarde, ao voltar a casa. Os ouvidos fazem agora, mais do que os olhos. Traça riscos, letras ou algarismos, como se se servisse da linguagem. Também as mãos tomam uma importancia especial para o menino: conta pelos dedos, muito naturalmente porque os dedos lhe dão a ideia de numero. Também outra coisa que a mãe não deve corrigir em casa, mesmo que esse hábito fique até muito tarde. Nunca permitir que os métodos de casa entrem em conflito com os da escola. A criança terá que optar por um e os pais poderão não levar a melhor — é vulgar, nestas primeiras idades, teimar que as professoras é que têm razão. Mesmo que a criança esteja errada, a sua educação não pode ser feita de rigorismo; os erros também ajudam a aprendizagem; fazem parte da vida.

Muitas crianças sentem-se atrafdas pela professora de uma forma absoluta; obedecemlhe, procuram fazer em casa o que ela indicou na escola, querem levar-lhe flores Não é raro, infelizmente, ouvir a mãe recalcitrar: «Não tens nada que levar flores á senhora». Esta mãe nem sabe a dor que provocou no pequenino coração delicado. Levar flores á professora seria para o menino, de grande importancia, tal o papel que a professora passou a desempenhar na sua vida afectiva. Tenho uma filha de quatro anos, a quem aconteceu o mesmo: levar flores á professora, representava, para ela, uma das maiores felicidades. E não havia flor bravia que não colhesse para a «madame». Só perante a minha promessa de lhe arranjar outras mais capazes, a convencia a deitá-las fora. Esse hábito ficou; e, em paga, ela pedia á «madame» para colher, na cerca do colégio, alguns pobres malmequeres selvagens que me trazia como — possívelmente— recompensa. Isto mostra como ela se sentia reconhecida com a minha compreensão por aquela amizade entre aluna e professora.

A criança sente necessidade do amor da professora; mas prefere uma professora que saiba ser camarada, desportiva, que seja mulher de acção. Muitas vezes, a criança procura que a professora se pareça com a mãe, a necessidade de carinho e compreensão estendem-se á escola. E se encontra este carinho e esta compreensão, então sim, a escola parece-lhe uma recompensa.

MARIA HELENA DA COSTA DIAS

Um país feito à medida do canal

(Continuação da 3.ª página)

Colon onde no Natal de 1948 se deram desordens com os estudantes panamianos, na altura em que o seu Parlamento rejeitou por unanimidade um acordo já assinado pelo seu Governo para arrendamento por 99 anos de bases no seu território. David lançou a pedra a Golias, mas apenas uma pedra, e Golias embora vexado, não prestou demasiada atenção.

Um canal militar

No mesmo dia em que os navegadores e conquistadores espanhois descobriram o istmo do Panamá, surgiu a ideia de atravessá-lo com um canal. O imperador Carlos V mandou efectuar estudos que concluiram pela impossibilidade técnica da empresa. Depois de vários projectos abandonados, as Cortes retomaram a ideia em 1814, data em que o Império espanhol se desmantelava.

Em 1823, os Estados Unidos, baseados na doutrina de Monroe, pensam num canal que reforçasse o seu poder político e militar. Os Europeus pensavam mais num canal que fosse um instrumento económico de importancia para o comércio mundial, com passagem livre e internacionalizado. As discussões anglo-americanas duraram todo o século XIX e foram os Franceses que, encorajados pelo êxito do Canal do Suez, começam os trabalhos. Em 1879, depois de vários congressos de Geografia consagrados á questão do Panamá, é definitivamente escolhido o traçado do Canal e criada a Companhia Universo, sob a presidência de Lesseps, apesar dos seus 74 anos.

O primeiro orçamento eleva-se a 1.174 milhões de francos da época, dos quais só metade eram destinados a juros e despesas de financiamento. O Governo francês não participa directamente mas autoriza um empréstimo privado. Lesseps esperava obter 400 milhões e só consegue 30, e, perante o fracasso, a Companhia Universal transforma-se numa autêntica companhia de publicidade destinada a obter dinheiro.

Havia no Panamá um pequeno caminho de ferro de uma sociedade americana. Esta resolve subitamente apresentar um documento legal que lhe dava direitos contra a Companhia Universal.

As acções daquela sociedade não valiam mais de 100 dólares, mas a Companhia Universal pagava-as a 250.

Surge depois outra contrariedade de grande monta: os mosquitos. A maior parte dos brancos morria depois de alguns meses de trabalho. Contavam-se em média 40 mortos por dia, devidos á febre amarela entre o pessoal europeu. A população local, imunizada contra a febre, não tinha nenhuma experiência deste trabalho gigantesco e o rendimento era fraco. Em 1886, foi necessário manter no local 40.000 habitantes das Antilhas para poder contar com uma mão-de-obra de 15.000 pessoas por dia.

Durante algum tempo conseguiu a Companhia ir arranjando dinheiro, mas a Imprensa começou a protestar, a que a Companhia respondia com evasivas.

O Governo francês interveio e dá a sua garantia a um grande empréstimo que foi mal sucedido e a 5 de Fevereiro de 1889 o tribunal do Sena dissolve a Companhia Universal do Canal Interoceanico.

Rebenta o escândalo. Accionistas e obrigacionistas furiosos pedem o dinheiro. Uma comissão de inquérito é nomeada pelo Parlamento, o que deu em resultado o suicídio de um dirigente da Companhia e a condenação de Lesseps e de um antigo ministro a 5 anos de prisão.

A Legião de Honra é nessa altura retirada a muita gente.

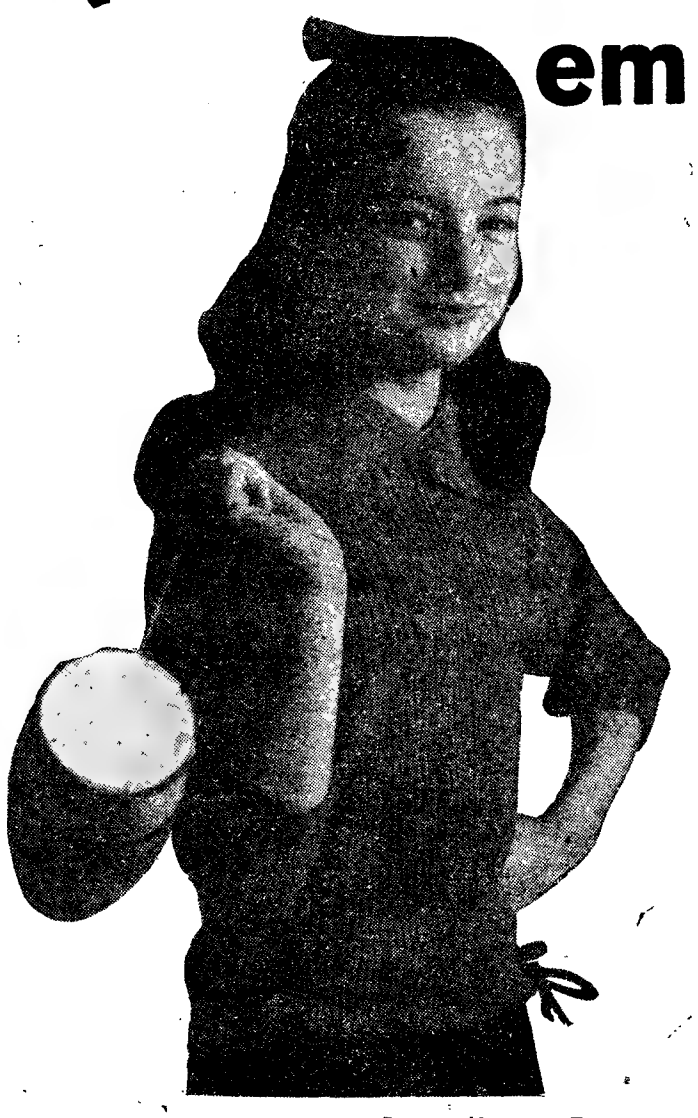
Os Estados Unidos retomam o negócio em 1903 da forma que vimos. Dispunham de meios financeiros imensos; a empresa era estadual; e haviam agora meios mais desenvolvidos na defesa da febre amarela e dos mosquitos. Além disso, o novo canal seria de eclusas e não como Lesseps idealizara: um canal do mesmo nível, mais prático mas irrealizável naquele caso, dado o desnível dos oceanos.

A mão-de-obra estava também organizada de forma original. Havia a «força de oiro», composta de 5.000 Americanos altamente pagos e gozando de numerosas vantagens; depois, havia a «força de prata», composta de 40.000 homens, especialmente homens da Jamaica, e também da Espanha, Grécia, França e Itália. A primeira era paga em dólares e as outras na moeda local.

O Canal foi aberto em 15 de Agosto de 1914 no momento em que explodia na Europa a guerra. A administração da zona era militar e continua a sê-lo. Estão ali concentrados 25.000 soldados abrigados em fortificações. Mas o Governo americano está permanentetemente preocupado com as sabotagens e por isso os Estados Unidos desde o fim da guerra que pensam em abrir novo canal, sem eclusas, quer no próprio Panamá, quer na Nicarágua.

As tarifas são baixas, os navios de guerra americanos não pagam, como não pagam os navios do Panamá. Mas o Panamá não tinha marinha mercante... Agora sim, agora tem uma das maiores do Mundo, pois os armadores americanos, para fugir ás portagens, registaram os seus navios na «grande» Republica do Panamá.

Quando ela pensa em malhas...



claro que é na

BUSCH

simples ou super-automática que está pensando.

Como todas as Donas de Casa portuguesas, também ela ficou rendida com as passagens de modelos executados na máquina de tricotar BUSCH.

Que beleza e que economia!

Consulte os Representantes

AGÊNCIA COMERCIAL SUECA, LDA.

Avenida Fontes Pereira de Melo, 45

De queda em queda eis o pára-quedas

(Continuação da página anterior)

um francês, o comandante Evrard que quis lançar tropas por ar numa cidade ocupada pelo inimigo, em 1913.

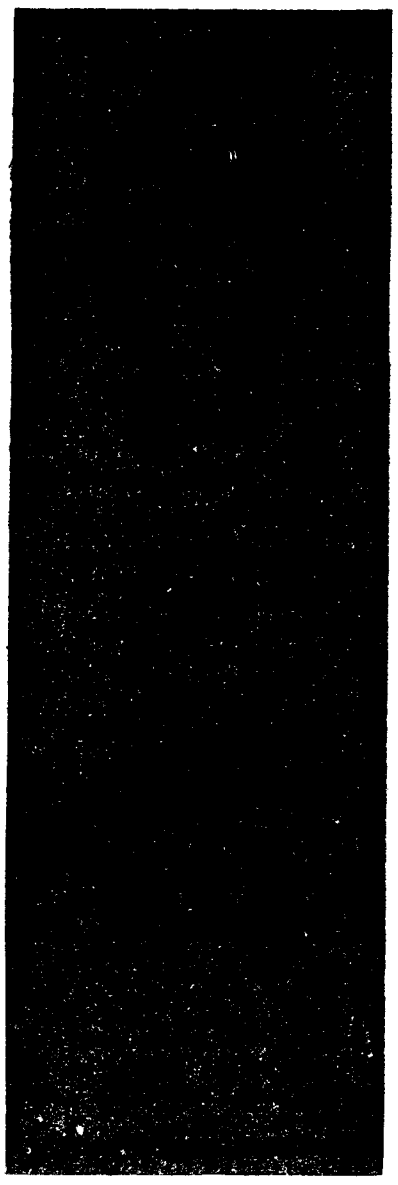
Começam desde então as grandes proezas de queda livre e hoje é o salto injectável que está na moda.

O primeiro ensaio teve lugar a 26 de Junho de 1946; o inglês Bernard Lynch saltou a 500 á hora. Quatro dias mais tarde um piloto sueco foi salvo pela sua cadeira injectável quando se deu uma colisão em voo. Em 1955, o primeiro salto á velocidade supersónica (1280 kms.-h. de 2200 metros de altitude), foi realizado pelo americano Smith.

E para terminar falemos da injecção á altitude zero. Julga-se de um modo geral que o primeiro ensaio com manequim de uma cadeira injectável á altitude de zero, data de Março de 1955 (seguido pouco depois no próprio homem por Fifield a 23 de Agosto de 1955).

Não é verdade. A primeira experiência com manequim (80 quilos) teve lugar em Villacoublar, a 27 de Dezembro de... 1912. A honra pertence ao barão austríaco Odkolek, que injectou o seu manequim de uma viatura de corrida a grande velocidade. O pára-quedas abriu-se e o manequim aterrou nas melhores condições possíveis.

Foi necessário esperar quarenta anos para se reinventar a mesma coisa.



A MELHOR HERANÇA É' A SAUDADE

(Continuação da 1.ª página)

O inquérito na terra natal de Joana era, pois, o primeiro imperativo que se punha aos novos juízes: ir á raiz da história, lá ao mais fundo onde mergulhara, e, daí, partir, no tempo, de testemunha em testemunha, em cumprimento de uma espantosa romaria em que, aos poucos e poucos, se iria erguendo, traço após traço, o retrato verdadeiro da heroína. Que melhor herança pode deixar alguém do que a sua memória saudosa?

«Joaninha—declara João Moreau, padrinho da Menina e primeiro depoente nesta viva galeria dos que a conheceram — Joaninha foi, desde tenra idade, convenientemente criada na fé e bons costumes e de tal modo que quase todos os habitantes de Domrèmy a amavam. Era de honesta conversa, como o pode ser menina da sua condição, pois os pais não eram ricos bastante; e na sua juventude, até que deixou o lar de seu pai, trabalhava com a charrua e guardava por vezes, o gado, no campo; e fazia tarefas de mulher, fiar e tudo o mais.»

Eis, vindo das profundezas do tempo, o primeiro esboço em corpo inteiro: menina modesta, formada na escola das virtudes camponesas — dum lado o trabalho constante, do outro as devoções tradicionais:

«Quando os pais a julgavam a pegar na rua ou nos campos, ela ia muitas vezes á igreja e ao eremitério de Nossa Senhora de Bermont» — recorda a testemunha.

O cura de Roucessey corroborou a afirmação:

«Muitas vezes ouvi dizer messire Guilherme Front, em vida pároco de Domrèmy, que Joana, dita a Donzela, era uma boa e simples menina, piedosa, bem educada, temente a Deus como outra não havia na aldeia.»

Os demais sacerdotes acorrem para completar o retrato da mocinha «boa e simples».

E os companheiros da meninice — camaradas de folguedos? Que disseram Hanviette, a sua amiga inseparaável e Simonin Musnier e Colin? Sabiam alguma coisa da célebre «árvore das fadas»?

«Fui criado com Joana, a Donzela — declara Simonin — casa pegada com a casa de seu pai. Sei que era boa, simples, piedosa, temente a Deus e aos santos (...) E quanto a essa árvore que chamam a «árvore» das Damas, ao que sempre ouvi dizer, ás que em língua vulgar, chamam «fadas», iam, outrora, lá, ao que se conta, mas nunca eu nela vi qualquer sinal de espírito mau. Eu próprio, na meninice, estive debaixo dessa árvore com Joana e outros, no Domingo de «Fontaines», a brincar e passear como o fazem as demais meninas e rapazes do sítio...»

E Hauviette diz:

«Essa árvore chama-se desde os tempos antigos a árvore das «Damas» e conta-nos que outrora as damas que se chamam fadas iam lá; contudo nunca ouvi dizer que alguém visse uma. As raparigas e rapazes da aldeia tinham por costume ir a essa árvore e á fonte de Rains, no domingo de «Laetare Jerusalém» que chamavam de «Fontaine» e levavam pão consigo.

Estive com Joana, a Donzela, que era minha companheira, e com outras mocinhas e moços na árvore das Fadas, no domingo de «Fontaines». Lá, comiamos, dançávamos, brincávamos.

Não soube da partida de Joaninha; por causa disso muito chorei, pois amava-a muito pela sua gentileza, e era a sua companheira...».

Mengette, outra amiga de infância, dirá o mesmo. O retrato da heroína toma vulto. Não com os favores da lenda, lá nesse exílio intemporal, onde os seres perdem a cor humana, mas no dia-a-dia vivo. Levavam pão para debaixo da árvore tutelar; e sob a sua copa cantavam as velhas modas, ali mesmo entoadas por gerações que se submergiam na noite dos tempos; e ao som das árias simples, dançavam; e brincavam; e comiam... Hábitos de todo o mundo, que irmanam o passado e o presente e fazem correr, como sangue nas veias, o amor da terra em que se trabalha, se sofre e se é feliz.

Os testemunhos dos aldeões de Domrémy prosseguem. De velhos e de novos. De parentes. De amigos. De simples conhecidos. Recordam uma vida comum. Depõem sem oratórias. Não sabem latim. Mas sabem que os fidalgos são hervas daninhas que não enraizam. Assim se voltam, como os cataventos, para onde melhor sopra.

Miguel Lebuin, camarada e confidente de Joana, vem trazer um depoimento precioso. Sim, lembra-se do interrogatório do bispo Cauchon.

«Quando Joana foi presa — diz — vi um tal Nicolau Bailly d'Audelot, que veio com muitos outros a Domrémy e, a pedido de messire João de Torcenay, então bailio de Chaumont, em nome do chamado rei de França e de Inglaterra, fez uma devassa sobre a reputação e os costumes de Joana, ao que se contava; e ao que me parece não se atrevia a forçar alguém a jurar, por medo dos de Vacouleurs (fieis ao partido nacional). Creio que João Bégot, desta cidade, foi perguntado, pois eles aboletaram-se na sua casa. Creio também que, fazendo esta devassa, nada encontraram de mal no que respeita a Joana. E não sei mais nada».

Mas sabia-o um outro João Moreau (não o padrinho de Joana, seu homónimo):

«Sei apenas — afirma — que no momento em que Joana estava em Ruão e se fazia um processo contra ela, alguém importante do país da Lorena veio a Ruão; como eu era do mesmo sítio, dei-me a conhecer; e ele disse-me que vinha da Lorena e que fora a Ruão por ter sido especialmente encarregado de tirar informações na terra de Joana, para averiguar da sua reputação; o que ele fizera; e que levara ao bispo de Beauvais as suas informações, crendo obter compensação pelo seu trabalho e despesas. Mas o bispo dissera-lhe que ele era traidor e mau homem e que não fizera o que se lhe ordenara. Este homem lamentava-se-me, porque, dizia, não conseguia fazer-se pagar, pois as suas informações não pareciam uteis ao bispo. Acrescentava que no correr das informações nada achara em Joana que não quisesse achar na sua própria irmã, isto embora tivesse levado a sua inquirição por cinco ou seis paróquias vizinhas de Domrémy e nesta aldeia mesmo. Dizia que averiguara que Joana era muito piedosa, que ia muitas vezes a uma capelinha onde tinha por hábito levar grinaldas á imagem da Virgem que lá se encontra e que, por vezes, guardava os rebanhos do pai...».

O tabelião do sítio, Nicolau de Bailly, chamado a depor, confirmou estas palavras. Tinha uma especial autoridade, pois fora encarregado de reduzir a escrito tudo quanto se apurasse.

«Quando o bailio de Chaumont, João de Torcenay (homem dos Ingleses) — revela a testemunha — viu o relatório, disse que nós, comissários, eramos Armanhaques encapotados».

Não é, mas parece

Quem diria que este «pobre diabo» que aqui vemos a chamar um gatinho é, nada mais nada menos, que o Regente da República de São Marínho, numa das suas passeatas calmas pelas ruas do seu minusculo Estado.

Festival de S. Remo 1960

1.º PRÉMIO

ROMANTICA por GIAN COSTELLO

2.º PRÉMIO

LIBERO por TONNY RENNIS

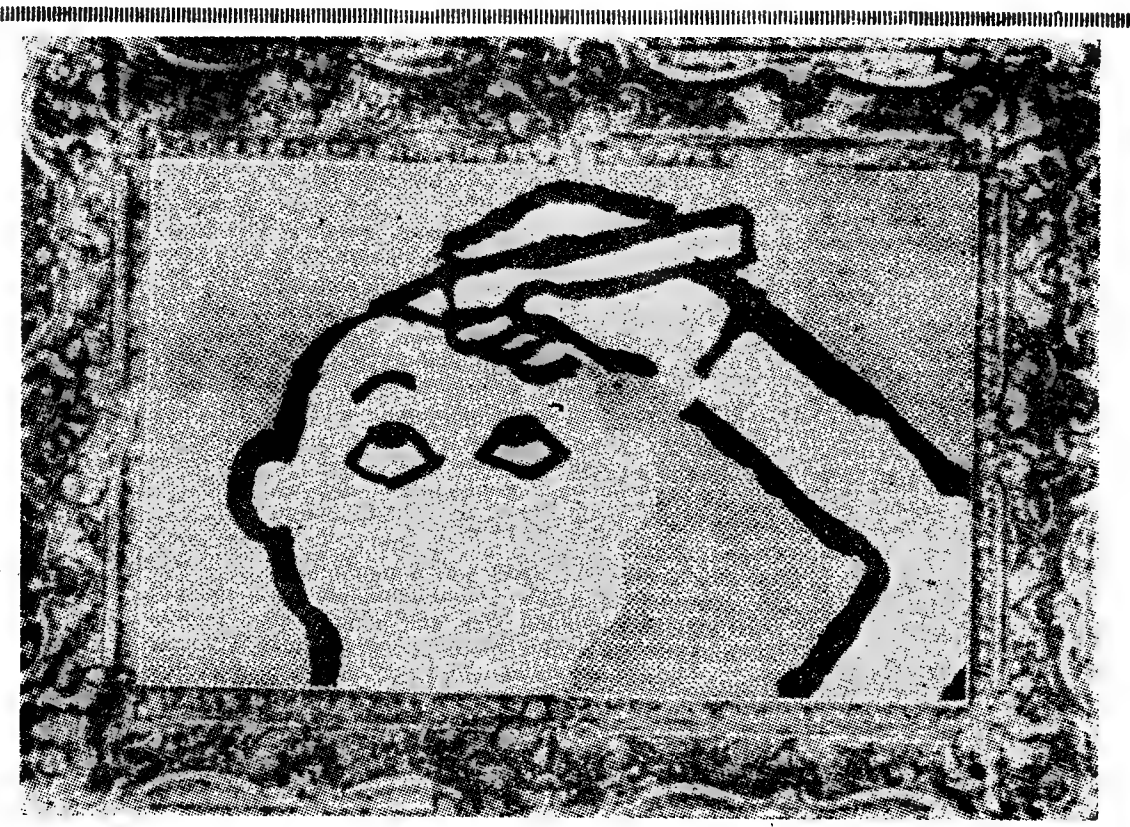
Num autêntico «record» de velocidade acabam de ser publicados em Portugal os discos com as canções premiadas no famoso festival de S. Remo.

Em menos de oito dias ficam ao dispor do publico português as belas melodias que todo o mundo vai cantar.

Além dos dois primeiros prémios, foram também publicadas as canções «MEZZANOTE», por Narciso Parigi, «NOI» e «A COMME AMMORE», por Jula de Palma.

DISCOS PATHÉ, «A VOZ DO DONO» e COLUMBIA

editados pelos Estabelecimentos Valentim de Carvalho, Ld.ª



QUANTOS SOMOS NÓS

Esclarecimento...

As estranhas poses que vemos na foto da 2.ª página são os 7 melhores bailarinos da ópera de Paris na cena final de uma das melhores criações de Sérgio Lifar — o «ballet» «Sptuor».

Este sexteto de aparência exótica representa 7 enforcados: um corcunda que, desesperado, se matou por amor; um cordoeiro que quis experimentar uma das suas cordas...; um mendigo que acabou seus dias por pobreza; um bruxo que não resistiu ao ver que as suas previsões se não confirmavam; e, finalmente um apóstolo que se enforcou depois de ter morto quem muito amava.

O autor do «Setpuor» foi Francis Blanche e o argumento foi extraido da «Balada dos enforcados», de Villon.

A demografia é uma ciência especial, a que os economistas dão grande importancia. E isto porque é evidentemente muito estreita a relação que existe entre as questões de produção ou de consumo e o numero de trabalhadores ou de consumidores.

A ultima edição do anuário demográfico das Nações Unidas dá a estes respeito preciosas indicações. O crescimento da população mundial ultrapassa, actualmente, 45 milhões de pessoas por ano, isto é, todos os anos um novo país do tamanho da França nasce no nosso planeta. Este aumento calculado resulta da diferença existente entre uma taxa de nascimentos de 3,4 % e uma taxa de mortalidade de apenas 1,8 %.

E' a Guiné que detem o «record» dos nascimentos com uma taxa de 6 %, e a lanterna vermelha pertence á Coreia do Sul e ao Uruguai com 1 %.

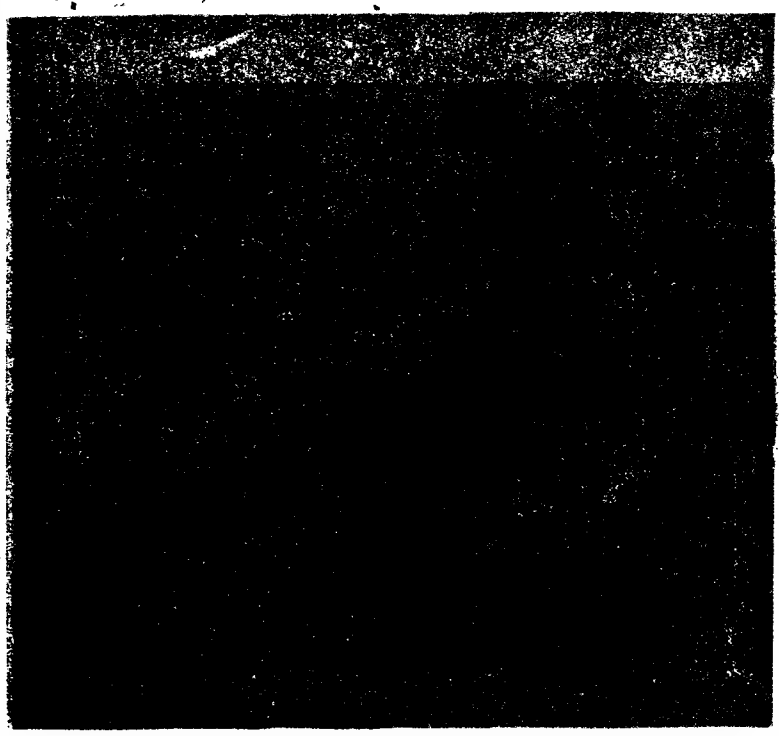
Note-se ainda que a proporção de mulheres mortas diminuiu de 90 % desde há dez anos no Mundo e que a Islandia é o país onde se conta menos nado-mortos.

Enquanto na India a idade média não ultrapassa os 32 anos para os dois sexos na Noruega é de 71 anos para os homens e 75 para as mulheres.

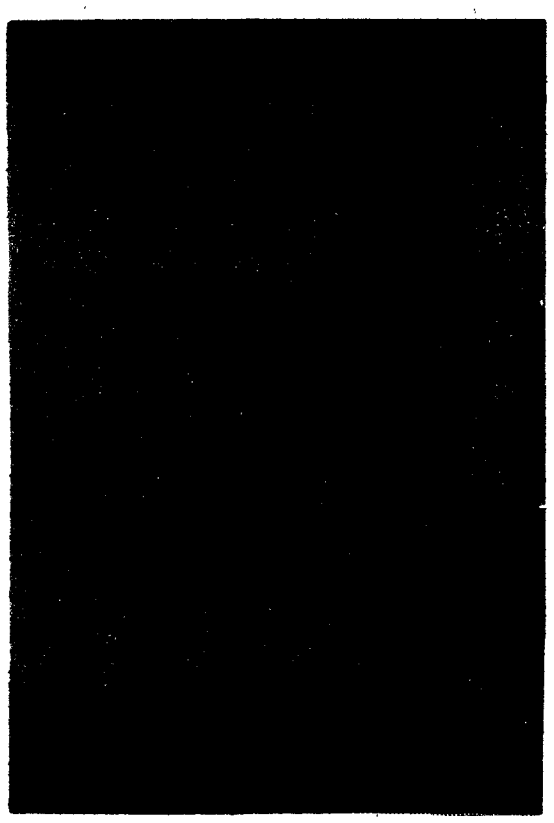
Metade, aproximadamente, da população do Mundo vive em quatro países apenas: China, 640 milhões; India, 400 milhões; U. R. S. S., 200 milhões e Estados Unidos, 170 milhões.

A população europeia não representa mais que 14 % do total mundial e daqui até ao fim do século reduzir-se-á a 10 %. No ano 2.000 o continente asiático completará 60 % do género humano.

7 HISTÓRIAS VERDADEIRAS



1



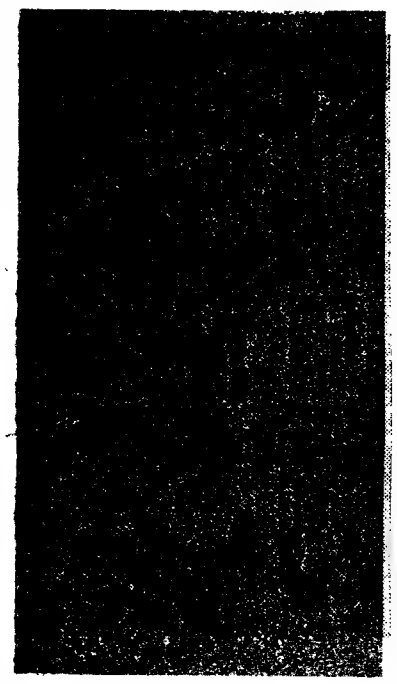
6

1 — Os Egípcios sabiam matemática !...

A Grande Piramide, considerada pelos Antigos como uma das sete maravilhas do Mundo, tem 132 metros de altura e uma base de mais de cinco hectares.

Foi construída há mais de 3.000 anos antes da era cristã mas só há pouco tempo é que lhe foi descoberta uma particularidade que deixou os sábios modernos de boca aberta: Prolongadas no espaço, as suas diagonais iriam fechar o Delta do Nilo o meridiano que passa no seu ponto mais alto divide exactamente esse mesmo Delta em duas partes precisamente iguais.

Isto prova que os engenheiros que a construiram possuiam já conhecimentos matemáticos fora do vulgar, e muito mais para a época.



2

2 — Força fora do normal

O general Tomás Alexandre Dumas, pai do grande escritor era dotado de uma força hérculea. Eis entre outros exemplos, uma prova quase inacreditável disso mesmo, que seu filho conta nas suas memórias: «Mais de uma vez, — escreve ele, o meu pai se divirtia no picadeiro metendo os braços por debaixo dos poldros levantando-os ao ar».

3 — O mistério das enguias

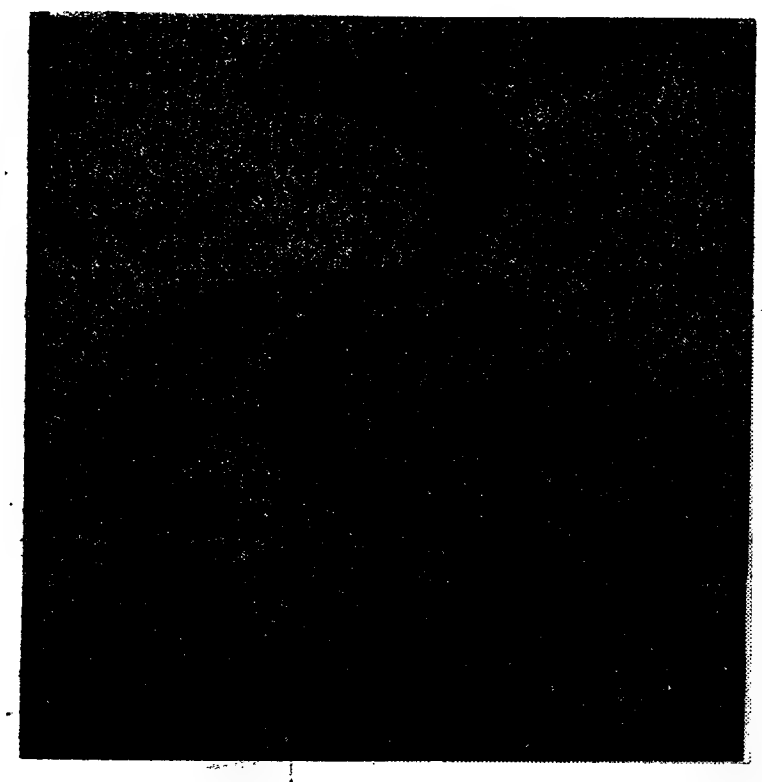
As enguias — mas absolutamente todas — nascem num unico ponto do Globo, o mar de Sargaços, ao largo da costa da Flórida. Os sábios ignoram ainda quais os misteriosos caminhos que elas atravessam para lá chegarem, vindas ás vezes dos pontos mais isolados do Mundo.

4 — Água quente no Polo

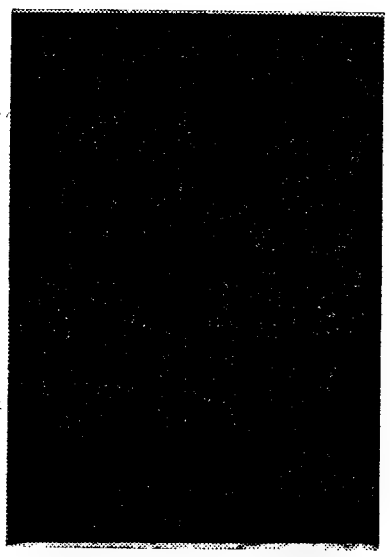
Existe na Terra um lago cuja temperatura constante da água é de 22°, apesar de estar colocado dentro do círculo polar ártico.

A erupção vulcanica ao norte do Glaciar Vatna, na Irlanda no ano de 1875 fez nascer uma grande cavidade circular em resultado do afundamento de Askya. Quando o solo abateu sobre uma superfície de quase metade de Paris nasceu essê golfo, de 300 metros, grande banheira de água quente em pleno Polo.

4



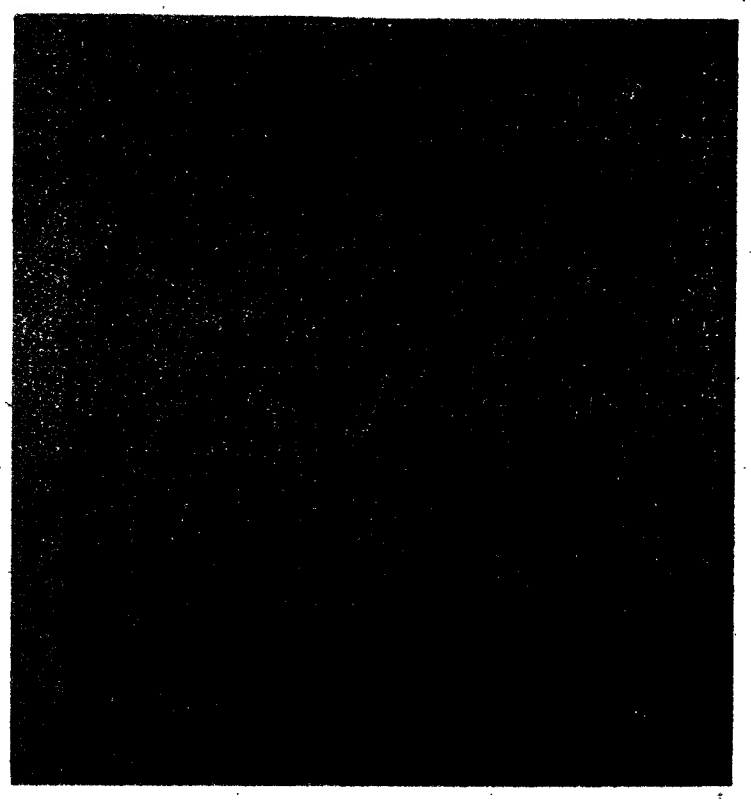
3



5

5 — Cerimónia macabra

Todos os dias 15 de Agosto se realiza em Madrid uma cerimónia excepcional. Trata-se da procissão da Virgem para a Coluna, e durante todo o percurso o cortejo é acompanhado do rufar de tambores tão dramáticos e tão regulares como os que acompanhavam as execuções dos condenados á morte sob o reinado de Maria Tudor, na Inglaterra.



7

6 — Duplamente rainha

A mãe de Ricardo Coração de Leão, Eleanora de Arquitane foi, ao mesmo tempo, rainha da França e da Inglaterra. Casou primeiro com Luís VII da França tinha ela 15 anos de idade. Não foi no entanto feliz com ele e obteve o divórcio no Concílio de Beaugency em 1152. Seis semanas mais tarde desposou Henrique, conde de Anjou e da Normandia que se havia de tornar rei da Inglaterra em 1554 sob o nome de Henrique II.

7 — Árvore rara

Há uma árvore que não cresce senão em Marrocos: Trata-se de uma espécie chamada «arganier». Faz parte da família das sapotáceas. O «caroço» do fruto é uma espécie de amêndoa donde se extrai um óleo ou azeite muito apreciado pelos Marroquinos.

No nosso torrão á beira-mar plantado, apesar de estarmos bem próximo de Marrocos, bem precisávamos que vingassem nas nossas planícies alentejanas algumas «arganiers». Assim já podiamos untar melhor o «fiel amigo», pois o azeite está caro.

Diario de Lisbôa

De uma semana para a outra

REVISÃO HEBDOMADARIA DE FIGURAS E FACTOS

DIA 30

EM PORTUGAL — Dag Hammarskjoeld, secretário-geral das N. Unidas visitou a cidade e foi homenageado com um almoço no Guincho. ✻ O reitor da Universidade de Coimbra, prof. Maximino Correia, apresentou a sua demissão. ✻ O prof. Jorge da Silva Horta, deixa a direcção da Faculdade de Medicina de Lisboa, sendo substituido pelo prof. Toscano Rico. ✻ O secretário de Estado da Agricultura esteve em Braga e Guimarães, concluindo a visita ao Norte do País. ✻ Foi assinado novo acordo colectivo com os operários da industria dos chocolates. ✻ No Estoril principiou a 33.ª Exposição Canina Internacional. ✻ Terminaram os trabalhos da reunião luso-espanhola para a uniformização e simplificação aduaneira.

NO ESTRANGEIRO — Em Paris fala-se da possível convocação da Assembleia Nacional francesa e fala-se da ida de de Gaulle a Argel no dia 6. ✻ Os insurrectos de Argel rejeitaram o apelo á rendição. ✻ O antigo presidente da Argentina, Juan Peron, declarou em Espanha não tencionar fixar residência na Suíça. ✻ Na Colômbia, em desastre de autocarro, morreram 42 pessoas. ✻ Fala-se de um indulto do governador da Califórnia a Chessman.

DIA 31

EM PORTUGAL — Chegou a Lisboa o historiador britanico Arnold Toynbee. ✻ No Porto, as comemorações do 31 de Janeiro de 1891 foram reduzidas ao mínimo. ✻ Foi inaugurado o edifício dos correios em Vilar Formoso. ✻ Os Salesianos de Lisboa comemoraram nas Oficinas de São José o centenário da sua congregação. ✻ Chegou a Lisboa, David Morse, director-geral da Repartição Internacional do Trabalho, em visita ao nosso País.

NO ESTRANGEIRO—Em França há grandes manifestações a favor da política do general de Gaulle. ✻ A situação em Argel continua tensa. ✻ O rei Moamé V, de Marrocos, chegou ao Iraque em visita oficial. ✻ Em Roma, o Papa encerrou oficialmente o Sínodo Diocesano de Roma. ✻ Parece que a Russia lançou novo projéctil no Pacífico.

DIA 1

EM PORTUGAL — O director do Bureau Internacional do Trabalho, David Morse, foi recebido pelos srs. Presidente da Republica e Presidente do Conselho. ✻ O Prémio da Crítica de 1959, foi atribuido a Mariana Rey Monteiro e Francisco Ribeiro pelo desempenho, respectivamente, do «Diálogo das Carmelitas» e «À Espera de Godot». ✻ A Direcção-Geral de Saude diz não haver epidemia de gripe em Portugal. ✻ O dr. Solari Alegro tomou posse do cargo de director-geral da Junta de Crédito Publico. ✻ O comandante Santos Cardoso tomou posse do cargo de capitão do porto de Lisboa.

NO ESTRANGEIRO — As forças revoltosas de Argel deixaram as barricadas e entregaram-se ás tropas regulares. ✻ Em carta dirigida a Nikita Kruchtchev, Adenauer diz que o problema da Alemanha depende de si e do seu Governo tão sómente. ✻ Nos meios políticos de Washington manifesta-se satisfação pelo termo da revolta de Argel. ✻ Na fronteira entre Israel e a Síria travam-se combates terrestres e aéreos.

DIA 2

EM PORTUGAL — O sr. Presidente da Republica visitou o Laboratório de Engenharia Civil cujo alargamento se prevê. ✻ O historiador inglês Arnold Toynbee, no Instituto de Altos Estudos Militares, fez uma conferência sobre o espírito colonizador de Portugal em Africa e na India. ✻ David Morse, director-geral da Repartição Internacional do Trabalho, visitou bairros de casas económicas. ✻ No Conservatório Nacional foi prestada homenagem á memória do compositor brasileiro Heitor Villa-Lobos. ✻ Morreu o escritor vianense Julio de Lemos. Tinha 83 anos.

NO ESTRANGEIRO — Por 449 votos contra 79, o Parlamento francês aprovou a concessão de poderes especiais ao Governo de Debré. ✻ Anuncia-se em França a descoberta de uma conspiração contra a segurança do Estado. ✻ Adenauer garantiu aos judeus da Alemanha Federal a segurança e o respeito dos seus concidadãos. ✻ Foram enviadas para o Sinai tropas egípcias. ✻ Foi descoberto um importante caso de falsificação de obras-primas da Escola Francesa Contemporanea. A Polícia apreendeu 37 telas.

DIA 3

EM PORTUGAL — Anunciou-se que o ministro dos Negócios Estrangeiros visitará oficialmente a Espanha no dia 15. ✻ O ministro das Corporações adquiriu um prédio de 19 pisos na Avenida de Roma para instalar os seus serviços. ✻ Estudantes brasileiros de Coimbra visitaram o embaixador dr. Negrão de Lima. O prof. Vitória Pires falou da actualidade do melhoramento das plantas no Círculo Agronómico da F. N. P. T. ✻ Em Santarém, os presidentes dos municípios homenagearam o governador civil. O director-geral da Repartição Internacional do Trabalho, David Morse, regressou a Genebra.

NO ESTRANGEIRO—Em França fala-se de a Argélia constituir um Estado federal ligado á França. ✻ Deputados conservadores britanicos insurgem-se contra a política africana do seu Governo. ✻ Eisenhower mostrou-se favorável a que os Estados Unidos comuniquem aos aliados os segredos atómicos conhecidos dos Russos. ✻ Do Cairo dizem que Israel concentra tropas ao longo das fronteiras com os países árabes. ✻ A Tunísia anunciou uma guerra de nervos contra os Franceses, em Bizerta.

DIA 4

EM PORTUGAL — Chegou ao Tejo o escoltador francês «Comandant Rivière», trazendo a bordo o almirante Barthlémy. ✻ O ministro das Obras Publicas ameaçou rescindir o contrato com o empreiteiro das obras de construção da ponte da Arrábida no Porto, se os prazos não forem respeitados. ✻ A Academia das Ciências reuniu em sessão plenária, tomando posse o novo presidente da Classe de Ciências, dr. Amorim Ferreira. ✻ O ministro e o subsecretário do Exército visitaram a Fábrica de Equipamentos de Santa Clara. ✻ Foi homenageado o sr. Leopoldo Ludovice, tesoureiro da Camara Municipal de Lisboa. ✻ A Fundação Gulbenkian anunciou uma série de conferências sobre a história da musica portuguesa.

NO ESTRANGEIRO — Soustelle saiu do Governo francês. ✻ O dr. Jaccoud, antigo bastonário dos advogados de Genebra, foi condenado a 7 anos de prisão, por assassínio. ✻ Richard Casey foi elevado ao pariato e o primeiro-ministro Menzies assumiu o cargo de ministro dos Estrangeiros da Austrália. ✻ Ben Gurion disse que Israel está pronto a enfrentar grave crise.

DIA 5

EM PORTUGAL — As famílias dos mineiros portugueses que pereceram na mina sul-africana vão receber indemnizações. ✻ Nas Belas-Artes foram inauguradas as exposições dos pintores Augusto Ribeiro e Jaime Murteira.

NO ESTRANGEIRO — O presidente Gronchi, da Itália, partiu para Moscovo, em visita oficial. ✻ A Conferência Económica Africana, reunida em Tanger, aprovou um plano de fomento conjunto para a Africa. ✻ O Governo francês foi profundamente remodelado. ✻ O marechal Vorochilov regressou a Nova Delhi, depois da viagem ao Nepal. ✻ Chegou a Havana, Anastacio Mikoyan, vice-primeiro-ministro da Russia. ✻ Anunciam-se que se perderam as esperanças de encontrar com vida os 500 homens soterrados na mina do Clydesdale União Sul Africana.

COMENTÁRIO INTERNACIONAL

Vencida na Argélia a rebelião dos ultras

continuam as dificuldades para o general de Gaulle

A rebelião de Argel terminou, depois de ter colocado a França em transe durante nove dias e causado vinte e quatro vitimas, no dia em que um general energico Crépin, deu ordens á Legião Estrangeira para atacar os redutos onde os rebeldes se haviam entrincheirado. Cessou, por tanto, na altura em que estes se convenceram de que a passividade do Exército não se prolongariam impunemente para eles nem para os seus cumplices entre os militares. Esta certeza averiguada não deixa duvidas sobre a natureza da rede de conivências que se estabelecera á volta desse episódio doloroso da vida da França. Ninguém de resto sériamente acreditava que dois indivíduos como Ortiz e Lagaillarde pudessem só por si e mesmo entrando em conta com alguns milhares dos seus partidários organizados em formações paramilitares, e desafiar o poder e exigir como fizeram, a demissão do general de Gaulle,

Mas se a rebelião, na sua forma agressiva, terminou, não deve dar-se por concluido o processo em que ela se filiou nem estão resolvidos os problemas que serviram de protesto para os seus autores a fazerem deflagrar. Isto equivale a dizer que não é de excluir a hipotese de um recrudescimento da agitação na Argelia e na metropole á volta da politica argelina do general de Gaulle, a qual se baseia na auto-determinação anunciada no seu discurso de 16 de Setembro do ano passado. Foi aberto um abcesso. A infecção continua, não se tendo atenuado a sua virulencia.

O governo pediu á Assembleia Nacional plenos poderes, o chefe da rebelião Ortiz fugiu para prosseguir na sua tarefa. Esta coincidencia não é casual. O segundo propõe-se renovar a sua aventura até ela triunfar, e nada nos diz que as colaborações com que contou desta vez venham a faltar-lhe no futuro. O presidente da Republica está tambem firmemente decidido a opor a esses manejos o rigor da lei e a autoridade do poder, contestada pelos rebeldes argelinos que o desafiaram impunetemente até agora com os resultados que são do conhecimento geral.

Durante o episodio dramatico de Argel, foi possivel fazer varias constatações as quais podem contribuir para esclarecer a situação naquele país onde está longe de ter abrandado o vento das paixões irredutiveis. Os colonos da Argelia em nada abdicaram das suas reivindicações, as quais se resume na expressão «Argelia Francêsa». Os Muçulmanos continuam fieis ao seu desejo de independencia. Os primeiros andam á volta de um milhão e duzentos mil, os segundos são cêrca de nove milhões. A auto-determinação conduzirá se não á independencia, pelo menos a uma larga autonomia no quadro da Comunidade francesa a qual está em franca evolução. Os odios suscitados por cinco anos de combates sangrentos e atentados horríveis, não se aplacarão tão cedo e será preciso aguardar que surjam novas gerações se quiserem refazer uma amizade que nos tempos, existiu apenas no dominio das palavras sem conteudo efectivo.

A tão apregoada solidariedade de muçulmanos e colonos de origem europeia era um mito que os acontecimentos das ultimas semanas dissiparam irremedeavelmente. Foi perante a prova eloquente dessa certeza que o general de Gaulle, ao falar com os «leaders» dos diversos partidos na Assembleia Nacional declarou, de maneira categorica, que cedo ou tarde a França terá de reconhecer a independencia da Argelia. Neste ponto a sua politica de auto-determinação vai mais longe do que ainda era licito esperar.

Que acontecerá, porem, no dia em que tentar po-la em prática negociando com os interlocutores válidos argelinos as condições do cessar fogo primeiro, da paz em seguida? Nesse ponto como noutros as dificuldades que de Gaulle terá de vencer são incomparavelmente maiores do que o abstaculo da insurreição dos ultras, cuja finalidade como em 13 de Maio de 1958, era derrubar o governo da metropole e impor a está o outro da sua escolha e preferencia.

A FIGURA DA SEMANA

General Crépin

Até á escolha deste chefe militar para substituir o seu camarada Massu, no comando da região de Argel, a rebelião dos ultras manteve a sua virulência inicial e os riscos que desde começo comportava. Tanto o comandante-chefe das forças francesas, general Challe, como o representante da autoridade civil, Delouvrier, hesitaram demoradamente e todos os seus gestos eram de molde a não dissuadir os rebeldes do intento que estivera na origem da sua acção. O primeiro conferenciou no seu posto de comando com Ortiz, o segundo fez discursos que revelavam uma profunda perturbação, incompativel com as exigências da ocasião.

Logo que assumiu o seu cargo, Crépin demitiu o general Gracieux, o qual também se mostrara bastante hesitante e contemporizara com os rebeldes, assumindo pessoalmente a direcção das operações contra estes. Como não era absoluta a sua confiança nas tropas necessárias para agir eficazmente, recorreu ao contingente da Legião Estrangeira e especialmente aos pára-quedistas incorporados nesta. Foram eles que cercaram os dois redutos onde Ortiz e Lagaillarde comandavam as formações paramilitares que haviam organizado, sendo as deste ultimo constituidas por estudantes que mostraram espirito belicoso, tal como acontecera quando do golpe de 13 de Maio de 1958.

Quando se convenceram de que Crépin não seguiria o exemplo dos seus camaradas e estava decidido a pôr termo á rebelião rápidamente, para dar cumprimento ás instruções recebidas directamente do Governo de Paris e inspiradas pessoalmente pelo presidente de Gaulle, a resistência nos dois redutos deu logo mostras de enfraquecer e não tardaram os seus defensores a preparar uma retirada que era o malogro dos seus propósitos. Com de Gaulle, Crépin foi o verdadeiro artifice da liquidação da aventura de Argel, a qual acarretou para a França prejuizos inumeráveis além de duas duzias de vitimas na maior parte pertencentes aos corpos de segurança que intervieram na luta.

DINHEIRO A 6 %

Emprestamos sobre automóveis, no espaço de uma hora, pelo prazo de 3 a 18 meses, c/ amortizações facultativas. Máximo sigilo. Condições unicas.

Fazemos também empréstimos sobre Prédios, Moradias, Quintas e Terrenos, em Lisboa e Arredores, no espaço de 24 horas, ao juro da Lei e nas melhores condições.

Empresa Predial Nortenha

Praça da Alegria, 58-2.º, Sala C
LISBOA
Tels. 366812-366731

A alteração do percurso

da carreira de camionetas entre Cacém e Belas causa prejuízos!

Com a alegação de que a estrada da Fonte das Eiras, no troço que vai dos Quatro-Caminhos ao Dente de Alho, não está em condições de permitir a circulação das suas camionetas, a Empresa Eduardo Jorge alterou, desde há dias, o percurso da carreira Cacém (estação) — Belas. Da razão e oportunidade desta alteração não compete a nós ajuizar, mas quer-nos parecer que, de facto, a altura escolhida não foi a melhor, porquanto aquela carreira servia muitos dos moradores na referida estrada, que a utilizavam diáriamente entre os seus lares e a estação dos caminhos de ferro, pois são muitos os que trabalham fora da localidade.

Igualmente, era utilizada por muitas senhoras que se deslocavam a Cacém ou a Belas a fim de fazerem as suas compras diárias nos respectivos mercados, as quais agora — como aqueles — se vêem na necessidade de fazer o percurso a pé, o que se torna verdadeiramente penoso nestes dias de Inverno. Por isso, dizemos não ter sido esta a melhor altura para a alteração verificada. Havia que atender, também, aos interesse daqueles que são a verdadeira razão de ser da referida carreira!...

Não será, ainda, possível fazer voltar as coisas ao seu primitivo arranjo e interromper ou desviar a carreira da estrada da Fonte das Eiras sómente quando o tempo o aconselhar e a Junta de Freguesia ou o C. M. S. derem início ás obras de reparação da mesma que, segundo nos informam, estão para breve? Se a camioneta por ali tem passado até aqui, não poderá continuar a passar por mais algum tempo?

A estrada, sabemo-lo, está má, mas por ela continuam a circular ainda alguns carros e se fazem os funerais em automóvel de Agualva para Belas...

Para a normalização deste assunto solicitamos a boa vontade da empresa e, se disso for mister, a intervenção da C. M. S. ou da D. G. T. T.

(«Jornal de Sintra»)

2.100 CONTOS para o engarrafamento das águas de Monchique

O sr. ministro das Finanças concedeu á Comissão Administrativa das Caldas de Monchique a verba de 2.100 contos, destinada á aquisição do vasilhame necessário para a imediata entrada em funcionamento da magnífica oficina de engarrafamento de água, recentemente construida e instalada na mesma estancia.

Posto que venha na sequência natural e lógica de uma obra em que se investiram alguns milhares de contos, a notícia nem por isso deixa de ter o mais alto interesse regional, pois que representa mais um importante impulso para a devida valorização de uma das maiores riquezas algarvias.

«Correio do Sul», de Faro)

Não são só os serviços camarários

os culpados da imundície das ruas de Queluz!...

Há razões de queixa — e muitas — do desleixo dos funcionários encarregados da limpeza das ruas de Queluz. Custa-nos a acreditar que seja por determinação de quem superintende nos Serviços de Limpeza da C. M. S. que só se varram duas ou três ruas principais e, ainda por cima, não só de vez em quando, como fora de horas. O que há, portanto, é demasiado relaxamento por parte do pessoal, em primeiro lugar; depois, e isso é um facto indiscutível, o que há também, é insuficiência de pessoal.

Se a esta insuficiência se junta aquele sem «rei-nem-roque» e, ainda por cima, o próprio desleixo da população, na sua maioria capaz de reclamar a torto e a direito, por tudo e por nada, mas sendo a primeira a desrespeitar as posturas camarárias, temos como resultado o imundo aspecto da vila e, até, em muitos casos, a criação de focos perigosos para a saude publica.

Há que conjugar esforços para que as coisas, neste aspecto se ordenem devidamente, e da parte da população, sobretudo da parte das donas de casa, há que haver o cuidado de não deitarem o lixo para a rua e de arranjarem recipientes fechados, como mandam as posturas municipais; isto, não só no interesse de toda a população, como ainda para que se possa ter força moral para reclamar contra a deficiência dos serviços.

Certas ruas do Alto dos Moinhos e da respectiva Encosta, metem nojo e a culpa se é — porque é de facto — em grande parte dos funcionários da limpeza que, raramente, lá vão, é também da grande maioria dos que lá residem que, sem respeito pela decência do aspecto da vila, num desprezo absoluto pelas mais elementares regras de boa educação, em falta completa pelo que está estabelecido pelo Município, sem a mais leve noção dos perigos que podem originar, atiram para a rua não só o lixo, como restos de comidas, penas, de aves, etc., etc.

Ora, tudo se pode remediar desde que a população colabore de boa vontade — e nada lhe deve custar porque, ao fim e ao cabo, é em seu próprio proveito que o faz e desde que, da parte dos Serviços de Limpeza haja, permanente e rigorosa, uma fiscalização do trabalho dos seus funcionários em Queluz.

Não é a Avenida de António Enes e mais duas ou três ruas mais centrais que devem ser varridas de vez em quando e levando horas a varrer cada uma delas.

São todas as ruas da vila que devem ser varridas diáriamente e lavadas á agulheta uma vez por semana, pelo menos. E' a caminheta da recolha de lixos que deve iniciar o seu serviço, através de todas as ruas da vila e diáriamente, a partir o mais tardar das oito da manhã. E' a população que deve respeitar as posturas camarárias e ser a primeira a colaborar eficazmente não sujando, ou não ocasionando a sujidade com o uso de recipientes em mau estado ou sem tampas. Se todos colaborarem, a vila será o que deve ser, o que nós devemos querer que seja. A Camara vai ser enérgica neste assunto.

(«Voz Académica», de Queluz)

Primeira apresentação

do grupo de teatro da Academia de Amadores de Música

A Academia de Amadores de Musica tem tentado elevar-se sempre dentro da medida das suas possibilidades, para além da sua condição de simples escola de musica, para ser também, e fundamentalmente, um organismo vivo, emissor cultural. Será preciso lembrar a actividade da secção de folclore do coro desta Academia e a presença indispensável de «Sonata» na divulgação da musica contemporanea?

Pois bem, nos próximos dias 10 e 1, na sede desta agremiação, recomeçará uma actividade a que a Academia de Amadores de Musica esteve em tempos ligada com grande prestígio: o Teatro. De facto, foi nesta Academia que a saudosa Manuela Porto exerceu muito do seu trabalho criando um grupo de amadores que foi, justamente distinguido. Entregue hoje á direcção experiente do dr. Fernando Amado, o Grupo de Teatro da Academia de Amadores de Musica, prepara-se, no sentido de ressuscitar a sua antiga posição. Assim, dentro de dias, subirão á cena no seu pequeno palco as peças «O Protocolo», de Machado de Assis, e «O Iconoclasta», de Fernando Amado. Para breve, está já a preparar-se um novo espectáculo com «A sapateira prodigiosa», de Lorca, e « mestre», de Ionesco.

TABULETAS

Luminosas, gravadas, pintadas, plástico. Américo, Rua das Olarias, 3 Telef. 864647

Caderno de um reporter

Um facto igual a si próprio

— resumo colonial do esforço espanhol

por CONSIGLIERI SÁ PEREIRA

De tudo é merecedor o esforço de Espanha nos seus domínios da América: do clogio e do vitupério. Tempo é, porém, de se abandonar, lealmente e sem sombras, a atitude negativa e de reconhecer, igualmente, que muito da alma de Don Quixote fica a impregnar as leis de índias, todas contrárias ao injusto domínio do índio, e, também, muitas vezes, exemplares quanto á necessidade de proteger o muito que de bom há nelas, desde o princípio, até ao esforço — disciplinado e ordeiro, das missões e das igrejas, da Companhia de Jesus. Mesmo nos períodos piores da decadência, mesmo quando os interesses materiais poderiam justificar este ou aquele desvio da missão a que estavam destinados, os jesuítas, contra o que se crê, foram escudo do índio, protectores dos mais fracos, estimuladores das raízes de cristianismo que ameaçavam secar. Também, as suas missões ainda hoje persistem, enraizadas como páginas próprias, na história nacional de todos esses povos que mais tarde, ao recobrarem o uso de si próprios, se tiveram de valer de idênticos princípios e dos mesmos meios: o amor ás liberdades naturais do homem.

O arco do meridiano

Foi em pleno reinado de Filipe IV de Espanha, um Bourbon portanto, o primeiro e dos melhores, que o neto de Luís XV quis dar brilho e ilustração á sua gente, medindo o que, mais tarde, só seria possível fazer á força incoercível da Convenção. Saiu, pois, de Palos de Moguer, um naviozinho, modesto mas grande, tripulado por dois homens excepcionais. Eram os irmãos Ulloa.

Iam estes homens realizar em terras do Novo Mundo o que, parecendo fácil, era dificílimo e exigia dos seus executantes uma quantidade incomensurável de coragem física e mental. Passar — como quem não quer a coisa — do Atlantico para o Oceano Pacífico, e ali fazer a medição da curvatura terrestre, parecerá ideia louca, empresa de sábios quixotescos e não coisas de entes humanos; no entanto, dada a magnitude do feito, ele passou quase despercebido e, se hoje sabemos algo dele, devemo-lo ao livro de «Memórias» que o soberano sancionou e fez circular por toda a parte. Dessas «Memórias» poucos exemplares chegaram a nossos dias.

Crítica deles próprios

E, no entanto, várias páginas desse livro têm a frescura e actualidade de uma reportagem de grande estilo feita agora mesmo. Muito nelas é violenta, por vezes cerrada, crítica á administração dos vice-reis, entidades inexpugnáveis que ninguém, a não ser estes astro-físicos, então se atreveria a vulnerar e sacudir em seus altos pedestais. Foi com apuradas barras de platina que essa medição em terreno tão sensível se fez e, das medidas tomadas, quase não há numeros que cheguem para a sua complexidade, empregando-se, ainda hoje, letras e outros sinais, alguns, até, gregos. Todo esse ar de mistério, de que o rei revestira os seus plenipotenciários, só serviu para lhes dar o realce das coisas não fácilmente compreensíveis. Eis o magno sortilégio do que se deve revestir do manto áureo da ciência. Tudo o que quer impor-se precisa da ciência consentida e, em certa medida, autorizada por aquele que só exerce soberania a meias com o próprio rei: o povo, contido em certas reservas de senso comum.

Passaram despercebidos e ganharam a estima até daqueles cujos interesses ameaçava a suprema autoridade régia. Essa velha luta, que começara com os primeiros espanhóis desembarcados, desde a aparatosa posse do próprio Oceano por Vasco Nuñez de Balboa, prosseguira depois com os irmãos Pizarro e, até, com Valdivia e outros ramos subjacentes da imensa árvore de conquistadores nascidos, criados e conservados á sombra de Trujillo, venerável ruina de outros conquistadores — os romanos e, posteriormente, os mouros.

Os irmãos Ulloa, Juan e António

Fortes na sua razão, apoiaram-se na suprema autoridade dos que, mais até do que o próprio rei, podiam manter as deliberações do soberano: os irmãos professos da Companhia de Jesus. Nessa árdua campanha, nesse prélio em que duras eram as armas e duvidosos os benefícios — a tudo poderiam os célebres irmãos recorrer, a tudo, menos á influência material desprendida de si próprios. E ganharam, conforme se vê no livro mencionado, especialmente nas ultimas páginas, contendo as ultimas deliberações da «real hacienda».

Em todo o caso, dando o devido desconto á imperfeição do instrumento, devido mais ás lógicas e indefectíveis deficiências da sua manobra, melhor não se pode conseguir a vários séculos de distancia. E, se tal ainda hoje é louvável, que diremos nós, velho povo de colonizadores, que tem basta experiência de tudo isto, senão reconhecer que tudo está bem e que melhor é reconhecer a redução de alvo que deixar alastrar o conflito. Que tudo isto é pouco e desagrada, mesmo, aos que não tenham a consciência fácilmente adaptada ao que se passa agora mesmo, isso torna-se evidente. Mas partindo do princípio de que «o que não tem remédio, remediado está», escolhamos a face menor do perigo e evitemos outras e futuras complicações. Nunca ninguém se perdeu por excesso de prudência, antes por falta desta. Tudo isto, ainda que se assemelhe á lógica do conselheiro Pacheco, esse herói nunca por demais enaltecido da lógica nacional, hão-de sempre auxiliar-nos e nunca prejudicar-nos.

Notícias ainda não publicadas

- **Um diplomata chinês acreditado na capital da Alemanha Oriental, declarou que o seu país ainda este ano fará uma experiência atómica no deserto de Gobi. Assim a China porá a sua candidatura á entrada no clube atómico. Nos países do bloco comunista é corrente a opinião de que aquela informação é exacta. Em Paris e Londres também acreditam nessa versão, embora dizendo que se trata de um engenho de fraca potência.**
- **Informações provenientes de Pequim dizem que Mao Tsé Tung assumirá, em breve, as funções de chefe do Governo da China comunista. O actual titular deste posto, Chu En Lai, voltaria a exercer apenas as funções de ministro dos Negócios Estrangeiros como aconteceu durante alguns anos, em seguida á instauração do novo regime naquele país.**
- **Embora os temas relacionados com a política externa e a defesa nacional devam ser predominantes na campanha eleitoral já aberta nos Estados Unidos, os democráticos tencionam atacar a obra do Governo republicano em vários aspectos da sua acção interna, como os que dizem respeito a auxílio ás escolas, habitação e segurança social, Embora não pensem regressar ás concepções rooseveltianas do «nex deal», os democráticos preconizam um auxílio crescente do Estado em cada uma dessas modalidades.**
- **A nomeação do embaixador soviético em Londres, Jacob Malik, para o posto de vice-ministro dos Negócios Estrangeiros, foi erradamente interpretada como uma sanção, nos países ocidentais. Malik servirá como conselheiro especial de Kruchtchev para a preparação da conferência de alto nível, a qual está prevista para Maio e se reveste de excepcional importancia, tanto para os Russos como para as nações ocidentais. Essa importancia aumentou em virtude, daquele facto.**
- **Na trágica noite de sábado, que precedeu a eclosão da rebelião argelina, o presidente de Gaulle esteve quase completamente abandonado pelos seus colaboradores dos dois lados do Mediterraneo, tanto militares como civis. A recordação desse episódio pesará certamente no seu espírito quando proceder a profunda remodelação dos altos cargos que se prepara em Paris, a qual não exclui uma remodelação ministerial em grande escala depois do restabelecimento da ordem e uma vez adoptadas as medidas de segurança que julga indispensáveis. André Malraux foi, dos seus colaboradores, o que mais dedicado e firme se mostrou nessa fase da carreira do general de Gaulle.**
- **Não se confirmaram os boatos que davam como iminente a demissão do actual secretário de Estado do Vaticano, cardeal Tardini. Este continua a ser uma personalidade da confiança do Papa que aprecia nele a serenidade e a objectividade. Além disso Tardini distrai, frequentemente, o Pontifice com o seu temperamento propenso a contar histórias amenas.**
- **Durante a sua recente visita aos Estados Unidos, para assinar o novo tratado de aliança nipo-americano, o chefe do Governo japonês, Kishi, fez aos seus interlocutores de além-Atlantico confidências sobre a actividade de Chineses e Russos no domínio das novas armas. Kishi está convencido de que a China não tardará a dispor de segredos nucleares que lhe permitirão fazer as suas armas. Quanto aos Russos declarou que estes estão a preparar uma nova gama de carburantes e ligas metálicas impossíveis de superar.**
- **Segundo as melhores previsões, se se realizasse um referendo na Argélia, noventa por cento dos Muçulmanos votariam pela independência, e noventa e nove por cento dos colonos pela integração. O general de Gaulle não terá o caminho atapetado de rosas quando procurar, efectivamente, resolver esse problema, certamente o mais árduo de toda a sua carreira.**

Folhetim semanal do Diario de Lisbôa

O caso do armazém abandonado

por LEONARD RASBOROUGH

VI EPISÓDIO

O DUELO FINAL

RESUMO DOS EPISÓDIOS ANTERIORES — O polícia David Farr luta contra um grupo de criminosos chefiados pelo comerciantes Penloe, que pretendem acusá-lo de um assassínio. David Farr encontra-se num armazém junto do rio, onde os bandidos sequestraram sua noiva e sua tia.

David lançou-se para a frente e segurou o pulso da mão que empunhava a faca. O homem em cólera saltou para trás e tentou atingir a face de David com o seu punho livre numa tentativa de se li-

bertar. David atirou-o contra a parede.

O homem soltou um brado quando a lamina caiu no solo. Os seus olhos rasgaram-se de terror. David bateu de novo e o homem rolou no chão. David segurou na faca e cortou rápidamente as cordas que prendiam as duas mulheres.

— Saiam depressa para a jangada.

Agarrou no corpo do homem, seguiu-as até lá fora e lançou o outro no rio. Arrastou o primeiro guarda até lá fora. Isso dar-lhes-ia algum tempo. Sem corpos á vista, Penloe e Emil não agiriam tão depressa.

O segundo guarda dava sinais de vida. David adormeceu-o com um golpe de coronha de revólver. Sally suspirou. Elisa disse:

— Bom trabalho, David. Ele tratava-nos mal.

— Lancem-se á água! — ordenou David. — Nadem contra a corrente e saiam na próxima rua.

Ele penetrou no corredor e viu os três homens a aproximarem-se. Penloe e Emil suportavam o estranho nos braços, como dois amigos de um bêbado. Ele soltou um assobio; o prisioneiro era o sargento Harvel.

David voltou atrás para se assegurar de que Sally e Elisa já estavam longe. Elas esperavam ainda.

— Fujam! — bradou. — Estão quase a chegar.

— Esperámos por ti — respondeu Sally calmamente.

— Vamos, mas todos.

— Não posso eles apanharam Harvel. Fujam e peçam auxílio. Depressa!

Elisa replicou:

— Porque hás-de ajudar Harvel? Ele está com estes bandidos, á tua procura. Eles disseram-mo.

David hesitou.

— Não. A princípio, suspeitei de Harvel. Mas agora penso que Harvel está em perigo. Ficarei.

— E's um teimoso! — gritou Sally. Pois bem, nadaremos com quantas forças temos e esperemos não chegar muito tarde.

Ela deslizou para a água.

Elisa disse:

— Eu espero por ti.

Não havia tempo para discussões; os homens já deviam estar no armazém. David empurrou Elisa para a água.

— Maldito! — bradou Elisa já dentro de água. — Estás doido...

David espreitou pela janela, viu que os três homens estavam no quarto. Harvel parecia sovado. Estava atordoado mas foi capaz de se sentar.

— Emil — perguntou Penloe. Onde estão os outros homens... e as duas mulheres?

— No outro quarto — respondeu Emil. — Depois de afastar aquele polícia, disse aos rapazes que era melhor levarem as mulheres daqui, no caso do homem voltar. Não o fez. Agora está longe.

— Muito bem. Sai para a jangada e fica com os olhos bem abertos.

Emil saiu. Penloe sentou-se em frente de Harvel. A sua mão direita mergulhava no bolso do casaco.

— Infelizmente viu o desenho no cartão de Mike. Isso trazê-lo-ia até aqui. Tive de o derrubar.

Penloe teve um gesto de aborrecimento.

— Se Coyle tivesse aceitado a minha oferta tudo isto se teria evitado. A minha oferta era generosa...

— Excessivamente generosa. Coyle estava atento aos seus movimentos. Drogas, suponho...

Penloe suava. Limpou-se com um lenço.

— Nunca esperei ter de...

— Matar Coyle? — interrompeu Harvel. — Não, a princípio. Pensou que o podia enganar. Coyle não o permitiu. Você perdeu a cabeça. Mandou Mike matar Coyle e incriminar David Farr. Mike falhou e deixou escapar uma testemunha, Elisa Farr. Você ordenou a Emil que abatesse Mike. Você pensou que eu tinha percebido o significado do desenho do cartão de Mike e derrubou-me. Você rola num plano inclinado. E' preciso parar.

Os olhos de Penloe revelavam desespero.

— Não! Não posso avançar sempre. Vou parar esta noite. O corpo de Mike vai ser encontrado no carro de Elisa. Ela e a rapariga nunca serão encontradas... nem você. A bala de Farr será achada no corpo de Coyle. Farr é um fugitivo...

— Ele voltará! — explodiu Harvel. Ele desmascará-lo-á e fará com que o sentem na cadeira eléctrica. Farr bateu-me porque tinha de actuar depressa; não podia perder tempo a dar-me explicações.

O enorme sargento mexeu-se. Tinha tido tempo para recuperar. Penloe vigiava-o.

— E' o meu ultimo aviso, Penloe. Pare!

— Não posso. Fui longe demais. Não quero apodrecer na prisão.

Sorriu cinicamente.

— Lamento que uma tão grande amizade termine desastrosamente.

Harvel ergueu-se mas estava ainda fraco e cambaleou. Penloe bateu-lhe com a arma na cabeça. O sargento caiu na cadeira.

David apontou a sua arma. Não queria matar Penloe. Apenas feri-lo. Era preciso deixá-lo viver até á cadeira eléctrica.

Ouviu um leve ruido e quis voltar-se. Um golpe atingiu-o na cabeça. O revólver saltou-lhe da mão. David caiu na jangada.

Penloe chamou:

— Emil, anda cá.

— Aí vou, Paul.

Emil entrou. A sua voz excitada ouvia-se cá fora.

— Dei a volta á jangada e vi um sujeito a espreitar pela janela...

— Que sujeito? — gritou Penloe.

— David Farr.

— David Farr aqui? Vocês estavam a dormir. Evidentemente, ele veio pelo rio.

— Com certeza. Estava enchar-cado. Pu-lo a dormir. Os rapazes vigiam as mulheres no outro quarto. Tudo está em ordem.

— E' preciso livrarmo-nos de Farr, depois de Harvel e finalmente das mulheres...

— Prendamos as mulheres com arames e deitemo-las ao rio.

— Nada de arames, louco! Como podiamos explicar o aparecimento dos arames. Deixemos que a corrente leve os seus corpos. Nada de arames nem feridas.

David, através da semi-inconsciência, tomou uma decisão. As mulheres tinham fugido mas podiam necessitar do seu auxílio. Harvel já não tinha qualquer possibilidade de sobreviver. Batido e desarmado, David não o podia auxiliar. Mas ele tinha ainda força suficiente para se manter á tona de água...

Estava quase a atirar-se á água, quando sentiu que alguém lhe entregava uma arma. Empunhou-a. Quando Penloe e Emil sairam, David disparou dois tiros. Os corpos baquearam.

Na água viu uma cabeça. Era Elisa. Ele ajudou-a a subir para a jangada.

— A tua arma caiu. Apanhei-a.

— A teimosia dos Farr! — e abraçou a Elisa — Minha querida tia. És um anjo! Percebi a sua mensagem. Bom trabalho. Como soube a morada deles?

— Mike disse-ma. Apresentou-nos o cartão com uma maldade trocista. Amarrou-nos os joelhos e saiu. Foi-me possível escrever a mensagem. Mike não voltou. Foi Emil que nos trouxe até aqui. O que aconteceu a Mike?

David explicou-lhe o que se passara.

— Por Deus, no meu carro! Nunca me conseguirei livrar das manchas de sangue... Ouve! Sereias! Sally avisou a Polícia.

FIM

(Exclusivo em Portugal para o «Diário de Lisboa»).

Semana do contribuinte

Imposto Complementar

— Obrigações dos contribuintes individuais, durante o mês de Fevereiro:

DECLARAÇÃO MODELO 1

As pessoas singulares ou colectivas que sejam colectadas em concelhos ou bairros *diferentes* dos da residência ou sede por qualquer das contribuições e impostos mencionados no art.º 3.º (sobre rendimentos sujeitos: a contribuição predial; contribuição industrial; imposto profissional; imposto sobre a aplicação de capitais. Sobre colectas de: imposto de minas; imposto de águas minerais. Contribuição industrial pelo exercício da industria de seguros), são obrigados a apresentar nas respectivas secções de finanças declaração, modelo n.º 1, contendo a indicação da sua residência ou sede principal, da secção de finanças onde apresentam a declaração nos termos do artigo 14.º (declaração de rendimentos) ou 15.º (declaração de rendimentos das sociedades em nome colectivo, por quotas e em comandita simples e outras entidades colectivas; de sociedades anónimas ou em comandita por acções) e dos nomes em que têm sido lançados os impostos por que são responsáveis.

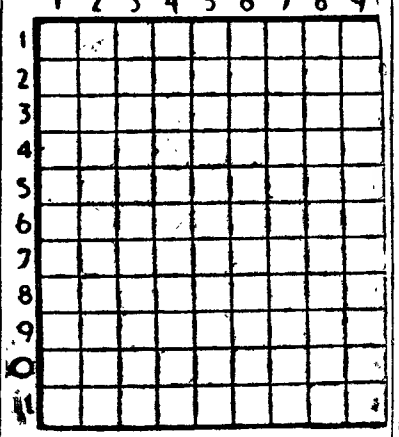
DECLARAÇÃO MODELO 1-A

As pessoas que, além dos rendimentos indicados para o preenchimento da declaração modelo 1 e dos de *acções emitidas por sociedades com sede no ultramar pagos* na metrópole (alineas a) e c) do artigo 3.º), recebam importancias abrangidas pelo artigo 12.º (recebidas pelo exercício de qualquer função do Estado, dos corpos administrativos e das pessoas colectivas de utilidade publica, administrativa e, bem assim, as pensões de aposentação ou reforma e quaisquer outras pensões ou rendas temporárias ou vitalícias) perfazendo, com aqueles, quantitativo superior a 50.000$00 elevado, no ano de 1959, para 60.000$00 (Decreto n.º 42101, de 15 de Janeiro de 1959) e mantido este ultimo limite, no ano de 1960, pela alínea e) do artigo 4.º da Lei de Meios n.º 2101, de 19 de Dezembro de 1959, apresentarão, em duplicado, declaração modelo n.º 1-A, ás entidades processadoras de vencimentos, pensões ou rendas ou de que recebam outros proventos ali mencionados.

Do Regulamento do Imposto Complementar, art.º 13.º e § 1.º.

Palavras cruzadas

NOVA MODALIDADE
Problema n.º 3904



HORIZONTAIS: 1 — Antigo reino de Espanha. 2 — Freguesia do concelho de Santa Comba Dão. Cidade de França. 3 — Proclamar. 4 — Data. Pico dos Pireneus. 5 — Encalho. Espécie de veado. 7 — Divisivel por dois. Pátria. 8 — Nota musical. Olé! Artigo definido. 9 — Sulcas. Garganta. 10 — Estrela de primeira grandeza na constelação de Lira. Pregar. 11 — Estimes. Nome de mulher.

VERTICAIS: 1 — Símbolo químico do cobalto. Nome de mulher. Entregava 2 — Avarenta. Mas. 3 — Roçaria. Procede. 4 — Árvore terebintácea. Nome de uma flor (pl.). 5 — Campeão. 6 — Cidade na margem do Danubio. Cidade de Portugal. 7 — Rio da América que une os lagos Erié e Ontário. Agora. 8 — parte da casa do muçulmano onde habitam as mulheres. Amofinar. 9 — Preposição e artigo. Grande quantidade. Cura.

Solução do problema n.º 3903

HORIZONTAIS: 1 — Lata. Elos. 2 — Aro. Oro. 3 — Descantes. 4 — As. Ana. Li. 6 — Desvios. 8 — Os Ara. Se. 9 — Descartes. 10 — Ena. Aia. 11 — Sala. Elas.

VERTICAIS: 1 — Ladas. Rodes. 2 — Ares. Sena. 3 — Tós. Seu. Sal. 4 — Cá. AC. 5 — Canaveral. 6 — Na. Ar. 7 — Lot. Por. Tal. 8 — Orel. Seia. 9 — Sósia. Lesas.

Apontamentos de linguística e filologia

Processos de composição

A composição das palavras faz-se de três maneiras diversas — por justaposição, prefixação e composição elíptica. O primeiro processo solda dois ou mais nomes por coordenação (quando um deles representa uma qualidade ou substancia) e por subordinação (quando um desses nomes depende do outro). Exemplo do primeiro caso será o vocábulo *morcego (rato cego)* e do segundo *fidalgo (filho de algo)*. Na Na composição elíptica o nosso espírito parte da relação que descobriu entre dois objectos para uma palávra unica, que engloba as duas designações, com omissão daquela relação. Estão nessas circunstancias os termos *varapau* (em que se subentende a relação existente entre o *pau* e a *vara* de que nos servimos como de um *pau)* e todos aqueles casos em que um dos elementos é aposto do outro ou representa um genitivo (exemplos respectivos: *canafrecha* e *mestre-sala)*. Há ainda a considerar a reunião de um verbo com um substantivo que lhe sirva de complemento: *troca-tintas*.

Feijão

A letra grega *fi* acha-se representada nos textos arcaicos latinos por *p*, o que mostra ter perdido a aspiração, e na evolução do latim vulgar seguiu a sorte desta consoante (exemplo: *pargo)*. Mais tarde, porém, o *fi* confunde-se com o *f*. Daí a palavra *feijão*, cuja forma latina era *phaseolu* (semente do feijoeiro). Houve depois na evolução do vocábulos diversos fenómenos fonéticos: atracção da palatal para a sílaba anterior e assimilação incompleta regressiva do *a* que se palatalizou *(ai* deu *ei)*, palatalização da sibilante *s* intervocálica e finalmente nasalação.

Pedroso

Este patronímico tão frequente em português foi primitivamente uma alcunha, dada aos homens rijos de corpo e de alma. De facto, o étimo de pedroso é *petrosu* — ou seja, pétreo, o que é feito de pedra ou duro como a pedra.

-ebogctairechoso

TIRA-TEIMAS

CAFÉ CORUJA

Restaurante tipico
Coruche — Telefone 114

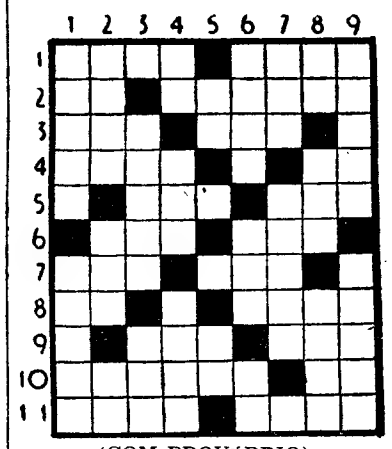
Pratos regionais
Caldeirada á Sorraia
Ensopado de Enguias
Lampreia com arroz á moda da casa
Filetes á Marisqueira
Lombo de Porco no Espeto
Frango de Caril á Coruja
Bifes de Vaca na Caçola
Cabrito á Moda da Casa

Todos os domingos ranchos folclóricos e fandanguistas da região
(6 anos)

Palavras cruzadas

(COM PROVERBIO)

Problema n.º 1856



(COM PROVÉRBIO)

HORIZONTAIS: 1 — Rio da China. Sistema montanhoso da costa Mediterranica de Marrocos. 2 — Estrépito de desmoronamento. Nome de homem. 3 — Pronome pessoal. Mesmo. 4 — Alegre. Preposição. Nota musical. 5 — Bater. Pátria. 6 — Maior. A ele. 7 — Outra vez. Claridade. Conjunção. 8 — Certo. Artigo definido. Patrões. 9 — Falda. Gemidos. 10 — Rilharam. Entre nós. 11 — Azedo. Membros dianteiros dos quadrupedes.

VERTICAIS: 1 — Freguesia do concelho de Figueiró dos Vinhos. Asna. 2 — Fêmea do macho. Pronome pessoal. Língua antigamente falada ao Sul do Loire. 3 — Quintais junto ás casas. Prefixo que designa ar. 4 — Batráquio. Rio da Suiça. Descerra. 5 — Ruim. Em partes iguais. 6 — Ratazana. Via. 2000 em romano. 7 — Segui. Malha de ouro ou prata. Artigo definido. 8 —Uma das virtudes teologais. Origem. Escuto. 9 — Escapar-se. Catafalcos.

Resolveu completamente este problema?

Procure agora, em segundo passatempo, o PROVÉRBIO nele inscrito.

Solução do problema n.º 1855

HORIZONTAIS: 1 — Raça. Usar. 2 — Idos. Sopé. 3 — Ema. Afã. 4 — Are. Ira. 5 — Restassem. 6 — O. Se. Im. 7 — Ter. Mal. 8 — Me. Rei. Al. 9 — Empo. Lave. 10 — Upas. Azov. 11 — Soia. Rosa.

VERTICAIS: 1 — Ri. Aro. Meus. 2 — Adere. TEMPO. 3 — Comesse. Pai. 4 — Asa. Terrosa. 5 — DÁ. E. 6 — Usa. Similar. 7 — Sofisma. Azo. 8 — Apare. Lavos. 9 — Ré. Amé. LEVA.

(Provérbio: Ò TEMPO DÁ E LEVA).

HIPOTECAS

QUALQUER MARCA
QUALQUER SÉRIE
QUALQUER IMPORTANCIA
QUALQUER TEMPO

Sobre automóveis

RUICAR

RUA SANTA MARTA, 27-G, 1.º
Telefone: 53884

O VESTIDO

OS vestidos da mulher são a maneira mais prática de mostrar as graças femininas.

A elegancia, a distinção, a linha, são só dos vestidos. Sem vestidos todas as mulheres são iguais.

O vestido despe as pessoas, e a modista é como o «Estatuário» do Padre António Vieira que arranca uma pedra dessas montanhas, tosca, bruta, dura, informe e, tomando o maço e o cinzel nas mãos, aqui desbasta, ali avulta», até fazer uma mulher perfeita, talvez uma deusa, capaz de pôr no altar dos nossos corações.

Toda a gente imagina que o vestido se fez para tapar a nudez feminina sem se lembrar de que, se ninguém se tivesse lembrado de inventar o vestido, nunca teria surgido nos dicionários a palavra «nu».

E mais. Quando a mulher fez o primeiro vestido logo teve o cuidado de lhe colocar um decote em V.

Esta letra não foi obra do acaso.

O vestido não tapa, o vestido descobre, aponta, indica, valoriza o que está por baixo, é a embalagem que atrai, que reclama, que apregoa a mercadoria que vela — é a tabuleta. Sem a tabuleta não haveria negócio.

O vestido é como o metropolitano. Revolveu-se tudo por cima, mas o que interessa é só o que está por baixo, o que está no meio, que é, afinal, segundo o ditado latino, onde está a virtude.

E isto é tão certo que durante as obras, enquanto não havia o vestido das ruas empedradas e dos canteiros arrelvados, não se esqueceram de abrir aqueles pequenos postigos, por onde a nossa curiosidade ia espreitar todas as manhãs e todas as tardes, e que eram, diga-se de passagem, o decote das obras.

O Paraíso terreal — e o Paraíso foi criado por Deus — não se poderia conceber com o pai Adão de rabona e a mãe Eva de saia de balão, a não ser que se imaginasse, para os acompanhar, uma serpente de saia de folhos, o que seria contra os costumes de toda a natureza que não usa esses atavios.

A natureza, essa, veste as árvores de folhas e flores, todas as Primaveras, é certo, mas parece que o faz só pelo prazer de as despir em vindo o Outono, além de que as flores que fazem parte dessa vestimenta se destinam principalmente a atrair as abelhas e as borboletas com os seus perfumes e as suas cores garridas.

E quem não se sentirá insecto, abelha ou borboleta perante as graças femininas, capciosamente apresentadas ao publico envoltas nos vestidos que parecem trazer sempre em cada prega, em cada folho, um distico paradisíaco que diz — fruto proíbido.

A. F.

Remédio para a inteligência

— Não compreendo como isto pode ser: Eu trabalho como uma besta e não tenho nada, ao passo que você está rico.

— Pois aí é que está tudo. E' uma questão de inteligência. Se você quiser eu cedo-lhe duas injecções das que uso para abrir a inteligência. São só cem paus, quer?

E o outro quís.

Deu as injecções e sentindo-se igualmente estupido foi ter com o outro e disse-lhe:

— Não me dão resultado algum as injecções. A minha inteligência não abre. E, além disso, tenho estado a pensar que duas injecções que não resultam, por cem escudos. São muito caras.

E logo o outro acudiu:

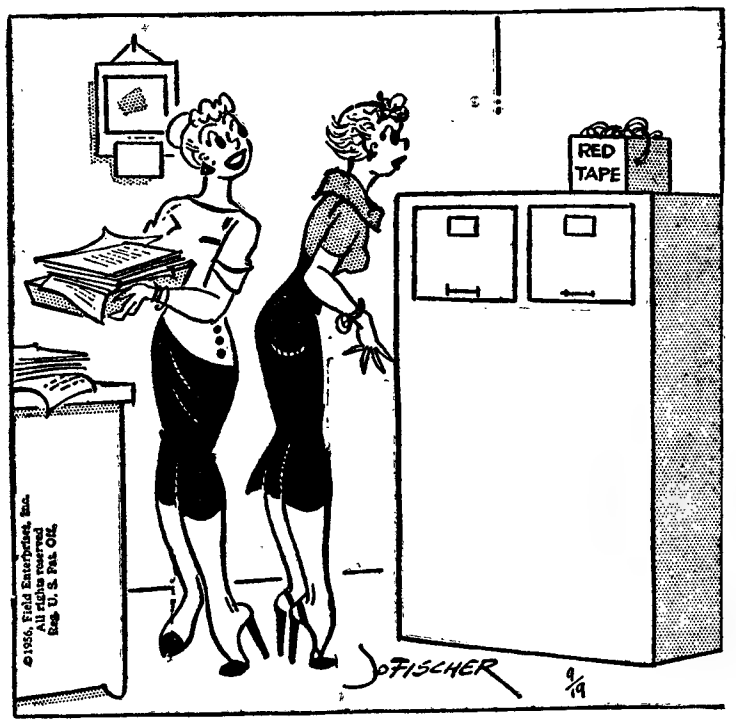
— Não resultam? Então você não vê que a sua inteligência já está começando a abrir?

Perguntas esquisitas

— Você quer um aumento de ordenado?

— Não, senhor, prefiro uma diminuição do preço da hortaliça.

O AUMENTO



— Estes são os novos arquivos para as contas dos aumentos aos aposentados. Não têm gavetas porque é tudo ultra-secreto...

Um teste americano

Ele morava no 30.º andar e quando ia para casa subia no ascensor mas ficava sempre no 10.º andar. O resto subia a pé.

— Porquê?

Veja a resposta no fim da ultima coluna desta página, de pernas para o ar.

Irremediável

Uma certa matrona queria trazer o genro, que era um bêbado, ao bom caminho, á regeneração.

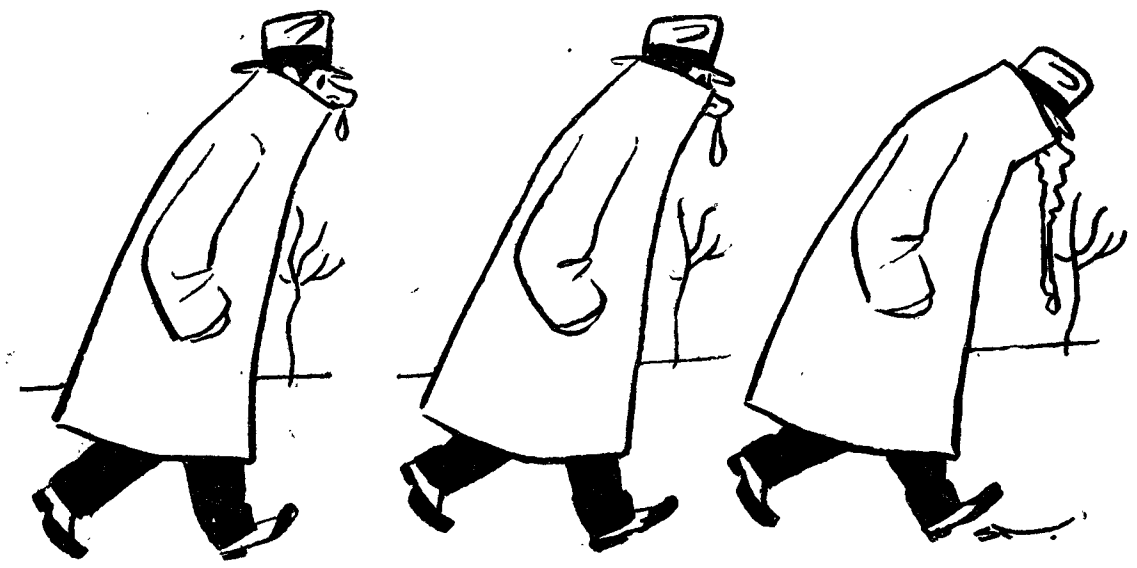
— Você não tem vergonha de andar sempre nesse miserável estado. Porque não dá você um tiro num ouvido?

— Já tenho tentado, mas neste estado, erro sempre a pontaria.

Quem sabe?

Quem se arrepende mais: a mulher infiel ou a fiel?

O FRIO... E O PINGO



1 grau positivo — 0 graus — 3 graus negativos

Remédio santo

Ele não conseguia que a cara-metade deixasse de fumar. Fez tudo, tudo, tudo para o conseguir, mas em vão. Ela cada vez fumava mais.

Ele então teve uma grande inspiração. Comprou-lhe uma grande caixa de charutos e era ele próprio que lhes cortava a ponta e lhos acendia.

Ela estava encantada com aquela reviravolta e começou a fumar o primeiro charuto.

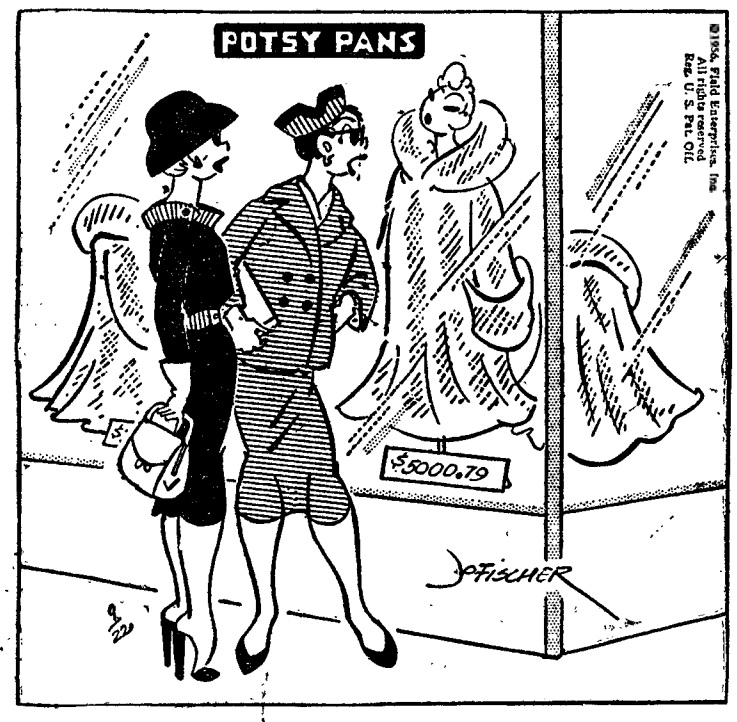
Ainda o charuto não ia em meio e já o marido tinha entornado na carpeta a cinza que ela depositara no cinzeiro.

Foi um remédio maravilhoso...

Cérebros electrónicos

Os cérebros electrónicos resolvem todos os problemas muito rápidamente. O pior é que quando a gente desconfia que eles se enganam, leva seis anos para verificar se realmente houve engano.

Ai! o malandro...



— Meu marido deu-me uma brilhante sugestão acerca do que hei-de fazer com o meu velho casaco de peles! Usá-lo...

Como se consegue ser um verdadeiro pateta

— Querendo viajar sentado num carro eléctrico sem o tomar na estação inicial.

— Querendo sair do metropolitano sem apanhar uma pneumonia.

— Querendo fazer um fato novo sem ter praticado qualquer baixeza.

— Julgando que pode viajar no banco do autocarro em que já vai sentado outro senhor.

— Pensando que pode atravessar a Praça dos Restauradores dum lado para outro sem ser de avião.

— Julgando que ainda há-de vir o autocarro 27.

— Casando.

— Divorciando-se para tornar a casar.

— Pretendendo ver representada uma peça teatral que escreveu, por melhor que ela seja.

— Pretendendo arrumar o seu carro na Baixa.

— Imaginando que pode apanhar a sorte grande, a sorte pequena ou qualquer outra sorte na lotaria moderna.

— Tentando atravessar da Rua do Carmo para o Centro do Rossio antes de duas horas de espera.

Incompatibilidade

Ela queria divorciar-se por incompatibilidade de génios: é que o marido não queria divorciar-se.

Resposta ao teste:

— Porque era anão e só chegava ao botão do 10.º andar do ascensor.

A GRAXA

Dizem que uma empresa americana descobriu um cabedal que para ter lustro não necessita de graxa.
(Do «Diário de Notícias»)

Uma firma americana,
Descobriu um cabedal
Que coisa nenhuma empana
E que ao invés se engalana
Com brilhos de bom cristal,

Fica lustroso num instante
Mesmo sem graxa nenhuma
Pois já de si é brilhante;
Não precisa de engraxante
Nem de pomadas em suma,

Parece, pois, destinado
De uma maneira geral
A vir a ser consagrado
Por não querer engraxado
O engraxado natural.

Mas como ha engraxadores
Que já estão acostumados
A viver de tais labores,
Não engraxando os calçados
Vão engraxar os senhores.

E, leitor, não te comovas
Não te estejas a ralar,
Nem um dedo sequer movas
Pois sem graxa, nem escovas
Também se pode engraxar...

A. F.

JUVENIL

Leitor Amigo:

De novo te escrevo deste reino fabuloso em que vagueio «ao «Deus dará». Calcorreando estradas e carreiros, caminhos que se cruzam sem me indicarem uma direcção que me guie os passos mais do que titubeantes, cá vou, ora desanimando ante a minha própria fraqueza, ora retomando aquelas forças que sempre existem em nós e nós desconhecemos. Tento, procuro chegar ao cimo das enormes montanhas, para de lá perscrutar o horizonte nebuloso deste Mundo, e assim encontrar a minha estrada, mas receio a ascensão, tenho medo da vertigem dos abismos... e deixo-me ficar, aguardando a eterna «melhor altura» que nos persegue em todos os momentos. E, sobretudo, tenho medo de não voltar a descer, de me faltar a coragem para regressar á base e voltar depois a

Por

A. PEREIRA DA SILVA

(Amigo n.º 1436)

subir. Assim, indeciso, vivo numa noite eterna á procura de uma estrela guiadora mas indescortinável.

Ah! Caro amigo, mas hoje quero transmitir-te as minhas impressões sobre um espectáculo curioso a que assisti, cá no «meu» mundo, e a que chamam FUTEBOL. Eu sei que tu também o conheces, e que nada te vou levar de novo. Aliás, previno-te de que mal reparei nos vinte e tanto indivíduos que perseguiam, a caprichosa esfera de couro. Interessou-me muito mais apreciar ás reacções daquela multidão esquisita, ruidosa, mentalizada na «coisa» — porque, incompreensivelmente, neste Mundo também há destas «coisas».

Como esta gente gritava, delirava, e se embebecia, apontando, com gestos de pasmo, os seus ídolos! — como se fossem conquistadores romanos vitorisamente regressados das guerras gaulesas!... Verdade que, confesso-te, quase acredito que estes «deuses» são os precursores de uma nova civilização, a futebolística, avassaladora mas... sem raízes (graças a Deus!).

Pois num relampago, presenciei uma cena aterradora que, presumo agora, é frequente nesta espécie de espectáculos. Junto a uma das chamadas balizas, vi um sujeito elevar-se, apanhar a bola com as mãos sôfregas, e cair, desamparado e de cabeça para baixo, com largas possibilidades de quebrar a espinha. Frémito de espanto, jogo interrompido, um arrepio colectivo que só a aproximação da morte pode provocar e, facto inaudito, levanta-se um coro diabólico, gritando que «aquilo era manha». Mas não era — juro-vos. Via-se perfeitamente a gravidade da situação. E nem assim o cavalheiro de porte distinto, a meu lado, se furtava a contínuas e espumadas manifestações de desumanidade: «ladrão, ladrão, continua o jogo» — gritava para o juíz. (Ao que a magistratura chegou!).

Ora nisto aproximou-se um rapazote, (nem sei como explicá-lo), que com gestos terminantes e uma bela decisão na voz, quase a chorar, exclamou, a todos comovendo: «Mas ao senhor interessam-lhe mais dez minutos de futebol do que a vida de um homem?»

Bela e espontanea juventude! Não é para nos gabar, mas se esta árvore carcomida ainda dá frutos suculentos, entre eles estamos nós, —os jovens—a geração que se segue, espero que felizmente.

Há momentos em que, embora perdidos, nos sentimos felizes e orgulhosos!

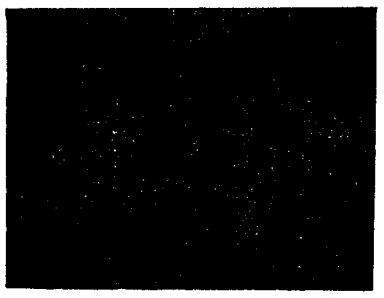
REPORTER PERDIDO

1

Razões para a publicação de artigos

O Amigo n.º 962 — Maria Alzira Semião Seixo, diz-nos o seguinte:

«Uma coisa a que me queria referir era a crítica da colaboração: acho que é uma ideia óptima, pois a pessoa que escreve fica com a opinião de outra, competente, e isto é tanto mais valioso quanto a autocrítica é quase sempre muito difícil, principalmente nos jovens. E digo isto, embora não tenha concordado, precisamente, com algumas das críticas feitas. Acho, por exemplo, que «Os nossos antepassados», artigo pu-



blicado num dos ultimos «Juvenis», não tem o mínimo de valor que se deve exigir dum artigo que mereceu publicação e que o interesse de «Artigos tristes e artigos juvenis» reside apenas na polémica que está a suscitar entre a maioria dos amigos».

Como é obrigatório no nosso jornal, todas as críticas que nos dirigem são publicadas, de forma a que se remedêem erros e os nossos amigos tenham sempre a certeza de que o «Juvenil» é uma tarefa colectiva em que todos de-

(Continua na página central)

GIGANTES DE PORTUGAL

Hoje coube finalmente a vez a um dos maiores vultos da nossa literatura — romancista, contista e cronista revolucionário que abriu caminhos novos á ficção portuguesa. Era um espírito de cultura europeia (discípulo, sobretudo, de Flaubert) e uma natureza profundamente original. Possuia um estilo inconfundível (depois laboriosamente imitado por vários turistas literários), um poderoso sentido do humor e do ridículo que produziram das mais perfeitas e vivas sátiras á sociedade portuguesa.

Para os jovens, o autor da «Ilustre Casa de Ramires» é exemplo não só de arte, de espírito crítico, mas também de probidade intelectual. Qualquer das suas obras era fruto dum trabalho persistente, de autocrítica, de insatisfação; páginas teve que escreveu e rescreveu até atingirem a perfeição por que ansiava.

As respostas devem estar no «Juvenil» até ao próximo dia 12 de Fevereiro, acompanhadas do nome, data dos nascimento, morada, numero de ficheiro (caso já o tenham) dos concorrentes e da menção dos três artigos que preferiram.

Além dos habituais prémios haverá um, especial, para o melhor trabalho sobre o grande romancista que hoje homenageamos.

O QUE PENSAM OS JOVENS DO NOSSO PAIS

Por

VÍTOR JORGE RODRIGUES

(15 anos)

O António Nunes diz não concordar com uma certa espécie de artigos do «Juvenil». Aqueles que ele parece definir como tristes.

Por minha parte, apenas não concordo com os temas que, tratados por jovens, se mostram negativistas. A «Despedida», por exemplo, a que se poderá chamar triste, de modo algum é desalentado, não construtivo, ou denota falta de esperança.

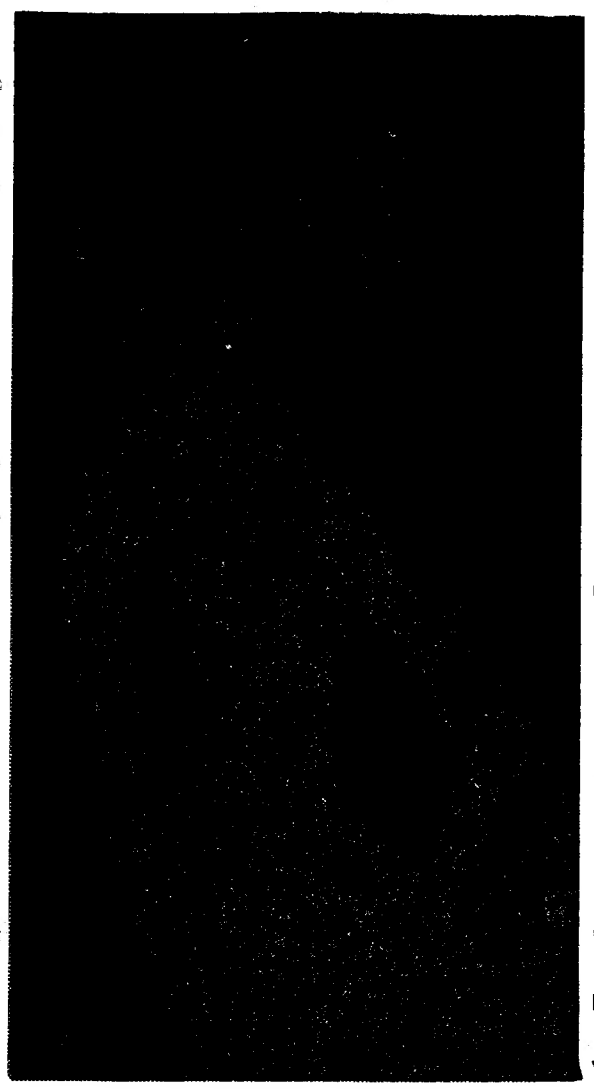
Na verdade, esse conto não procura resolver qualquer problema, ajudar-nos a crer mais no Homem. Eu procuro fazê-lo; no entanto, não acho que esse amigo tenha menos

(Continua na ultima página)

CRÍTICA AOS ARTIGOS TRISTES E JUVENIS

AMARGURA

por **Diogo Ary dos Santos** (16 anos)



Perdido nas mais ínfimas tristezas
eu vi tua beleza divinal.
E chamei-te a musa imortal,
das mais altas e puras clarezas.
Mas tu,
que tens a fronte delicada
e nos olhos
a doce alegria de seres bela,
não me ouviste.
E eu fiquei só;
Náufrago dos meus desejos sem fim,
e chorando,
por alguém ter conseguido
que tu
musa bela e sonhadora,
vivesses tão longe de mim.

OS CAVALEIROS DA TÁVOLA REDONDA

FORÇA ALGUMA DO MUNDO OS PODERIA DETER

PASSADOS os momentos de confusão provocados pela notícia de que o estranho cavaleiro que ousara desafiar o rei Artur na própria sala do trono era Lançarote, logo um grupo dos seus ex-camaradas da Távola Redonda investiu para ele de espada erguida. Das suas bocas soltou-se um brado:

— A' morte! A' morte!

Lançarote olhou rápidamente á sua volta, recuou uns passos até se sentir apoiado numa sólida coluna de pedra; depois, ao mesmo tempo que com a mão direita segurava a sua enorme espada, com a esquerda fez revoltear uma terrível clava eriçada de puas. Os adversários estacaram; como uma onda, porém, de novo golfaram para a frente, gritando, para se encorajarem:

— A' morte! A' morte o traidor!

A acusação fustigou dolorosamente o cavaleiro solitário; o queixo tremeu-lhe; mas foi coisa dum instante: avançando dois passos lestos, flectiu os joelhos e erguendo-se num salto descaiu para a direita. Ouviu-se um estrondo e um guerreiro despenhou-se redondamente nas lajes, onde ficou sem se mexer. Não se detendo, Lançarote aproveitou a surpresa e guinando para a esquerda, sempre com diabólica rapidez, atingiu outro adversário com a maça de armas. A pancada apanhou-o no braço que empunhava a espada e a vítima despediu um grito medonho e caiu de joelhos com a cabeça apoiada no solo.

A espada voou e foi-se espetar num cadeiral. Os assistentes não puderam suster um grito de horror. Mas o triste espectáculo ainda não findara. Ao ver Lançarote carregar de novo sobre um adversário, este agora no centro, as donas e donzelas taparam os olhos com as mãos. O estrondo que se seguiu deu-lhes razão: mais um cavaleiro tombava, como morto, fulminado por uma cutilada.

— Parem! — gritou uma voz feminina.

Era Genebra, a rainha. Mas logo a voz de Artur surgiu, trémula de cólera:

— A mim, esse traidor assassino!

Descera do estrado onde assentava o trono e surgiu na primeira fila dos combatentes.

Lançarote riu:

— Finalmente que estás onde deves estar, rei Artur. Podes mandar sentar ao lado das donzelas os teus cavaleiros, que a justiça é só para dois. Se o não fizeres, fá-lo-ei eu.

— Senhor! — bradou Galvão, escudando com o seu corpo o do monarca. — Isto não é negócio onde sujeis as mãos. Para esse miserável traidor basta o mais humilde dos vossos vassalos. Porque lhe aceitaremos duelo?

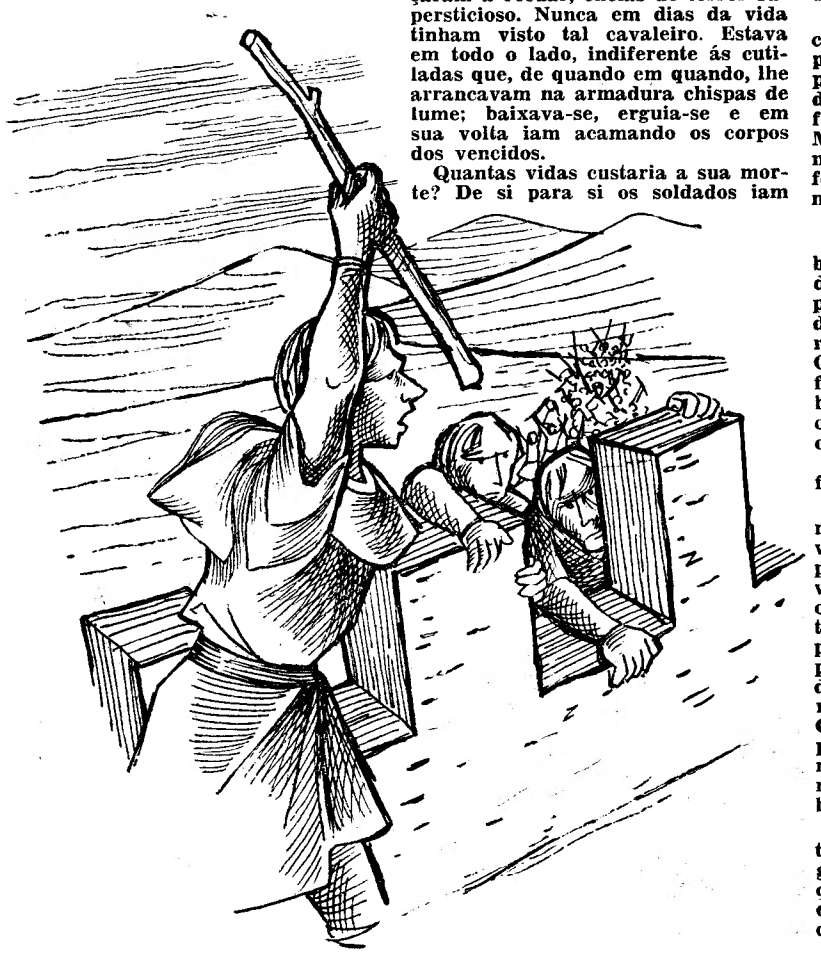
— Aproxima-te! — pediu a voz sonora de Lançarote. Quero chegar ao teu senhor com os pés no teu corpo.

Nesse momento ouviu-se uma voz gritar «ás armas!» e o brado multiplicou-se, devolvido pelas abóbadas de Chamaloté. Pela sala irromperam várias dezenas de homens de armas. Galvão soltou uma gargalhada:

— Acabaram os teus dias, homem traiçoeiro — disse para Lançarote. E voltando-se para a mesnada de guerreiros, ordenou: Prendam-no, que o queremos ver no cepo do carrasco, como cabe a todo o criminoso.

Lançarote viu-se filado de todos os pontos para onde se voltava. «Chegou a minha hora», murmurou. «Para que resistir? Quê? Entregar-se? Subir, de baraço ao pescoço, as escadas do cadafalso? E os miseráveis intriguistas que o tinham caluniado no animo de Artur? A rir-se? Eles que não tinham forças para o enfrentar um a um, dois contra um, todos contra um?»

— Não! — gritou: e os soldados recuaram, estupefactos. Lançarote procurou uma saída para as escadas, mas por todos os lados, salvo pela sua retaguarda, erguia-se um muro de corpos humanos. Ah se os seus amigos camponeses soubessem!... Aí os teria agora com o seu olhar fiel e os seus punhos de ferro. Assim, morreria. Mas de pé. Só de pé.



— De pé — disse de alto, sem saber que estava falando. Depois começou a correr de um lado para o outro como fera enjaulada e onde chegava com a espada ou a maça de armas acendia um grito de dor. As primeiras filas de soldados começaram a recuar, cheias de terror supersticioso. Nunca em dias da vida tinham visto tal cavaleiro. Estava em todo o lado, indiferente ás cutiladas que, de quando em quando, lhe arrancavam na armadura chispas de lume; baixava-se, erguia-se e em sua volta iam acamando os corpos dos vencidos.

Quantas vidas custaria a sua morte? De si para si os soldados iam perguntando se não estaria prestes a soar a hora em que fariam companhia aos homens amontoados no chão. Só Lançarote sabia daquele frio de morte que lhe começava a entorpecer o corpo. A vista toldava-se-lhe. A's vezes uma onda quente cingia-o num apertado abraço; logo a seguir era como se engulisse um poço de gelo. Os adversários, porém, ainda não notavam. Se não recuavam mais era porque atrás de si fechava-se a muralha de dezenas de soldados.

Foi então a vez de Lançarote recuar, asfixiado por um anel de corpos vestidos de ferro. Desviando-se para a parede da direita, a do lado da porta da sala, reuniu as ultimas forças para conseguir chegar até ela. Mas essas forças já começavam a negar-se. De repente rebentou, lá fora, como um trovão, um brado formidável:

— Lançarote e o nosso direito!

Os vidros das janelas estreitas vibraram. O grito insinuou-se por todas as frinchas, rasgou caminho por todas as portas e apoderando-se das abóbadas de pedras rolou como rola o mar em dia de tempestade. O pobre cavaleiro, cheio de feridas, fitou os inimigos que se tinham imobilizado de pasmo; seus olhos aqueceram-se com lágrimas de ternura: os amigos não o tinham abandonado.

— A mim! — apelou, com quanta força tinha.

— Lançarote e o nosso direito! — responderam, da rua, milhares de vozes. O ar pareceu rachar com o peso da tempestade de gritos. Ouviu-se um tropel de passos. Eram os primeiros camponeses que, ultrapassados os obstáculos que os separavam do companheiro, irrompiam por todos os lados como uma inundação. O panico deu pernas aos homens que cercavam Lançarote. Quando porém assomavam á porta, por esta golfou um rodilho de homens sem armaduras, nem elmos, nem espadas, apenas munidos de bestas e cacetes.

Lá fora, as muralhas de Chamaloté, vistas de longe, pareciam pintalgadas: homens, mulheres e crianças trepavam por elas num impulso que força alguma do Mundo poderia deter.

A CONVERSA DA SEMANA

(Continuação da 1.ª página)

vem colaborar dedicada e desassombradamente.

No que respeita aos reparos da Maria Alzira, de muito interesse, pois afloram um problema de interesse — o das razões que devem orientar a escolha de artigos para publicação — nós devemos-lhe e a todos os leitores, já agora, as necessárias explicações.

Em nosso entender o crítico da escolha não se deve basear apenas no alto nivel da colaboração deste ou aquele dos nossos amigos. E' um ponto de referência indispensável, mas não o unico. O «Juvenil» tem tido sempre em conta, além deste, mais alguns aspectos.

Um deles é aquele que a Maria Alzira muito bem assinalou no caso de «Artigos tristes e artigos juvenis»: a discussão salutar de temas vivos que um dado trabalho pode suscitar entre os nossos leitores. A's vezes um artigo sem razão (não nos referimos ao acima citado) é de resultados mais proveitosos do que um artigo muito justo nas suas análises e opiniões. Isto, porque quebra a rotina e a inércia, remeche problemas, desperta o ardor combativo, quebra a timidez, sobretudo nos jovens. Ora se há programas que o nosso jornal aprecie, este é um deles.

Outro caso que nunca perdemos de vista é o de que o «Juvenil» não se destina apenas aos jovens de talento. O «Juvenil» é uma publicação de convívio entre a gente moça; é um centro de conversa em que todos podem e devem ter coisas a dizer, nem sempre com grande arte, mas nas medidas das suas possibilidades. A publicação dum artigo não representa apenas o ensejo de revelar um valor; é, também, uma oportunidade para um jovem ganhar confiança em si e habituar-se a não temer manifestar ideias e sentimentos. Todos os que viram publicados artigos seus sabem, por experiência própria, a sensação nova de equilíbrio interior que passaram a gozar. Quebraram o muro do medo; passaram a pertencer á sociedade, onde se tornaram seres activos e interessados no que se passa á sua roda.

Mas a questão não se limita a isto. Como sabem, nós pretendíamos criar no «Juvenil» dois sectores: as duas páginas exteriores, ocupadas pelos maiores de 15 anos; as duas de dentro, pertencentes aos de idade inferior áquela. O primeiro objectivo está sobejamente cumprido; o mesmo não se pode dizer do segundo: tirante o caso de Maria José Lancastre, de Pedro Foyos e de poucos mais, é difícil preencher as páginas interiores.

Que fizemos, então? Publicámos artigos de pouquíssimo interesse unicamente como o fito de trazer até ao «Juvenil» colaboradores de 10, 11, 12, 13 e 14 anos.

Eis explicado o nosso critério. Que falta acrescentar? Isto: que os autores de artigos mais fraquinhos deverão ser objecto de críticas especiais, cuidadas, justas, mas que não lhes tirem a coragem.

Agora gostaremos de ouvir os nossos amigos.

2

Critica ao número 142

Passaremos, de futuro, a fazer uma curta crítica a cada numero do «Juvenil» saído.

O n.º 142 foi muito equilibrado: uma poesia («A Menina Feia») de grande sensibilidade; um artigo de impressões de viagem («Como eu vi e entendi Paris»), onde, pela primeira vez nestas colunas, um jovem conseguiu dominar o seu alvoroço ante países novos e procurou não perder de vista que escrevia para pessoas da sua idade e que estas gostariam de saber alguma coisa sobre jovens de outros países; um notável artigo de crítica, embora unilateral, em que as ideias se exprimem com toda a clareza («Comentário ao artigo de António Nunes de Almeida»); um conto de excelente nível literário («Um juiz») que só perde por um tanto de confusão no retrato do personagem; outro conto («Um engano dispendioso») com muito menores ambições, tanto literárias como pela densidade do assunto, mas que se lê com agrado; finalmente, a terceira narrativa de «Lendas do Algarve» em que o autor não se libertou dos livros onde as foi coligir, seguindo-os, por vezes, demasiado de perto, o que se torna indispensável evitar, e que, todavia, possui o mérito de revelar aos jovens pedaços do nosso folclore.

O Conto «Um juiz», a poesia «Menina Feia» e o artigo de Eduardo do Prado Coelho são, quanto a nós, os melhores trabalhos. Entre o primeiro e o terceiro será difícil escolher o melhor; inclinamo-nos, porém, para este, pelo seu vigor crítico, pela sua qualidade literária, pela personalidade que revela.

E' ele o escolhido para o prémio que desde este numero, como prometemos, atribuiremos ao artigo que os orientadores do nosso jornal considerarem o mais significativo, em cada numero.

3

Amigos de Leste

Recebemos as vossas notícias e está quase terminada a carta que dirigimos ao Vitor Manuel Veloso da Silva. Entretanto cá esperamos pela colaboração para o «Juvenil» feito pelos amigos do Porto.

4

Novidades de Coimbra

O Amigo velho que muito estimamos, Maria do Céu Bilet Alves, escreve-nos a comunicar-nos que já iniciou os primeiros passos para seguir o exemplo dos nossos leitores do Porto. Vamos mandar-lhe a lista dos Amigos de Coimbra e escrever-lhe-emos esta semana. Para já, um grande abraço de parabéns.

5

Amigo n.º 365

Contamos evidentemente contigo para os recitais de poesia. Sabes bem que ocupas na nossa estima um lugar muito especial, devido apenas ás tuas qualidades intelectuais e de carácter.

6

Artigos recebidos

Recebemos a seguinte colaboração:

1) Poesias diversas de António Degois Pereira (16 anos, amigo n.º 1494). O António já deve exigir mais de si. Estas poesias sacrificam demasiado á rima, o que lhes dá um ar forçado, de que outras, anteriores, estavam isentas. Portanto, amigo, deves trabalhá-las melhor.

2) Poesias diversas de Maria da Luz Videira (20 anos, amigo n.º 1655). Serão publicadas.

3) Poesias diversas de Maria Alzira Seixo (18 anos, amigo n.º 962). As tuas poesias têm beleza formal, mas necessitavam maior coesão de ideias. Quando as publicarmos ou talvez antes, far-lhe-emos a devida crítica.

4) «O parque de Krujer» por José Eduardo Franco (18 anos). Será publicado.

5) «O patinho feio» por Maria José Conde Barroso (Amigo n.º 1639). Conto curioso, prejudicado pelo happy end. Será publicado.

6) Poesias diversas de Maria Leonardo Branco (14 anos, amigo n.º 1657). Serão publicadas.

7) «A Vida é bela», por Maria Fernanda de Brito e Silva (18 anos, amigo n.º 246). Será publicado.

8) «Folhas do meu Diário», por António José Miranda (19 anos). Será publicado.

9) «A luta do homem pelo homem», por José dos Anjos Lopes. Será publicado.

10) «Um sonho» e «Vinho, mulheres e canções», por Olga Alcina de Vasconcelos. Serão publicados.

11) Poesia por Heitor Ferreira da Silva (18 anos, amigo n.º 1539). Será publicado.

12) «Avé Maria», por José António Pinheiro. Peca por demasiados objectivos. Será publicado.

13) «Estranha maneira de pescar», por Augusto M. S. Dias (Amigo n.º 1797). Vê-se que o trabalho foi escrito apressadamente, mas será publicado em virtude do assunto ter interesse.

14) «Tu e ele», por Maria Elisabeth Fernandes (16 anos, amigo n.º 1056). Será publicado.

7

Artigos preferidos

Os artigos mais votados no n.º 142 foram:

1—«Menina Feia», por Maria Teresa Romano Ventura (16 anos)	251
2—«Como eu vi e entendi Paris»	224
3—«Um juiz»	224
4—Os cavaleiros da Távola Redonda	157
5—Um engano dispendioso	157
6—O que pensam os jovens do nosso País	138
7—Lendas do Algarve	120
8—Mas impenetrável	69

A Maria Teresa deve procurar na secção respectiva o prémio que lhe coube como autora do artigo mais votado.

LIVROS DO BRASIL

Este não é apenas o nome de uma grande Editora; é também o nome de uma sua colecção que reune alguns dos principais nomes da literatura brasileira:

Erico Veríssimo
José Lins do Rego
Gilberto Freire
Euclides da Cunha
Gastão Gruls
Joracy Camargo

e outros mais.

E' uma colecção indispensável e que, por isso mesmo, recomendamos aos nossos leitores.

LENDAS DO ALGARVE (4)

por ANTÓNIO RAMIRES (16 anos)

Há mais de 2 séculos certo homem dirigia-se de S. Brás de Alportel para Faro, quando a certa altura lhe apareceu uma formosa moura vestida de azul, com os cabelos negros soltos ao vento em ondeadas madeixas. O seu olhar era doce e ingénuo. Ficou ele surpreendido e não pôde dizer nada. A moura, que demonstrava uma grande bondade, convidou-o a acompanhá-la. De boa ou má vontade ele aceitou o convite. Andaram durante pouco tempo e a certa altura a moura parou e bateu o pé no solo por 3 vezes. Ao mesmo tempo abriu-se uma porta no chão e ambos desceram em seguida uma escadaria feita do mais belo e puro mármore. Em pouco tempo se viram numa enorme sala de paredes e colunas de ouro, bordadas com diamantes, rubis e pérolas de rara beleza. Em 2 cantos da sala, estavam, contudo, um leão e uma serpente amarrados. O seu primeiro movimento causou-lhe profundo susto, mas logo sossegou pois o que via era extraordinário.

Então a moura disse-lhe:

— Se quiseres ser dono deste palácio terás que nos desencantar. Para isso só imponho 3 condições: consentires em ser 3 vezes engolido e 3 vezes vomitado por meu irmão; 3 vezs serás depois abraçado por minha irmã e finalmente terás que consentir que eu te beije a face tirando-te assim os santos óleos que recebeste do baptismo.

O pobre do homem estremeceu todo, mas fingiu no entanto estar quieto, e limitou-se a perguntar onde estavam o irmão e a irmã. A moura apontou para o leão e disse: este é o meu irmão; e indicando a serpente: esta é a minha irmã.

O bom do homenzinho não sabia que dizer nem fazer mas passado algum tempo disse-lhe que iria pensar bem nas condições impostas e que brevemente voltaria ao mesmo lugar onde a tinha encontrado e dar-lhe-ia a resposta.

A bela mulher não se mostrou contrariada e ainda lhe deu 2 barras de ouro que o nosso homem aceitou satisfeitíssimo e saiu do misterioso palácio acompanhado sempre da moura. Quando chegou a casa escondeu as barras e ocultou a toda a gente o que lhe acontecera.

Escusado será dizer que nunca mais voltou ao lugar que tinha prometido á moura.

Viveu o homem algum tempo com as barras ocultas mas certo dia necessitando de dinheiro vendeu-as e coisa espantosa: a partir dessa altura ficou cego.

E pronto! As «Lendas do Algarve» terminaram aqui; só me resta dizer que podem vir sem receio passear ao Algarve pois que as famosas mouras há muito que deixaram de existir. Ou teriam elas realmente existido?!...

APÊLO

por MARIA LEONARDA DE CARVALHO BRANCO
(14 anos)

Momos, anões, fadas de encantar,
bruxas horrendas de hipnotizar,
reinos fantásticos de endoidecer,
maravilhosos castelos, doirados de prazer.
Belas princesas e príncipes encantados
que sonhais com humildes namorados
que vos hão-de desencantar um dia...

Vento que ris, bailando sòzinho,
Noites sem lua, de invernia,
estrelas brancas, que chorais baixinho
por um pequeno feiticeiro trovar,
estátuas e pedestais antigos
que dais conselhos amigos
aos que precisam de amor...

Vos todos...
do reino da fantasia,
deixai dormir, que é noite, as criancinhas,
adormecei nas louras cabecinhas,
e com suave alegria...
...deixai-as sonhar com os doces anjos

NOTAS DE IMPRENSA

Ultimamente, falou-se muito em literatura infantil. Nós próprios nos fizemos eco dessas opiniões. Nem podia deixar de assim acontecer. Por duas razões: primeira, porque os Jovens nos interessam em especial, como o Juvenil vem demonstrando; segunda, porque nos preocupa sobremaneira a escassez, a pobreza, o mau rumo da literatura infantil.

Se tens um irmão mais novo...

Pois bem, Amiguinhos: Tenho á minha frente, alguns livros acabados de sair e não posso deixar de me sentir consolada com a sua leitura.

O LEÃO HEITOR é um encantador livro para os mais pequenos, mas que enternece os mais velhos. Passado na nossa Africa, no parque de feras da Gorongoza, conta a engraçada história de um leão que tinha um grande segredo; segredo um dia desvendado, por acaso, e que enternece quem o conhece. E ainda por cima, a história é ilustrada por Tossan, em desenhos cheios de ternura e beleza.

GROGH, A HISTÓRIA DE UM CASTOR, conta as aventuras da ultima colónia de castores na Europa, antes do homem, levado pela cobiça das suas peles, promover a sua encarniçada perseguição. Que lição de coragem, de fraternidade, de espírito de sacrifício, esses animais perseguidos sem tréguas demonstram! Que livro construtivo! E que belas estampas de Paulo Guilherme!

ANIMAIS, ESSES DESCONHECIDOS, não carece de apresentação. Todos os nossos Amiguinhos conhecem as histórias enternecedoras do dr. Virgolino, um amigo dos animais que viveu com eles, intimamente; e depois das histórias do bom doutor, todos já conhecem os segredos do mundo animal que o Juvenil desvendou. As ilustrações, de Tossan, foram refundidas, especialmente para esta edição.

ALICE NO PAIS DAS MARAVILHAS, embora seja uma reedição, apresenta um aspecto novo, completamente novo, colorido por Figueiredo Sobral. Nunca nos cansamos de ler as aventuras da pobre Alice, uma menina cheia de curiosidade e vítimas desse seu defeito. Ela ensina aos meninos a cautela necessária para se não deixarem arrastar, demasiado por uma imaginação que pode criar muitas sensaborias. Porque, na vida real, nem sempre tudo acaba bem, como aconteceu á louquinha da Alice, no seu curioso sonho.

Todos estes livros, integrados em duas colecções da Portugália Editora — os «Pequenos Pioneiros» e «Pioneiros» — estão esplêndidamente cartonados, com belas capas a cores, cujo aspecto é, já por si, uma tentação.

Mas o que nos encanta é, como não podia deixar de acontecer, o conteudo de todos eles, o que nos ensina, a bela lição que nos dá da vida e da ulta pela existência. E se esta luta nem sempre é bem sucedida, pelo menos deixa, aos vindouros, alguma coisa com que muito têm a lucrar — o bom exemplo do dever cumprido.

Examinando esta nova colecção, verificamos ser ela fruto de um trabalho conscienciosо, fruto de uma experiência pedagógica muito de louvar e que, de há muito, se notava fazer falta.

As crianças, nas idades abrangidas pelas duas colecções citadas, podem necessitar dos adultos para lhes dirigir as leituras ou integrá-las nos assuntos das mesmas. Mas elas gostam de aprender, por si, ler e meditar, encarar o mundo da natureza e o das relações humanas, com o seu próprio esforço. E se não podem viver este mundo, podem, com certeza encará-lo através as leituras e construí-lo, depois, segundo a sua imaginação. Muitas vezes, a criança encontra, na leitura bem dirigida, o equilíbrio que lhe faltava ou que havia perdido em más literaturas, ou em assuntos fora da realidade humana, dos seus interesses, do seu desenvolvimento mental. Não podemos esquecer-nos que a cultura de amanhã se baseia na criança. E nada de melhor que corrigir os defeitos e aberrações de cultura que os lugares-comuns a crivaram. Até por uma questão de respeito pelo indivíduo, que a criança representa.

M. H. C. D.

Um romance sobre os pescadores da Nazaré

Na Colecção «Contemporanea» da Portugália Editora, foi publicado, no final do ano, um romance sobre os pescadores da Nazaré, obra cheia de beleza e de dramatismo, que nos vem revelar a luta empolgante dos homens do mar com as forças da Natureza.

Alves Redol, seu autor, é demasiado conhecido dos jovens para que seja necessário falar sobre ele. Só recomendamos, pois, aos maiores de 17 anos, a leitura de

UMA FENDA NA MURALHA.

Qual é a coisa qual é ela?

Branca larada,
Que vai pela estrada,
Nem fia nem tece
E seus filhos veste.

Mãos á obra! Uma adivinha que todos vão adivinhar, com certeza, certezissima! E' mais uma adivinha do engraçado livro de Fernando Pires de Lima «Qual é a coisa qual é ela?», que todos os nossos Amiguinhos já conhecem.

As respostas devem estar na nossa Redacção, R. Luz Soriano, 44-48, até ao dia 12 do corrente, acompanhadas do nome completo, morada e data do nascimento (para os que escrevem pela primeira vez) assim como da menção dos três artigos que mais apreciaram neste numero.

Soluções do Concurso do *Juvenil*

SOLUÇOES DOS CONCURSOS DO NUMERO ANTERIOR: QUAL É A COISA, QUAL É ELA? — A COBRA
GRANDES FIGURAS DE PORTUGAL: RAMALHO ORTIGAO

VENCEDORES

VENCEDORES

1. — Amigo 1828 — Laurindo Ferreira Canavilhas (Amadora).
2. — Amigo 846 — Maria Fernanda Nunes Leal (Lisboa).
3. — Amigo 1502 — Carlos Miguel Teixeira Ribeiro (Porto).
4. — Amigo 1673 — Belmiro de Leão (Porto).
5. — Amigo 1846 — Marna Paula Netto de Miranda (Parede).
6. — Amigo 1795 — António Pacheco de Miranda (Lisboa).
7. — Amigo 972 — Luís Guilherme Ribeiro de Carvalho (Monchique).

PREMIOS

1 a 5. — «A SONSA», da colecção Miniatura, de Livros do Brasil, Lda.
6. — «A ULTIMA ALDEIA», da coleç. Miniatura, de Livros do Brasil, Lda.
7. — «O HOMEM QUE VIA OS COMBOIOS PASSAR», coleç. Miniatura, de Livros do Brasil, Lda.

PRÉMIO PARA O MELHOR TRABALHO SOBRE RAMALHO ORTIGÃO

8. — Amigo 428 — Branca Ida Leitão Serra (Lisboa).

8. — «OLHAI OS LIRIOS DO CAMPO», por Erico Veríssimo, de Livros do Brasil, Lda.; «A SONSA», da coleç. Miniatura, de Livros do Brasil, Lda.

PRÉMIO PARA O TRABALHO MAIS VOTADO:

9. — Amigo 1775 — Maria Teresa Romano Ventura (A menina feia).

9. — «A REVOLUÇAO DA ARTE MODERNA», da colec. L B L, de Livros do Brasil, Lda.

PRÉMIO PARA O MELHOR ARTIGO DO NUMERO ANTERIOR:

10. — Amigo Eduardo Prado Coelho (Lisboa) (O que pensam os jovens do nosso País).

10. — «A ASIA A CAMINHO DA EUROPA», da colec. LBL, de Livros do Brasil, Lda.

DIÁRIO DE BORDO

Amigo 1827 — Viviana Pacheco da Silva (Lisboa). Manda dizer se o nome é assim mesmo ou se viria mal escrito.

Amigo 1823 — Maria Lisete Coelho Lebreiro (Lisboa). Obrigado pela rectificação.

Amigo 1771 — Espero que a esta hora já tenhas recebido o livro. Manda dizer, sim? E desculpa a demora.

Amigo 1056 — Maria Elisabeth Fernandes (Lisboa). Obrigado pela nova Amiga. A tua ideia dos cartões já nos foi dada por outros Amigos e será posta em prática, dentro em breve, até para poderem assistir ás sessões de cinema que, passarão, assim, a ser apenas para os Amigos do «Juvenil» e das pessoas que os acompanharem. Pode-se ser amigo do «Juvenil» desde que se saiba ler e escrever até aos 21 anos.

Amigo 589 — João Pimenta (Queluz). Não te esqueças de dizer quais os artigos que preferiste, em cada numero lido.

Amigo 1842 — Ana Maria Salgueiro (Lisboa). Manda a morada, sim?

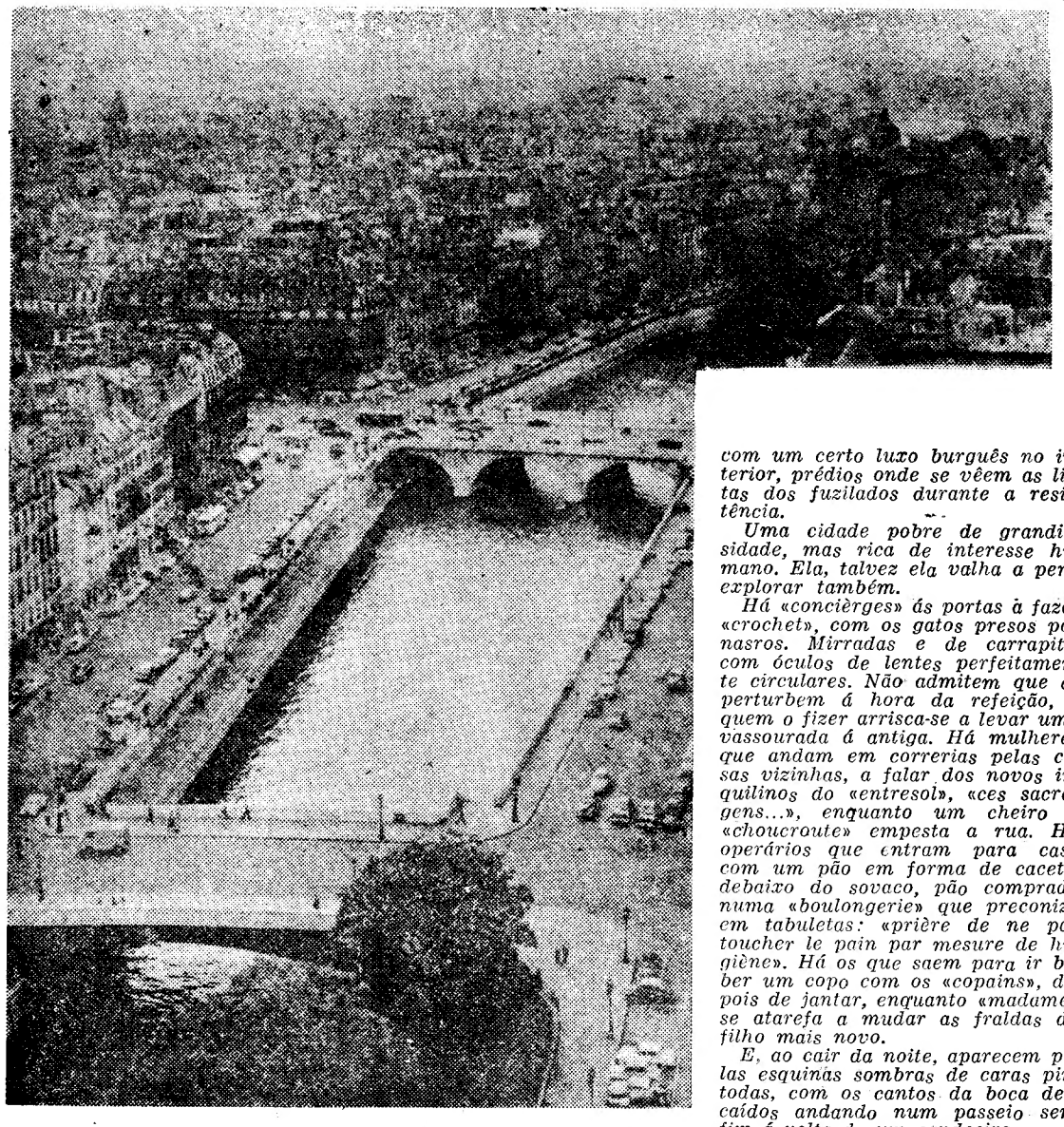
Amigo 1752 — Maria do Rosário Santos Serra (Lisboa). Este fica sendo o teu numero. Indica-o sempre na tua correspondência.

Amigo 1799 — António Carlos Morais Nunes (Lisboa). Os livros já seguiram. Manda acusar a sua recepção.

Amigo 365 — Maria Guilhermina Claro Lobato (Barreiro). Se te faz transtorno vir buscar os livros, mandá-los-emos, visto que o teu pai já se deslocou até cá, sem resultado.

Amigo 1848 — José Eduardo Pires Franco (Lisboa). Manda a data do nascimento o mais depressa possível.

Do amigo TROTE



com um certo luxo burguês no interior, prédios onde se vêem as listas dos fuzilados durante a resistência.

Uma cidade pobre de grandiosidade, mas rica de interesse humano. Ela, talvez ela valha a pena explorar também.

Há «concièrges» ás portas à fazer «crochet», com os gatos presos por nasros. Mirradas e de carrapito, com óculos de lentes perfeitamente circulares. Não admitem que as perturbem á hora da refeição, e quem o fizer arrisca-se a levar uma vassourada á antiga. Há mulheres que andam em correrias pelas casas vizinhas, a falar dos novos inquilinos do «entresol», «ces sacrés gens...», enquanto um cheiro a «choucroute» empesta a rua. Há operários que entram para casa com um pão em forma de cacete, debaixo do sovaco, pão comprado numa «boulongerie» que preconiza em tabuletas: «prière de ne pas toucher le pain par mesure de hygiène». Há os que saem para ir beber um copo com os «copains», depois de jantar, enquanto «madame» se atarefa a mudar as fraldas do filho mais novo.

E, ao cair da noite, aparecem pelas esquinas sombras de caras pintadas, com os cantos da boca descaídos andando num passeio sem fim á volta de um candeeiro.

O que pensam os jovens do nosso país

(Continuação da 1.ª página)

esperança, ou mais negativismo do que eu. Tristeza, na literatura juvenil, não corresponde directamente a desalento. Por exemplo, no «Diário de Anne Frank» encontram-se misturadas com frases que mostram uma vitalidade, um amor á vida e uma confiança no futuro, inquebrantáveis, frases em que se nota tristeza.

A-parte disso, estou também de acordo com que os jovens devem, no que escrevem, evitar a predominancia de temas mais ou menos tristes que levam muito fácilmente (quando mal escritos) a uma coisa mais ou menos «pires»... E seria bom que procurassem dar também á poesia e á prosa juvenil, temas menos vazios e em que poderiam aparecer o amor, a esperança, o sinal + que todos os rapazes e raparigas devem representar como uma nova geração que constituem.

Seguindo o artigo deste amigo, aparecem-me algumas interrogações suscitadas por ele: não compreendo porque é que os jovens se sentem tristes, desolados, quando mergulham sobre si próprios. Porque se tornam egoistas, egocentristas.

Será porque não acham nada dentro de si ou o não sabem procurar? Tornar-se-ão egoistas e egocentristas, no segundo caso, como que por um «acto de sobrevivência» num meio ambiente «hostil»? Não compreendo. O espírito de um jovem é suficientemente rico em qualidades para que possa eliminar só por si estes vácuos. Será então tão difícil encontrar para a nossa boa construção de futuros homens, uma razão de viver (e que se saiba utilizar bem)?

Reparei também numa coisa em que discordo da sua opinião: «A poesia é mais uma fonte de prazer estética...».

Pelo meu lado, não penso que a poesia deva ser analisada como objectivo de conhecimento racional (entendendo por isto, como uma objectiva, que sirva para analisar objectivamente), não, mas sou de opinião que a poesia, muito acima de uma pura emoção estética, é uma arma em comum (tanto ou mais do que a prosa), ao serviço do Homem, na sua luta pela esperança, pela paz, pelos seus ideais.

Chove lá fora

Por

MARIA DO CÉU BELEL ALVES

17 anos—amigo n.º 53

Está uma noite escura, daquelas que nos dão a impressão de pesar enormemente em cima de nós e nos fazem abrir a janela para melhor respirarmos.

Da janela do meu quarto olho para a rua. Uma baforada de ar faz-me estremecer fazendo notar que está frio. Uma chuva miuda cai sem cessar. A rua está deserta. Silêncio.

Olho, uma por uma, as casas que se encontram na minha frente. Todas elas são habitadas por gente pobre. Mentalmente vejo essas criaturas.

Primeiramente a ti'Ana, aquela pobre velhinha toda curvada — os anos já lhe pesam sobre o corpo — que mora na casa cor-de-rosa com uns vasos á porta. Pobre ti'Ana! Para comer um pouco de pão tem de o pedir de porta em porta!...

E o senhor Manel, o que tem a mulher num hospital e uma filha paralítica? Coitado! Custa-me imenso vê-lo quando regressa do trabalho. Vem sempre completamente esgotado de tanto labutar. E para quê?

A Angélica, a mãe do Joãozinho?... Miséria, só miséria.

Por que será que Deus deixa sofrer tanto as pessoas? Porquê?...

O meu pensamento é interrompido por um chapinhar. Olho. Um homem caminha apresadamente. Passa um carro. A luz dos faróis rasgam o véu formado pela chuva. Para o alpendre de uma das casas que avisto corre um gato. Certamente é o Pombinho, o bichano da Isaura, uma pequenita de quem gosto bastante. Indiferente a tudo isto, a chuva cai incessantemente no seu ritmo monótono.

... ...

Aos poucos e poucos uma tristeza infinita vai tomando conta de mim. E, sem querer, correm lentamente, pela minha cara, umas gotas quentes. Chove na Natureza e no meu coração.

Um ar de Paris

por MACHADO DA LUZ (16 anos)

Se se quisesse fazer uma comparação simplista entre Paris e Lisboa, dir-se-ia que aquela vive da forma, enquanto que esta vive da cor. No entanto, aprofundando a observação ver-se-ia que Paris não tem falta de cor; apenas ela está distribuida de uma maneira muito diferente; e talvez valha mais a pena falar dessa distribuição, do que das perspectivas, da largura das avenidas, enfim, da forma da cidade, pois esta é sobejamente conhecida, até por quem nunca a visitou realmente. E' que os seus perfis são constantemente mostrados através das ilustrações, dos bilhetes postais, dos quilómetros e quilómetros de filme que correm pelo Mundo.

Em Paris, os edifícios são cinzentos, quando não negros. Mas a cor existe, e existe vazando a rua, e até sobre o pavimento. As lojas, cujos exteriores chegam a ser pintados de vermelho vivo, são tão juntas, que as suas fachadas chegam a dar uma impressão de cenário teatral, prolongado indefinidamente ao longo das ruas. E esta impressão acentuava-se quando as casas tão escuras, são apagadas pela noite: então, há uma fita serpenteante, vivamente pintada, e, por cima, anuncios de «néon» suspensos do nada.

Dizia-se atrás que a cor existia também no pavimento. E' que ele é a tela em que muitos jovens expõem os seus talentos, a troco de «quelquer pièces de monaie». Com efeito, durante o dia, as bordas dos passeios são tomadas de assalto e aparecem grandes quadros, a giz de cores, sobre os mais variados assuntos. Quando a obra está terminada, o seu autor afasta-se e procura outro lugar. Ela começa então a ser fatalmente apagada pelos milhares de sapatos que lhe vão passar por cima.

Chama-se e muito frequentemente cidade-luz a Paris. E' possível que noutros tempos este, agora, lugar comum fosse uma verdade. Ainda o será, mas num sentido muito mais lato, o da cultura. Realmente, mesmo o centro não é extraordináriamente iluminado, apesar de haver em alguns sítios belos aglomerados de anuncios luminosos. E até os seus monumentos só o estão na época turística, «para americano ver», e por uma luz crua que tira todo o relevo aos pormenores da decoração.

E' ela conhecida por eles, e é, em parte nisso que repousa a prosperidade do turismo parisiense.

Esses monumentos ficarm como testemunha da época em que foram construídos, e hoje pode admirar-se uma maravilhosa evolução da arquitectura dos tempos, até porque Paris tem sido, até certo ponto, poupada de destruições.

E' a evolução continua com a sede da U.N.E.S.C.O. Este fantástico conjunto não tem ainda aquela fama que faz outros serem pontos de visita obrigatórios para todo o turista médio. Mas isto terá apenas raíz na sua «juventude», o que não impede o poder dizer-se que ficará como expoente da arte de hoje.

E' uma síntese de várias artes e materiais nacionais. Teve colaboração artística de alguns dos maiores nomes da pintura e da escultura actuais, enquanto que a equipa de arquitectos inclui americanos, italianos e franceses. Portugal participou na construção, fornecendo a cortiça que cobre dezenas de metros quadrados de pavimento.

Mas, para atrás do palácio e dos grandes «boulevards» estende-se uma cidade desconhecida daqueles que só os vêm admirar uma cidade de ruas mais estreitas em que não há nada nem «boutiques» de «haute couture», uma cidade quase provinciana com «squares» cheios de arvoredo e bistros com balcão de zinco, pelas esquinas.

Prédios de empenas a cair, mas mais longe, as pontes do Sena; a noite iguala-as ao mais silencioso «faubourg». Debaixo delas dormem «clochards» com roncos avinhados.

Ao longo do rio, as caixas de folha dos alfarrabistas, guardando dentro as «Liaisons daugeveuses» de Laclos, as reproduções de quadros célebres e as estampas evóticas, esperam a manhã.

Cheiro a «croissants», café frecos, apitos das fábricas, as chaminés começam a deitar fumo.

A dona de casa sai em vestido de florinhas, de ventre proeminente e volta com o «filé» cheio.

Pares de velhas vão á missa em St. Germaine-en-Laye, vestidas de cetim preto e com chapéus floridos, porque aqui ninguém usa a cabeça descoberta.

O visitante acorda finalmente, veste uma camisa estampada, põe a tiracolo a sua «Laica» e vai numa dessas visitas guiadas, através do Louvre, ouvindo, juntamente com os seus compatriotas, as explicações, sem ter decidido ainda se irá ver nessa noite «les reines du deshabillage frou froutant», ou se irá a um restaurante onde pedirá o vinho mais caro, e em seguida, para a bela cama do seu quarto de hotel — não tão boa como as do seu país.

Perigo de não ir ao cinema

por **AUGUSTO MANUEL DOS SANTOS DIAS** (18 anos)

Há aproximadamente uns dez anos que a Polícia inglesa levou a efeito demonstrações da sua actuação. As demonstrações eram feitas por meio de filmes, que eram passados no salão de festas da sede.

Num desses filmes de propaganda á organização, os delinquentes tentariam assaltar o Banco Real de Londres.

A quadrilha tinha um plano magnifico, no qual o chefe tinha um grande orgulho, pois afirmava que estava concebido de uma tal forma que era impossível fracassar.

Mas falhou, porque tinha mesmo que falhar, olhem o ridículo em que cairia a Polícia inglesa se num filme que pretendia mostrar a sua eficiência, ela falhasse.

A sala estava cheia e como é de calcular, entre os espectadores, haveria algum larápio esperto, que pretendesse ver como decorreria a acção da Polícia no filme, para que em futuros assaltos fosse mais cauteloso.

Ora passados meses o banco foi assaltado por quatro bandidos tal e qual como no filme, com o mesmo plano e tudo. Mas também como no filme, tinham cometido erros e não previsto todas as hipóteses conrárias ao êxito do plano.

Surpreendidos durante o assalto os bandidos fugiram disparando a torto e a direito. Durante a fuga seguiram até o mesmo caminho, que no filme.

Não será preciso dizer que foram apanhados.

Já no tribunal, o juiz, muito intrigado, porque ele próprio tinha assistido ao filme, perguntou-lhes porque é que eles tinham ido logo assaltar aquele banco e com aquele plano, pois que o filme tinha demonstrado que ele falharia infalivelmente.

A resposta dos quatro foi a mesma:

— Nós não vimos o filme sr. juiz.